



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

DENISE COSTA MARTINELLI

**GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DO CURSO DE ODONTOLOGIA
PORTUGUÊS-LIBRAS**

**Belém
2020**

DENISE COSTA MARTINELLI

**GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DO CURSO DE ODONTOLOGIA
PORTUGUÊS-LIBRAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos. Linha de pesquisa: Análise, descrição e documentação das línguas naturais.

Orientador: Prof. Dr. Alcides Fernandes de Lima

**Belém
2020**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)**

M385g Martinelli, Denise Costa.
GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DO CURSO DE
ODONTOLOGIA PORTUGUÊS-LIBRAS / Denise Costa
Martinelli. — 2020.
373 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Alcides Fernandes de Lima
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-
Graduação em Letras, Belém, 2020.

1. terminologia em Libras. 2. Socioterminologia. 3.
glossário da Odontologia. 4. Língua de Sinais. 5. Sinais-
termo. I. Título.

CDD 410

DENISE COSTA MARTINELLI

**GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DO CURSO DE ODONTOLOGIA
PORTUGUÊS-LIBRAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Análise, descrição e documentação de Línguas Naturais.

Data de aprovação:

Belém, 30 de outubro de 2020.

Componentes da Banca Examinadora:

Prof. Dr. Alcides Fernandes de Lima (UFPA)
(Presidente)

Prof. Dr. Abdelhak Razky (UFPA)
(Membro interno)

Profa. Marcela Moura Torres Paim (UFBA/UFRPE)
(Membro externo)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao meu Deus Todo-poderoso, Jeová, criador dos céus e da terra, por ter me dado a vida e a inteligência suficiente para desenvolver esse trabalho e a capacidade de aprender uma segunda língua que hoje é meu instrumento de trabalho.

Em seguida, agradeço profundamente ao meu parceiro de vida, Angelo Martinelli, alguém especial que esteve ao meu lado, me apoiou e me deu forças nesses dois anos difíceis e de intenso trabalho. E, a meus pais, o Sr. Damião Ferreira da Costa e a Sra. Vilma Aparício da Costa, por me apoiarem nas minhas decisões.

Agradeço aos meus amigos surdos e surdas por terem contribuído na minha aquisição da Libras e por terem contribuído para meu desempenho como profissional Tradutora e Intérprete de Libras-LP.

Agradeço do fundo do meu coração aos participantes surdos dessa pesquisa, Uisis Gomes, Jaqueline Miranda, Natália Pinheiro, Lucas Moura, Giselle Carvalho, Matheus Ribeiro, Beatriz Oliveira, Daniel Alef, Daniel Amorin, Darlem Lopes, sem eles, não seria possível a concepção do presente trabalho.

Não tenho como recompensar o grande apoio dos meus colegas de trabalho e amigos Tradutores e Intérpretes de Libras-LP, Dáfne Fonseca, Gabriel Lucena, Tatiana Mota e Wallace Albuquerque, que fizeram parte desse capítulo da minha vida pessoal, profissional e acadêmica, e que estiveram ao meu lado na criação dos sinais em sala de aula.

Gratidão às valiosas orientações do meu orientador Prof. Dr. Alcides Fernandes de Lima, e a todos os professores do PPGL que fizeram parte da minha trajetória acadêmica e que contribuíram para que esse trabalho fosse modelado e finalizado com sucesso.

RESUMO

O presente trabalho, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Letras – Linguística, na linha de pesquisa Análise, Descrição e Documentação das Línguas Naturais, apresenta a proposta de criação de um glossário terminológico bilíngue Português-Libras de Odontologia, a partir do recorte de domínio Curso de Odontologia da Universidade Federal do Pará (UFPA). O objetivo é compor um glossário a partir dos termos utilizados nas disciplinas do curso de odontologia e propor a criação de sinais-termo equivalentes na Língua Brasileira de Sinais (Libras) que representem os conceitos e significados, levando em conta as características gramaticais dessa língua com base nas teorias lexicais e terminológicas, seguindo a metodologia da socioterminologia aplicada por Faulstich (1995). Este campo semântico foi escolhido pelo fato de ainda não ser uma área largamente explorada. Os sinais-termo usados na área da odontologia, especialmente os utilizados nas disciplinas ministradas no curso de odontologia ainda são poucos na Libras. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa. Na primeira fase, a coleta de dados, seguimos as seguintes etapas: i) delimitação do objeto de estudo e o público alvo; ii) definição do mapa conceitual; iii) seleção e organização do *corpus*; iv) seleção dos candidatos a sinais-termo; v) validação dos sinais-termo por especialistas da linguística e da odontologia; e v) teste de fiabilidade. A segunda fase obedeceu a seguinte ordem: i) elaboração e organização das fichas terminológicas; ii) organização das imagens e vídeos em Libras e iii) a produção escrita dos sinais-termos por meio do sistema *SignWriting* de escrita de sinais. O glossário terminológico da odontologia Português-Libras seguirá as regras de macro e microestrutura utilizada em glossários de Língua de Sinais. Os sinais-termo foram validados por meio de reuniões periódicas entre especialistas da área da tradução e interpretação, surdos(as) linguistas e surdos(as) discentes. Esperamos que a proposta de glossário apresentada neste trabalho seja de extrema relevância para auxiliar na comunicação entre os envolvidos no processo de tradução e de interpretação simultânea, na garantia dos direitos linguísticos para os(as) surdos(as) que ingressam no curso de odontologia e como material didático que contribua para a aprendizagem de conteúdos da área.

Palavras-chave: terminologia em Libras; Socioterminologia; glossário da Odontologia; Língua de Sinais; Sinais-termo.

ABSTRACT

The present work developed in the Postgraduate Program in Letters - Linguistics, on the line research Analysis, Description and Documentation of Natural Languages presents the proposal of creating a bilingual terminological glossary Portuguese-Libras of Odontology from the snippet of Domain Odontology Course at the Federal University of Pará (UFPA). The research objective was to create a vocabulary from the terms used in Odontology course disciplines and purpose a creation of equivalent term-signs in the Brazilian Sign Language (Libras) that represent the concepts and meanings taking into account the grammatical characteristics of sign languages based on lexical and terminological theories based in the methodology of socioterminology by Faulstich (1995). This semantic field was chosen because it is not yet a widely explored area. The term signs used in the field of Odontology, especially those used in the subjects taught in the Odontology course are still few in Libras. The methodology used was qualitative research. In the first stage, data collection, we proceed with this steps ahead: i) delimitation of the object of study and the target audience; ii) definition of the conceptual map; iii) selection and organization of the corpus; iv) selection of candidates for term signs; v) validation of the term signs by specialists in linguistics and Odontology; and v) reliability test. The second stage obey the sequence: i) Elaboration and organization of the terminology files; ii) organization of the images and videos in Libras and iii) the written production of the sign-terms through the SignWriting system. The terminology glossary of Portuguese-Libras Odontology will follow the rules of macro and microstructure used in sign language glossaries. The term signs were validated through periodic meetings between specialists in the field of translation and interpretation, deaf linguists and deaf students. We hope that the glossary proposal presented in this paper, will be extremely relevant to assist in communication between those involved in the process of simultaneous translation and interpretation, in ensure of linguistic rights for the deaf who enter college of Odontology course and as didactic material that contributes to the learning of terminology of this area.

Keywords: terminology in Libras; Socioterminology; glossary of Odontology; Sign Language; Sign-term.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Macro e microestrutura de um dicionário digital em Libras	47
Figura 2 –	Verbetes de um sinal da Enciclopédia de Língua de Sinais	49
Figura 3 –	Estrutura do verbete do Glossário Sistemico Bilíngue – Termos da História do Brasil	49
Figura 4 –	Comparação entre um sinal comum e um sinal-termo	53
Figura 5 –	Verbetes “ressurreição”	54
Figura 6 –	Sinal-termo “ressurreição”	55
Figura 7 –	Sinal-termo “cárie”, variante 1 e 2	55
Figura 8 –	Glossário do curso de Letras Libras	57
Figura 9 –	Sinal “cupuaçu”	63
Figura 10 –	Sinal “Bragança”	64
Figura 11 –	Quadro de Configurações de Mão	71
Figura 12 –	Sinal-termo ADRENALINA	72
Figura 13 –	Sinal-termo BIOQUÍMICA	73
Figura 14 –	Sinal AJUDAR	74
Figura 15 –	Sinais SÁBADO e LARANJA	75
Figura 16 –	Sinal-termo PRÓTESE DENTÁRIA	77
Figura 17 –	Sinal ÁRVORE em Libras	78
Figura 18 –	Sinal ÁRVORE em LSJ	78
Figura 19 –	Sinal TRIÂNGULO	89
Figura 20 –	Sinal INTERROGAÇÃO	89
Figura 21 –	Empréstimo estereotipado	90
Figura 22 –	Sinal TELEFONAR/TELEFONE	91
Figura 23 –	Sinal ANESTESIA-BUCAL	92
Figura 24 –	Sinal-termo “fármaco”	124

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 –	Curso de odontologia da UFPA	19
Imagem 2 –	Reunião de validação dos sinais	102
Imagem 3 –	Reunião de validação dos sinais	102
Imagem 4 –	Vídeo com as explicações dos termos em LP e em Libras	103
Imagem 5 –	Grupo “Glossário odontologia”	104
Imagem 6 –	Grupo “Glossário odontologia”	104
Imagem 7 –	Modelo de vídeo dos sinais-termo	104
Imagem 8 –	O verbete HABITAÇÃO	109
Imagem 9 –	Layout do software on-line <i>Signpuddle</i>	110
Imagem 10 –	Programa <i>SW-edit</i>	110
Imagem 11 –	Registro dos termos e sinais-termo no <i>lexique pro</i>	111
Imagem 12 –	Logomarca do glossário	115
Imagem 13 –	Capa do glossário do Curso de Odontologia	116
Imagem 14 –	Sumário do glossário do Curso de Odontologia	116
Imagem 15 –	Índice por categoria	118

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Trabalhos apresentados com a temática em terminologia e/ou lexicologia da língua de sinais do ano de 2007 a 2016	57
Quadro 2 –	Trabalhos apresentados com a temática em terminologia e/ou lexicologia da língua de sinais do ano de 2017 a 2018	61
Quadro 3 –	Configuração de mão realizada no sinal-termo NORADRENALINA	72
Quadro 4 –	Relação dos movimentos realizados na sinalização	73
Quadro 5 –	Comparativo do processo de acomodação do sinal PESSOA	87
Quadro 6 –	Sinais-termo em SW	108
Quadro 7 –	Questionário <i>on-line</i>	113
Quadro 8 –	Termos e sinais-termo para “hormônio”, “adrenalina” e “noradrenalina”	120
Quadro 9 –	Sinais de “remédio” e “medicamento”	122
Quadro 10 –	Configurações de mão utilizadas no sinal “remédio”	123
Quadro 11 –	Processo de formação por composição dos sinais-termo	124
Quadro 12 –	Termos e sinais-termo “neurônio” e “neurotransmissor”	127
Quadro 13 –	Variantes do sinal-termo “orofacial”	128
Quadro 14 –	Varição terminológica dos sinais-termo da Odontologia	129
Quadro 15 –	Pergunta nº 2 do teste de fiabilidade	134

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Repertório proposto pelo <i>Office de la Langue Française</i>	41
Tabela 2 –	Classificação tipológica	42
Tabela 3 –	Modelo de ficha terminológica para termos em Língua portuguesa	105
Tabela 4 –	Lista de sinais-termo com empréstimo por transliteração	125
Tabela 5 –	Lista de participantes e suas respostas à pergunta nº 1 do teste de fiabilidade	133
Tabela 6 –	Lista de participantes e suas respostas à pergunta nº 3 do teste de fiabilidade	135
Tabela 7 –	Respostas dos participantes a pergunta nº 5	136
Tabela 8 –	Informações sobre os termos e sobre os sinais-termo	137

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 –	Objetos de estudo da Lexicologia e da Terminologia	32
Ilustração 2 –	Repertórios terminográficos	40
Ilustração 3 –	Mapa da estrutura conceitual das disciplinas do curso de odontologia da UFPA	97
Ilustração 4 –	Interface entre as subáreas da odontologia	98
Ilustração 5 –	Microestrutura dos verbetes	107
Ilustração 6 –	Verbete dentro do programa <i>lexique pro</i>	112
Ilustração 7 –	Informações dos verbetes do glossário	117

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Número de dissertações e teses sobre lexicologia e/ou terminologia realizadas do ano de 2017 a 2020	60
Gráfico 2 –	Participantes durante a validação dos sinais-termo	101
Gráfico 3 –	Respostas sobre a condição auditiva	131
Gráfico 4 –	Respostas sobre a profissão/função	132
Gráfico 5 –	Respostas sobre o privilégio das Unidades Terminológicas em LP	133
Gráfico 6 –	Respostas sobre o privilégio dos sinais-termo	134
Gráfico 7 –	Respostas dos participantes à pergunta nº 5	136
Gráfico 8 –	Quantificação das informações gramaticais dos termos	143
Gráfico 9 –	Quantificação dos sinais-termo propostos, já registrados e as variantes regionais	144

LISTA DE SIGLAS

ASL	<i>American Sign Language</i>
ATM	Articulação Temporomandibular
CL	Classificador
CM	Configuração de Mão
COACCESS	Coordenadoria de Acessibilidade
DTM	Disfunção Temporomandibular
ENM	Expressões Não Manuais
EPI	Epinefrina
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LP	Língua Portuguesa
LSF	Língua de Sinais Francesa
LSJ	Língua de Sinais Japonesa
M	Movimento
NOR	Norepinefrina
Or	Orientação da Palma
PA	Ponto de Articulação
PcD	Pessoa com Deficiência
SAEST	Superintendência de Assistência Estudantil
SW	<i>SignWriting</i>
TCT	Teoria Comunicativa da Terminologia
TGT	Teoria Geral da Terminologia
TILS	Tradutor Intérprete de Língua de Sinais
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
1.1	O CURSO DE ODONTOLOGIA	18
1.1.1	A profissionalização do odontólogo e o curso de odontologia	18
1.1.2	O curso de Odontologia da UFPA	19
1.2	MINHAS EXPERIÊNCIAS COMO TILS NO CURSO DE ODONTOLOGIA	21
1.3	OBJETIVOS	22
1.3.1	Objetivo Geral	23
1.3.2	Objetivos específicos	23
1.4	JUSTIFICATIVA	23
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	27
2.1	A TERMINOLOGIA	27
2.1.1	Pressupostos da Terminologia	27
2.1.2	Teoria Geral da Terminologia (TGT)	29
2.2	A SOCIOTERMINOLOGIA	34
2.2.1	2.2.1 Metodologia socioterminológica	37
2.3	REPERTÓRIOS TERMINOLÓGICOS	40
2.3.1	Glossário e Dicionário em Língua de Sinais	44
2.3.1.1	Macroestrutura e microestrutura	44
2.4	ESTUDOS LEXICAIS E TERMINOLÓGICOS NAS LÍNGUAS DE SINAIS	52
2.4.1	Estudos Lexicais e Socioterminológicos da Libras	53
2.4.2	Pesquisas terminológicas em odontologia	62
2.4.3	A Socioterminologia da Libras no Pará	62
2.5	A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	66
2.5.1	Um breve histórico da Língua Brasileira de Sinais	67
2.5.2	Natureza e funcionamento das Línguas de Sinais	68
2.5.2.1	Os parâmetros gramaticais das Línguas de Sinais	70
2.5.2.2	Os Classificadores	75

2.5.2.3	A iconicidade das Línguas de Sinais	77
2.5.3	Formação de palavras na Libras	80
2.5.3.1	Neologismos nas línguas de especialidade e nas Línguas de sinais	81
2.5.3.2	Derivação e flexão na Libras	90
3	METODOLOGIA	94
3.1	DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	94
3.1.1	Seleção e Organização do Corpus	95
3.1.1.1	Definição do Mapa Conceitual	96
3.2	CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E VALIDAÇÃO DOS SINAIS-TERMOS	99
3.3	TRIAGEM DOS DADOS	100
3.4	MACROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO	105
3.4.1	Ficha Terminológica	105
3.5	MICROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO	106
3.5.1	Organização das imagens e dos vídeos	108
3.6	SUPORTE COMPUTACIONAL	108
3.6.1	Escrita dos sinais-termo por meio do sistema <i>SignWriting (SW)</i>	108
3.6.1.1	Suporte para Edição do <i>SignWriting (SW)</i>	109
3.6.2	<i>Lexique pro</i>	111
3.6.3	Criação de <i>qr-codes</i>	112
3.7	TESTE DE FIABILIDADE	113
3.8	SUPERESTRUTURA DO GLOSSÁRIO	114
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS	120
4.1	PROCESSO DE CRIAÇÃO DOS SINAIS	120
4.1.1	Processo de derivação	120
4.1.2	Processo de composição	124
4.1.3	Empréstimos	125
4.2	REGISTRO DAS VARIANTES TERMINOLÓGICAS DOS SINAIS-TERMO	126

4.3	ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO TESTE DE FIABILIDADE	131
4.4	REGISTRO QUANTITATIVO DOS SINAIS-TERMO	137
5	GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO PORTUGUÊS-LIBRAS DO CURSO DE ODONTOLOGIA DA UFPA	145
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	228
7	REFERÊNCIAS	231
	APÊNDICE	240
	ANEXO	

1 INTRODUÇÃO

Por muitos anos o nível de escolaridade da maioria dos sujeitos surdos, usuários da Língua Brasileira de Sinais (Libras), era limitado apenas à educação básica; poucos deles chegavam a ingressar no ensino universitário. Com o surgimento de políticas linguísticas para educação de surdos e o reconhecimento da Libras como Língua das comunidades surdas do Brasil (Lei nº 10.436/2002 e o Decreto Regulamentar nº 5.626/2005) as pessoas surdas conseguiram, aos poucos, adentrar em espaços acadêmicos como, faculdades e universidades, que antes eram de difícil acesso, assim, os direitos linguísticos desses sujeitos estariam garantidos nesses espaços com a presença de profissionais Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais (TILS).

A partir dessas regulamentações, do reconhecimento da Libras e da participação dos sujeitos surdos no âmbito acadêmico, surgem novos vocabulários e a necessidade de registros e criação de sinais-termos em Libras por meio de dicionários e glossários de termos específicos. Esses registros e criação de sinais-termos auxiliariam na comunicação e no acesso à informação de maneira compreensível aos alunos surdos, além de contribuir com o trabalho dos profissionais TILS.

O ingresso de pessoas surdas na Universidade Federal do Pará (UFPA) tem resultado na ampliação de novos vocabulários em Libras que estão surgindo nos cursos de graduação. Assim, para garantir e respeitar os direitos linguísticos das pessoas com surdez, a UFPA por meio da Coordenadoria de Acessibilidade (CoAcess), vinculada à Superintendência de Assistência Estudantil (SAEST), vem fomentando ações de acessibilidade voltadas a esse público de acordo com a legislação vigente. Uma dessas leis é a Lei Brasileira da Inclusão (LBI) de nº 13.146/15 que prevê a disponibilização de Intérpretes de Libras como um dos direitos à educação da pessoa surda em todos os níveis de formação. De acordo com dados da CoAcess/SAEST do ano de 2019, há 30 alunos com deficiência auditiva¹ matriculados em todos os *campi* da UFPA (COACESS, 2019), mas apenas parte desses são usuários da Libras.

¹ Na Lei nº13.146/2015 um dos grupos de Pessoas com Deficiência são aqueles que tem deficiência auditiva. Nessa dissertação usaremos o termo “pessoa surda”, “pessoa com surdez”, “sujeito surdo” ou “surdo(a)” para se referir a pessoas com deficiência auditiva que são falantes de Libras.

Nesse sentido, surdos e TILS estão presentes nos espaços da UFPA contribuindo para o fomento da Libras e a criação de novos sinais-termos em áreas específicas, como é o caso do curso de odontologia. Apesar do ingresso de pessoas surdas nesse curso ser recente, o curso de odontologia no Brasil começou a ser institucionalizado desde o século XIX. A seguir uma breve história desse curso no Brasil e na UFPA.

1.1 O CURSO DE ODONTOLOGIA

1.1.1 A profissionalização do odontólogo e o curso de odontologia

A odontologia na antiguidade não era considerada uma profissão assim como a profissão de médico. Geralmente as pessoas procuravam seus próprios meios de se livrarem de dores no dente. O dentista era transfigurado como alguém com sua caixa de horrores onde eles carregavam facas de formas e tamanhos diversos, alavancas e boticões. Eles eram procurados como último recurso. O termo “dentista” só é encontrado em 1739, em um dicionário publicado pelo padre Raphael Bluteau. Antes desse registro, aqueles que exerciam esse ofício eram conhecidos como *cirurgiões e barbeiros*. (PEREIRA, 2012)

O ensino dos conhecimentos da odontologia e o curso de odontologia começaram a se consolidar no Brasil apenas no final do século XIX quando o Decreto nº 7.247/1879 determinava que: “A cada uma das faculdades de Medicina ficam anexos: uma Escola de Farmácia, um Curso de Obstetrícia e Ginecologia e um outro de Cirurgia Dentária”. (SILVA e SALES-PERES, 2007, p. 9).

Outro Decreto de nº 8.024/1881, no artigo 94 do Regulamento para os Exames das Faculdades de Medicina dizia: “Os cirurgiões-dentistas que quiserem se habilitar para o exercício de sua profissão passarão por duas séries de exames: o primeiro de anatomia, fisiologia, histologia e higiene, em suas aplicações à arte dentária. O outro, de operações e próteses dentárias.” (SILVA e SALES-PERES, 2007, p. 9).

Em 1884, no dia 25 de outubro, foi instituído o Decreto nº 9.311 que institucionaliza os cursos de Odontologia anexos às faculdades de Medicina. Esse dia é comemorado como o dia do cirurgião-dentista no Brasil.

Apenas no século XX é que a profissão começa a ficar restrita aos que possuíam um diploma de nível superior. Só em 1951 é que o exercício da profissão é regulamentada por meio da Lei nº 1.314 que mais tarde foi substituída pela Lei nº 5.081/1966 a qual regulamenta o exercício da Odontologia em todo território nacional. (SILVA e SALES-PERES, 2007).

1.1.2 O Curso de Odontologia da UFPA

O curso de Odontologia da UFPA foi criado em 14 de julho de 1914 pela “Sociedade Propagadora das Ciências” conhecida hoje como “Associação Científica do Pará”, inicialmente denominado de Escola livre de Odontologia do Pará. Depois de ocorrido um ato da respectiva congregação em 12 de abril de 1920, mudou-se o nome para Faculdade Livre de Odontologia do Pará.

Após a publicação da Lei nº 2.156/1936, o governo do estado ficou responsável pela então denominada Faculdade de Odontologia do Pará que foi integrada à UFPA por meio da Lei nº 3.191/1957. Somente a partir de maio de 1967 é que torna-se a Faculdade de Odontologia da UFPA e posteriormente para Curso de Odontologia do Centro de Ciências da Saúde da UFPA em resultado da reforma de 1972, com a Resolução nº 105 de 3 de julho de 1972 aprovou-se o regimento da UFPA (UFPA, 2000). A Faculdade de Odontologia (FO) está localizada no *campus* de saúde no bairro do Guamá na capital Belém/Pa.

Imagem 1 – Curso de odontologia da UFPA



Fonte: <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/10/ufpa-faz-triagem-para-pacientes-interessados-em-implante-dentario.html>

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso de Odontologia da UFPA (2000), o curso tem como objetivo:

[...] graduar Cirurgião-Dentista com sólida formação técnica, científica, humanística e ética, orientado para a promoção de saúde com ênfase na prevenção de doenças bucais prevalentes, e consciente da necessidade de educação continuada, interagindo com a população, capaz de alterar o perfil epidemiológico de saúde bucal da região, participando do sistema de saúde, com capacidade de liderança e sensibilidade social (UFPA, 2000, p. 6).

O projeto pedagógico do curso prevê que os alunos adquiriram certos conhecimentos e compreensão acerca de(a):

- a) Terminologia básica corrente da Odontologia e de áreas correlatas;
- b) Aplicação, integração e relevância dos princípios gerais das ciências médicas e correlatas para a saúde bucal e para as doenças;
- c) Características comuns dos distúrbios buco-maxilo-faciais e doenças;
- d) Características das doenças e distúrbios buco-maxilo-faciais incomuns que têm consequências potencialmente sérias;
- e) Inter-relações entre doenças e distúrbios buco-maxilo-faciais e aquelas que afetam outras partes do corpo;
- f) Características das doenças e distúrbios buco-maxilo-faciais que podem ter especial significância para comunidades específicas;
- g) Inter-relação entre os efeitos de tratamentos específicos e inespecíficos à Odontologia;
- h) As principais aplicações de especialidades da área da saúde e técnicas com relação à saúde bucal;
- i) Regras potenciais de Odontologia e de pessoal para cuidados de saúde na comunidade e suas responsabilidades éticas e médico-legais;
- j) A relevância para, e o impacto sobre saúde bucal, de políticas sociais, ambientais e de saúde;
- k) O processo de investigação científica. (UFPA, 2000, p. 7)

A integralização curricular do Curso de Odontologia tem um período de dez semestres, totalizando cinco anos. As disciplinas estão organizadas por módulos. A carga horária total curricular é de 4.624 horas. (UFPA, 2000)

A grade curricular do Curso de Odontologia é composta de vinte e duas disciplinas distribuídas em quatro fases (UFPA, 2000):

Fase I: Condições Morfofuncionais e suas Alterações, com a Variável Social.

Nessa fase que é composta pelo 1º e 2º semestre incluem disciplinas básicas como, *Ciências morfológicas I e II, fisiológicas I e II e patológicas I e II*. Além das disciplinas Ciências Sociais I e II e Integração Multidisciplinar I e II.

Fase II: Ações Integradas de Propedêutica e Promoção de Saúde.

As disciplinas cursadas no 3º e 4º semestres dessa fase são: Propedêutica I e II, Odontologia Preventiva I e II, Integração Multidisciplinar III e IV e Recapitulação e Aprofundamento das ciências básicas I e II.

Fase III: Odontologia Restauradora Pré-Clínica.

As disciplinas dadas nessa fase que incluem o 5º e 6º semestres são: Odontologia restauradora Pré-Clínica I e II, Propedêutica Odontológica III e IV, Integração Multidisciplinar V e VII e Recapitulação e Aprofundamento das ciências básicas III e IV.

Fase IV: Ações de Atenção integral.

Finalmente nesta fase que vai do 7º ao 10º semestre compreendem as disciplinas: Clínica Integrada I, II, III e IV, Clínica Odontopediátrica Integrada I, II, III e IV, Odontologia Social I e II, Integração Multidisciplinar VII e VIII, Recapitulação e Aprofundamento das ciências básicas V e VI, Estágio extra-muros I e II e Atividades complementares I e II, essas últimas dizem respeito à elaboração e defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, necessário para a integralização da rede de atividades curriculares.

1.2 MINHAS EXPERIÊNCIAS COMO TILS NO CURSO DE ODONTOLOGIA

A minha experiência enquanto profissional integrante do quadro de funcionários da CoAcess/Saest/UFGPA foi de atuar como TILS para uma pessoa surda matriculada no curso de Odontologia da UFGPA *campus* Guamá. A terminologia usada nesse curso é bastante diversificada, nas fases iniciais, isto é, na fase I e II, a terminologia usada basicamente são, da área da física, química e biologia aplicadas à odontologia.

Fazer a tradução e a interpretação dos conceitos específicos para a Libras é um desafio, visto que a odontologia é uma área nova para a comunidade surda paraense e para os TILS que não têm formação na área da saúde, como é o meu caso. E, enquanto área nova, o léxico comum da Libras muitas vezes não é o suficiente no momento de interpretação simultânea das aulas e/ou na tradução de materiais específicos.

A necessidade de denominar em Libras os termos específicos da Odontologia resultou na criação de sinais-termos de forma natural e espontânea durante as interpretações simultâneas nas aulas. Eu, os outros TILS juntamente com a aluna surda criávamos e convencionávamos os sinais durante ou depois das aulas.

Entretanto, a medida que os semestres passavam, alguns sinais eram esquecidos, havendo a necessidade de criar novamente. De modo que, ao observar esse fenômeno, eu percebi a necessidade de registrar esses sinais em um glossário.

O processo de criação de sinais acontece de forma natural devido à necessidade do surdo de compreender o que está sendo dito e da necessidade que o TILS tem de transmitir a informação com precisão. Pois, assim como afirmam os linguistas, as línguas de sinais, assim como as línguas orais, são línguas naturais e vivas, elas estão em constante evolução e modificação.

Com o crescente registro de sinais-termos de diversas áreas em formato de glossários impressos e digitais, uma ciência começa a ser foco nos estudos das Línguas de sinais, a Terminologia. O estudo Terminológico das Línguas de Sinais é um campo que vem se consolidando, apesar de ser muito recente. Assim, a realização do presente trabalho se deu por meio de uma pesquisa cabal com base nos estudos da Terminologia, afim de que os sinais-termos específicos criados para denominar os conceitos da área da odontologia em Libras (neônimos), respeitassem as características visuais das Línguas de sinais.

Esta dissertação destacará obras como a de Cabré (1999), Faulstich (1995a, 2001, 2006, 2007), Faulstich e Vilarinho (2016) e Krieger e Finatto (2004) que publicaram temáticas a respeito da terminologia e da socioterminologia.

Para tratar sobre estrutura gramatical de Libras, glossários e a Terminologia nas Línguas de Sinais, eu observarei as referências de Quadros e Karnopp (2004), Ferreira (2010), Capovilla e Raphael (2018), Santos (2017), Nascimento (2016), Vale (2018) dentre outros.

A principal teoria que norteia essa pesquisa é a Teoria da Socioterminologia. Apesar de seguir os princípios socioterminológicos, esse trabalho tem como objetivo principal demonstrar a sua aplicação por meio de um produto final, a saber, um Glossário do curso da Odontologia português-Libras.

1.3 OBJETIVOS

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foi necessário estabelecer alguns objetivos: identificar o corpus da pesquisa, a partir daí, selecionar por assunto, os termos mais usados em sala de aula pelos professores. Além disso, catalogar os sinais-termos que foram criados em sala de aula no curso de Odontologia e criar

novos sinais-termos. Registrar de forma escrita (*SignWriting*) e sinalizada (fotos e vídeos) os sinais-termos com a descrição dos conceitos em Língua Portuguesa. Construir um glossário terminológico da Odontologia Português-Libras.

1.3.1 Objetivo geral

O objetivo geral do presente trabalho é elaborar um glossário terminológico Português-Libras dos termos usados no Curso de Odontologia da UFPA.

1.3.2 Objetivos específicos

- a) Identificar os termos usados na língua, falada e escrita, dos profissionais envolvidos nas atividades acadêmicas do Curso de Odontologia da UFPA;
- b) Criar sinais-termos equivalentes para os termos específicos das disciplinas do curso de Odontologia da UFPA;
- c) Catalogar os novos sinais-termos e os que já existem e suas variantes usados no curso de Odontologia da UFPA;
- d) Analisar sob o aspecto morfológico (derivação e composição) e semântico (sinonímia, antonímia, hiperonímia, hiponímia, empréstimos) os sinais-termos encontrados e os criados na Libras;
- e) Quantificar os sinais-termos e suas variantes;
- f) Organizar os sinais-termos registrados num glossário terminológico bilíngue Português-Libras.

1.4 JUSTIFICATIVA

É de conhecimento que as línguas são vivas e passam por modificações e variações. No contexto acadêmico diariamente durante as aulas surgem novos sinais em Libras para denominar os termos específicos tratados nas disciplinas que são ministradas em Língua Portuguesa.

Com isso, surgem as seguintes questões: E, se esses sinais-termos forem esquecidos pelos TILS à medida que os semestres vão passando? E quando o(a) discente surdo(a) se formar e o próximo surdo(a) ingressar no curso de Odontologia

na UFPA, como esses termos em Libras serão lembrados caso o TILS também sejam substituídos por outro TILS? Como a criação de um glossário de sinais-terminos pode contribuir para comunidade surda acadêmica²?

A organização de um material terminográfico bilíngue Português-Libras contribuirá para o fazer tradutológico e/ou interpretativo nas diversas áreas de conhecimento, como no caso da presente pesquisa na área da odontologia, especificamente no curso de Odontologia da UFPA.

Quando não existe um vocabulário específico em Libras, os profissionais TILS, e, também os discentes surdos, passam a usar a soletração manual para tentar decodificar os termos específicos da Língua Portuguesa para Libras.

Quadros e Karnopp (2004, p. 88) reconhecem que a soletração manual é usada por sinalizadores da Libras “para introduzir uma palavra técnica que não tem sinal equivalente”. Porém, essa estratégia não passa de uma tentativa simplista para não haver perdas consideráveis de informações aos surdos, haja vista que alguns surdos são bilíngues. Entretanto, isso pode resultar na incompreensão dos conceitos dos termos técnicos para aqueles surdos(as) que não são bilíngues.

O registro por meio de um glossário com os principais sinais-terminos usados no curso de odontologia da UFPA será de grande relevância para os TILS que carecem de referências dicionarísticas em Libras nessa área e beneficiará os futuros alunos surdos que adentrarão nesse curso na UFPA e por extensão em várias outras universidades e faculdades de todo o Brasil.

Além disso, possibilitará que TILS e discentes surdos(as) consultem o glossário e utilizem os sinais específicos a qualquer momento em que novos discentes ingressarem no curso de Odontologia sem a necessidade dos envolvidos no processo comunicativo em Libras terem o árduo trabalho de pensarem novamente em sinais específicos.

Ademais, um vocabulário de sinais-terminos já estabelecido e registrado contribuirá para a otimização do tempo durante as interpretações simultâneas, haja vista que num discurso técnico são usados por professores e alunos vários termos técnicos em sequência. Caso não haja um material terminográfico com sinais-terminos o profissional intérprete teria que soletrar demasiadamente rápido e isso prejudica a compreensão da palavra que foi soletrada por meio do alfabeto manual em Libras.

² A comunidade surda acadêmica é composta por todos aqueles que são falantes de Libras, isto é, surdos e ouvintes.

Outra justificativa encontra-se dentro do projeto pedagógico do curso de Odontologia da UFPA. É exigência que os alunos tenham conhecimento e compreensão da terminologia do curso para atuarem como profissionais odontólogos capacitados. Nesse sentido, acredito que a utilização de sinais-termos pelos TILS durante as interpretações e traduções facilitará a compreensão dos conceitos dessas terminologias e contribuirá no processo de aquisição dessa língua técnica pelo discente surdo(a).

Nesse sentido, Krieger e Finatto (2004) afirmam que os tradutores necessitam ter o domínio e utilizar corretamente a terminologia nas duas línguas para alcançar uma precisão semântico-conceitual. Mas, como conseguir tal feito se não existir sinais-termos dentro de uma determinada área do conhecimento?

Como já mencionado anteriormente, apenas a soletração manual não seria capaz de dar conta dessa precisão semântico-conceitual. Apesar de que essa foi uma estratégia muito usada pelos TILS no período inicial do curso. Com o passar do tempo, os pares desse processo comunicativo, isto é, TILS e a discente surda, foram criando os sinais-termos naturalmente. Esse processo segundo Calvet (2002) é chamado de gestão *in vivo*, quando as pessoas se confrontam com problemas na comunicação e tentam resolvê-los.

Entretanto, a solução desses problemas talvez não fossem resolvidos apenas com a gestão *in vivo*, já que durante as aulas com interpretação simultânea não há tempo suficiente para pensarmos no conceito da denominação, nesse sentido, eu trouxe alguns termos em Língua Portuguesa, presentes nos materiais acadêmicos e nas aulas, para gestão *in vitro*, afim de criarmos os sinais-termos com a participação de um grupo de usuários da Libras fora da sala de aula.

Nesse formato, teríamos um tempo maior para adequar a morfologia dos sinais-termos ao conceito real dos termos na Língua Portuguesa para enfim, chegarmos a uma precisão semântico-conceitual.

Apresento assim, a sequência dos capítulos do presente trabalho. O capítulo 2 tratará dos pressupostos teóricos. Nesse capítulo, veremos os pressupostos teóricos da Terminologia e da Socioterminologia. Apresentamos o processo de formação de palavras e de sinais das Línguas de sinais, considerando os processos neológicos, empréstimos linguísticos e a derivação e a flexão. Também veremos as características da estrutura gramatical da Libras e os traços universais específicos das Línguas de sinais.

Com base nos estudos de Cabré (1999), Faulstich (1995, 2001, 2006, 2007, 2012), Faulstich e Vilarinho (2016) e Krieger e Finatto (2004) fundamentaremos a teoria da terminologia e da socioterminologia.

Para tratar sobre estrutura gramatical de Libras, glossários e a Terminologia nas Línguas de Sinais, eu observei as referências de Quadros e Karnopp (2004), Ferreira (2010), Capovilla e Raphael (2018), Santos (2017), Faria-Nascimento (2009), Vale (2018) dentre outros.

A principal teoria que norteia essa pesquisa é a Teoria da Socioterminologia. Com esse intuito, veremos como essa teoria pode contribuir para a presente pesquisa e como esta pesquisa poderá contribuir para o desenvolvimento dessa teoria nos estudos Terminológicos das Línguas de Sinais.

No capítulo 3, apresentamos a metodologia usada na minha pesquisa. Como se deu a organização do *corpus*, os critérios para validação dos sinais-termos, macroestrutura e microestrutura do glossário e o suporte técnico usado para a produção do glossário. No capítulo 4, eu apresento a análise dos dados. Morfologia e semântica, quantificação e categorização gramatical dos sinais-termos.

A apresentação do glossário do curso de Odontologia da UFPA Português-Libras no formato impresso poderá ser visualizado no capítulo 5. E por fim, no capítulo 6, apresento as minhas considerações finais seguido das referências bibliográficas, apêndices e anexos.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo dissertaremos sobre as fundamentações teóricas que serviram de base para o presente trabalho. Inicialmente, apresentamos um breve panorama dos estudos terminológicos e o estabelecimento da Terminologia enquanto disciplina teórica, destacando o conceito de termo e a interface que a Terminologia desenvolve com os estudos da Tradução. Em seguida, discutimos a conceituação de Socioterminologia e sua relação com as línguas de sinais. Por fim, elucidamos sobre a macro e a microestrutura de glossários e dicionários, que são produtos terminológicos voltados para especialistas de determinadas áreas do conhecimento.

2.1 A TERMINOLOGIA

2.1.1 Pressupostos da Terminologia

Com a evolução das discussões sobre a Terminologia, alguns autores passaram a chamar o conjunto de termos de uma área específica de terminologia. Nesse sentido, esse termo passou a ter duas variantes, assim como citado por Pavel e Nolet (2002), quando grafado com a inicial em letra minúscula (terminologia) se refere a um grupo de termos de uma determinada área. Quando o termo é grafado com a inicial em letra maiúscula (Terminologia), se refere a uma disciplina científica que analisa os conceitos e os termos usados em uma língua de especialidade, isto é, à Teoria em si. Dito isso, consideraremos a partir de agora a trajetória da Terminologia e seus pressupostos teóricos.

A Terminologia antes de ser reconhecida como disciplina teórica em meados do século XX, já existia enquanto prática na antiguidade. Na época em que a agricultura era a principal atividade econômica já se observava o fenômeno terminológico. As linguagens de especialidade começaram a se formar a partir das necessidades relacionadas ao homem. Hoffman (2015, p. 22) descreve grosso modo como se deu o desenvolvimento da terminologia em tempos antes do século XX:

As linguagens especializadas desenvolveram-se primeiramente em um universo relacionado à obtenção de alimentos pelo homem (caça, pesca, pecuária, agricultura e todo o beneficiamento dos produtos dali obtidos); em seguida, veio a satisfação de outras necessidades elementares (vestuário e

habitação); somou-se a isso a produção e a denominação/descrição de ferramentas de trabalho e eletrodomésticos.

A partir do século XX, após a segunda guerra mundial os estudos terminológicos começaram a se consolidar enquanto disciplina teórica. Eugen Wüster foi considerado o pai da Terminologia moderna, a partir de estudos publicados em sua tese de doutorado na área da engenharia que teve como resultado a origem dos estudos da Teoria Geral da Terminologia (TGT).

As pesquisas em Terminologia resultaram em reflexões com os aspectos práticos dos termos. A partir da década de 70, surgiram escolas de Terminologia, consideradas pioneiras no estabelecimento das bases da disciplina. As três principais foram a Escola de Viena, a Escola Russa e a Escola de Praga.

A Escola de Viena foi fundada por Wüster. Seu objetivo, ao desenvolver vários estudos sobre os termos, era a valorização da dimensão cognitiva dos termos e criar diretrizes para o trabalho terminológico com uma metodologia sistemática, com o objetivo de padronizar termos técnicos científicos em vias de alcançar a univocidade comunicacional em âmbito internacional, eliminando possíveis polissemias. Para ele, a terminologia de uma área significava a manifestação do conhecimento científico. Cada termo retrata um conceito e quando apreendidos pelo estudante reflete a aquisição do conhecimento especializado estudado (KRIGER e FINATTO, 2004).

As bases da Escola Russa, também conhecida como Escola Soviética de Terminologia, foram estabelecidas pelos contemporâneos de Wüster, os russos D. S. Lotte e Drezen. Assim como Wüster, eles desenvolveram reflexões e propuseram diretrizes para o exame dos léxicos terminológicos. Eles também publicaram os resultados de suas pesquisas realizadas em seu país. Essa Escola, assim como a Escola de Viena, teve um enfoque cognitivo sobre os termos. Lotte acreditava que “um termo deveria ser tratado como um membro de um sistema terminológico definido e não como um objeto isolado” (GOMES, 1994, p. 99). O que diferenciava essas duas escolas com relação à proposta de um sistema de definição, é que a proposta de Wüster partia do conceito para o termo (abordagem onomasiológica) e a proposta de D. S. Lotte partia do termo para o conceito. (RODRIGUES, 2010)

A Escola de Praga teve destaque principal para o pesquisador Drozd. Ele afirma que essa escola buscava construir uma base linguística para a Teoria da Terminologia (TT) por seguir os estudos saussurianos e a linguística funcional, pois

para ele o objeto de estudo da TT é a Língua com um Propósito Especial (LPE), isto é, uma língua com um objetivo funcional, especial, uma sublíngua de uma Língua nacional. De acordo com Gomes (1994, p. 99), uma das tarefas essenciais da TT era “elaborar seu próprio aparato de conceitos e desenvolver sua própria terminologia, limitar seu objeto, analisar e descrever suas características constituintes”.

Cabré (1999, p. 7) destaca que ao olharmos para o desenvolvimento dessas três escolas é possível identificar três abordagens diferentes que não são mutuamente exclusivas:

Primeiro, uma abordagem que considera a terminologia como uma disciplina interdisciplinar mas autônoma em função de disciplinas científicas e técnicas. Segundo, uma abordagem focada na filosofia, que está principalmente interessada na classificação lógica dos sistemas conceituais e na organização do conhecimento. Terceiro, uma abordagem com foco na linguística, que considera a terminologia um subcomponente do léxico de uma língua e as línguas especiais como subsistemas da língua geral. (tradução nossa)³

Essas três escolas tiveram como objetivo principal os termos analisados de forma sistêmica. Apenas as abordagens metodológicas é que diferenciavam entre si, dependendo de cada elemento a ser examinado. Os estudos realizados por esses pesquisadores foram imprescindíveis para o progresso e o estabelecimento das bases teóricas da Terminologia.

2.1.2 Teoria Geral da Terminologia (TGT)

De todos os pesquisadores envolvidos nas discussões sobre metodologias e diretrizes para os estudos da Terminologia, Eugen Wüster teve destaque no que diz respeito à criação de uma Teoria. Cabré (1999) nos esclarece que a TGT, da forma como a compreendemos hoje, começou a se desenvolver em meados de 1930, quando ela [a terminologia] passou a ser reconhecida como atividade científica de fato.

³ Texto original: “A first approach that considers terminology to be an interdisciplinary but autonomous subject at the service of scientific and technical disciplines. A second approach focusing on philosophy, which is primarily interested in the logical classification of concept systems and the organization of knowledge. A third approach focusing on linguistics, which considers terminology a subcomponent of a language's lexicon and special languages as subsystems of general language” (CABRÉ, 1999, p. 7).

De acordo com Cabré (1999), no que tange ao desenvolvimento da TGT moderna, a partir de então, são identificados quatro principais períodos: 1) sua origem (1930 – 1960); 2) a estruturação do campo de pesquisa (1960 -1975); 3) o clímax (1975 – 1985) e 4) a sua expansão (1985 – até agora):

- 1) O primeiro período tem como característica a criação de métodos para a formação sistemática de termos, princípios para o trabalho com termos e a delimitação dos principais pontos de uma metodologia de tratamento de dados terminológicos que iniciaram com os trabalhos teóricos de Wüster e Lotte no campo da engenharia; esses trabalhos foram de fundamental importância para o marco inicial da TGT.
- 2) O segundo período se deu a partir das inovações tecnológicas, como a criação de computadores de grande porte. Essas tecnologias foram de grande valia na origem dos primeiros bancos de dados terminológicos e a coordenação internacional do processamento das terminologias dentro de um idioma. Em relação a este período, no ano de 1972, a TGT foi introduzida na universidade de Viena como disciplina. Seu objetivo, ao desenvolver vários estudos sobre os termos, era a padronização desses termos técnicos científicos, com o intuito de alcançar a univocidade comunicacional em âmbito internacional, eliminando possíveis polissemias. Para ele, a terminologia de uma área significava a manifestação do conhecimento científico. Cada termo comporta um conceito e quando apreendidos reflete a aquisição do conhecimento especializado estudado dessa área.
- 3) No terceiro período, ocorreu o desenvolvimento expressivo da Terminologia, resultado de vários projetos de planejamento de língua especializada e com a facilidade do processamento de dados terminológicos com o aumento do uso de computadores pessoais. Foi nesse período que se registrou originalmente a obra póstuma de Wüster, intitulada “Introdução à Teoria Geral da Terminologia e à Lexicografia Terminológica”, publicada na Alemanha em 1979, por Helmut Felber, que reuniu manuscritos e notas das aulas que Wüster ministrou na Universidade de Viena no período de 1972 a 1974.

- 4) E, por fim, o quarto período é marcado pela expansão da ciência da computação; ela é de fundamental importância no desenvolvimento e nas mudanças na Terminologia. Os terminólogos têm à sua disposição ferramentas e recursos mais práticos que se adaptam às suas necessidades. É nesse período que surge um novo mercado, a indústria linguística, dessa forma a cooperação internacional é ampliada e consolidada, na medida em que redes internacionais são criadas para conectar agências e países que compartilham características ou têm interesse em cooperar.

Como mostra Cabré (1999), foi somente após a morte de Wüster que as teorias dele foram publicadas em formato de livro, onde estão registradas as principais características dos estudos da Terminologia Wüsteriana que passou a ser reconhecida como TGT.

Para Wüster, a Terminologia é uma disciplina autônoma, mas que se inter-relaciona com várias outras. De acordo com Krieger e Finatto (2004), a Terminologia moderna faz interface e se correlaciona com diversas áreas. As autoras destacam, como áreas correlacionadas à Terminologia, à Semântica, às Ciências do léxico como, a lexicologia, a lexicografia e a terminografia (dimensão aplicada da Terminologia), a Tradução e a Documentação, só para citar algumas.

A TGT tem um caráter normativo, com o objetivo de padronizar a terminologia utilizada por profissionais e técnicos. A eliminação da polissemia [que se acreditava possível, por meio da relação biunívoca entre denominação e conceito] permitiria uma comunicação técnica mais eficaz.

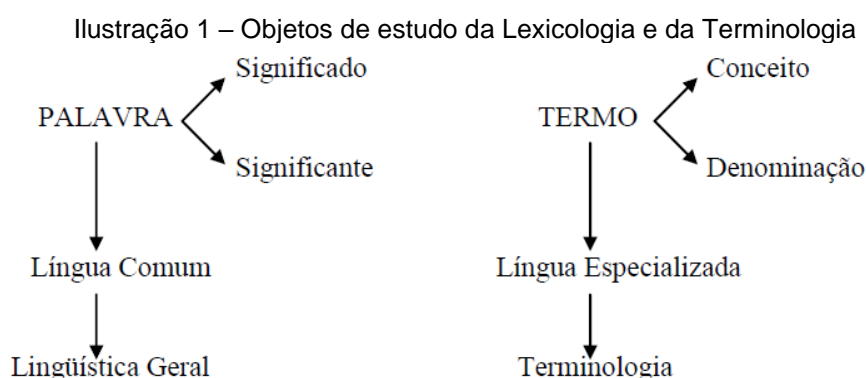
Wüster estabelece alguns princípios norteadores para a TGT. Destacamos brevemente alguns deles.

- I. O ponto de partida da atividade terminológica deve ser o conceito, a partir do conceito se chega às denominações (processo onomasiológico)⁴.
- II. A terminologia científica e técnica, enquanto objeto de estudo, são unidades específicas de uma determinada área.

⁴ Conforme Krieger e Finatto (2004, p. 50), no trabalho terminográfico, “o plano do conteúdo” se constitui “em foco preliminar e anterior à preocupação com o significante no trabalho de identificação das unidades lexicais que assumem estatuto de termo”.

- III. Um termo se define como tal em função do seu universo conceitual. Os conceitos têm que ser compreendidos em correlação com outros conceitos nos quais eles foram criados, ou seja, dentro de um determinado domínio.
- IV. Com propósito elementar de assegurar a precisão e a univocidade da comunicação entre os profissionais especializados em âmbito internacional.

Na Terminologia, o *termo* é objeto de estudo, convergindo do objeto de estudo da Lexicologia, a *palavra*. Faulstich (1999) salienta que o sentido de “palavra”, no contexto da Terminologia, não se aplica, uma vez que o sentido havia se tornado difuso, portanto, a denominação “termo” reassumia sua conceituação lógico-semântica, este passa a denominar unidades terminológicas de uma área especializada. Para ilustrar a diferenciação de cada objeto de estudo das áreas da Lexicologia e da Terminologia, destacamos o esquema proposto por Lima (2010):



Fonte: Lima (2010).

A ilustração mostra que, de acordo com Saussure (2006), a *palavra*, unidade da Lexicologia, é composta pelo significado e pelo significante. E, de acordo com a definição de Wüster (1998), o *termo*, unidade da Terminologia, é composto pelo conceito e pela denominação.

Nesse sentido, Faulstich (1999, p. 168) em síntese afirma que:

[...] os novos conceitos científicos e tecnológicos precisavam ser resumidos numa expressão **denominadora** (termo) para que a referência pudesse ser conhecida. Neste momento, a palavra e seu significado (sema), que ocupam primeiro lugar na descrição lexicográfica, cedem vez para a observação dos objetos, para a

denominação das coisas (onoma) que surgem e que exigem um “marco divisionário” (terminu) entre a língua geral e a especialidade criada. (grifo da autora)

Dessa forma, na metodologia do trabalho terminológico, conforme afirma Gomes (1994, p. 98), “quando se tem um termo técnico [...] já se sabe a que ele se refere e é este referido que vai ter suas características analisadas e estabelecidas”.

Os estudos de Wüster, bem como a TGT, foram e continuam sendo fundamentais para o desenvolvimento da Terminologia e incentivou a criação de várias organizações especialistas em normatização como, o Comitê Técnico 37 Terminologia (TC37) pertencente à *International Standardization Association* (ISA) vinculada à Federação Internacional das Associações Nacionais de Normalizadores a predecessora da *International Standardization Organization* (ISO).⁵

Desde 1971, segundo Barros (2004), a Unesco mantém o Centro Internacional de Informação sobre Terminologia (InfoTerm). Ainda na década de 70, surgiu a Rede Internacional de Terminologia (TermNet) com influência, na época, do InfoTerm. Em 1996, o InfoTerm se desvinculou da Unesco e se tornou uma associação internacional independente.

A evolução técnica científica passou a fazer parte da sociedade em geral, em resultado disso, profissionais lançaram mão das tecnologias disponíveis que contribuíram consideravelmente para a internacionalização das terminologias. Cabré (1999, p. 4) salienta que:

A transferência de conhecimento e produtos, uma das características mais significativas da sociedade moderna, provoca, por um lado, o surgimento de novos mercados para o intercâmbio científico, técnico, cultural e comercial; por outro, a necessidade de lidar com o multilinguismo das novas áreas de intercâmbio. Isso também resulta na necessidade de padronizar os elementos que transmitem essa troca - os sistemas e as unidades básicas de transferência (tradução nossa)⁶.

A autora nos mostra que a necessidade de padronização dos termos se deu principalmente pela necessidade de intercâmbio comercial, científico e cultural. Para que a comunicação entre comerciantes, ao fazerem suas negociações, fosse bem

⁵ De acordo com Wüster (1998, n.p), “Varios países y organizaciones internacionales, incluía la Unesco colaboran en el comité competente”.

⁶ “The transfer of knowledge and products, one of the most significant features of modern society, brings about, on the one hand, the appearance of new markets for scientific, technical, cultural and comercial exchange; on the other, the need to deal with the multilingualism of the new arenas for exchange. It also results in a need to standardize the elements that convey the exchange – the systems and basic units transfer” (CABRÉ, 1999, p. 4).

sucedida, havia a necessidade de usar um vocabulário em comum. Portanto, em qualquer contexto científico há a necessidade da utilização de léxicos específicos para a promoção da comunicação.

Atualmente, a TGT não é de interesse apenas dos terminólogos ou cientistas do léxico, mas também dos profissionais que se preocupam com a terminologia e que são usuários indiretos dela. Nesse sentido, a TGT tem pelo menos duas facetas, a comunicativa e a linguística. Conforme Cabré (1999), para cada uma dessas facetas, existem dois grandes grupos envolvidos, o grupo dos *usuários* e o grupo dos *terminólogos*.

Grupo 1: Usuários. Dentro deste grande grupo, temos os usuários imediatos e os usuários intermediários. Usuários imediatos se referem aos especialistas e cientistas; usuários intermediários, são os profissionais que utilizam os termos como seu meio de trabalho e facilitação da comunicação, como os tradutores, escritores de textos técnicos e intérpretes que necessitam de glossários e dicionários especializados para transpor de uma língua para outra. Dentre estes, podemos destacar os tradutores e os intérpretes que lançam mão de produtos terminológicos para desenvolver seu trabalho.

Grupo 2: Terminólogos. Grupo constituído por *terminólogos*, terminógrafos, neologistas dentre outros que passam a assumir a função de linguistas quando atuam na compilação, descrição, processamento e criação de termos. Novamente os tradutores e os intérpretes podem assumir a função de terminólogos no processo de sua atuação profissional.

Dessa forma, para além dos especialistas e cientistas, um público extenso de interessados nas línguas de especialidades estão envolvidos como, os profissionais da área da tradução.

2.2 A SOCIOTERMINOLOGIA

A Socioterminologia, diferentemente da TGT, dá a atenção aos fenômenos de variação e mudança linguística dos termos no contexto social, bem como da etnografia, objetivando a comunicação no ambiente social, onde é possível gerar conceitos relacionados de um mesmo termo ou a geração de termos para um mesmo conceito (FAULSTICH, 2012).

Nesse sentido, estudos terminológicos descritivos e outras observações constataram que o conceito de termo e a visão da Terminologia dentro da TGT evidenciaram limitações, pois esse modelo de análise terminológica é muito prescritivo. A partir disso, surgiram várias contribuições que tentaram solucionar questões de caráter social do termo, dentre estas, a Socioterminologia.

As variações linguísticas nos discursos especializados como, a homonímia, a sinonímia e a polissemia são reconhecidas. Conforme Faulstich (1999), a socioterminologia nasce como uma nova corrente a partir de uma publicação de Boulanger, em 1981, onde declarou que a perspectiva socioterminológica tinha a responsabilidade de diminuir os efeitos prescritivos exagerados resultantes das proposições normativas. O autor se preocupava principalmente com a visão puramente prescritiva que a Terminologia havia adquirido.

A partir dessas mudanças de paradigma, a Terminologia do ponto de vista social inicia sua expansão nos estudos terminológicos dentro das universidades do mundo todo. Outros registros que se tem de estudos sobre a socioterminologia são os trabalhos de François Gaudin (1993a). O primeiro trabalho é a sua tese de doutorado, intitulada “Pour une Socioterminologie: des problemes semantiques aux pratiques institutionnelles”; o segundo é um trabalho intitulado “Socioterminologie: une approche sociolinguistique de la terminologie”, ambos publicados no ano de 1993, sendo que este último é um complemento do primeiro trabalho.

Estas publicações apresentam uma discussão sobre a necessidade de uma abordagem socioterminológica da análise dos termos sobre um enfoque sociolinguístico. Ele questiona a definição de Terminologia e a analisa pelo prisma das práticas linguísticas e sociais de uso da língua especializada. O autor aponta que o termo tem estatuto de signo linguístico com base no comportamento pragmático. Gaudin faz essa análise, considerando a francofonia em Quebec (Canadá), Bélgica e Luxemburgo e a situação da Terminologia na França.

Em seu segundo trabalho, Gaudin (1993b) apresenta algumas contribuições advindas da sociolinguística para a socioterminologia. Para o pesquisador, os termos são estudados a partir de suas relações com os contextos de uso. Nesse sentido, Lima (2014, p. 210) destaca sete pontos principais organizados e expostos por Gaudin (1993b):

1. Propõe um percurso histórico e teórico, no qual aborda as questões dos domínios e dos conceitos, das características semânticas do termo e da autonomia da terminologia.
2. Apresenta os conceitos e métodos sociolinguísticos utilizados e utilizáveis em socioterminologia.
3. Considera que a circulação social dos termos impõem debruçar-se, pelo menos em algum momento, sobre a questão da vulgarização terminológica. Tal questão é abordada com base na noção de dialogismo (de Mikhail Bakhtin).
4. Lança uma luz sobre o tipo textual da vulgarização e as restrições lexicais que dizem respeito à gestão dos vocabulários. Mediante o exame das relações lexicais e semânticas introduzidas pelos editores, busca-se refletir sobre as estratégias lexicográficas desenvolvidas pelos autores de dicionários de vulgarização e sobre a sua pertinência.
5. Reflete sobre as relações entre semântica e terminologia. O problema central a que se atém, no âmbito de uma semântica aplicada às línguas especializadas, está, aqui, situada na sociolinguística.
6. Aborda a vulgarização e a terminografia sob os aspectos linguísticos dos estudos terminológicos. O plano sociolinguístico refere-se, de modo essencial, à implicação da terminologia nas questões de políticas linguísticas. Isto aparece, notadamente, na política linguística adotada na França (onde aparecem frequentemente iniciativas destinadas a conter o avanço do anglicismo).
7. A reflexão (da obra) termina com um estudo conjunto da história dos vocabulários e das metáforas, ressaltando a importância da inclusão da história nos estudos terminológicos e mostrando as implicações epistemológicas e éticas que excedem a simples gestão e tradução de grupos lexicais.

Desse modo, Gaudin (1993b) consegue complementar as discussões que vinham sendo realizadas sobre a socioterminologia, e preencher as lacunas teóricas que existiam na Terminologia. Segundo Barros (2004), Gaudin se opõe à análise *in vitro*, tradicional da TGT, e propõe a análise *in vivo* das terminologias.

Faulstich (2012) destaca alguns dos principais pesquisadores que foram os precursores de Gaudin e que estabeleceram o caminho para análise social com relação ao termo, como, Auger (1976) e Rey (1979). E, contemporânea de Gaudin, Faulstich (1995) publica estudos sobre a socioterminologia. A seguir, apresentamos com base em Faulstich (2012), algumas contribuições que esses autores deram para o desenvolvimento da Socioterminologia.

Pierre Auger, no ano de 1976, conduziu seus estudos levando em consideração a característica transdisciplinar da Terminologia no campo linguístico. Ele se opôs à ideia da Terminologia como uma disciplina de caráter prescritivo e afirmou que futuramente a Terminologia teria que se aproximar da sociolinguística. Auger também explica que essa possibilidade de aproximação com a sociolinguística surgiu com as objeções ao caráter hipernormalizador das escolas da

época, pois estas eram desconectas realidades linguísticas específicas de cada país.

Na França, no ano 1979, Alain Rey diz que a Terminologia é uma área que analisa o nome, enquanto um sistema definido que tem a capacidade de registrar o conceito e sua definição. Esse sistema de nomeação e de definição tem características dos espaços sociais das especialidades. Fica evidente o papel social vinculado a esse processo.

No Brasil, Enilde Faulstich publica em 1995b, um estudo teórico sobre a Socioterminologia. Em seu artigo, “Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina”, a autora destacou que aos poucos essa nova abordagem adquiria uma posição de disciplina de caráter teórico e não apenas como método analítico. Como disciplina, a Socioterminologia estuda o termo por um prisma linguístico na interação social; como prática do trabalho terminológico, esta disciplina tem fundamento na análise das condições de circulação do termo e é embasada no funcionamento da linguagem.

Assim, Faulstich (1999, p. 169) propõe uma tarefa para a resolução de problemas no contexto sociopolítico e linguístico também de caráter normalizador, “o reconhecimento da variação terminológica nos diversos espaços linguísticos em que a terminologia é planificada, difundida e implantada”. Para a autora, a principal função normalizadora da Terminologia é a harmonização das diversas formas que um conceito tem num espaço sociocultural e linguístico. A escolha de uma forma padrão de um termo diante de outras formas variantes deve ser decidida levando em consideração a comunidade que utiliza essas formas.

2.2.1 Metodologia socioterminológica

Com as bases teóricas da socioterminologia estabelecidas, houve a necessidade de organizar uma metodologia para esta nova área de investigação. Nesse sentido, Faulstich (1995) elabora um modelo metodológico em socioterminologia voltado para a realização das pesquisas teórico-práticas, que levam em conta termo e variante(s).

A autora declara que o especialista em terminologia, para desenvolver suas pesquisas, deve seguir alguns passos desse modelo metodológico. Elencamos alguns pontos desse modelo mais importantes nesse processo:

- a) Identificar o usuário da terminologia a ser descrita;
- b) Escolher a área e a subárea do conhecimento da terminologia;
- c) Adotar atitude descritiva;
- d) Consultar especialistas da área;
- e) Delimitar o corpus;
- f) Selecionar a documentação bibliográfica pertinente;
- g) Precisar as condições de produção e de recepção do texto científico e técnico;
- h) Conceder, na análise do funcionamento dos termos, estatuto principal à sintaxe e à semântica;
- i) Registrar o termo e a(s) variante(s) do termo, e
- j) Redigir repertórios terminológicos. (Cf. FAULSTICH, 1995b)

Os passos apresentados levam em conta o ponto de vista social terminológico e tem relação com o contexto de uso, com o usuário da terminologia e com a variação terminológica. Com isso, a autora diz que o princípio das pesquisas em socioterminologia é o do funcionamento social da terminologia. O presente trabalho foi pensado seguindo as diretrizes propostas por Faulstich (1995), primamos em registrar os sinais-termo coletados e criados de acordo com o contexto de uso, isto é, no Curso de Odontologia da UFPA, como por exemplo, os sinais-termo de *bactéria*, *cárie* e *dentes caninos*. Estes sinais-termo já foram registrados em outros glossários, no entanto, no contexto em questão, a forma utilizada, é uma forma variante desses termos.

Apesar de a concepção de variação terminológica ter como base o conceito de variação linguística desenvolvido pela sociolinguística, a socioterminologia não é uma disciplina derivada dela.

Nesse sentido, a concepção atual de Terminologia é contrária à ideia de que o termo é unívoco, assim como afirma Faulstich (1995a, n.p) “nenhuma língua é um bloco homogêneo e uniforme, mas um sistema plural, constituído de normas que evidenciam os usos reais em variação”.

Como pudemos observar, de acordo com Faulstich (1995b), a socioterminologia como disciplina, examina o termo sob a perspectiva linguística na interação social. Para tanto, a pesquisa socioterminológica precisa ser auxiliada por

princípios da sociolinguística, ou seja, os critérios de variação e de mudança linguística terminológica no contexto social de uso da língua especializada. E o princípio etnográfico, ou seja, as “comunicações entre membros da sociedade capazes de gerar conceitos interacionais de um mesmo termo ou de gerar termos diferentes de um mesmo conceito” (FAULSTICH, 1995b, p. 1).

Nesse prisma, leva-se em consideração as diversidades de comunicação existente entre as pessoas envolvidas com a língua de especialidade, os diretores de uma empresa, os setores administrativos, setores de pesquisa, setores de produção e comercialização, pois esse é considerado o meio mais adequado para a descrição dos termos científicos e técnicos.

No contexto da presente pesquisa, existe uma diversidade dentro do Curso de Odontologia. Professores especialistas da Odontologia, da farmacologia, da bioquímica, da fisiologia, Tradutores Intérpretes de Libras e discente surda. Cada disciplina e cada grupo de profissionais representa um setor, eles deverão ser consultados para que a descrição de cada termo técnico e científico seja realizada de maneira adequada.

Gaudin (1993a) considera que os termos devem ser analisados sempre levando em conta a sua funcionalidade, no momento do contexto de uso, a fim de que as suas inter-relações sejam examinadas “*in vivo*” no decorrer da atividade profissional, isso porque o termo reflete características sociais de uma determinada comunidade linguística. (OLIVEIRA, 2013)

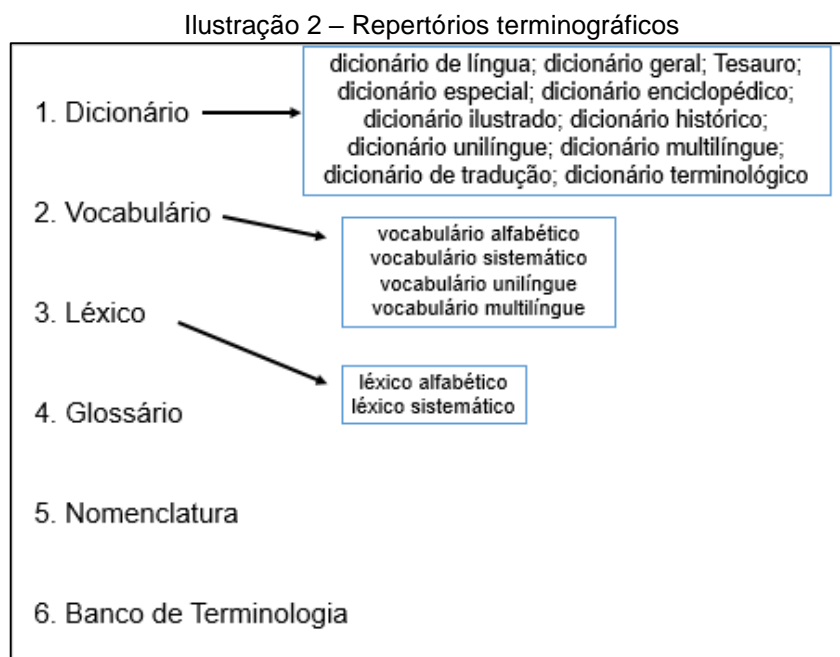
A visão variacionista do termo para Faulstich (2001) surgiu na década de 80 quando a socioterminóloga iniciou suas investigações com relação ao estatuto variacional do termo, constatou-se que o termo é uma entidade variante e o denominou de *alotermo*, baseada nas variações de fonema (alofone) e morfema (alomorfe). O *alotermo*, segundo a autora é uma “unidade variante analógica, condensada ou expandida, que, no uso de uma língua natural, deve ter o máximo de coincidência com um termo existente” (FAULSTICH, 2001, p. 21).

Nesse sentido, as variantes terminológicas são resultado dos diferentes usos que a comunidade faz do termo, dependendo da diversidade social, linguística e geográfica. Se o método levar em conta o contexto social, o situacional, o espacial, o linguístico em que os termos circulam, a frequência de uso não deve ser abandonada.

2.3 REPERTÓRIOS TERMINOLÓGICOS

Existem uma enorme variedade de obras lexicográficas e obras terminográficas, essas obras são os dicionários de língua e os dicionários especiais ou dicionários terminológicos. Nos dicionários lexicográficos estão agrupadas as palavras do léxico comum, nos dicionários terminológicos contém um conjunto de termos de um determinado domínio especializado. De maneira genérica, as obras lexicográficas e terminográficas são chamadas de *repertórios* ou *dicionários*.

Faulstich (1995) exemplifica esses repertórios por meio de uma lista de tipologias de repertórios terminográficos. Apresentamos de forma resumida essas tipologias em forma de ilustração a seguir:



Fonte: Faulstich (1995).

Para Faulstich (1995) é importante que o especialista em terminologia, antes de iniciar o seu trabalho, conheça o perfil do usuário ao qual ele direcionará o repertório produzido. Dessa forma é possível fazer com que esse repertório seja fonte útil como ferramenta de consulta e de informação. A elaboração da obra deve visar a pragmática linguística do usuário, levando em conta as variações que ocorrem nos níveis linguísticos e sociais.

Barros (2004) cita outras propostas de tipologias para repertórios. Por exemplo, a *Norma ISO 1087* apresenta a seguinte classificação tipológica para

obras terminográficas: 1) *dicionário*; 2) *dicionário terminológico*; e 3) *vocabulário*. Para a ISO, dicionário é um termo abrangente para se referir a todos os tipos de obras, lexicográficas e terminográficas. Nesse caso, o dicionário terminológico é um tipo de dicionário que reúne as unidades terminológicas de um ou de vários domínios. O vocabulário para a ISO é um tipo de dicionário terminológico, os dois reúnem unidades linguísticas que pertencem a uma ou mais línguas de especialidade (BARROS, 2004).

Barros (2004) considera que essa proposta da ISO 1087 (1990) é sucinta, pois só apresenta três tipos de obras. A maior falha, segundo a autora, está

[...] na falta de dialética com que trata a questão da relação vocabulário/ordem sistemática – dicionário/ordem alfabética, uma vez que não apresenta proposta de normalização terminológica para um tipo misto de obra terminográfica (BARROS, 2004, p. 140-141).

A proposta de tipos de repertórios segundo o órgão *Office de la Langue Française de Québec*, conforme aponta Barros (2004) é mais complexa e prevê mais do que os três tipos de obras da ISO 1087. Ao contrário deste, eles se baseiam no nível de atualização da unidade lexical. A tabela 1 demonstra tal proposta:

Tabela 1 – Repertório proposto pelo *Office de la Langue Française*

1. dicionário	1. vocabulário
1.1. dicionário de língua	1.1 vocabulário alfabético
1.1.1. dicionário geral	
1.1.2. tesouro	
1.1.3. dicionário especial	
1.2. dicionário enciclopédico	1.2. vocabulário sistemático
1.3. dicionário ilustrado	1.3. vocabulário monolíngue
1.4. dicionário monolíngue	1.4. vocabulário multilíngue
1.5. dicionário multilíngue	
1.6. dicionário de tradução	
1.7. dicionário terminológico	
	2. léxico
	2.1. léxico alfabético
	2.1. léxico sistemático

Fonte: Barros (2004, p. 141).

Nessa proposta os dicionários encontram-se de um lado e os vocabulários do outro. Os dicionários se enquadram no nível do sistema e os vocabulários no nível da norma, cada grupo se inscreve em um tipo específico. Barros (2004) também critica esse agrupamento, pois os dois grupos não são homogêneos uma vez que ele só prevê os dicionários enciclopédicos ou ilustrados, mas de acordo com a autora é possível que os vocabulários também possuam essas características.

Outro fator que deixa lacuna na compreensão desse modelo, é a diferença entre vocabulário e léxico. De acordo com Boutin-Quesnel (1985, p. 29 apud BARROS, 2004, p. 142) as definições desses dois termos são:

Vocabulário: Repertório que arrola os termos de um domínio e que descreve os conceitos designados por esses termos por meio de definições ou ilustrações. [...]

Léxico: Repertório que arrola os termos acompanhados de seus equivalentes em uma ou várias línguas, e que não apresenta definições.

Nesse sentido, o vocabulário apresenta definições enquanto que no léxico só contém uma lista bilíngue ou multilíngue de termos. No caso dos dicionários monolíngues e multilíngues, eles preveem definições, mas o léxico não prevê. Isso é contraditório, pois existem inúmeros dicionários bilíngues ou multilíngues onde o verbete é composto de uma entrada em língua de partida, seguida de seus equivalentes em outras línguas, no entanto, não apresentam definições.

Diante dessas considerações, Barros (2004) propõe uma classificação tipológica para obras lexicográficas e terminográficas. A autora menciona basicamente cinco tipos de repertórios e elenca três critérios de classificação para as diferentes obras, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 2 – Classificação tipológica

	<i>Nível de atualização da unidade lexical</i>		<i>Definição</i>	<i>Dados enciclopédicos</i>
	<i>sistema</i>	<i>norma(s)</i>		
<i>Dicionário</i>	+	+	+	-
<i>Dicionário Terminológico</i>	-	+	+	-
<i>Glossário</i>	+	+	-	-
<i>Enciclopédia</i>	+	+	-	+
<i>Léxico</i>	-	+	+	-

Fonte: Barros (2004, p. 143).

Ainda que esta proposta apresente apenas cinco tipos, elas servem apenas de base para a elaboração de outros repertórios e podem ser combinados entre si, já em outros tipos de obras eles podem não se aplicar.

A socioterminóloga Fausltich (2001, p. 14-15) apresenta pelo menos três definições para o repertório glossário:

Glossário: Repertório que define termos de uma área científica ou técnica, dispostos em ordem alfabética, podendo apresentar ou não remissivas.

Repertório em que os termos, normalmente de uma área, são apresentados em ordem sistemática, acompanhados de informação gramatical, definição, remissivas podendo apresentar ou não contexto de ocorrência.

Repertório em que os termos são apresentados em ordem alfabética ou em ordem sistemática seguidos de informação gramatical e do contexto de ocorrência. Nota: Este tipo de glossário é útil para tradutores e intérpretes. Elaboram-se, normalmente, a partir de bases textuais informatizadas.

Apesar da definição de glossário apresentada por Barros (2004) diferenciar da definição apresentada por Faulstich (1995), podemos considerar que elas se inter-relacionam. Chegamos a essa conclusão após analisar as críticas de Barros (2004) aos modelos heterogêneos propostos pela ISO 1087 e pelo órgão *Office de la Langue Française*.

Seguindo a proposta de Barros (2004), é possível dizer que o produto resultante do presente trabalho, isto é, a proposta de um glossário terminológico da odontologia Português-Libras, se enquadra na definição de glossário em combinação com a definição de dicionário terminológico, pois ele apresenta definições em Português. Ele tem características de dicionário multilíngue e glossário. Segundo Faulstich (1995, p. 8), o dicionário multilíngue é o dicionário “cujas unidades apresentadas, por vezes descritas, em duas ou mais línguas”.

Com relação ao público alvo de um glossário terminológico, Duran e Xatara (2005, p. 52-53) mostram que existem várias possibilidades de segmentação:

a língua materna (que define se o dicionário será recíproco ou não-recíproco) e a atividade do usuário (que define se o dicionário será pedagógico ou destinado a profissionais, como, por exemplo, tradutores). Quanto à direcionalidade, um dicionário bilíngüe pode ser bidirecional (L1-L2 e L2-L1) ou monodirecional (apenas uma das direções). E, finalmente, quanto à funcionalidade, um dicionário bilíngüe pode ser bifuncional (quando se propõe a auxiliar a codificação e a decodificação) ou monofuncional (quando foca o atendimento de apenas uma das funções: codificação ou decodificação).

Nesse sentido, um glossário de Libras-Português é bidirecional, surdos e ouvintes utilizarão para pesquisar e/ou aprender novos sinais. Quanto à sua funcionalidade, ele será multifuncional, pois tanto profissionais tradutores e

intérpretes de Libras, quanto aprendizes surdos poderão utilizar o glossário como forma de aquisição do vocabulário específico.

2.3.1 Glossário e Dicionário em Língua de Sinais

2.3.1.1 Macroestrutura e microestrutura

A macroestrutura se refere à organização global de uma obra terminográfica ou lexicográfica, são as características gerais do repertório. É a ordenação da estrutura das informações em verbetes, que podem ser vertical e/ou horizontal; se haverá ou não anexos, índices remissivos, ilustrações, setores temáticos, mapas conceituais dentre outras informações.

Segundo Barros (2004), geralmente as informações principais do glossário ou dicionário terminológico são apresentadas na introdução da obra, características, critérios utilizados na elaboração, o público-alvo, objetivos, informações sobre o domínio especializado. Em seguida as abreviações, os símbolos e outras informações relevantes para compreensão dos dados contidos ali. Segue com a lista de entradas, um conjunto de unidades linguísticas terminológicas e posteriormente com os verbetes com os dados que correspondem às unidades terminológicas, compostos de pelo menos dois elementos, *entrada* e *enunciado terminográfico*.

Analisando essas obras no decorrer da história, diferenciadas formas de organização foram e ainda são utilizadas, dentre essas formas identificamos dois tipos: a organização *onomasiológica* e a organização *semasiológica*. A organização onomasiológica classifica e agrupa as palavras por campos temáticos, como, ferramentas, alimentos etc. A semasiológica ordena as entradas de acordo com a forma das palavras por ordem alfabética de acordo com as letras do alfabeto de cada língua, ou por meio de outro critério. Alguns lexicógrafos utilizam o critério de ordenação de palavras de acordo com os sons gurutais até as que iniciam com sons labiais (ESTELITA, 2007).

Conforme Estelita (2007), os dicionários que são organizados por campos semânticos têm características subjetivas do autor e podem seguir qualquer viés pretendido por ele, que pode ser religioso, político, tentativas de conceitualizações universais, ou quaisquer outros. Esse pode ser um fator de dificuldade para o usuário que procura por uma palavra, pois ele pode procurar uma palavra e não

encontrá-la no lugar onde busca. Mesmo assim, caso encontre, o dicionário nesse formato pode ser de grande praticidade no auxílio da produção textual.

Estelita (2007) elenca alguns dicionários terminológicos de organização onomasiológica. Por exemplo, o dicionário persa *al-khuwarazmi* (X a.C.) que continha palavras técnicas das áreas da teologia, medicina, filosofia, astronomia, música e alquimia. Outro é o de Alexander Neckhm (1215-1217) que organizou em três volumes os termos bíblicos, assuntos gerais e ferramentas e utensílios.

Os glossários geralmente são caracterizados por um repertório de termos de determinado domínio de conhecimento especializado. Glossários e dicionários especializados são ferramentas de grande benefício para sanar problemas de informação e comunicação na atuação de profissionais e aprendizes. No caso do tradutor e do intérprete técnico essas ferramentas serão auxiliares no desenrolar do seu trabalho.

Um glossário terminológico pode apresentar três características em sua composição:

- 1) Repertório para definir termos de uma área técnica ou científica, podendo ser organizado em ordem alfabética contendo ou não remissivas;
- 2) Repertório onde os termos estão distribuídos em ordem sistemática, contendo informações gramaticais, definição, remissivas, pode conter ou não o contexto de ocorrência; e,
- 3) Repertório de termos apresentados em ordem alfabética ou em ordem sistemática, com informação gramatical e contexto.

A microestrutura de uma obra terminográfica se refere à estrutura do verbete. De acordo com Faulstich (1995a), a microestrutura corresponde ao verbete/artigo pronto. Segue um modelo da microestrutura do verbete, adaptado de Faulstich (1995b, p. 23):

Verbetes= termo entrada + informação gramatical + definição + fonte + contexto + fonte do contexto + remissiva(s) + variante(s)

No verbete contém as informações gramaticais e lexicais dos termos, é composto pelo termo entrada, categoria gramatical (substantivo, verbo, advérbio, sintagma verbal ou nominal, sigla etc.), a definição, o contexto e a nota e outras informações. O modelo apresentado não é uma regra, mas contém as informações que podem ser incluídas em um verbete. Para Faulstich (1995a), essas informações que compõem a estrutura do verbete do glossário deve ser registrado nas fichas terminológicas.

Barros (2004), baseada em Rey-Debove (1971), diz que a composição do verbete mínimo é “composto de um elemento linguístico (a entrada), do indicativo de gramática e de uma definição” (REY-DEBOVE, 1971 apud BARROS, 2004, p. 156).

Para a construção de um dicionário de Língua de Sinais, além do modelo de macro e microestrutura proposto para a construção do verbete das língua escritas, é importante que levemos em consideração alguns fatores específicos de uma Língua de Sinais, como o registro do sinal e as informações fonológicas, uma vez que ainda não existe uma forma escrita de sinais oficialmente reconhecida. Nesse sentido, muitos autores optam por adicionar desenhos, fotos, descrição ou alguma forma de notação escrita. A maioria dos autores combinam duas ou mais formas destas.

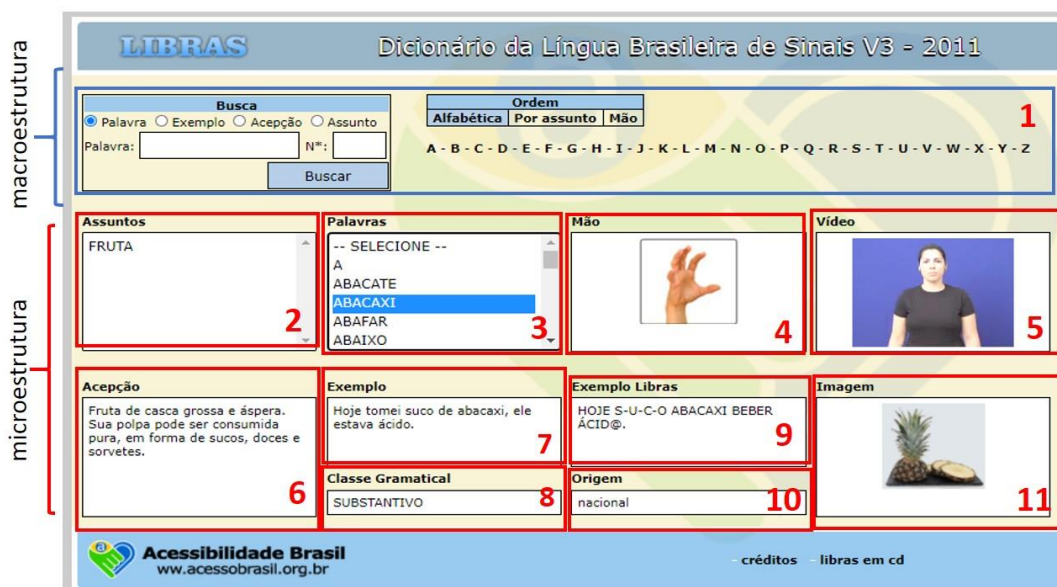
Estelita (2007), aponta alguns repertórios de Línguas de Sinais e a macroestrutura comumente seguida. Por exemplo:

1. O material desenvolvido por Rabelo, em 1992, intitulado, *Português Sinalizado: comunicação total*; Rabelo organizou os sinais segundo a ordem alfabética de suas traduções para o Português, ele usou desenho e descrição dos sinais. Mais tarde, no volume II desse material, a autora fez uma compilação onomasiológica dos sinais, usou somente desenho e a tradução dos sinais para o Português e inclui exemplos de frases em Libras, também com desenhos.
2. O dicionário de Capovilla e Raphael (2001), o maior dicionário em Libras impresso no Brasil, adotou a ordem alfabética do Português, recursos de descrição, escrita de sinais *SignWriting*, definição em Português e em inglês, desenho do sinal, e desenho ilustrativo.
3. O dicionário britânico *Dictionary of British Sign Language/English*, de autoria de Brien, do ano de 1992, é organizado por ordem alfabética do Inglês, utiliza fotos, descrição e sistema de notação.

4. O australiano *The VSDC Dictionary of Auslan: English to Auslan*, de autoria de Bernal, de 1998, é organizado pela ordem alfabética do Inglês e utilizou somente fotos.
5. O dicionário no formato digital elaborado por Felipe (2005) por meio da *Acessibilidade Brasil*, é organizado por Configuração de Mão, determinada por uma ordem e dentro de cada CM segue a ordem alfabética do Português. Ele oferece a opção de busca por ordem alfabética do Português, apresenta a descrição, definição em Português, informações gramaticais, e representa os sinais por filmagens e por um sistema de notação baseado no Português.

Estelita (2007) destacou que esse tipo de estruturação é mais apropriada à Língua de Sinais. A última versão desse dicionário é de 2011 como podemos observar na figura a seguir:

Figura 1 – Macro e microestrutura de um dicionário digital em Libras



Fonte: Editado de http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/

A Figura 1 representa a última versão do primeiro dicionário bilíngue digital elaborado por Felipe (2005), é possível perceber a partir das marcações a macroestrutura do dicionário e a microestrutura do verbete. Segue a descrição das numerações da imagem:

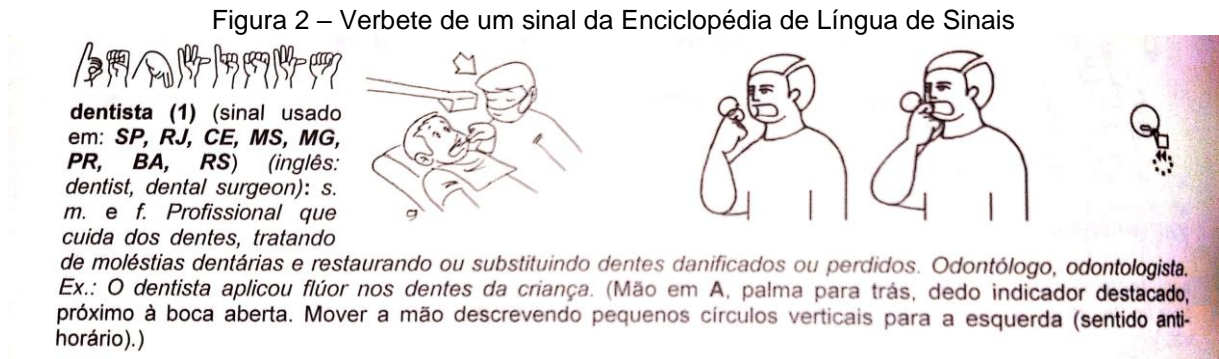
- Macroestrutura: 1) Organização em ordem alfabética (semasiológica), por campo semântico (onomasiológica) e por Configuração de Mão.
- Microestrutura: 2) Campo semântico; 3) Entrada do verbete em Português; 4) Configuração de Mão; 5) Representação do sinal por filmagem; 6) descrição do léxico; 7) Contexto de uso; 8) Informação gramatical; 9) Exemplo de uso em Libras; 10) Origem do sinal; 11) Imagem representativa do léxico.

Esse modelo de dicionário vem sendo idealizado por pesquisadores da área da Terminologia em Língua de Sinais há algum tempo. O registro dos léxicos e das terminologias de áreas do conhecimento específico em Libras no formato digital emerge da necessidade do público de usuários desses produtos. De acordo com Sofiato e Reily (2014), a produção de dicionários manuais dos sinais a partir das imagens facilitaria o aprendizado de alunos que estariam iniciando o contato deles com a Libras; entretanto, observaram que o pouco contato com a comunidade surda dificultava a compreensão das imagens e da realização das configurações de mão e do movimento de forma precisa dos sinais.

Para essas autoras o formato impresso de dicionários em Libras é mais apropriado para surdos que conhecem a Libras e que teriam mais facilidade de interpretar os novos sinais desenhados, mas também apontam que esse público poderia ter dúvidas e necessitariam consultar um usuário com maior domínio para confirmar a correta realização do sinal ou do significado dos verbetes em Português. Apesar de tais afirmações, elas reconhecem que os dicionários de Libras impressos ainda são muito consultados e produzidos, sendo de grande utilidade.

Atualmente, a *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira, o mundo do surdos em Libras*, Vol. 5, de autoria de Capovilla e Raphael (2018), é um dicionário enciclopédico terminológico que divide o léxico em campos semânticos com 21 categorias e dezenas de subcategorias. No corpo principal da enciclopédia, “cada sinal de Libras é documentado numa série de formas em sua própria entrada individual” (CAPOVILLA e RAPHAEL, 2018, p. 11). Nele contém: 1) a soletração manual, 2) ilustrações do significado do sinal de Libras e dos verbetes a ele associados em Português e em Inglês, 3) ilustração precisa da forma do sinal, 4) a escrita visual do sinal em *SignWriting*, 5) os verbetes do Português e do Inglês, 6) o escopo de validade do sinal em termos do(s) estado(s) brasileiro(s), 7) classificação

gramatical dos verbetes em Português, 8) definição em Português, 9) contexto de uso e 10) descrição da forma do sinal. Observe na figura 2 a seguir:

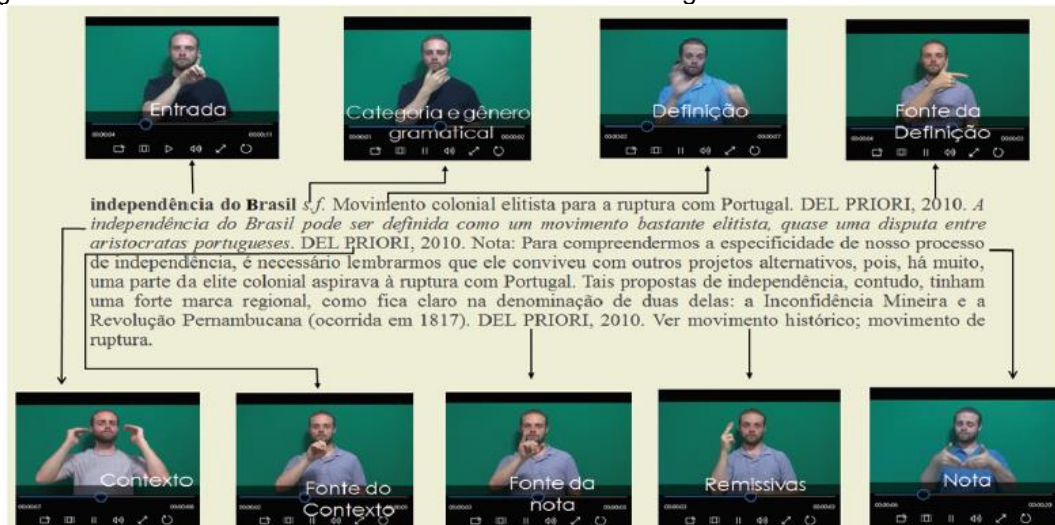


Em Libras, o verbete deve compor estruturas que concedam ao leitor a possibilidade de compreender o conceito e a estrutura do sinal-termo. Um dicionário bilíngue bidirecional que envolve a língua visual exige descrição especializada.

A microestrutura dos verbetes deve estar registrada tanto na forma sinalizada em Libras quanto na forma escrita da Língua portuguesa. A justificativa principal dessa afirmação, conforme Faulstich e Vilarinho (2016, p. 19), é a de que “[...] o português para o aprendiz surdo” é “uma segunda língua, pois sua primeira língua é a língua de sinais e, por isso, a forma de pensar e de organizar os conceitos é diferente”.

Um exemplo de verbete bilíngue é o elaborado por Felten (2016) que representa a microestrutura da seguinte forma:

Figura 3 – Estrutura do verbete do Glossário Sistemático Bilíngue – Termos da História do Brasil



O exemplo do verbete demonstrado na figura anterior apresentou a estrutura tanto na Língua Portuguesa quanto do Libras.

Verbetes = termo entrada + categoria gramatical + definição + fonte da definição + contexto + fonte do contexto + nota + fonte da nota + remissivas

O glossário de autoria de Felten (2016) foi o primeiro a registrar o verbete bilíngue completos nas duas línguas. Faulstich e Vilarinho (2016) apresentam a estrutura de um dicionário bilíngue, em que a Libras é uma das línguas envolvidas.

L1 → L2, como Libras → Português

L2 → L1, como Português → Libras

De acordo com Felten (2016) e Tuxi (2017), essa estrutura deve ser seguida como modelo para organização de glossários bilíngues em que uma das línguas é uma Língua de sinais.

Essa estrutura ainda é nova no campo da terminografia em Língua de sinais. Tuxi e Felten (2018, p. 93) destacam que:

[...] a proposta de organização em questão ainda está em processo de verificação, quer dizer, a validação da estrutura já ocorreu, contudo a educação lexicográfica experimenta seus passos iniciais nos dias atuais. Além disso, há ainda uma busca, por parte dos pesquisadores da área, por orientações específicas acerca do registro e da organização de glossários bilíngues nas áreas de Terminografia e Lexicografia em LS.

A Terminografia é a área que estuda e elabora glossários, léxicos e dicionários especializados. Boulanger (2001, p. 13 apud KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 50) define Terminografia como:

Trabalho e técnica que consiste em recensear e em estudar termos de um domínio especializado do saber, em uma ou mais línguas determinadas, considerados em suas formas, significações e relações conceituais (onomasiológicas), assim como em suas relações com o meio socioprofissional.

A partir dos estudos da Terminografia foi possível que se organizassem obras terminográficas monolíngues, bilíngues ou semibíngues.

Faulstich e Vilarinho (2016, p. 17) afirmam que um glossário que tem termos registrados em duas línguas, não quer dizer que ele seja bilíngue, o mais importante para definir um glossário nesse sentido, é a motivação pelo qual as duas línguas estão postas em contato. Além da motivação comunicacional entre comunidades que vivem no mesmo espaço e utilizam duas ou mais línguas, existe a “motivação de natureza da política das línguas, visto que a escolha das palavras está relacionada ao vocabulário das línguas usadas e a vida social num determinado espaço geolinguístico”.

Assim a autora, coloca que a diferença entre um glossário bilíngue e um dicionário semibilíngue se encontra principalmente na microestrutura do verbete na língua de aprendizagem. Nesse caso, o leitor é lavado imediatamente para a palavra na L1. As obras semibilíngues, isto é, as que possuem a definição dos termos na L1 do leitor e apresentam o equivalente desse termo na L2, com conteúdo mais sucinto, atualmente são os preferidos quando o objetivo é pedagógico.

Segundo Faulstich e Vilarinho (2016), esse termo foi sugerido inicialmente pelo linguista Bernard Quémada (1967) para dicionários que tinham características e utilização como monolíngues, mas a forma da entrada dos verbetes se faziam por meio de sintagmas ou paráfrase contextual. De acordo com Duran e Xatara (2005), outro pesquisador que cunhou o termo “semibilíngue” foi Ilan Kerneman, em 1986, com o objetivo de descrever um novo conceito de dicionário. Esse autor mostrou que a atividade de elaborar dicionários bilíngues a partir de monolíngues é antiga. Ele reconhece esse processo como “bilingualização”, pois as obras monolíngues, sofriam processos de adaptações, mudanças do público-alvo da obra e o tipo de obra de origem.

Os estudiosos da lexicologia ainda divergem com relação à classificação dos dicionários bilíngues, no entanto, Duran e Xatara (2005) chegam a conclusão de que a maioria dos pesquisadores corroboram que, independente do formato do verbete, se existem duas línguas em contato, a classificação sempre será bilíngue. Para elas essa definição é mais simples e menos restritiva.

Muitos dos glossários bilíngues de Português-Libras ainda seguem o formato do verbete com entrada e definições em Português, apresentando apenas os equivalentes em Libras. O glossário proposto nessa pesquisa seguirá esse formato.

2.4 ESTUDOS LEXICAIS E TERMINOLÓGICOS NAS LÍNGUAS DE SINAIS

A Libras vem ganhando um novo olhar com relação aos estudos do Léxico no sentido teórico de organização linguística dentro da academia. Isso é resultado da necessidade que a Libras tem de ocupar o lugar de língua nas interações e comunicações sociais, tanto em âmbito comum quanto em âmbito especializado. Nascimento (2016, p. 52) destaca sobre essa necessidade:

As terminologias das mais diversas áreas técnicas e científicas têm sido organizadas em léxicos, dicionários, glossário nas Línguas de Sinais. Isto se deve às conquistas de inclusão social dos surdos, que têm ocupado ambientes em que o vocabulário de LS precisa ser ampliado para a plena participação dos surdos, principalmente, nos espaços acadêmicos e técnico.

A necessidade de ampliação do vocabulário técnico específico na Libras tem feito com que novos estudos surjam nas linhas de pesquisa das ciências do Léxico. Nesse sentido, é notório perceber que as investigações na Libras já são uma realidade, de maneira similar as pesquisas em Terminologia estão se concretizando a cada dia.

Um aspecto a ser destacado é que em muitas dessas pesquisas da Terminologia da Libras é usado o vocábulo *senal-termo*. Assim são os sinais específicos denominados por Faulstich (2012). Assim como nas línguas orais temos a diferença entre palavra e termo, na Língua de sinais temos o sinais que são aqueles que fazem parte do léxico comum usado no dia a dia e os sinais específicos para designar o léxico especializado de uma área técnica. A autora nos mostra três características que definem o sinal-termo:

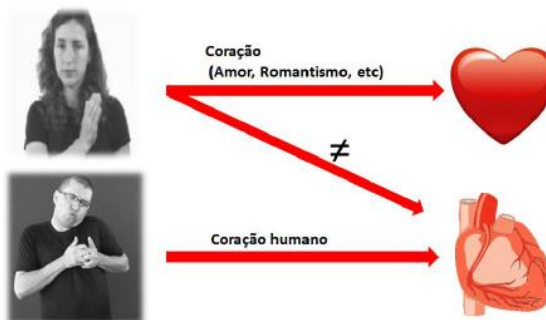
1. Termo da Língua de Sinais Brasileira que representa conceitos com características de linguagem especializada, próprias de classe de objetos, de relações ou entidades.
2. Termo criado para, na Língua de Sinais Brasileira, denotar conceitos contidos nas palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usadas nas áreas especializadas do conhecimento e do saber.
3. Termo adaptado do português para representar conceitos por meio de palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento da Língua de Sinais Brasileira. (FAULSTICH, 2012 apud NASCIMENTO, 2016, p. 25).

O termo *senal-termo* aparece pela primeira vez em uma dissertação de Messias Ramos Costa (2012), quando o autor demonstra a necessidade de diferenciação conceitual entre um sinal comum para representar o léxico geral e o

novo sinal. “O sinal-termo é criado para representar o conceito científico ou tecnológico de uma área específica” (TUXI, 2017, p. 34).

Para ilustrar a diferença, Costa (2012) nos mostra a comparação do sinal “coração”. Vejamos a seguir:

Figura 4 – Comparação entre um sinal comum e um sinal-termo



Fonte: Costa (2012).

Nos dois sinais observamos a diferença na denominação sinalizada. Na língua oral e na escrita a palavra é polissêmica, no entanto, em Libras o formato da denominação e da definição são totalmente diferentes.

Assim, seguindo o pressuposto apresentado pelo autor com base em Faulstich (2012), usaremos o termo “sinal-termo” para nos referirmos aos novos sinais criados nas áreas de especialidade.

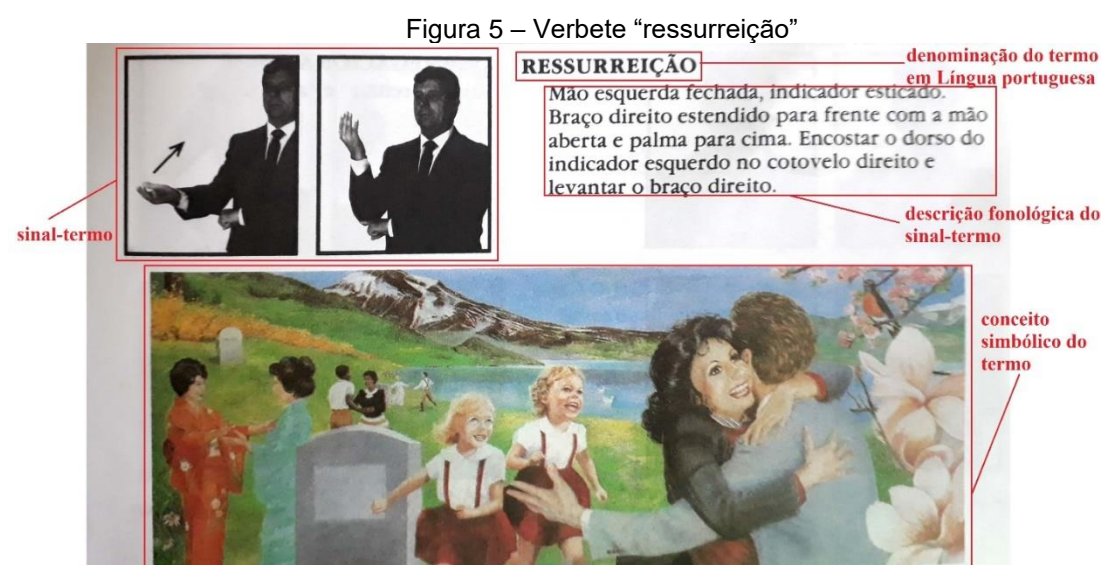
2.4.1 Estudos Lexicais e Socioterminológicos da Libras

Observamos que houve um crescimento exponencial nas pesquisas envolvendo os estudos nas ciências do Léxico nas Línguas de Sinais. Tratamos desse crescimento especialmente no Brasil. Nesse subtópico destacamos alguns dos trabalhos lexicográficos e terminológicos mais relevantes a partir dos anos 90, período em que os trabalhos no âmbito das ciências do léxico na Libras começam a se desenvolver.

Um dicionário amplamente divulgado na comunidade surda na época em que foi lançado, na década de 90, foi o compêndio publicado pela Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados da Organização Religiosa Testemunhas de Jeová. Nele contém o registro do léxico comum da Libras, dividido em campos semânticos, o objetivo seria o ensino dessa língua a pessoas surdas que não eram alfabetizadas.

Apesar de ser uma obra lexicográfica, nessa publicação existe uma seção de termos bíblicos em Libras com viés terminográfico.

O objetivo dessa sessão, de acordo com a Associação, era unificar a língua de sinais entre o meio social das Testemunhas de Jeová com relação aos termos de origem bíblica. Eles reconhecem a variação dos sinais em diferentes lugares, no entanto, afirmam que alguns desses sinais não estão de acordo com o significado dos termos segundo o conceito apresentado na bíblia. Notamos que esse objetivo se aplica ao caráter prescritivo da Terminologia.



Fonte: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados (1992, p. 231).

Destacamos como exemplo, o verbete “ressurreição”. No dicionário são apresentados, o sinal-termo, a denominação na Língua portuguesa, a descrição fonológica do sinal-termo e a ilustração como alternativa visual para descrever o significado do termo. No entanto, nem todos os sinais-termos dessa seção contém ilustrações para descrever o conceito.

Esse dicionário, no entanto, cumpriu com seu objetivo unificador apenas por um período, pois o sinal-termo sofreu variação com o passar do tempo. A seguir mostramos o sinal-termo para “ressurreição” utilizado atualmente no meio social das Testemunhas de Jeová.

Figura 6: Sinal-termo “ressurreição”

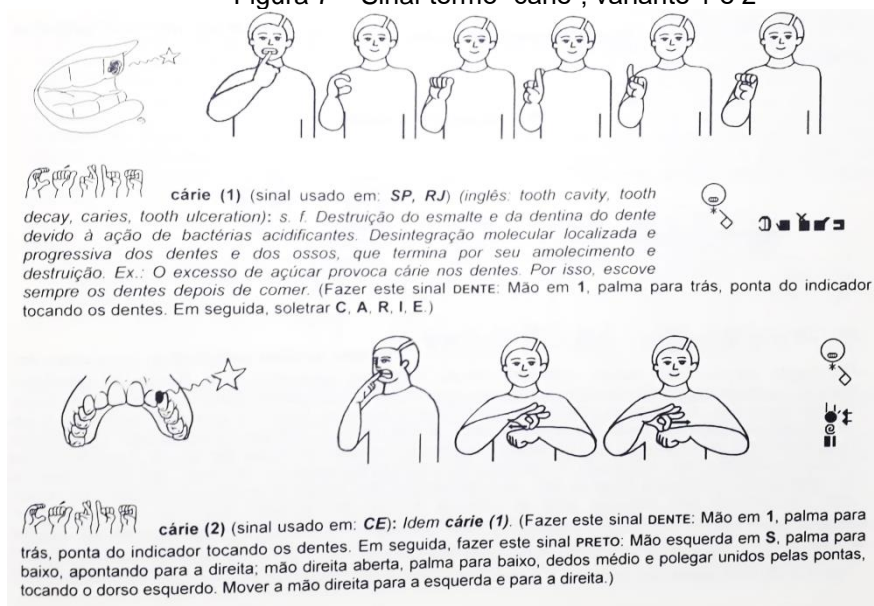


Fonte: jw.org/bzs

Esse exemplo comprova que a língua é um sistema dinâmico que muda de acordo com as necessidades e a criatividade de seus falantes e mesmo nas línguas de especialidade a variação linguística ocorre. Por isso, é importante considerar as variações linguísticas e como elas ocorrem dentro de um determinado grupo social.

Em versões mais recentes de dicionários, dicionários enciclopédicos e glossários de áreas específicas, produzidos por Fernando Capovilla e Walkiria Raphael (2018), a variação terminológica é levada em conta no registro do verbete, como por exemplo, a “enciclopédia da Língua Brasileira de Sinais: medicina e saúde”. Os autores registraram os sinais-termos e suas variações regionais. A seguir, podemos observar essas variações:

Figura 7 – Sinal-termo “cárie”, variante 1 e 2



Fonte: Capovilla e Raphael (2018).

No caso dos exemplos para o sinal-termo “cárie”, os autores registraram também a variante regional, ou seja, o sinal-termo que é usado em determinado grupo social, no caso da variante 1 é usada nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo e a variante 2 é utilizada pela comunidade surda do estado do Ceará.

Observamos que na enciclopédia de Libras medicina e saúde, por ser um material de cunho terminológico, seus autores seguiram a metodologia para uma pesquisa socioterminológica assim como proposto por Faulstich (1995a), levando em consideração as variações sociolinguísticas do sinal-termo.

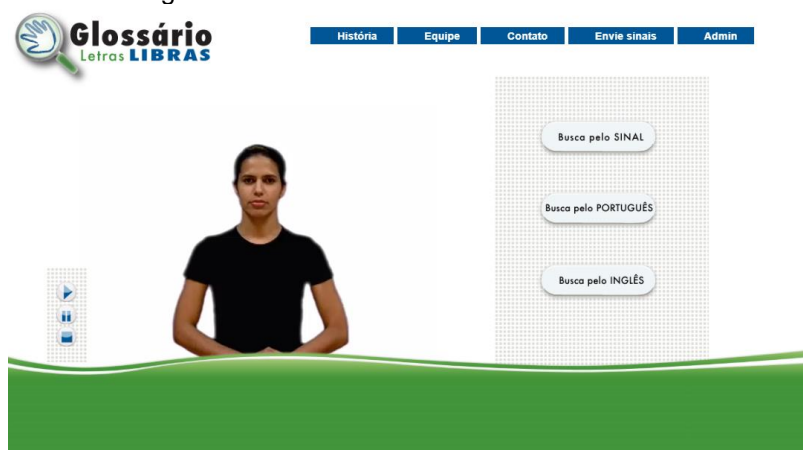
Agora um dos registros pioneiros no âmbito acadêmico informatizado de sinais-terminos, foi o glossário do curso de Letras Libras realizado na modalidade à distância em 18 polos oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A partir do ingresso de um grande número de pessoas no curso de Letras Libras⁷ houve a necessidade de criação dos sinais específicos da área da educação e da Letras. Stumpf (2014) evidencia a necessidade que os professores e alunos do curso em questão tinham ao se deparar com novos termos específicos que não existiam denominações próprias em Libras.

Ao identificar-se o uso excessivo de datilografia para conceitos que não possuíam equivalentes em sinais – o que prejudicava o entendimento e causava desconforto nos estudantes e em toda equipe de desenvolvimento do curso – constitui-se um grupo de estudo para discutir especificamente esses conceitos que ainda não tinham sinais na Libras e a partir daí buscar sinais em outras línguas de sinais, como a da França (Língua de Sinais Francesa – LSF) e a dos EUA (*American Sign Language* – ASL) [...] (STUMP *et al.*, 2014, p. 170-171).

Observamos um processo de criação de sinais específicos, baseado nos conceitos pré-existentes, o que resultou no Glossário do curso de Letras Libras. Esse glossário pode ser encontrado no seu formato *on-line*.

⁷ De acordo com Quadros e Stumpf (2014) formaram-se nos cursos de Letras Libras 767 alunos em Licenciatura e 312 em bacharelado nas turmas de 2006 e 2008.

Figura 8 – Glossário do curso de Letras Libras



Fonte: <http://glossario.libras.ufsc.br/letraslibras>

Outras pesquisas acadêmicas na área da Lexicologia e da Terminologia da Libras começaram a se intensificar só a partir de 2007. Tuxi (2017) realizou uma pesquisa com o objetivo de identificar os trabalhos alusivos ao Léxico e à Terminologia. Vinte e nove pesquisas de alta credibilidade e relevância foram encontradas até o ano de 2016, ou seja, em um intervalo de 9 anos, desde pesquisas de iniciação científica até o mestrado. Vale (2018) nos informa que houveram 30 pesquisas até o ano de 2016.

A seguir, apresentamos um quadro com os principais trabalhos realizados na área da terminologia e lexicologia no Brasil no período de 2007 a 2016 com base em Vale (2018):

Quadro 1 – Trabalhos apresentados com a temática em terminologia e/ou lexicologia da língua de sinais do ano de 2007 a 2016

Nº	Autor	Trabalho
1.	Gláucio de Castro Júnior	Psicobiologia na sala de aula: uma mediação no ensino de Português para surdos. 2007. Graduando em Letras Libras. CNPq. Orientadora: Enilde Faulstich. Execução: Centro Lexterm/ LIP/ IL / UnB
2.	Margot Latt Marinho	O Ensino da Biologia: O Intérprete e a Geração de Sinais. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Português e Línguas Clássicas. Orientadora: Orlene Lucia de Saboia Carvalho.
3.	Gláucio de Castro Júnior	Variações regionais na Língua de Sinais Brasileira: interiorizando a prática educativa. 2008. Graduando em Letras Libras. PIBI/CNPq. Orientadora: Enilde Faulstich. Execução: Centro Lexterm/ LIP/ IL / UnB.
4.	Janice Gonçalves Timóteo	Diversidade Linguístico-Cultural da Língua de Sinais do Ceará: Um Estudo Lexicológico das Variações da Libras na Comunidade de Surdos do Sítio Caiçara. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Cultura) – Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Letras. Orientadora: Maria do Socorro Silva de Aragão.

5.	Sandra Patricia de Faria	Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira. Uma proposta lexicográfica. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Faulstich.
6.	Francisco Edmar Cialdine Arruda	Elementos Microestruturais para um Vocabulário Didático dos Termos das Ciências Biológicas para Alunos Surdos do Ensino Fundamental. 2009 – Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Orientador: Antônio Luciano Pontes e Co-orientadora: Lúcia Santiago Araújo.
7.	Cristiane Batista do Nascimento	Empréstimos linguísticos do português na Língua de Sinais Brasileira (LSB): línguas em contato. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Faulstich.
8.	Gláucio de Castro Júnior	Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira – foco no léxico. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Faulstich.
9.	Joana Correia Saldanha	O Ensino de Química em Língua Brasileira de Sinais. 2011. Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências na Educação Básica) – Universidade do Grande Rio, Mestre em Ensino das Ciências na Educação Básica. Orientadora: Haydêa Maria Marino de Sant’Anna Reis e Co-orientadora: Profª. Dra. Wilma Clemente de Lima Pinto.
10.	José Ednilson Gomes de Souza Júnior	Nomeação de lugares na Língua de Sinais Brasileira. Uma perspectiva de toponímia por sinais. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Faulstich.
11.	Messias Ramos Costa	Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: ENCICLOLIBRAS. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Faulstich.
12.	Antonielli Cantarelli Martins	Lexicografia da língua de sinais brasileira do Rio Grande do Sul. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) – Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Orientador: Fernando César Capovilla.
13.	Nilce Maria Da Silva	Instrumentos Linguísticos de Língua Brasileira de Sinais: Constituição e Formulação. 2012. Doutorado (Tese Em Linguística) – Universidade Estadual De Campinas, Instituto De Estudos Da Linguagem. Orientadora: Carolina María Rodríguez Zuccolillo.
14.	Natália Pizzetti Cardoso	Diretrizes Para o Desenvolvimento do Design de Interfaces de Glossários de Libras 2012. Dissertação (Mestrado em Design e Expressão Visual) Universidade Federal de Santa Catarina, Programa De Pós- Graduação em Design e Expressão Gráfica. Orientadora: Alice Theresinha Cybis Pereira.
15.	Everton Botan	Ensino de Física para Surdos: Três Estudos de Casos da Implementação de Uma Ferramenta Didática para o Ensino de Cinemática. 2012. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Naturais com ênfase em Ensino de Física) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Física, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais. Orientadora: Iramaia Jorge Cabral de Paulo e Co-orientador: Fabiano César Cardoso.
16.	Daniela Prometi Ribeiro	Glossário bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: criação de sinais dos termos da música. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Faulstich.
17.	Carolina Ferreira Pego	Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais. Um estudo do morfema-boca. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística,

		Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Faulstich.
18.	Charley Pereira Soares	Demonstração da ambiguidade de itens lexicais na LSB: um estudo sincrônico de homonímia. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Faulstich.
19.	Rejane Louredo Barros	Política linguística: a terminologia da Libras como veículo de cultura em concursos públicos. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Faulstich.
20.	Edivaldo da Silva Costa	O ensino da Química e a Língua brasileira de Sinas – Sistema SignWriting (LiBRAS – SW): monitoramento interventivo na produção de sinais científicos. 2014. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática) – Universidade Federal de Sergipe. Programa de Pós-Graduação de Ensino de Ciências e Matemática. Orientadora: Verônica dos Reis Mariano Souza.
21.	Anahê Netto Leão Marques	Terminologias no Ensino de Química para Surdos em uma Perspectiva Bilíngue. Dissertação (Mestrado em Educação para Ciências e Matemática). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Jataí. 2014. Orientadora: Sandra Regina Longhin.
22.	Priscilla Alyne Sumaio	Sinalizando Com Os Terena: um estudo do uso da LIBRAS e de sinais nativos por indígenas surdos. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de São Paulo / Araraquara, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras. 2014. Orientadora: Cristina Martins Fargetti.
23.	Vera Lúcia de Souza e Lima	Língua de Sinais: proposta terminológica para a área de desenho arquitetônico. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais. 2014. Orientadora: Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.
24.	Maria José Silva Lobato	Educação Bilíngue no Contexto Escolar Inclusivo: a construção de um glossário em Libras e Língua Portuguesa na área matemática. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática) – Universidade Federal do Rio de Grande do Norte. 2015. Orientadora: Claudianny Amorim Noronha.
25.	Talicia do Carmo Galan Kuhn	Processo de criação de termos técnicos em Libras para Engenharia de Produção. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia) – Universidade Tecnologia Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação, em Ensino de Ciência e Tecnologia. 2015. Orientador: Luis Alberto Pilatti e Co-orientador: Antonio Carlos Frasson.
26.	Saulo Machado Mello de Sousa	Sinais Lexicais dos Termos Cinematográficos: A perspectiva da Língua de Sinais no Cinema. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Faulstich.
27.	Brenno Barros Douettes	A Tradução na Criação de Sinais-Termos Religiosos em Libras e Uma Proposta para Organização de Glossário Terminológico Semibilíngue. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução. Orientadora: Ronice Müller de Quadros e Coorientadora: Sandra Patrícia de Faria do Nascimento.
28.	Daniela Almeida Moreira	Um estudo introdutório sobre o desenvolvimento dos repertórios léxicos da língua de sinais brasileira a partir da elaboração da definição lexicográfica. 2015 – Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução. Orientador: Rodrigo Rosso Marques.
29.	Cristiane Batista do Nascimento	Terminografia em Língua de Sinais Brasileira: Proposta de Glossário Ilustrado Semibilíngue do Meio Ambiente, em Mídia Digital. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de

		Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Leite de Jesus Faulstich.
30.	Eduardo Felipe Felten	Glossário Sistemático Bilingue Português – Libras de Termos da História do Brasil. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Leite de Jesus Faulstich.

Fonte: Adaptado de Vale (2018).

Atualmente, em todo o Brasil, esse número aumentou consideravelmente. Para constatar esse crescimento, realizamos uma busca por teses e dissertações nos anos de 2017 a 2018, no catálogo de dissertações e teses da Capes, e, em um intervalo de 2 anos, encontramos cerca de 10 dissertações e teses sobre lexicologia e terminologia da Libras. Autores como Tuxi (2017), Vale (2018), Carvalho (2017), Santos (2017), Martins (2017), Cardoso (2017), Mendes (2018), Abati (2018), Santos (2017) e Winagraski (2017) pesquisaram e fizeram registros de glossários terminológicos em áreas como, administração no meio acadêmico, matemática, ciências, química, nutrição, psicologia, setor automobilístico, judicial, dentre outros.

Estes autores fizeram suas pesquisas com o propósito de reunir e analisar vocabulários de áreas específicas em glossários de termos técnicos em Libras, para auxiliar na atuação dos tradutores e intérpretes de Libras e contribuir para a formação dos discentes surdos especialistas e especializandos.

Além disso, encontramos outras dissertações realizadas no Pará, Mota (2017), Filho (2018) e Gomes (2020) que apresentaremos no próximo subtópico. No gráfico a seguir podemos verificar o número de pesquisas realizadas no período de 2017 a 2020 dentre estas, estão as três pesquisas realizadas no estado do Pará.

Gráfico 1 – Número de dissertações e teses sobre lexicologia e/ou terminologia realizadas do ano de 2017 a 2020.



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Se compararmos com as pesquisas encontradas atualmente, no período de 2007 a 2016, tivemos no intervalo de 9 anos uma média de 3,5 pesquisas a cada ano.

No período de 2017 à 2018 as pesquisas nessa área aumentaram bastante, apenas num intervalo de 1 ano, apesar de ainda serem poucas, tivemos um total de 11 pesquisas nesse período. A seguir podemos observar esse crescimento:

Quadro 2 – Trabalhos apresentados com a temática em terminologia e/ou lexicologia da língua de sinais do ano de 2017 a 2018

Nº	Autor	Trabalho
1.	Patricia Tuxi Dos Santos	A terminologia na língua de sinais brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue. 02/03/2017 232 f. Doutorado em Lingüística Instituição De Ensino: Universidade De Brasília, Brasília.
2.	Danilo Couto Teixeira De Carvalho	Calculibras – construindo um glossário de matemática em libras na web. 05/05/2017 112 f. Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão Instituição de Ensino: Universidade Federal Fluminense.
3.	Hadassa Rodrigues Santos	Processos de expansão lexical da libras no ambiente acadêmico. 10/02/2017 130 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica De Minas Gerais, Belo Horizonte.
4.	Vilma Rodrigues Cardoso	Terminografia da língua brasileira de sinais glossário de nutrição. 28/11/2017 132 f. Mestrado em Estudos de Tradução Instituição de Ensino: Universidade De Brasília, Brasília.
5.	Fabio Alexandre Santos	Expressões químicas sinalizadas nas mãos de intérpretes de libras. 04/12/2017 125 f. Mestrado Profissional em Ensino De Ciências E Matemática Instituição de Ensino: Universidade Estadual Da Paraíba, Campina Grande.
6.	Francielle Cantarelli Martins	Terminologia da libras: coleta e registro de sinais-termo da área de psicologia. 30/05/2018 undefined f. Doutorado em LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: Universidade Federal De Santa Catarina.
7.	Kassia Mariano De Souza Mendes	Libras e terminologia: estudo de sinais-terminos do setor automobilístico de Catalão-GO. 30/10/2018 164 f. Mestrado em Estudos Da Linguagem Instituição de Ensino: Universidade Federal De Goiás, Goiânia.
8.	Flavia Rech Abati	Proposta De Glossário Bilíngue: Terminologia Dos “Procedimentos De Tradução” Em Língua De Sinais Brasileira. 23/07/2018 129 f. Mestrado em Estudos de Tradução Instituição de Ensino: Universidade De Brasília, Brasília.
9.	Luciana Marques Vale	A importância da terminologia para atuação do tradutor e intérprete de língua de sinais brasileira: proposta de glossário de sinaistermo do processo judicial eletrônico. 06/07/2018 119 f. Mestrado em Estudos de Tradução Instituição de Ensino: Universidade De Brasília, Brasília.
10.	Erika Winagraski	O Ensino de Ciências para Surdos: Criação e Divulgação de Sinais em Libras' 13/07/2017 224 f. Doutorado em Ensino Em Biociências E Saúde Instituição de Ensino: Fundacao Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Rio de Janeiro.
11.	Lorena de Sousa Silva; Jéssica Girlaine Guimarães Leal; Gerson Ramalho Junior; Marco Antônio Dias da Silva;	Sinais específicos em Libras para o ensino Odontológico. Projeto de extensão. "Uso das TIC para Inclusão e melhoria da aprendizagem" do Grupo de Pesquisa "Teleducação e Telessaúde" UFCG/CNPq. Revista da ABENO • 18(2): 135-143, 2018 – DOI: https://doi.org/10.30979/rev.abeno.v18i2.533 .

Andresa Costa Pereira	
--------------------------	--

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

2.4.2 Pesquisas terminológicas em odontologia

Como destacado no quadro 2, na área da odontologia houve um projeto de extensão que foi realizado pelo grupo de pesquisa “Teleducação e Telessaúde” na linha de pesquisa “uso das TIC para inclusão e melhoria da aprendizagem” da Universidade Federal de Campina Grande – João Pessoa. O projeto intitulado “Odontologia em Libras”⁸ dispõe de 15 sinais-terminos da área da odontologia que serão incluídos no glossário proposto no presente trabalho, produto desta pesquisa.

Além do projeto de pesquisa citado acima, temos a pesquisa de mestrado de Cristiane Siqueira Pereira (2020, no prelo) com o objetivo de criar um glossário de uma subárea da odontologia, a ortodontia, em Libras com o tema “Novo modelo bilíngue de glossário português-Libras na área de ortodontia”.

Outro dicionário identificado foi o dicionário *on-line Spread the sign*. Ele é dividido em campos semânticos e reúne vocabulários de várias línguas de sinais. Encontramos nele uma seção de “saúde bucal” com sinais-terminos específicos da área e sinais que sofreram processo de terminologização.

Até então as principais universidades que abrigam pesquisas Terminológicas nas línguas de sinais são a UNB e a UFSC. No entanto, é importante destacar que no norte, em especial no estado do Pará, existem também pesquisas envolvendo os estudos do léxico e materiais didáticos resultantes de trabalhos com essas características. Vejamos algumas delas.

2.4.3 A Socioterminologia da Libras no Pará

No estado do Pará um dos trabalhos pioneiros com características terminológicas, foi uma cartilha desenvolvida em 1997 com objetivo de adequar os sinais usados na nossa região, visando a existência da variação linguística na Libras presente em outras regiões. A “Cartilha de Sinais Paraenses” de autoria dos professores Arlindo Gomes de Paula e João Bosco Ferreira, ambos professores da Secretaria de Educação do Estado (SEDUC) contém conjuntos de sinais de campos

⁸ Disponível no site: <https://sites.google.com/site/odontologiaemlibras/home/equipe>.

semânticos específicos, eles são: frutos do Pará, comidas típicas, cinemas e clubes, pontos turísticos e distritos e municípios do estado. A seguir um exemplo de um verbete em Libras de CUPUAÇU.

Figura 9 – Sinal “cupuaçu”



Fonte: Paula e Ferreira (1997, p. 24).

Na cartilha, o sinal de CUPUAÇU, apresenta o termo entrada em LP, a figura que representa o sinal em Libras e descrição fonológica do sinal.

O material foi elaborado para utilização no âmbito educacional para auxiliar no processo de educação de alunos surdos e como material didático para professores. Conforme os autores destacam, o material garante e valoriza “aspectos culturais e linguísticos do indivíduo surdo [...]” (PAULA e FERREIRA, 1997, p. 11).

Esse material foi um dos precursores dos trabalhos lexicográficos do Estado do Pará. Com base na descrição da metodologia aplicada de registro dos sinais, podemos dizer que foi adotado o princípio normalizador previsto na Terminologia. Os autores relatam:

Não houve escolha de sinais visando agradar a grupos de surdos. A escolha foi feita cuidadosamente e após inúmeros questionamentos, em que o próprio surdo participou diretamente das discussões e execuções das tarefas. Foram criados sinais mais condizentes com os aspectos da realidade social (PAULA e FERREIRA, 1997, p. 11).

Apesar de o processo de criação e registro dos sinais ter levado em consideração a realidade social da nossa região, não foram levadas em conta as variações linguísticas da Libras da própria região. É possível que esse fenômeno normalizador para registros de sinais acontecesse em virtude da Libras estar começando a se estabelecer enquanto língua no meio educacional, nesse sentido,

assim como ocorrera no INES, quando o primeiro dicionário de sinais foi criado por Flausino José da Gama, esse material didático serviria para a padronização comunicacional no meio escolar, uma das funções da Terminologia conforme mencionado por Barros (2004).

Destacamos outra obra paraense, mais recente de grande relevância para o estado da Pará, o sinalário de Libras “Cidades do estado do Pará em Libras” de SANTIAGO-VIEIRA *et al.* (2018). Essa publicação de cunho lexicográfico/terminográfico teve como objetivo registrar os sinais em Libras dos municípios do Pará. De acordo com o prefácio, o material é proposto para dar suporte ao ensino de Libras.

Analisando o material, observamos que a metodologia usada para o registro dos sinais-termos seguiu o princípio da normalização da Terminologia, pois os autores levaram em consideração o sinais dos municípios do Pará em Libras do ponto de vista sincrônico. Entretanto, os autores reconhecem a variação terminológica dos sinais-termos e também seguem os moldes de uma pesquisa socioterminológica. Podemos afirmar isso, pois os autores declaram que

Os sinais catalogados podem apresentar diferenças em relação a outros glossários de sinais-termos dos municípios do Pará. Não queremos com isso desvalorizar outras produções, mas sim mostrar as sinalizações atuais utilizadas pelas comunidades Surdas dos municípios pesquisados. (SANTIAGO-VIEIRA *et al.*, 2018, p. 27-28).

Figura 10 – Sinal “Bragança”



Fonte: Santiago-Vieira *et al.* (2018, p. 45).

O verbete apresenta o termo entrada em LP, a figura representando a sinalização do termo em Libras e figura da bandeira do município de Bragança representando o conceito. Além disso, na nota de rodapé foi registrado que aquele termo é utilizado pela comunidade surda de todo estado do Pará.

Outras pesquisas no campo da Lexicologia e da Terminologia em Libras dentro de programas de pós-graduação foram realizadas. Só no estado do Pará,

identificamos duas dissertações de mestrado na área da Lexicologia e da Terminologia, as duas pesquisas de mestrado desenvolvidas no programa de pós-graduação (*stricto sensu*) em Educação (PPGED) da Universidade do Estado do Pará (UEPA), uma de autoria de Carina da Silva Mota (2017) com a dissertação intitulada “*Glossário visual bilíngue na educação de surdos: estudos sociolinguístico na língua brasileira de sinais*” e a outra dissertação de autoria de Uisis Paula da Silva Gomes (2020) intitulada “*A criação de sinais-termo do Ballet Vaganova em Libras*”. E, uma pesquisa realizada no Programa de Pós-graduação em Educação em ciências e matemáticas (PPGECM) da UFPA de José Sinésio Torres Gonçalves Filho (2018) com o tema “*Signwriting da Linguagem Matemática para o ensino de Geometria Plana*”. A seguir, faço uma breve síntese a respeito de cada uma dessas pesquisas:

Mota (2017) realiza uma pesquisa que utiliza os dados produzidos pela pesquisa *Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais* coordenado pela Professora Dr^a Ronice Müller de Quadros da Universidade Federal de Santa Catarina. Mota (2017) utiliza o glossário registrado com termos regionais e suas variações linguísticas nos Campos semânticos: Cores, Calendário, Família e Membros, Alimentos, Frutas, Legumes, Bebidas, Regiões Brasileiras, Região Sul, Nordeste, Sudeste, Norte e respectivos estados. A autora afirma que a pesquisa é de Sociolinguística, no entanto, a base metodológica da socioterminologia é utilizada para “harmonizar e deixar mais clara a padronização do glossário a partir dos dados do inventário de Língua Brasileira de Sinais” (MOTA, 2017, p. 20).

A pesquisa de Gomes (2020) teve como objetivo a criação de sinais-terminos do *ballet Vaganova em Libras*. Utilizando as bases de uma pesquisa socioterminológica, a pesquisadora, a partir de suas experiências no ensino do *ballet* americano para surdos na Escola de Teatro e Dança da UFPA, propôs a criação de um glossário com sinais-terminos dessa área de especialidade, levando em consideração a vivência dos usuários dessa língua de especialidade e o contato que eles tiveram com o vocabulário durante as aulas.

O trabalho de Filho (2018) teve como objetivo, “realizar o registro em *SignWriting* dos sinais-terminos da Geometria a partir do levantamento desses sinais em sites institucionais, multimídia e livros”. O pesquisador surdo paraense fez um trabalho socioterminológico, uma vez que reuniu os sinais existentes nos dicionários do léxico comum em um glossário terminológico de geometria plana em Escrita de

sinais utilizando o sistema *SignWriting* (SW) da Libras e em Língua Portuguesa, contendo termos entrada em Língua Portuguesa e sinais-termos em SW, definição e contexto de uso em SW.

Esse levantamento sobre os glossários e dicionários produzidos mostram que a atividade no campo terminológico das Línguas de Sinais existe, no entanto, é necessário que esse campo seja mais explorado e tenhamos novos registros publicados no estado do Pará, pois essas atividades tem relação com as políticas de valorização linguística das línguas minoritárias.

2.5 A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

A Língua Brasileira de Sinais é a Língua de Sinais utilizada pela comunidade surda brasileira para se comunicar. A sigla utilizada para se referir a ela é Libras. Como o próprio nome já diz, ela é brasileira, isso significa que cada país tem a sua própria língua de sinais. Nos Estados Unidos, é a Língua Americana de Sinais (ASL⁹), na França é a Língua de Sinais Francesa (LSF) e assim sucessivamente. Entretanto, assim como existem alguns países que falam a mesma língua oral, como é o caso da Inglaterra e dos Estados Unidos, há países que usam a mesma Língua de Sinais, porém com suas marcas sociolinguísticas.

No Brasil, a Libras foi reconhecida como meio de comunicação da comunidade surda por meio da Lei nº 10.436/2002 (Lei da Libras), e esta lei foi regulamentada três anos mais tarde pelo Decreto nº 5.626/2005.

Após o fomento da legislação e das lutas do povo surdo, a Libras passou a ser reconhecida cada vez mais como língua nas escolas, nos espaços públicos, nas faculdades e universidades entre outros setores. Dessa forma, talvez nos perguntemos: Que língua é essa? De onde veio? Ela também sofre processo de mudança e variação linguística? No presente trabalho pretende-se apresentar a relação da variação linguística e socioterminológica presentes na língua de especialidade objeto de estudo dessa pesquisa, isto é, a terminologia da odontologia em Libras, e para isso, é importante que antes conheçamos uma breve história da Libras, sua natureza e funcionamento, sua estrutura gramatical e as suas características linguísticas.

⁹ *American Sign Language*.

2.5.1 Um breve histórico da Língua Brasileira de Sinais

No Brasil imperial, por volta do ano 1850, Dom Pedro II decide trazer da França um professor surdo chamado E. Huet com o objetivo de fundar a primeira escola para surdos e mudos brasileiros. A Libras evoluiu a partir do século XIX com a chegada de Huet, no ano de 1855, que trouxe em suas mãos a LSF. Assim, no ano 1857, no Rio de Janeiro, foi fundado o Instituto Imperial de Surdos-Mudos, conhecido atualmente como o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) localizado na capital do Rio de Janeiro.

Vinte anos mais tarde, o primeiro registro da Libras foi criado. Um dicionário para facilitar a comunicação entre surdos e ouvintes do INES intitulado *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* de autoria de Flausino José da Gama. Na verdade esse dicionário era a reprodução do dicionário em LSF adaptado para o Português do Brasil. Diniz (2010) salienta que “possivelmente alguns sinais desta *Iconographia* foram encaixados na língua de sinais presente nesta comunidade escolar” (DINIZ, 2010, p. 21).

A liberdade de uso da Libras na educação dos surdos do INES não durou muito tempo. Em 1880, ocorreu o II Congresso Internacional de Surdos ocorrido em 1880, em Milão na Itália, conhecido como o Congresso de Milão. A partir das decisões tomadas nesse congresso, as línguas de sinais foram proibidas na maioria das escolas no processo de educação dos surdos no mundo todo.

Uma das resoluções desse congresso foi o estabelecimento do *método oral puro* em detrimento da língua de sinais, afim de restabelecer a fala das pessoas “surdas-mudas” e reintegrá-las na sociedade. Os idealizadores desse método afirmavam que a língua de sinais prejudicava o desenvolvimento da fala oralizada pelo sujeito surdo.

Wrigley (1996) esclarece o que é o *oralismo*: “O oralismo é o nome dado a essas abordagens que enfatizam a fala e a amplificação auditiva que implica numa rejeição rigorosa e estrita de qualquer uso da língua gestual” (WRIGLEY, 1996, p. 16 apud GONÇALVES, 2016, p. 101).

A partir de então os sujeitos surdos enfrentaram um longo período de dificuldade e repressão. Esse fato histórico fez com que a Libras fosse rejeitada e desprezada na sociedade e nos espaços educacionais.

Apesar de tantas proibições e da concepção que as pessoas tinham com respeito às Línguas de Sinais como forma de comunicação inferior, ela prevaleceu e resistiu diante da desvalorização linguística. Gesser (2009, p. 26) disse que “enquanto tivermos dois surdos compartilhando o mesmo espaço físico, haverá sinais”, na verdade, enquanto existir um surdo em contato com alguém, ainda que esse alguém seja ouvinte, mas que reconheça a língua de sinais como forma de se comunicar natural das pessoas surdas, haverá sinais.

Além dos movimentos surdos de resistência, as pesquisas científicas linguísticas também foram responsáveis por uma boa parte do reconhecimento da Libras enquanto língua. Essas pesquisas cresceram consideravelmente a partir dos anos 80 e 90. Pesquisadoras como Tanya Felipe (1989), Lucinda Ferreira Brito (1995), Ronice Müller de Quadros e Lodenir Karnopp (2004) foram uma das primeiras a publicarem pesquisas relacionadas à descrição gramatical da Libras.

A partir de então as investigações linguísticas cresceram gradativamente, não somente sobre a estrutura, mas também sobre aquisição, o uso e o funcionamento das línguas de sinais (QUADROS e KARNOPP, 2004).

Apenas no início do século XXI é que começa a se pintar um novo cenário de reivindicações linguísticas e educacionais embasadas em leis. A Lei da Libras e seu Decreto regulamentador, a Lei da acessibilidade (Lei nº 10.098/ 2000), a Lei Brasileira da Inclusão (Lei nº 13.146/2015) dentre outras tantas que compõe um conjunto de garantias e deveres do estado com a promoção da acessibilidade linguística e a educação bilíngue.

A história da Libras nos ajuda a refletir que avanços aconteceram, no entanto, ainda temos muito a avançar linguisticamente no que diz respeito ao campo técnico e especializado e as terminologias em língua de sinais.

Para tanto, é necessário compreender o funcionamento das Línguas de Sinais. A seguir fazemos um breve resumo das principais características das Línguas de Sinais.

2.5.2 Natureza e funcionamento das Línguas de Sinais

Muitos acreditam que a Língua de sinais é uma forma de comunicação que não tem estrutura de língua. Por isso, é comum observarmos algumas pessoas se

referirem às línguas de sinais como “linguagem de sinais”, até mesmo em documentos oficiais, em leis e cargos públicos é frequente a ocorrência desse termo.

Tal fato se arrasta por séculos, pois acreditava-se que os surdos se comunicavam por meio de gestos e mímicas, isso resultou num rebaixamento de status linguístico. Infelizmente, apesar de vivermos em uma sociedade globalizada com estudos avançados nas línguas de sinais, as representações primitivas sobre as línguas de sinais ainda continuam arraigadas no imaginário social.

Desse modo, é importante que entendamos que as línguas de sinais são de modalidade visual-espacial, isto é, o canal visual é por onde os falantes de uma língua sinais apreendem as informações e o sistema motor é o meio usado para produzir as informações com os movimentos dos braços, expressões faciais e corporais. Em contraste com as línguas orais, que são de modalidade oral-auditiva, ou seja, os canais usados para produzir e receber informações são os canais fonoarticulatório e auditivo respectivamente. Essa diferente modalidade talvez cause estranhamento em algumas pessoas, pois de acordo com Ferreira (2010, p. 11)

O canal visuo-espacial pode não ser o preferido pela maioria dos seres humanos para o desenvolvimento da linguagem, posto que a maioria das línguas naturais são orais-auditivas, porém é uma alternativa que revela de imediato a força e a importância da manifestação da faculdade de linguagem nas pessoas.

A autora nos traz a atenção para o fato de que mesmo os seres humanos desprovidos do sentido da audição são capazes de desenvolver a faculdade da linguagem, isto é, são capazes de se comunicar. Essa afirmativa corrobora com o que Gesser (2009, p. 12) diz a respeito do impulso para a comunicação: “podemos dizer que o que é universal é o impulso dos indivíduos para comunicação e, no caso dos surdos, esse impulso é sinalizado”. Ainda segundo Ferreira (2010), as línguas de modalidade visuo-espacial, apesar de serem em menor número, também são línguas naturais.

Nesse sentido, pesquisas constataam que as línguas de sinais tem os mesmos traços linguísticos encontrados nas línguas orais. (Cf. QUADROS e KARNOPP, 2004). Com base nesses traços, as línguas de sinais e as línguas orais são consideradas línguas naturais, mesmo assim, as línguas orais tem *status* que sobrepõe às línguas de sinais no imaginário social, porém para Saussure (2006) a função da linguagem e a forma como ela se manifesta quando produzimos por meio

da fala não é totalmente natural, ou seja, que nosso aparelho fonoarticulatório não tenha sido feito para falar, “assim como nossas pernas para andar”. O linguista justifica a sua afirmação ao citar Whitney:

Para Whitney, que considera a língua uma instituição social da mesma espécie que todas as outras, é por acaso e por simples razões de comodidade que nos servimos do aparelho vocal como instrumento da língua; os homens poderiam também ter escolhido o gesto e empregar imagens visuais em lugar de imagens acústicas. (SAUSSURE, 2006, p. 17).

Essa afirmação de Saussure nos remete à história da educação de surdos no mundo quando no século XVI o monge beneditino Pedro Ponce de Leon que vivia em um monastério na Espanha em 1570 se comunicava por meio de sinais rudimentares, pois, os monges faziam voto de silêncio (HONORA, 2009). Ele foi um personagem importante na história, pois, foi ele quem “ensinou filhos dos nobres a falar e desenvolveu uma metodologia de educação de sujeitos Surdos que incluía a datilologia” (GONÇALVES, 2016, p. 97).

Posto que as Línguas de Sinais são línguas naturais e que é totalmente natural o uso do sistema visual e motor para se comunicar, vejamos como se dá a estrutura dos sinais nos níveis fonológicos e morfológicos com base nos estudos de Stokoe (1960), Ferreira (2010) e Quadros e Karnopp (2004).

2.5.2.1 Os parâmetros gramaticais das Línguas de Sinais

Por meio das pesquisas de Stokoe (1960) sobre a Língua Americana de Sinais ele pode descrever a estrutura dos sinais. Ele propôs um esquema linguístico estrutural para tentar explicar como os sinais se formavam decompondo-os em três principais parâmetros, a saber, Configuração de mão (CM), Localização da mão (L) e Movimento (M). Sua proposta era chamar cada uma dessas unidades que formam os sinais de *quirema* em substituição ao termo *fonema*, e, ao estudo de suas combinações ele propôs chamar de *quirologia* (do grego mão)¹⁰ em substituição ao termo *fonologia*. Entretanto, a segunda geração de pesquisadores da ASL decidiu continuar usando os termos tradicionalmente usados em linguística para deixar

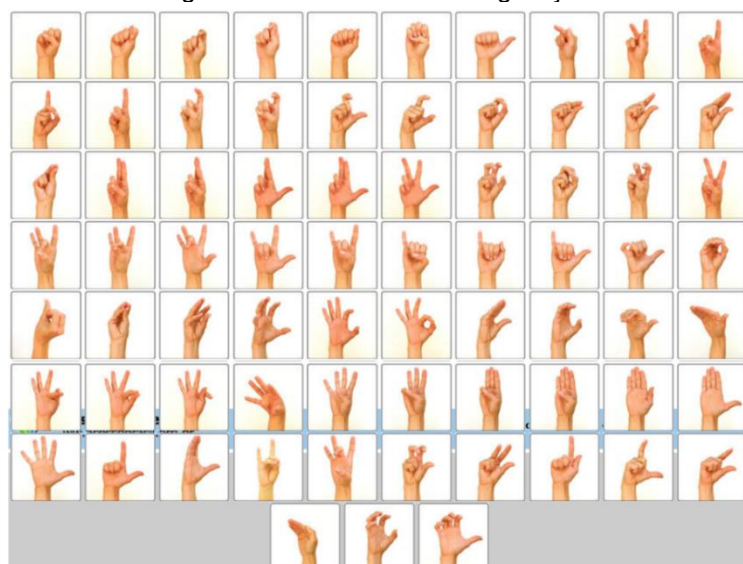
¹⁰ “Quirologia: Arte de conversar por meio de sinais feitos com os dedos; dactilologia (Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 1986)” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 48).

evidente os paralelos existentes entre as línguas orais e as línguas de sinais. (Cf. QUADROS e KARNOPP, 2004).

Seguindo os mesmos princípios de Stokoe, Ferreira (2010) em seus estudos descritivos das línguas de sinais apresenta alguns aspectos linguísticos. Nos estudos fonológicos, as línguas de sinais possuem parâmetros primários e secundários, isto é, pares mínimos que compõe um sinal. De acordo com Ferreira (2010) os parâmetros primários são: Configuração da(s) mão(s), Ponto de Articulação e Movimento. A seguir, uma breve síntese de cada um deles.

Configuração da(s) mão(s) (CM): Posição das mãos e dos dedos na realização de um sinal. Essas posições não se restringem apenas àquelas do alfabeto manual, o inventário das CMs é muito mais numeroso do que as que compõe o alfabeto manual. Atualmente, no dicionário *on-line* de Língua Brasileira de Sinais¹¹ do [acesso brasil.org.br](http://www.acessibilidadebrasil.org.br) existem 73 CMs, o grupo de estudos do Instituto Nacional de Surdos – INES contabilizou cerca de 79 CMs. Mas já temos pesquisas que coletaram cerca de 91 CMs usadas na Libras.

Figura 11 – Quadro de Configurações de Mão

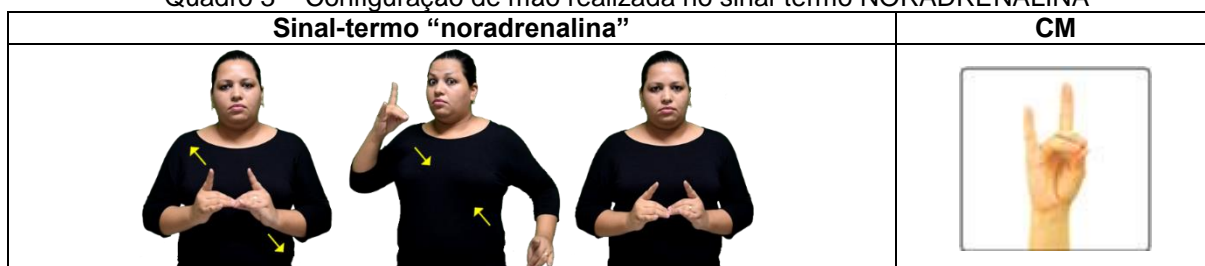


Fonte: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/

Para que um sinal seja compreendido com o seu significado correto é importante que realizemos o formato correto da mão e dos dedos. Vejamos a título de exemplo o sinal-termo “noradrenalina” no quadro a seguir:

¹¹ Disponível no endereço: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/

Quadro 3 – Configuração de mão realizada no sinal-termo NORADRENALINA



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

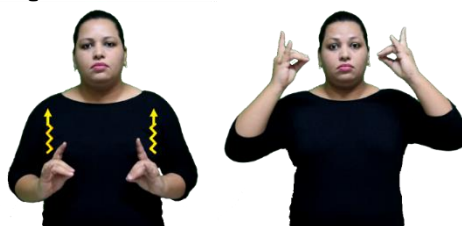
O sinal-termo acima é realizado com as mãos direita e esquerda com os dedos indicadores e mínimos estendidos para cima, dedos polegares, médios e anelares flexionados com as pontas encostadas umas nas outras. Se a forma da mão, isto é, a configuração de mão, fosse outra, não corresponderia ao significado do sinal-termo “noradrenalina”, ou ainda, não teria nenhum significado em Libras. Portanto, realizar os sinais com a CM adequada e correta é tão importante quanto pronunciar as palavras de uma língua oral de forma correta e correspondente para que a comunicação aconteça.

Ponto de articulação (PA): Também conhecido como Locação. Esse parâmetro se refere à uma região, ao local, do corpo que o sinal é produzido. Os sinais articulados em frente ao tronco afastado do corpo, são realizados no “espaço neutro” ou podem ser realizados em contato com o próprio corpo.

Quadros e Karnopp (2004) apresenta uma compilação dos possíveis PA para realizar os sinais, originalmente apresentados por Ferreira-Brito e Langevin (1995) como, as diversas partes da cabeça, as diversas partes do tronco, as diversas partes das mãos e espaço neutro. (Cf. QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 58).

Para ilustrar, vejamos um exemplo de um sinal-termo que compõe o glossário do curso de odontologia com o parâmetro PA:

Figura 12 – Sinal-termo ADRENALINA



Fonte: Arquivo pessoal.

No sinal-termo “adrenalina”, o PA para a realização do sinal é em frente ao tronco sem contato com o corpo, denominado, espaço neutro.

Movimento (M): esse parâmetro pode conter uma série de movimentos complexos. Movimentos em várias direções e formatos diferentes, movimento dos dedos, das mãos, dos pulsos e dos antebraços. Pode ser realizado apenas um movimento ou um conjunto de movimentos. Eles podem ser em linhas curvas, retas, sinuosas, circulares ou semicirculares em várias direções e posições (FERREIRA, 2010). Por exemplo, o sinal-termo “bioquímica” possui vários tipos de movimentos, veja:

Figura 13 – Sinal-termo BIOQUÍMICA



Fonte: Arquivo pessoal.

Esse sinal-termo é composto por dois sinais, “mundo+química” e tem três tipos de movimento. O dois primeiro ocorrem concomitantes, à medida que os dois braços seguem em linha reta para o lado direito da sinalizadora, os dedos da mão direita se movimentam fechando um a um. O terceiro movimento é de rotação semi-circular do pulso da mão direita quando o sinal de “química” é realizado.

Outros tipos de movimento são apontados por Estelita (2007), como podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 4 – Relação dos movimentos realizados na sinalização

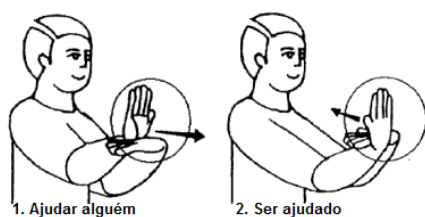
Movimentos externos à mão	Movimentos internos à mão
Para frente	Abrir a mão
Para trás	Fechar a mão
Para frente e para trás	Abrir e fechar a mão
Para cima	Flexionar os dedos na primeira articulação
Para baixo	Flexionar os dedos na segunda articulação
Para cima e para baixo	Unir e separar os dedos
Para a direita	Friccionar de dedos
Para a esquerda	Tamborilar de dedos
Para direita e para a esquerda	Dobrar o pulso
Diagonal para cima e esquerda	Movimentar o pulso lateralmente
Diagonal para cima e direita	Girar o pulso
Diagonal para baixo e esquerda	
Diagonal para baixo e direita	
Girar o antebraço	
Circular vertical	
Circular horizontal	
Circular frontal	

Fonte: Estelita (2007).

Os três parâmetros, CM, PA e M, que acabamos de ver foram os parâmetros primários, vejamos agora os parâmetros secundários, segundo a descrição de Ferreira (2010) e de Quadros e Karnopp (2004). São secundários, mas não menos importantes na organização fonológica das línguas de sinais. São eles: a *Orientação da(s) mão(s)* e as Expressões não-manuais.

Orientação da(s) mão(s) (Or): direção da palma da mão quando um sinal é realizado. As direções podem ser para frente, para dentro, para cima, para baixo, para esquerda e para a direita. (FERREIRA, 2010) Esse parâmetro não foi inserido inicialmente nas pesquisas realizadas por Stokoe, no entanto, mais tarde pesquisadores das línguas de sinais acharam que a inserção desse parâmetro seria relevante, haja vista que há alguns sinais que mudam de significado apenas pela posição das mãos. (QUADROS e KARNOPP, 2004)

Figura 14 – Sinal AJUDAR



Fonte: Gesser (2009, p. 16)

O verbo flexional “ajudar” representado pela figura 14 apresenta Orientação da mão ora para trás, ora para frente, essa mudança representa mudança de significado. Em (1) quando a palma da mão está voltada para frente, significa que a ajuda parte da primeira pessoa (eu) para a segunda pessoa (você), e em (2) quando a palma da mão está voltada para trás, significa que a ajuda parte da segunda pessoa (você) para primeira pessoa (eu).

Expressões não-manuais (ENM): As expressões faciais e corporais desempenham um papel muito importante na realização de um sinal. Compõe um conjunto com os parâmetros primários no que diz respeito à diferenciação de significado de um sinal. É por meio dessas expressões que podemos identificar se o sujeito está se sentindo bem ou mal, se está fazendo uma pergunta, uma afirmação ou uma negação. Também podem ser considerados elementos prosódicos das

línguas de sinais. Apenas uma expressão facial pode mudar totalmente o significado do léxico, como no exemplo a seguir:

Figura 15 – Sinais SÁBADO e LARANJA



Fonte: Brito *et al.* (2012).

O sinal “sábado” e o sinal “laranja”, a fruta, mudam de significado apenas por meio de uma expressão facial. Essa expressão é icônica, pois é muito parecida com a forma do ato de chupar uma laranja, modificando totalmente o significado do léxico.

Estelita (2007) denomina alguns movimentos relacionados com as expressões faciais como os movimentos de negação e afirmação de cabeça, língua na bochecha e língua para fora, corrente de ar e vibração dos lábios, movimento lateral do queixo, murchar e inflar as bochechas, abrir a boca e piscar os olhos.

Os parâmetros primários e os secundários podem estar presentes simultaneamente em um sinal, mas nem todos os sinais são compostos por todos os cinco parâmetros. Isso torna a Língua de Sinais multidimensional diferente das línguas orais que são lineares.

Além dos parâmetros, a Libras possui outras características gramaticais. Quando existem coisas a nossa volta que não possuem um sinal definido em Libras, outras alternativas gramaticais são usadas para dizer algo que não tem uma denominação convencionalizada entre os falantes dessa língua. Os Classificadores podem ajudar na produção imagética. Vejamos o que são Classificadores.

2.5.2.2 Os Classificadores

Classificadores (Cls) são morfemas que compõem a sintaxe tanto das línguas orais, quanto das línguas de sinais. Algumas línguas fazem o uso dos Cls mais do que outras. No caso das línguas de sinais elas são línguas multidimensionais, portanto, o espaço é usado para realizar vários tipos de Cls.

Nesse sentido, Ferreira (2010, p. 102) diz que “o CI é, pois, um morfema afixado a um item lexical, atribuindo-lhe, assim, a propriedade de pertencer à determinada classe”. Os CIs em língua de sinais podem assumir a função de nome, adjetivo, advérbio de modo ou locativo. Contudo, eles passam a se incorporar nos verbos ou nos adjetivos sendo assim uma língua que apresenta numerosas ocorrências de CIs-predicativos.

O termo classificador usado nas línguas orais diferem nas construções usadas para as línguas de sinais, pois, os aspectos presentes nessas construções são fortemente influenciadas pela modalidade visual-espacial. Todavia, “quando um classificador entra no léxico nuclear, ele segue padrões de lexicalização encontrados nas línguas naturais, independentemente da natureza específica da modalidade” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 93).

Por conta dessa imprecisão terminológica, alguns pesquisadores vem denominando os classificadores em línguas de sinais de *semiótica imagética*. Uma das pesquisadoras que vem difundindo essa nova terminologia é Campello (2007), ela diz que *semiótica imagética*

é um estudo novo, um novo campo visual onde se insere a cultura surda, a imagem visual dos surdos, os olhares surdos, os recursos visuais e didáticos também. Quero esclarecer que isto não é um gesto ou mímica, e sim signo. É a imagem em Língua de Sinais, onde vocês podem transportar qualquer imagem ou signos em desenhos ou figuras em Língua de Sinais [...]. Vocês podem usar os braços, os corpos, os traços visuais como expressões corporais e faciais, as mãos, os dedos, os pés, as pernas em semiótica imagética. (CAMPELLO, 2007, p. 106)

Apesar desse novo paradigma o termo *Classificadores* ainda é bastante recorrente entre pesquisadores e estudantes das línguas de sinais. Por isso, nesse trabalho iremos usar o termo *Classificadores*.

Ferreira (2010) afirmou que o uso dos CIs nas línguas de sinais tende a ser transparente e icônico. No entanto, ocorre que alguns sinais sofrem o processo de estratificação, o que acarreta na perda de transparência semântica. A seguir, mostramos por meio de um exemplo, esse processo, com o sinal-termo “prótese dentária”.

Figura 16 – Sinal-termo PRÓTESE DENTÁRIA



Fonte: Arquivo pessoal.

Esse sinal inicialmente era entendido, e ainda é, como COLOCAR-DENTADURA/PRÓTESE, no entanto, num processo de estratificação, hoje ele também é um sinal-termo para “prótese dentária”, a especialidade da odontologia que tem o objetivo de reconstruir os dentes parcialmente destruídos ou repor os dentes ausentes; e, também significando o próprio objeto, a “prótese” ou “dentadura”. O sinal-termo resultado da estratificação sempre vai ser dessa forma, ele não varia. Já o outro sinal é denominado *produtivo* no sentido de que a sua realização depende do objeto a ser colocado, ele sofre variação (FERREIRA, 2010). Com isso, “dependendo da situação de enunciação ou do evento narrado, variará o tipo de CI a representar os seres envolvidos no evento, preservando, dessa forma, a iconicidade na representação dos seres” (FERREIRA, 2010, p. 103).

Portanto, os CIs nas línguas de sinais podem se modificar de acordo com a forma do objeto, pessoa, local e ação. Eles podem também sofrer um processo de lexicalização ou, como temos um caso de sinal-termo, um processo de terminologização.

2.5.2.3 A iconicidade das Línguas de Sinais

A palavra iconicidade vem do termo icônico, e, de acordo com o dicionário *online priberam*, esse termo vem do grego *eikónikos*, que representa, que reproduz, que foi criado. Que representa com exatidão; que tem uma relação de semelhança com o referente¹². Daí, a afirmação de Taub (2012 apud QUADROS, 2019, p. 121) que define em termos simples o que é iconicidade: “é que os sinais parecem o que significam”.

Outra conceituação para iconicidade em relação aos sinais da língua de sinais destacado por Capovilla, Sozonov et al. (1997 apud MARTINS, 2017) diz que a

¹² ICÓNICO. *In*: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/ic%C3%B3nico>.

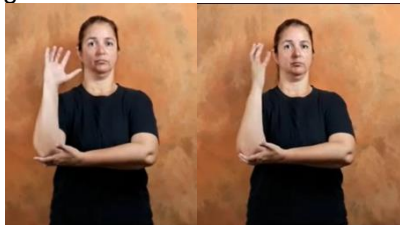
iconicidade tem relação com a “clareza denotativa ou à precisão com que ele representa seu significado” (MARTINS, 2017, p. 84). O autor destaca que os sinais têm três graus de iconicidade: transparência, translucência e opacidade.

Os sinais transparentes são aqueles de fácil compreensão, isto é, os observadores não têm dificuldades de compreender o seu significado. Os sinais com iconicidade translúcida, são aqueles com características um pouco mais abstratas e arbitrarias, ou seja, ele tem um nível de dificuldade de compreensão pelos seus observadores um pouco maior. E, os sinais com iconicidade opaca, tem os seus significados abstratos e arbitrários, sendo que os seus observadores não conseguem compreender seu significado apenas visualmente.

Quadros (2019) discute o conceito de iconicidade com base em Taub (2012), ele diz que na iconicidade não há necessariamente transparência, pois isso não é um critério, já que nem sempre o sinal acarreta “uma relação de transparência com os seus referentes”. Essa afirmação se mostra verdadeira, pois, muitas vezes, pessoas que não conhecem língua de sinais não identificam a iconicidade no sinal produzido.

A iconicidade também implica fatores sociais e culturais. Quando uma criança surda tenta se comunicar com os familiares, que muitas vezes não sabem Língua de Sinais, elas criam os sinais caseiros relacionados com o ambiente a qual ela vive. Portanto, a criação de um sinal envolve fatores subjetivos. Um exemplo que podemos observar, é o sinal de ÁRVORE na Libras e na Língua de Sinais Japonesa – LSJ. Veja nas figuras a seguir:

Figura 17 – Sinal ÁRVORE em Libras



Fonte: spreadthesign.com

Figura 18 – Sinal ÁRVORE em LSJ



Fonte: spreadthesign.com

A motivação para convencionalização do sinal de ÁRVORE em Libras não foi a mesma na LSJ. Enquanto que para os falantes de Libras a iconicidade representativa do objeto foram os troncos e as folhas, em LSJ a motivação icônica baseou-se, aparentemente, apenas na forma do tronco da árvore. Talvez a

motivação tenha sido pelo fato de que no Japão, as árvores mais comuns, o *matsu* e o *sugi*, espécies de pinheiros e cedros, sejam comuns na região. Essas espécies de pinheiro de grande porte podem chegar até 40 metros de altura, e os troncos dos cedros podem chegar até cerca de 16 metros de circunferência¹³.

Curiosamente os sinais para ÁRVORE na LSF e na ASL são idênticos em Libras. Isso, possivelmente, se deve ao fato de que, tanto a ASL quanto a Libras, tem forte influência da LSF e, provavelmente os surdos americanos e brasileiros herdaram a convencionalização desse sinal realizada pelos surdos franceses. Na China o sinal realizado para ÁRVORE é idêntico ao sinal em LSJ, o que pode indicar que as línguas de sinais asiáticas tenham origem em comum¹⁴.

Bem, seria necessária uma pesquisa específica para chegarmos a uma resposta, no entanto, essa breve análise mostrou que os sinais são criados de acordo com a subjetividade e do que os sujeitos dispõem ao seu redor para fazer a relação icônica entre o sinal e o objeto.

Os sinais icônicos denotam conceitos, os gestos estão diretamente ligados aos eventos. No entanto, esses dois, gestos e iconicidade, têm uma relação de separação indissociável. Evidência disso são os classificadores que revelam uma representação imagética de algo de cunho gestual essencialmente icônico.

A iconicidade é muito comum em todos os tipos de línguas, entretanto, nas línguas de sinais é mais perceptível devido a sua modalidade visual-espacial. Essa é uma forma comum de criação lexical, “estruturas icônicas convencionais emergem por meio da repetição de sobreposição de imagens mentais e referentes” (QUADROS, 2019, p. 125).

Com isso, do ponto de vista da linguística, evidenciou-se que a iconicidade das línguas de sinais está mais para o âmbito da semântica e da pragmática, embora Quadros (2019) afirma que a iconicidade das línguas de sinais permeiam por todos os níveis linguísticos.

¹³ Plantas típicas do Japão. Disponível em: <https://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/floraefauna.html>

¹⁴ A comparação dos sinais para denominar o léxico ÁRVORE em várias línguas de sinais foi realizada por meio do site <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/?q=%C3%A1rvore>.

2.5.3 Formação de palavras na Libras

As línguas de sinais, assim como as línguas orais, apresentam dupla articulação, ou seja, os morfemas, unidades significativas, são constituídos a partir de unidades arbitrárias e sem significados, os fonemas. A organização fonológica das línguas de sinais tem características principalmente simultânea, isso significa dizer que os parâmetros (pares mínimos) usados para realizar os sinais são produzidos ao mesmo tempo e não em sequência como ocorre com as palavras de uma língua oral.

Quadros e Karnopp (2004, p. 95) mostram que por meio de um experimento com os sinais, realizado por pesquisadores das línguas de sinais, “o padrão de recombinação de morfemas foi tomado como evidência de que sinalizadores decodificam a forma-base e a flexão morfológica separadamente”.

Esses mecanismos gramaticais utilizados nas línguas de sinais permitem a compreensão e a possibilidade de modificações nos léxicos/sinais.

A formação de palavras e a derivação surge a partir do momento que um grupo social linguístico necessita preencher as lacunas lexicais existentes no discurso. No entanto, essas novas unidades lexicais (UL), assim como as unidades terminológicas (UT), não surgem do nada. De acordo com Correia e Almeida (2012), a criação de novas palavras *ex nihilo*, ou seja, a criação de novas palavras a partir do nada é um processo muito raro nas línguas, pois os falantes tem a tendência de criar palavras por analogia se baseando em elementos que já existem.

Nesse sentido, conforme Faria-Nascimento (2009), esse processo ocorre por empréstimo ou por construção. No caso da construção terminológica para o preenchimento de lacunas na comunicação especializada, os mecanismos linguísticos de construção são muito parecidos com os mecanismos linguísticos encontrados na construção lexical.

Faria-Nascimento (2009, p. 59) afirma que esses mecanismos linguísticos ocorrem porque “Terminologia é léxico, e um lexema, unidade do léxico, ganha estatuto de termo, unidade da Terminologia, no contexto das linguagens de especialidade. No espaço abstrato de construção de palavras o mecanismo linguístico é praticamente o mesmo”.

Faria-Nascimento (2009) reforça ainda, de acordo com a afirmação de Lara (1999), que a criação de termos e a formação de palavras do léxico comum não se diferem muito. A diferença entre os dois é que

“Vocábulos da língua comum se formam no cerne da comunidade linguística como efeito da divisão social do trabalho e como resultado de interesses históricos da comunidade, pelo que está sempre definido no contexto cultural” e “o termo especializado se forma por impulsos tecnológicos, comerciais ou científicos quando se apresenta a necessidade de delimitar com total precisão os objetos ou os conceitos de uma teoria, um método ou um procedimento” (LARA, 1999, p. 53 apud FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 59).

Antes de apresentarmos os processos de formação dos sinais em Libras, é importante ponderar as questões de formação de novas palavras, isto é, neologismos.

2.5.3.1 Neologismos nas línguas de especialidade e nas Línguas de sinais

O neologismo é um fenômeno que ocorre em todas as modalidades de língua, orais ou sinalizadas. Durante a vida de um indivíduo, o componente lexical vai variando, isto é, todos os falantes aprendem palavras desconhecidas diariamente. E, nem todos os indivíduos, falantes de uma mesma língua, conhecem exatamente as mesmas palavras.

À medida que a vida acadêmica da pessoa evolui, ela aprende novas palavras e novos termos que passam a fazer parte do léxico usado ao longo de suas experiências vividas, no ambiente universitário, no ambiente de trabalho e no meio social ao qual pertence.

Além disso, a língua é um sistema dinâmico e está sujeita à criação de novas palavras/sinais ou modificações. Ela está em constante dinamismo, diacronicamente ou sincronicamente.

Correia e Almeida (2012) salientam que um neologismo é sentido pela comunidade linguística como uma nova unidade lexical em um dado momento. Uma palavra que foi usada em um momento no passado e caiu em desuso, pode voltar a ser usada e ser considerada como neologismo para os falantes que a desconhecem. Nesse sentido, as autoras definem neologismo como

Unidade lexical cuja forma significante ou cuja relação significante-significante, caracteriza-se por um funcionamento efetivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha realizado no estágio imediatamente anterior do código da língua. Dessa definição, decorre que os neologismos podem constituir palavras formalmente novas, palavras preexistentes que adquirem um novo significado, ou ainda, palavras que passam a ocorrer em registros linguísticos os quais não costumavam ocorrer (CORREIA e ALMEIDA, 2012, p. 23-24).

Nesse sentido, o neologismo está mais vinculado aos aspectos linguísticos utilizados na formação de unidades lexicais. No que se refere aos neologismos terminológicos, Alves (2001, p. 29) afirma que eles estão vinculados a uma política de planificação linguística, pois eles “resultam de uma criação motivada para responderem às necessidades do desenvolvimento científico-tecnológico”.

Siqueira (2015) diz que, tradicionalmente, nos estudos neológicos, observa-se que a maior parte do surgimento de neologismos resultou da necessidade de denominação de novos conceitos e produtos para as áreas técnicas, científicas e tecnológicas.

Conforme a autora, para diferenciar a criação de palavras do léxico comum e a criação de termos de uma língua especializada, Rondeau (1984) criou a designação *neônimo*. Siqueira (2015, p. 61-62) afirma que, para o autor,

[...] *neônimo* é uma unidade lexical de determinada área de especialidade, por isso, sua noção recobre determinado escopo de um sistema de noções, caracterizando-o como um signo linguístico unívoco, monorreferencial e com maior estabilidade formal que o neologismo.

O que distingue um *neônimo* de um neologismo do léxico geral é: a consciência coletiva dos especialistas de uma determinada área; o uso desse *neônimo* e a sua aplicação na prática, que tenham embasamento nos documentos técnicos atuais; e a datação correspondente adquirida pela análise de documentos e obras lexicográficas.

Em relação a essa denominação, outros autores optaram por usar outras designações para os neologismos de áreas específicas, por exemplo, conforme Siqueira (2015), Boulanger (1979) escolheu a denominação *neotermo*, Humbley (2003) e Cabré (2002) escolheram *neologismo terminológico*. Pavel (1989) e Alves (1990) preferiram a designação *tecnoletos*. Nesse sentido, os termos utilizados nesse subtópico podem variar entre *neologismo terminológico* e *neônimo*.

De acordo com Alves (2001), para a criação de neologismos terminológicos devem-se levar em conta alguns princípios de caráter linguístico, sociolinguístico e metodológico. Siqueira (2015) sintetiza esses critérios com base em Cabré (1993)

Denominar um conceito estável e unívoco; ser conciso; constituir-se a partir das regras do próprio sistema linguístico, podendo assim gerar palavras derivadas, bem como adaptar-se aos sistemas fonológico e ortográfico da língua. Pertencendo ao registro formal da língua, deve surgir de uma real necessidade denominativa; e preferencialmente não possuir conotações negativas e ser memorizado facilmente (CABRÉ, 1993 apud SIQUEIRA, 2015, p. 63).

É lógico que essas afirmações têm suas exceções, por exemplo, no nível das variações terminológicas. Ainda segundo Rondeau (1984), citado por Siqueira (2015), a criação neológica e a variação terminológica apresentam relações em seus processos, as duas se distinguem mas fazem interface uma com a outra. Há grande instabilidade no processo de criação de neônimos, isso se dá pela influência de questões tecnológicas, pragmáticas, sociolinguísticas e políticas. E a variação terminológica é fato que acontece no discurso dos especialistas.

Conforme afirma Freixa (2008), outra particularidade geralmente presente nos neônimos é a sua forma sintagmática. Além disso, eles são mais estáveis do que o neologismo da língua geral.

Os empréstimos, isto é, as importações linguísticas, são processos que enriquecem o *léxico* de uma língua. Eles se comportam em determinada língua por meio da apropriação de novos conceitos ou pela interação social.

Desse modo, assim como em todas as áreas específicas existe a necessidade de denominação, no contexto da odontologia em Libras, ainda existe uma grande necessidade de criarmos equivalentes aos termos do português. Os sinais-termo surgem da mesma forma que os sinais do léxico comum, como podemos observar na sequência.

É interessante ressaltar que existem pessoas de determinados grupos linguísticos que são resistentes a empréstimos, principalmente se forem membros de comunidades linguísticas minoritárias. Isso ocorre com o intuito de preservar a face, a língua e a cultura daquele grupo. Na comunidade Surda brasileira não é diferente. Faria-Nascimento (2009, p. 60) fala sobre essa resistência:

Há, muitas vezes, resistência de membros da comunidade surda em aceitar os empréstimos, por exemplo, das letras iniciais. Entretanto, dada a diferença de modalidade das línguas importadas, esse tipo de empréstimo camufla-se ou transforma-se.

Com o aumento da participação dos surdos no meio acadêmico, função metalinguística subjetiva desses indivíduos os deram a capacidade de avaliarem a sua própria língua de sinais enquanto objeto empoderador, dessa forma, o empréstimo de letras do alfabeto linguístico de uma língua oral para a criação de sinais reflete a imposição de uma sociedade ouvintista que por anos fizeram os surdos sofrer. No entanto, como afirmou a autora, esses tipos de empréstimos passam despercebidos e/ou acabam se transformando.

As ocorrências de empréstimos linguísticos podem ser de uma língua de sinais para outra língua de sinais ou de uma língua oral para uma língua de sinais mais próxima. No caso do Brasil, apesar de serem de modalidades diferentes, a Libras sofre influência direta da Língua Portuguesa resultando em empréstimos de variadas naturezas. São eles: empréstimos datilológicos, por transliteração; empréstimos por transliteração pragmática; empréstimos por transliteração lexicalizada (semi-datilológico); empréstimos por transliteração da letra inicial; empréstimos da 'configuração' visual dos lábios; empréstimos semânticos; empréstimos estereotipados; empréstimos cruzados (Cf. FARIA-NASCIMENTO, 2009).

a) Empréstimo por transliteração

Faria-Nascimento (2009) considera a transliteração como a representação de letras de uma língua oral por meio de CMs de uma língua de sinais. Essa representação é conhecida pelo nome 'datilologia' que tem por equivalente próximo em português a palavra 'soletração'. Esse tipo de soletração manual geralmente é usada na Libras por sinalizadores para em vários contextos, "para introduzir uma palavra técnica que não tem sinal equivalente" (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 88).

O empréstimo por transliteração está subdividido em duas categorias: o empréstimo por transliteração pragmática (puramente datilológicos) e os empréstimos por transliteração lexicalizada.

a.1) empréstimo por transliteração pragmática (puramente datilológicos)

Esses empréstimos têm a tendência de serem provisórios, pois eles são usados exclusivamente para preencher as lacunas lexicais e terminológicas. Nos contextos em que a palavra na LP não é relevante, um sinal em Libras é criado e fixado pouco a pouco até que os falantes reconheçam o conceito daquele sinal.

A datilologia pragmática como estratégia de preenchimento de lacunas lexicais e terminológicas é mais frequente do que imaginamos. Por exemplo, quando um referente em LP ainda não possui um equivalente em Libras, ou que são desconhecidos, há necessidade além da datilologia, apresentar o conceito.

Outro contexto onde esse processo acontece é no contexto educacional, em que surdos e ouvintes compartilham o mesmo espaço e o conhecimento científico é transmitido em Língua de sinais com interpretação simultânea. Ou quando o enunciador sabe que o seu interlocutor não conhece aquela UL ou UT ou não tem certeza se o interlocutor conhece o termo, optando por acorar a datilologia pragmática às ULs ou UTs. Assim, esse processo vai ocorrendo até que se estabilize as Unidades lexicais e terminológicas.

Com isso, Faria-Nascimento (2009) enfatiza que quando um termo é transliterado provisoriamente, ele não se fixa na sua forma inicial. Com um tempo ele vai se lexicalizando e se fixando de acordo com as formas permitidas pela língua. A autora elenca três dessas formas:

- a) Ou em forma de transliteração lexicalizada da palavra inteira ou abreviada;
- b) Ou por uma UL nova cuja CM é motivada pela transliteração da letra inicial da palavra em LP ou por uma abreviatura constituída, normalmente, da associação da primeira e da última letra da palavra;
- c) Ou, por fim, por uma UL construída, independente, sem nenhuma relação com o significante numa língua oral e, nesse caso, não mais um empréstimo. (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 65)

Vejamos então, outros exemplos dessas ocorrências de empréstimo por transliteração.

a.2) Empréstimos por transliteração lexicalizada (semi-datilológicos)

Esses empréstimos são conhecidos por *loan signs*, isto é, datilologia ou soletração rítmica e são mais estáveis do que os empréstimos pragmáticos. Parte deles estão ancorados na datilologia.

Existem casos em que os empréstimos transliterados acabam passando por um processo de aceitação. Quadros e Karnopp (2004) mencionam o exemplo da palavra “nunca”, inicialmente, soletrava-se por meio do alfabeto datilológico todas as letras de forma rítmica N-U-N-C-A, com o tempo ele passou por um processo de mudança, diacronicamente houve redução desse sinal tanto no número de CM, quanto no número de orientação de mão, sinalizando-se apenas as CMs N-U-N ou N-C-A. Assim como o sinal AZL ou AL que é derivado da soletração manual A-Z-U-L e SL derivado da soletração S-O-L que utiliza a primeira letra “S” e a última letra “L” da palavra “sol” em LP.

Nesse sentido, as autoras afirmam que essas formas lexicais transliteradas por meio do alfabeto manual da Libras não estão dissociadas dos sinais nativos dessa língua, mas “as restrições formacionais propostas para sinais nativos, aplicam-se também, em vários graus, às formas soletradas manualmente e ao léxico não-nativo” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 92). Isso ocorre porque de acordo com Villalva e Silvestre (2014, p. 36) “a conformação dos empréstimos à língua de chegada está relacionada com o seu tempo de permanência nesse léxico: os empréstimos mais antigos não são identificados como empréstimos por parte dos falantes”.



b) Empréstimo por transliteração da letra inicial

Esse tipo de empréstimo compreende o uso exclusivo da primeira letra de uma palavra da língua oral para a construção de uma nova UL ou UT em Libras. Faria-Nascimento (2009) afirma que se trata de um empréstimo de fronteira, híbrido, pois a unidade não é de natureza exclusivamente datilológica nem exclusivamente fruto de construção. Embora o sinal constitua-se com a CM correspondente à letra inicial da palavra em LP, o processo de construção do sinal obedece as regras de construção de lexical da Libras.

Podemos citar alguns empréstimos desse tipo existentes no léxico comum da Libras como a letra “H” utilizada para a CM do sinal “humano”, a letra “C” utilizada para a CM do sinal “cidadão” e a letra “F” utilizada para a CM do sinal de “feliz”.

Faria-Nascimento (2009) cita um exemplo de acomodação, processo resultante da utilização da CM representando a primeira letra de uma palavra em LP. O sinal para denominar a palavra “pessoa” inicialmente era utilizado com a CM semelhante a letra “P”, no entanto, em alguns dialetos da Libras essa CM foi alterada para uma CM mais flexível e “cômoda” de acordo com a autora. Assim, a CM que antes era “P” se tornou como uma CM mais aberta, entretanto, o PA e o dedo que toca a testa permaneceram os mesmos.

Quadro 5 – Comparativo do processo de acomodação do sinal PESSOA

Palavra	Sinal	CM	Palavra	Sinal	CM
PESSOA			PESSOA		

Fonte: <https://www.youtube.com/c/InstitutoVisoLibras/featured> e <https://www.youtube.com/user/Paulikamariasc/featured>, respectivamente

Esse é um exemplo claro de que a Libras apropriou-se do empréstimo de tal forma que perdeu sua referência com ele. Portanto, podemos concluir que os termos são criados também levando em conta esse processo, utilizando-se de fragmentos de termos “da língua na qual o conhecimento é originalmente transmitido, no caso, o português” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 67).

c) Empréstimo da “configuração” visual dos lábios

Esse empréstimo tem relação com as pistas visuais referente à uma unidade fonológica articulada com os lábios por falantes de uma língua oral ao mesmo tempo em que o sinal equivalente é realizado em Libras. Em alguns casos, o sinalizante pode utilizar a articulação com os lábios da sílaba tônica /A/ da palavra “amor” na LP oralizada ao realizar o sinal em Libras, por exemplo. De acordo com Faria-Nascimento (2009), é provável que esses empréstimos ocorram devido aos muitos anos de contato dos Surdos e Ouvintes com o bimodalismo¹⁵. Ferreira (2010, p. 24)

¹⁵ Bimodalismo, grosso modo, é a utilização de duas línguas de modalidades diferentes, isto é, a Língua portuguesa de modalidade oral-auditiva e a Língua de sinais de modalidade visual-espacial.

salienta que isso se dá devido às tentativas de “representação visual do som que constitui a palavra em português, tal como ela é percebida pelo surdo”.

d) Empréstimos semânticos

Os empréstimos semânticos são na verdade empréstimos disfarçados, se trata de uma tradução do empréstimo de natureza semântico-cultural, pois carrega, da língua de origem para a língua que o adota, todo o conjunto semântico e cultural do lexema ou da expressão extraída. Faria-Nascimento (2009) chama esse tipo de empréstimo de “decalque”; para a autora essa definição pode ser entendida, grosso modo, como

Adoção do conteúdo semântico que o lexema ou expressão tem na língua de origem substituído por um lexema ou expressão da língua receptora com significação equivalente e, normalmente, criado(a) para ser empregado(a) em contexto idêntico ao de origem. Na LSB, manifesta-se não somente, mas, especialmente, no âmbito dos conceitos metafóricos (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 68).

A autora mencionou que esses tipos de empréstimos ocorrem especialmente no âmbito dos conceitos metafóricos. Conforme Ferreira (2010), nos empréstimos semânticos se destacam muito mais as características dos objetos, como, forma, tamanho e movimento.

O sinal FICAR-DE-QUEIXO-CAIDO demonstra um empréstimo das características da forma, tamanho e movimento da expressão idiomática que foi recalçada da Língua de origem, a LP. Outros empréstimos semânticos podem ser verificados em Faria-Nascimento (2009), a autora apresenta várias ocorrências desses empréstimos, alguns deles são caracterizados como metáforas e fraseologismos em Libras.

e) Empréstimo estereotipado

Os empréstimos estereotipados em Libras ocorrem a partir da cópia do formato global de um objeto, de um símbolo gráfico convencional, aceito socialmente e utilizado em diversas culturas. São exemplos as formas geométricas, símbolos matemáticos e os sinais de pontuação.

Figura 19 – Sinal TRIÂNGULO

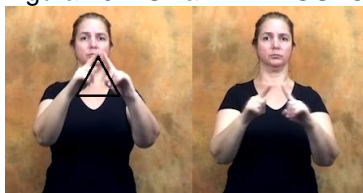


Figura 20 – Sinal INTERROGAÇÃO



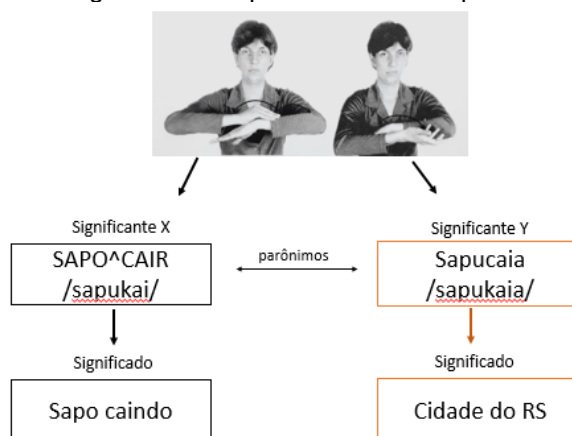
Fonte: <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/by-category/>

Este tipo de construção é comum na constituição terminológica de uma área de especialidade. Ela não se associa diretamente com o conceito, mas sim à representação gráfica que foi convencionada e veiculada no meio social referente ao conceito. Quando são criadas, não apresentam de forma imediata características linguísticas, apesar de serem em grande parte universais, mas são representações simbólicas do referente linguístico, como demonstrados nos exemplos destacados nas figuras anteriores. O sinal para “triângulo” e “interrogação” são representações visuais imagéticas do referente simbólico, assim, o empréstimo estereotipado migra do sistema simbólico para o sistema linguístico.

f) Empréstimo cruzado

Empréstimo que tem semelhança visual com palavras homógrafas ou parônimas da LP. Emprega-se um significante X decalcado em Libras com objetivo de denominar um significante Y, a única relação que eles mantêm entre si é a semelhança visual do seu significante. De acordo com Faria-Nascimento (2009, p. 69), esse fenômeno resulta em homonímia em Libras, pois “dois referentes idênticos designam duas entidades de naturezas totalmente distintas. Essa homonímia está motivada pela forma visual semelhante do significante dos dois referentes na língua oral”.

Figura 21 – Empréstimo estereotipado



Fonte: Adaptado de Quadros e Karnopp (2004, p. 106).

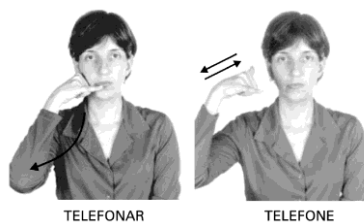
Na figura 21 o sinal em Libras SAPO^CAIR é um parônimo que pode significar literalmente um sapo caindo ou o nome de uma cidade do Rio Grande do Sul. A forma gráfica e a fonética na LP se assemelha, SAPO^CAIR /sapukai/ e Sapucaia /sapukaia/. Essas formas de empréstimos podem estar relacionadas com a leitura global que os surdos fazem das palavras, “eles não costumam ler uma palavra segmentada, a leitura é global” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 70).

2.5.3.2 Derivação na Libras

O processo **derivacional** se refere à formação de diferentes palavras com a mesma base lexical. No português, há derivação de nomes a partir de verbos, por exemplo, *programar-programador*. Esse processo morfológico, que deriva nomes de verbos, também é comum na Libras, por exemplo, o sinal “cadeira” (dois movimentos) é derivado do sinal “sentar” (único movimento), a derivação ocorre apenas pela mudança do movimento. Nesse exemplo, um nome deriva de um verbo, mas segundo Quadros e Karnopp (2004), o contrário também pode ocorrer.

Esse processo utiliza um sinal já existente, pertencente a uma classe gramatical em outro contexto. Assim, o sinal passa a pertencer a outra classe gramatical. Em Libras, a mudança de verbos para nomes ocorre quando há a mudança do tipo de movimento. O movimento dos verbos é mais longo, já o movimento dos nomes é rápido e curto (QUADROS e KARNOPP, 2004). Vejamos o exemplo a seguir:

Figura 22 – Sinal TELEFONAR/TELEFONE



Fonte: Quadros e Karnopp (2004).

O sinal TELEFONE é um nome que derivou do verbo TELEFONAR. O movimento do verbo é mais longo e demorado do que o movimento do nome que é curto e rápido sendo realizado mais de uma vez. Acrescentar morfemas na forma base do léxico é uma das formas de criar novas unidades lexicais.

Na Língua Portuguesa o processo de criação de substantivos a partir de verbos é denominado de nominalização. A diferença entre os nomes e os verbos é percebida quando há a inserção de afixos. Para diferenciar os nomes dos verbos em Libras, é comum que a configuração de mão, o ponto de articulação e a orientação permaneçam as mesmas apenas modificando o movimento. O processo de repetição para nominalizar os verbos é conhecido como reduplicação.

Outro processo de derivação na Libras é a **composição**. Diz respeito a junção de duas bases já existentes na língua para criar uma nova palavra. O significado de cada uma dessas palavras é deixado de lado afim de formar um novo significado com a junção delas. Quadros e Karnopp (2004, p. 102), ao parafrasear Basílio (1987), dizem que “a composição utiliza a estruturação sintática para fins de criação lexical; constitui-se num processo de função semântica e tem por objetivo fundamental a denominação [...]”.

Por exemplo, os sinais ACREDITAR (saber + estudar) e ESCOLA (casa + estudar) são exemplos de dois sinais que se unem para formar outro sinal.

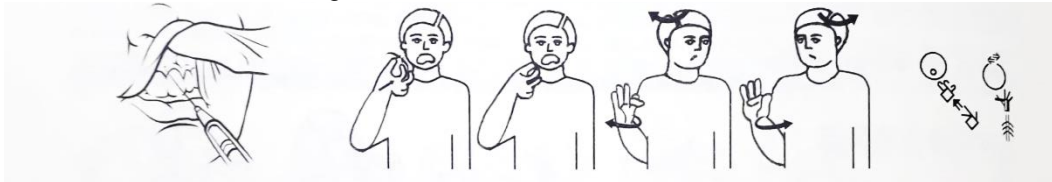
É interessante observar que nesses processos, os significados dos léxicos isolados e das novas unidades lexicais formadas a partir dos compostos evidentemente se distanciam (QUADROS e KARNOPP, 2004).

Existem outros tipos de derivação destacados por Quadros e Karnopp (2004) como, a derivação por *incorporação de numeral* e *incorporação da negação*.

Dos tipos de incorporação da negação, a negação supra-segmental é aquela que a negação é marcada através da expressão facial incorporada ao sinal e que o

léxico não sofre alteração de nenhum dos seus parâmetros. A seguir um exemplo de negação supra-segmental:

Figura 23 – Sinal ANESTESIA-BUCAL



Fonte: Capovilla e Raphael (2018).

O sinal-termo ANESTESIA-BUCAL é um sinal composto pelos sinais INJEÇÃO-NA-BOCA + NÃO-DOER. Nota-se que o sinal NÃO-DOER é derivado do sinal DOR apenas com a incorporação da expressão facial de negação por meio do movimento da cabeça e os parâmetros do sinal não foram alterados, configurando-se uma derivação de negação supra-segmental.

Existem também os processos **flexionais** que envolvem acréscimos de informações gramatical à palavra que já existe. As categorias gramaticais que podem fazer parte da palavra por meio da flexão são: gênero, número, tempo, pessoa, caso e aspecto. Na Libras existem vários processos de flexão.

Pessoa (dêixis). Esse termo se origina da noção de referência gestual, o que significa a identificação do referencial por meio de algum gesto corporal do enunciador (FERREIRA, 2010). A função da dêixis nas línguas de sinais é marcada por meio da apontação. Os referenciais são inseridos à frente do sinalizador no espaço neutro em diferentes direções. Nesse sentido, em Libras, os pronomes pessoais se enquadram nesse conceito.

As formas verbais para pessoa demonstram as diversas possibilidades de estabelecimento de referentes no espaço. A forma mais comum de estabelecer referentes no espaço é a apontação explícita com referentes presentes ou não. Quando o referente não está presente pontos arbitrários no espaço são estabelecidos. Nesse caso existem regras para referentes não-presentes. (QUADROS e KARNOPP, 2004).

Na Libras, Segundo Ferreira (2010, p. 91), quando os participantes do discurso sofrem variação enquanto suas localizações, os lances do olhar, e a orientação de mão, em especial a configuração de mão com o dedo indicador

estendido, são os aspectos formacionais mais relevantes na “interpretação dos desempenhos específicos dos itens do sistema de pronomes pessoais”.

Os processos de derivação e flexão da Libras mostram que a formação de palavras/sinais dessa língua é tão complexa quanto os mesmos processos dessa natureza encontrados nas línguas orais.

Alves (2001) diz que os mesmos processos observados na criação de novas palavras no léxico comum, ocorrem no léxico especializado. Em Libras também observamos esses processos na criação dos sinais-termos.

3 METODOLOGIA

Nessa seção, apresentaremos o percurso metodológico realizado para a elaboração de glossário bilíngue de sinais-termo em Língua Brasileira de Sinais utilizados no âmbito acadêmico do Curso de Odontologia da Universidade Federal do Pará.

Para tanto, seguimos três etapas. Inicialmente, visando a coleta de dados, observamos os seguintes passos: i) delimitação do objeto de estudo e o público alvo; ii) definição do mapa conceitual; iii) seleção e organização do *corpus*; iv) seleção dos candidatos a sinais-termo. A segunda etapa diz respeito a triagem dos dados: i) avaliação e validação dos sinais-termo por especialistas da linguística e da odontologia. A terceira etapa relaciona-se com a elaboração do repertório, sendo considerado: i) A elaboração e organização das fichas terminológicas; ii) organização das imagens e vídeos em Libras; iii) a criação dos *qr-codes* para os vídeos em Libras; iv) a produção escrita dos sinais-termo por meio do sistema *SignWriting* de escrita de sinais; v) a organização da estrutura do verbete; e vi) teste de fiabilidade.

3.1 DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO E O PÚBLICO ALVO

O objeto de estudo é a terminologia em Libras do Curso de Odontologia da UFPA. Esta área é um dos ramos da macroárea ciências da saúde. Nesse sentido, os sinais-termo usados no curso de odontologia da UFPA foram elencados e delimitados de acordo com as seguintes características:

- **Grande área do conhecimento:** Ciências da Saúde
- **Área de conhecimento:** Odontologia
- **Subárea:** Curso de Odontologia
- **Organização:** Ordem alfabética
- **Tratamento:** Bilíngue
- **Idiomas:** Português e Libras

- **Destinatários:** Tradutores e Intérpretes de Libras, surdos, estudantes, professores, odontólogos, técnicos e demais interessados na área do curso de odontologia.
- **Função:** Registro, descrição e difusão de sinais-termo do curso de odontologia.

O glossário em Libras de sinais-termo do Curso de Odontologia servirá de auxílio principalmente a profissionais Tradutores e Intérpretes que atuam diretamente na interpretação simultânea e/ou tradução de materiais acadêmicos, discentes surdos, profissionais da área da odontologia e por extensão à outros profissionais e pesquisadores interessados na área.

Com a intenção de contribuir cientificamente com nossas criações e achados, a criação do glossário e a disponibilização dele para o público será de máximo proveito. Alves (1990, p. 6) salienta que “[...] é através dos meios de comunicação de massa [...] que os neologismos recém-criados têm oportunidade de serem conhecidos e, eventualmente, de serem difundidos”. Além da criação de novos sinais-termo acrescentaremos aqueles que já existem para compor o glossário.

A seguir, mostramos como a tarefa de selecionar os termos em Língua Portuguesa para a criação dos sinais-termo em Libras ocorreram.

3.1.1 Seleção e Organização do *Corpus*

Esta etapa exigiu três tarefas principais: a seleção dos textos escritos em Língua Portuguesa, anotações pessoais, a compilação de *corpora* eletrônico e a organização do banco de dados.

Os textos selecionados em Língua Portuguesa foram aqueles indicados pelos professores no plano de aula das disciplinas, dentre os quais se incluem, livros, textos em formato *.pdf* e os *slides* utilizados em sala de aula pelos professores. À medida em que as aulas aconteciam, os termos mais relevantes, presentes nas explicações dos professores, em Língua Portuguesa, eram anotados para que assim fossem criados os sinais. A princípio, foi pensado na possibilidade de gravar as interpretações e os momentos de interação entre intérprete e discente, no entanto, devido ao prazo de realização desta pesquisa, constatou-se que seriam muitas horas de gravação para poucos momentos de convencionalização dos sinais-termo.

Nesse sentido, preferimos apenas fazer as anotações dos sinais-termo convencionados em sala de aula e dos termos em Língua Portuguesa que ainda não tinham uma denominação em Libras.

Para a catalogação dos termos, usamos o *software lexique pro*, um programa de computador, gratuito, criado para auxiliar na criação de dicionários e glossários.

A organização dos verbetes foi realizada dentro do próprio programa, o que otimizou tempo na construção de fichas terminológicas e facilitou o acesso às informações dos termos já catalogados durante a pesquisa. No entanto, alguns critérios para seleção dos candidatos a sinais-termo foram aplicados.

3.1.1.1 Definição do Mapa Conceitual

A coleta dos termos foi realizada com base no vocabulário específico do Curso de Odontologia, usado nos primeiros três semestres, onde compreende disciplinas do módulo básico das ciências básicas do corpo humano, incluindo a face e o crânio, e algumas disciplinas específicas voltadas para a prática odontológica.

Dentro da macroárea ciências da saúde, podemos identificar a área de conhecimento odontologia, seguida pela subárea Curso de Odontologia.

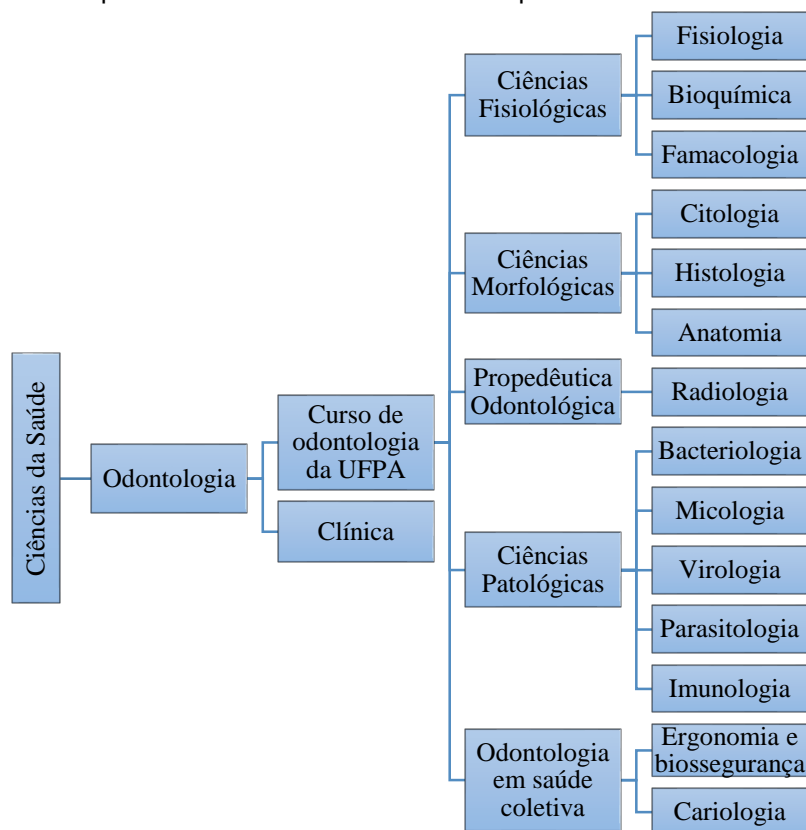
Para este trabalho, fizemos a seleção de algumas disciplinas da primeira e da segunda fase do curso. As disciplinas do primeiro e do segundo período são: Ciências Morfológicas I e II, Ciências Fisiológicas I e II, Ciências Patológicas I e II, Ciências Sociais I e II, Integração Multidisciplinar I e II. No terceiro período as disciplinas ofertadas são: Propedêutica I, Odontologia em Saúde Coletiva I, Integração Multidisciplinar III, Recapitulação e Aprofundamento das Ciências Básicas I.

Levando em consideração que esta pesquisa é um recorte do Curso de Odontologia, selecionamos as disciplinas nas quais pudemos acompanhar a discente nas aulas, nos momentos de interpretação, a saber: Ciências Fisiológicas I e II, Ciências Patológicas I e II, Ciências Morfológicas I e II, Propedêutica I, Odontologia em Saúde Coletiva I.

As disciplinas são divididas por módulos; esses módulos são subdivisões que compõem uma disciplina; no entanto, esses módulos têm quantidade extensiva de conteúdos e materiais fornecidos pelos professores em cada um deles.

Para compreender a estrutura do curso e das disciplinas escolhidas nessas fases iniciais, esquematizamos uma árvore de domínio, assim como demonstrado no mapa conceitual da Ilustração a seguir:

Ilustração 3 – Mapa da estrutura conceitual das disciplinas do curso de odontologia da UFPA



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Iniciamos pela macroárea do conhecimento, as ciências da saúde, seguido da área do conhecimento da odontologia. Dentro dessa área do conhecimento, encontramos o curso de odontologia da UFPA, que é composto por várias disciplinas, onde há vários módulos.

Esse esquema hierárquico é importante para delimitar os termos que compõem inicialmente o glossário terminológico, pois, como observa Krieger e Finatto (2004, p. 135), “Uma hierarquia conceitual, de algum modo, condiciona o reconhecimento dos termos e também a seleção das informações para o glossário”. Além disso, essa hierarquia é importante para estabelecer as possíveis relações hiperonímicas e hiponímicas dos termos usados em cada módulo, especificando-os.

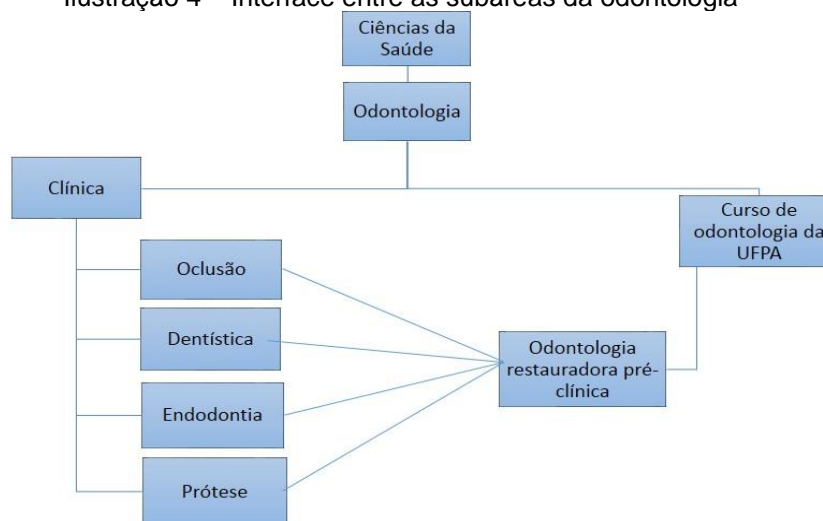
Visto que alguns termos usados em uma determinada subárea podem ser usados em outra subárea, o glossário terá sua organização por ordem alfabética.

Em algumas universidades e faculdades onde há o Curso de Odontologia, os nomes das disciplinas se modificam. Por exemplo, enquanto que Farmacologia e Bioquímica são módulos da disciplina Ciências Fisiológicas na UFPA, em outras universidades, como a Universidade Federal de Goiás (UFG), no Curso de Odontologia, Farmacologia e Bioquímica são disciplinas individuais.

Nesse sentido, apesar de os termos serem coletados em cada módulo e/ou disciplina diferentes, observamos que na fase inicial do curso, alguns deles são termos básicos usados em outros cursos da área da saúde.

Na Ilustração 4, observamos que a partir da macroárea odontologia se ramificam duas subáreas, Curso de Odontologia da UFPA e Clínica. A segunda subárea tem ramificações das especialidades conexas com as disciplinas estudadas nas fases III e IV do Curso de Odontologia da UFPA. Essas fases não serão tratadas nesta pesquisa. Abaixo fizemos uma demonstração básica de como essas subáreas fazem relação entre si.

Ilustração 4 – Interface entre as subáreas da odontologia



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

De acordo com o projeto pedagógico do curso de odontologia da UFPA, podemos observar que na disciplina *Odontologia restauradora pré-clínica* as áreas específicas, estudadas dentro da fase III, também estão presentes na subárea *Clínica*.

O Curso de Odontologia da UFPA tem um extenso vocabulário, portanto, não será possível catalogar os termos de todas as 22 disciplinas, pois, o presente trabalho constitui apenas um recorte dessa extensa área que é a odontologia.

3.2 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E VALIDAÇÃO DOS SINAIS-TERMO

Para a seleção dos candidatos a sinais-termo, tivemos que selecionar os termos mais relevantes em Língua Portuguesa usados nas aulas do Curso de Odontologia, para isso seguimos alguns critérios:

1 – Seleção de textos escritos em formato *.pdf*, utilizados pelos professores das disciplinas ministradas.

Apesar de os livros serem de grande volume de páginas, apenas os capítulos que os professores selecionavam para cada assunto correspondente ao cronograma da disciplina eram usados. Esses textos correspondiam aos módulos/disciplinas de Bioquímica, Farmacologia, Fisiologia, Bacteriologia, Imunologia, Micologia, Virologia, Patologia, Saúde Coletiva, Anatomia e Radiologia. Os termos a serem selecionados deveriam ser aqueles presentes nesses textos.

2 – Seleção de termos técnicos frequentes na explicação de um processo fisiológico ou de ordem metodológica pertencentes às disciplinas durante a explicação dos professores.

Esses termos (tais como, bomba de sódio-potássio, neurotransmissor, radiolúcida, radiopaca) foram registrados em anotações pessoais e nesse momento posterior, juntamente com a discente surda, criava-se o sinal para representá-los.

3 – Seleção de termos com um número de letras muito vasto, pois não seria possível fazer a datilografia¹⁶ de todos esses termos por questões do curto tempo nas interpretações simultâneas.

4 – Termos que embora possam ser como palavras da língua comum, na odontologia constituem unidades especializadas (por exemplo, mocho, cadeira odontológica, equipo, cuspideira).

¹⁶ Soleturação manual por meio das letras do alfabeto em Libras.

5 – Sinais-termo registrados em glossários de Libras *on-line*, digitais e/ou físicos nas áreas da Física, Química e Biologia, assim como aqueles já existentes na área da odontologia, com o objetivo de compará-los com os sinais-termo neológicos criados, a fim de identificar características e critérios gramaticais no processo de criação desses sinais.

Vale ressaltar que apesar de alguns sinais-termos terem sido criados com o auxílio dos Intérpretes de Libras ouvintes, nós nunca impomos um sinal à aluna surda em sala de aula, haja vista que o hábito de criar sinais seja culturalmente designado apenas às pessoas surdas. Tanto é que trouxemos para análise os sinais-termo criados.

Com os termos selecionados e alguns sinais-termo neológicos prototipicamente criados, passamos para a etapa de validação, como descrito a seguir.

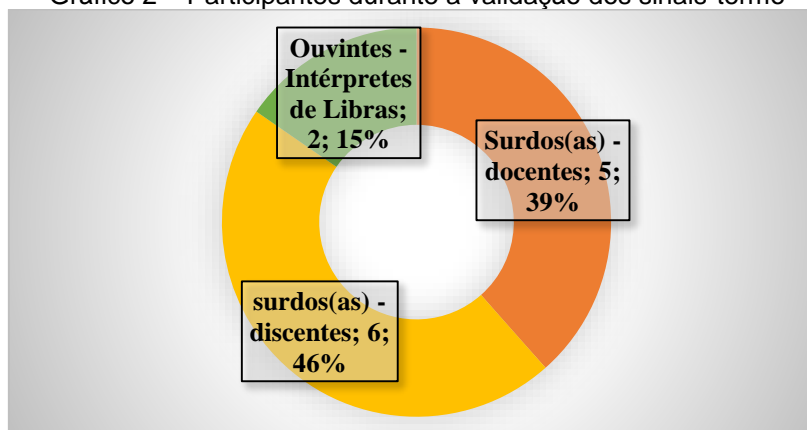
3.3 TRIAGEM DOS DADOS

Essa etapa se trata da avaliação e validação dos dados, por meio da consulta aos especialistas (surdos e ouvintes profissionais linguistas da área de Língua de Sinais e usuários da terminologia da Odontologia). O processo de validação se deu apenas para os novos sinais criados no curso de odontologia. Inicialmente se deu por meio de reuniões, nas quais os participantes eram:

- a) A discente surda matriculada no Curso de Odontologia da UFPA;
- b) Os tradutores intérpretes de Libras/LP atuantes no Curso de Odontologia da UFPA;
- c) Docentes do curso de Odontologia
- d) Docentes surdas licenciadas em Letras Libras da UFPA;
- e) Discentes surdos do Curso de Letras Libras da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

No total, treze pessoas da comunidade surda participaram no processo de validação dos novos sinais-termo, dentre eles surdos e ouvintes. Como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 2 – Participantes durante a validação dos sinais-termo



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

O gráfico mostra que 85% dos informantes da pesquisa foram de surdos, os quais são professores e alunos; dentre os alunos, há uma discente do Curso de Odontologia da UFPA. Os outros 15% foram participantes ouvintes, os Intérpretes de Libras.

O processo de validação dos sinais-termo foi realizado em duas etapas. Na primeira etapa, realizamos duas reuniões presenciais em dias diferentes. Na segunda etapa, devido às condições de saúde pública mundial e às orientações sanitárias de distanciamento social, realizamos o processo de validação dos sinais-termo virtualmente.

Na etapa presencial, durante as reuniões, a discussão sobre a criação de alguns sinais-termo entre a equipe foi gravada¹⁷ em vídeos, para posterior análise dos dados coletados. Também as reproduções dos sinais-termo eram realizadas pelos próprios surdos e gravadas em vídeos, a fim de que a pesquisadora analisasse os parâmetros corretamente.

Para a composição da definição dos termos a serem apresentados nas reuniões de validação, foram consultados os docentes do curso de odontologia da UFPA para sanar quaisquer dúvidas.

¹⁷ As gravações foram feitas com a prévia autorização dos participantes.

Imagem 2 – Reunião de validação dos sinais



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 3 – Reunião de validação dos sinais



Fonte: Arquivo pessoal.

As imagens acima demonstram como foram realizadas as reuniões de validação. A pesquisadora apresentava cada termo, a denominação em Língua Portuguesa e a definição. Em seguida, mostrava se aquele termo já tinha um equivalente em Libras convencionado entre a discente surda do Curso de Odontologia e os Intérpretes de Libras, ou não. Caso já tivesse sido criado, este sinal-termo era analisado de acordo com o conceito e significado do termo em LP e as características de acordo com as especificidades visuais e espaciais da Libras.

Caso não tivesse sinal-termo equivalente ao termo em LP, os participantes iniciavam suas sugestões de criação lexical e discussões. Nesses dois casos, no final das discussões, o sinal-termo que mais se adequava aos conceitos era elencado para compor o glossário.

Apesar de alguns sinais-termo que foram criados em sala de aula não condizerem visualmente com a definição do termo na Língua portuguesa nem com representação visual por meio das imagens contidas nos materiais escritos pelos professores – imagens apresentadas pela pesquisadora nas reuniões de validação – esses sinais não foram meramente descartados e substituídos pelos novos sinais criados pela equipe. Os novos sinais-termo criados na reunião foram considerados como variação terminológica.

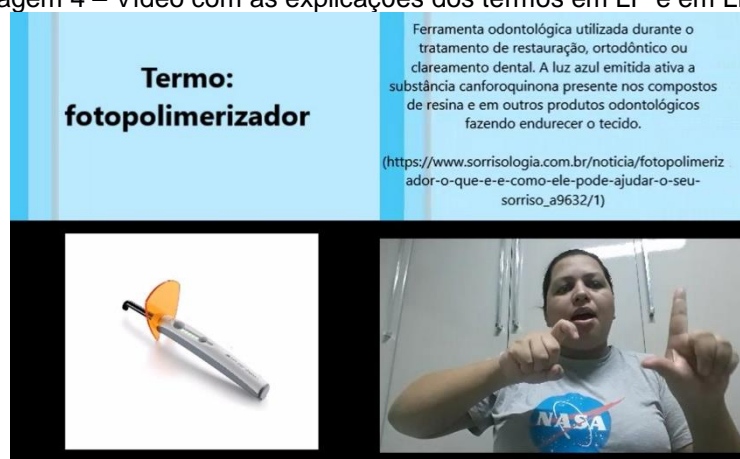
A segunda etapa da validação dos sinais-termo ocorreu de forma virtual. Inicialmente pensamos em realizar a interação por meio da criação de um grupo fechado no *Facebook*. Lá, carregariamos vídeos com as explicações da

denominação e da definição do termo em LP. A ideia era que os participantes comentassem e carregassem seus próprios vídeos para desenvolver as discussões. No entanto, esse método não foi bem-sucedido.

Assim, com base nas sugestões dos participantes, optamos por utilizar um aplicativo de troca de mensagens e comunicação em vídeo. Desse modo, seria possível enviar vídeos breves em baixa resolução e mensagens de texto. Criamos um grupo/sala virtual que chamamos de “Glossário odontologia”, adicionamos todos os participantes que haviam colaborado nas reuniões presenciais, assim, os vídeos, quando fossem enviados, estariam disponíveis a todos eles ao mesmo tempo.

Para apresentarmos os termos, denominação e definição, gravamos vídeos explicativos com duração média de 2 minutos e enviamos ao grupo. Na imagem a seguir destaque alguns *frames* de um dos vídeos curtos utilizados para apresentação dos termos:

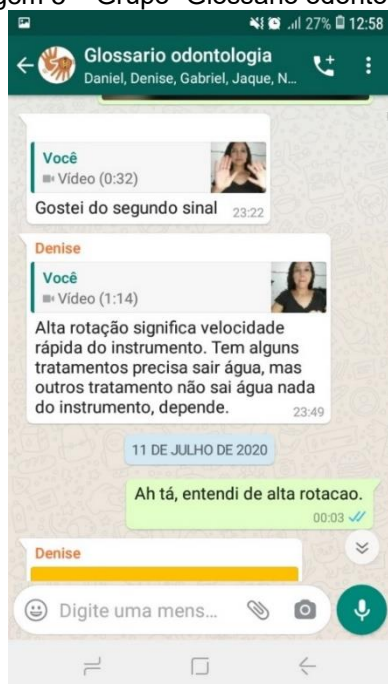
Imagem 4 – Vídeo com as explicações dos termos em LP e em Libras



Fonte: Arquivo pessoal.

Os vídeos iniciavam com o termo destacado em letras garrafais, depois a definição dele em LP, a imagem correspondente ao termo, a explicação da definição em Libras e por último a criação de um sinal-termo sugerido pela pesquisadora. Dessa forma, os colaboradores assistiam os vídeos e em seguida opinavam e discutiam sobre a criação dos sinais-termo, com base nas explicações. Caso surgisse alguma dúvida, a pesquisadora complementava com comentários em texto escrito em LP ou por meio de vídeos em Libras. A seguir, imagens de algumas interações virtuais para a validação de sinais-termo no grupo “Glossário odontologia”:

Imagem 5 – Grupo “Glossário odontologia”



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 6 – Grupo “Glossário odontologia”



Fonte: Arquivo pessoal.

Os registros em vídeo dos sinais-termo foram realizados por meio de uma câmera semiprofissional e de um *smartphone*, e foram guardados como arquivo pessoal para posterior gravação dos vídeos oficiais que farão parte do glossário *on-line*.

A criação do glossário *on-line* é um projeto de continuação desta pesquisa. A *priori* o produto final desta pesquisa será em formato impresso, com as entradas dos verbetes em Língua Portuguesa e em Libras na modalidade escrita por meio do sistema *SignWriting* de escrita de sinais, fotos dos sinais e *qr-codes* que levam ao vídeo do sinal-termo.

Os vídeos disponíveis para captura por meio dos links e dos *qr-codes* estão salvos na plataforma de vídeos do *youtube*, eles não estão abertos ao público. Somente a pessoa que tem os *links* é que pode acessar os vídeos.

Imagem 7 – Modelo de vídeo dos sinais-termo



Fonte: Arquivo pessoal

Na Imagem 7, um modelo dos vídeos disponíveis por meio do acesso aos links dos *qr-codes*. Ao lado superior esquerdo, a logomarca do Glossário da Odontologia, ao lado superior direito, a forma escrita do sinal-termo por meio do sistema *SignWriting*. E, no centro, a autora sinalizando os sinais-termo presentes no glossário escrito.

3.4 MACROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO

A macroestrutura compõe as características gerais de um glossário. No processo de criação do presente glossário, houve a necessidade de pensar, em primeiro lugar, onde as disciplinas se encaixariam. Nesse sentido, foi pensado de antemão em mapas conceituais conforme descrito em 3.1.1.1, em ordenação dos verbetes (em ordem alfabética), em tipologias gerais para a apresentação das informações nos verbetes, em fichas de catalogação etc.

3.4.1 Ficha Terminológica

No processo de catalogação dos termos, um dos aportes metodológicos foi a utilização de fichas terminológicas. De acordo com Faulstich (2000), a ficha terminológica é comparada a uma certidão de nascimento do termo. A autora ressalta que as fichas terminológicas devem ser preenchidas para cada termo, os campos da ficha devem ser selecionados e esgotados ao máximo de acordo com a terminologia e o repertório escolhido pelo pesquisador. Abaixo podemos verificar um exemplo de ficha terminológica usada nesta pesquisa:

Tabela 3 – Modelo de ficha terminológica para termos em Língua portuguesa

Ficha terminológica	
001	
1. Entrada	
2. Categoria Gramatical	
3. Gênero	
4. Variante(s)	
5. Área	
6. Definição	
7. Fonte de constituição da definição	
8. Contexto	

9. Fonte do contexto	
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante do Termo em Libras	
16. Representação do termo em <i>SignWriting</i>	
17. Autor	
18. Redator	
19. Data	

Fonte: Adaptado de Vale (2018).

Para a composição do glossário, foram selecionados 118 termos da Língua portuguesa usados nas disciplinas do curso de odontologia e as suas respectivas denominações em Libras. A versão impressa do glossário está organizada por ordem alfabética e sua formatação foi elaborada com o auxílio do programa *lexique pro* (versão 3.6).

Feito um panorama geral da macroestrutura do glossário passemos agora para a microestrutura dos verbetes.

3.5 MICROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO

A microestrutura dos verbetes está organizada em duas colunas. A primeira coluna do lado esquerdo, encontra-se o verbete em Libras e do lado direito, encontra-se o verbete em Língua Portuguesa. Apresentamos a ordem de cada um no modelo a seguir:

Verbete em Libras:

VERBETE = configuração de mão + *qr-code* do vídeo do sinal-termo + sinal-termo em *SignWriting* + imagem da forma do sinal-termo + imagem da forma da(s) variante(s) do sinal-termo.

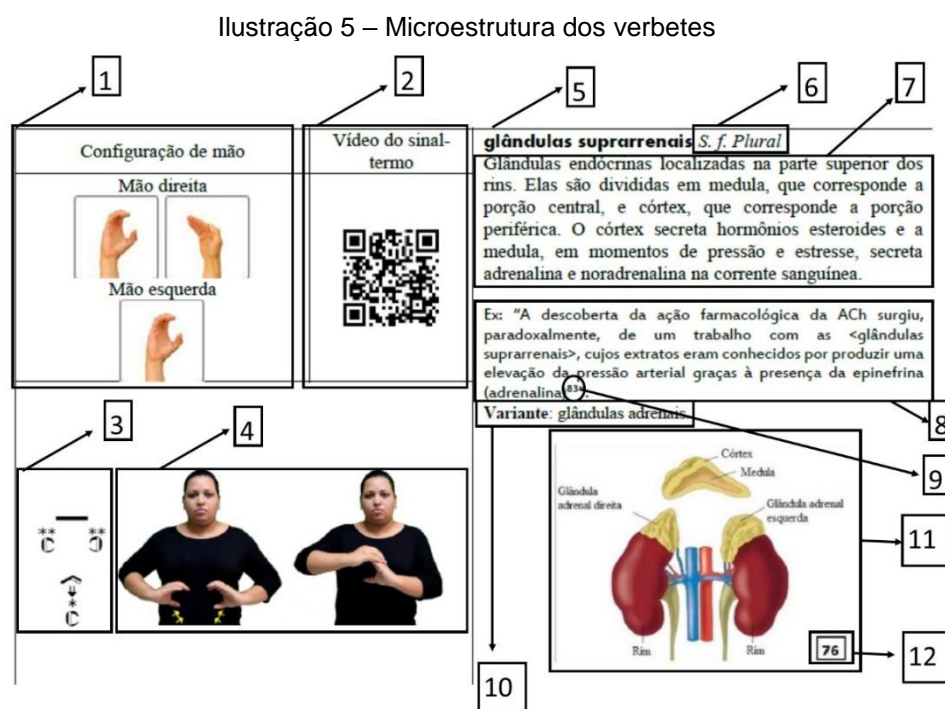
Verbete em LP:

VERBETE = termo entrada + informação gramatical + definição + contexto + fonte do contexto + variante(s) + imagem/figura/ilustração do termo + fonte da imagem.

O termo entrada, informações gramaticais, definição, contexto, fonte do contexto, imagem do termo, fonte da imagem do termo, configuração de mão, *qr-*

code, imagem da forma do sinal-termo e sinal-termo em *SignWriting* são partes obrigatórias de cada verbete. As variantes em Língua Portuguesa, assim como em Libras, vão depender da origem do termo.

Para exemplificar, abaixo a Ilustração 5 mostra o verbete em Língua Portuguesa e em Libras:



Legenda do verbete em Libras: 1- configuração de mão; 2- qr-code do vídeo do sinal-termo; 3- sinal-termo em *SignWriting*; 4- imagem da forma do sinal-termo;

Legenda do verbete em LP: 5- termo entrada; 6- informação gramatical; 7- definição; 8- contexto; 9- fonte do contexto; 10- variante(s) em Língua Portuguesa; 11- imagem/figura/ilustração do termo; 12- fonte da imagem.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Na Ilustração anterior, o sinal-termo é realizado pelo uso do sistema *SignWriting* de escrita de sinais representando a forma gráfica do sinal-termo e também visualmente pela pesquisadora por meio da imagem da forma do sinal-termo. Em outras ocorrências, as variante do sinal-termo são representadas por meio do *SignWriting* e em sequência a imagem do sinal-termo.

3.5.1 Organização das imagens e dos vídeos

As imagens são elementos linguísticos importantes na composição de um glossário, elas complementam a definição de um termo. No caso de um glossário em

Libras, para os sujeitos surdos, recursos visuais facilitam na compreensão do termo e materializam a definição.

As imagens foram coletadas dos livros acadêmicos usados nas disciplinas do curso, somente em casos que não foram encontradas imagens compatíveis à exemplificação dos termos nesses livros, as imagens foram coletadas da internet e em outros livros disponíveis nas bibliotecas da UFPA.



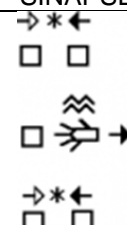
Os vídeos foram gravados por meio de uma câmera *Cannon* semiprofissional. Com os vídeos gravados foi possível realizar a captura dos *frames* afim de compor a sequência de cada movimento do sinal-termo. Em alguns deles foram necessários acrescentar setas para indicar a direção dos movimentos, essas edições foram realizadas com programas de edição de imagens, como *paint*, *power point* e *photoshop*. Os vídeos produzidos ficarão disponíveis para a versão *on-line* do glossário, mas, desde já, é possível acessar os vídeos por meio dos *links* disponíveis no formato impresso do glossário.

3.6 SUPORTE COMPUTACIONAL

3.6.1 Escrita dos sinais-termo por meio do sistema *SignWriting* (SW)

Realizamos os registros dos sinais-termo por meio do sistema *SW* seguindo o modelo dos dicionários de Língua Brasileira de Sinais produzidos por Fernando Capovilla. A seguir alguns exemplos de sinais-termo em *SW*:

Quadro 6 – Sinais-termo em *SW*

FISIOLOGIA	NERVO-TRIGÊMEO	SINAPSE
		

Fonte: Arquivo pessoal.

Esses sinais-termo em *SW* serão colocados ao lado das fotos dos sinais-termo, assim como no dicionário Capovilla. Compare a imagem a seguir com a Ilustração 5 apresentada no tópico 3.5:

Imagem 8 – O verbete HABITAÇÃO



Fonte: Capovilla e Raphael (2001).

Para realizar essa atividade e outras, foi necessário o suporte tecnológico do computador. A seguir veremos alguns desses suportes usados para a compilação do glossário.

3.6.1.1 Suporte para Edição do *SignWriting* (SW)

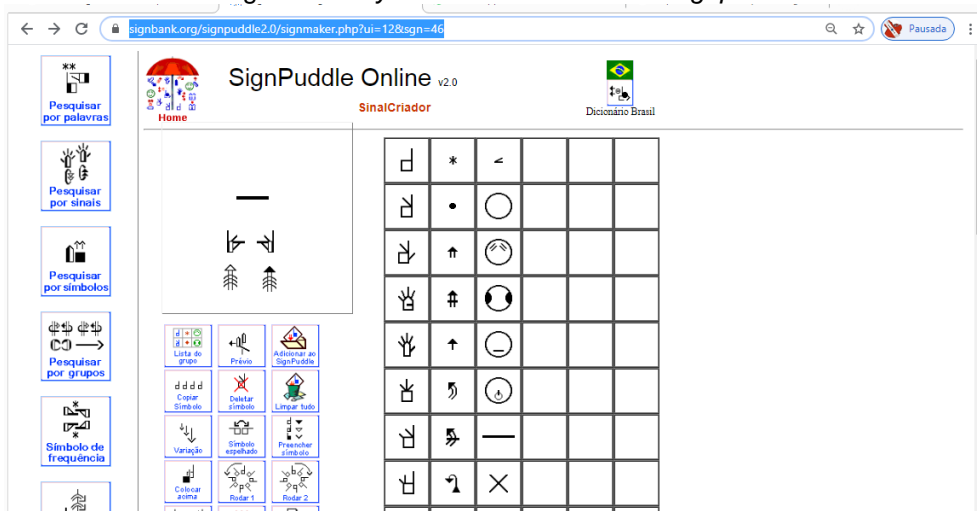
Para o registro em escrita de sinais por meio do SW, foram utilizados dois softwares de edição. O principal utilizado foi o *software on-line* denominado *Signpuddle*. Também utilizamos o *SW-edit*.

O *signpuddle* é um *software* criado por Steve Slevinski, onde é possível construir sinais na escrita de sinais e encontrar léxicos já registrados em SW de várias línguas de sinais do mundo. É possível criar documentos em *SignWriting* com *SignText*, enviar *e-mail* em *SignWriting* com *SignMail*, traduzir *wordglosses* para *SignWriting*, imprimir Literatura *SignWriting* em formato *pdf*, exportar dados *SignWriting* para o *SignBank*, pesquisar sinais e textos em língua de sinais por uma variedade de formatos de pesquisa, incluindo pesquisa por palavras, pesquisa por sinais, pesquisa por símbolos e frequência de símbolo¹⁸.

A seguir um recorte da imagem do *software on-line* na opção “sinal criador”:

¹⁸ Informação disponível em inglês no endereço: <https://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0478-SignPuddle-Servers.pdf> (tradução livre).

Imagem 9 – Layout do software on-line Signpuddle

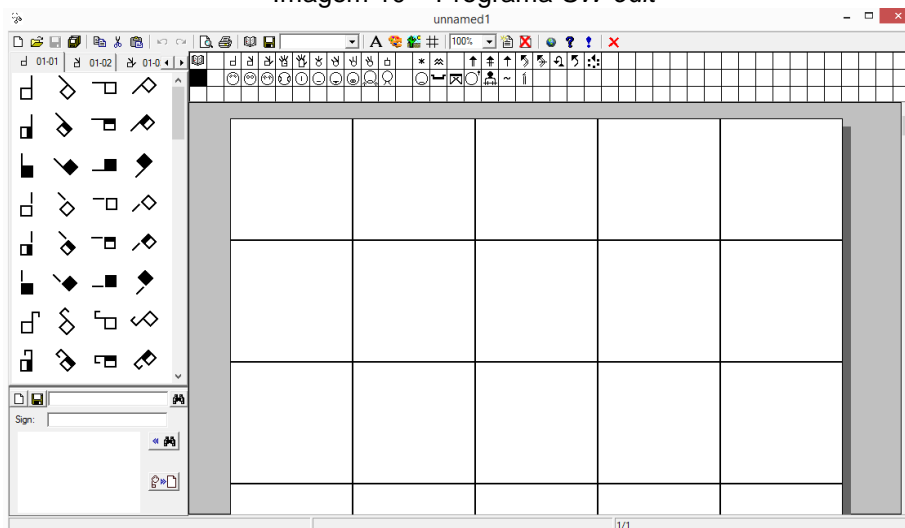


Fonte: <https://www.signbank.org/signpuddle2.0/signmaker.php?ui=12&sgn=46>

No *signpuddle* é possível escolher os símbolos correspondentes às configurações de mão, movimentos, ponto de articulação, direção da mão e expressões não-manuais.

Outro programa usado na composição dos sinais escritos foi o *SW-edit*. Um programa que pode ser instalado no computador e utilizado sem o acesso à *internet*. Foi desenvolvido por Rafael Piccin Torchelsen e Antônio Carlos da Rocha Costa. E, assim como o *signpuddle* é possível escolher os símbolos que compõem os parâmetros de um sinal. No entanto, este programa é mais antigo e apresenta variedade de símbolos menor em comparação com o *signpuddle*. Vejamos a seguir a interface do programa *SW-edit*:

Imagem 10 – Programa SW-edit

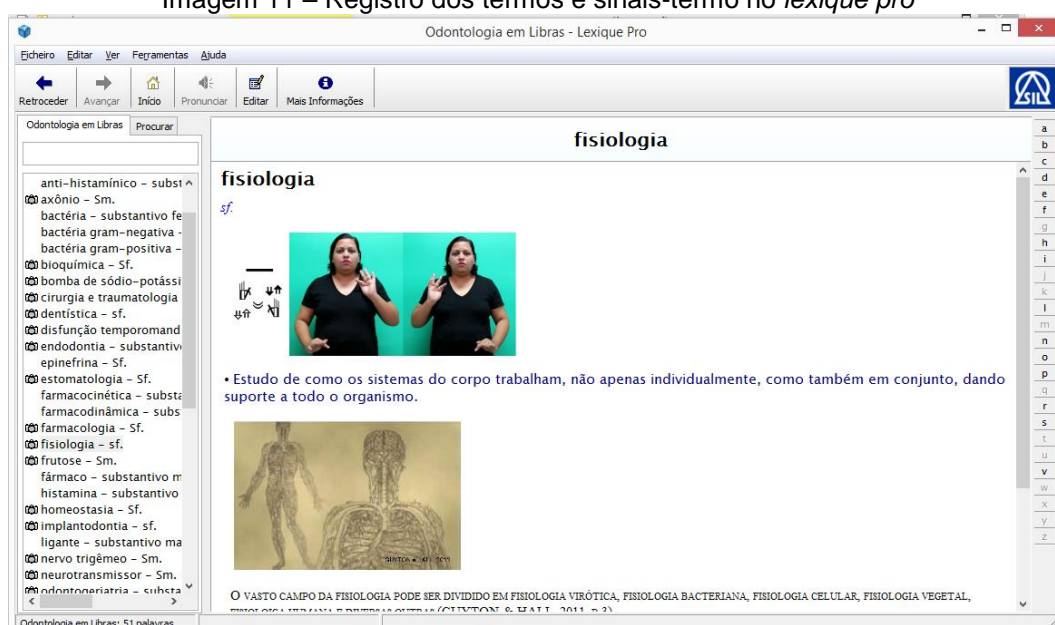


Fonte: Arquivo pessoal.

3.6.2 Lexique pro

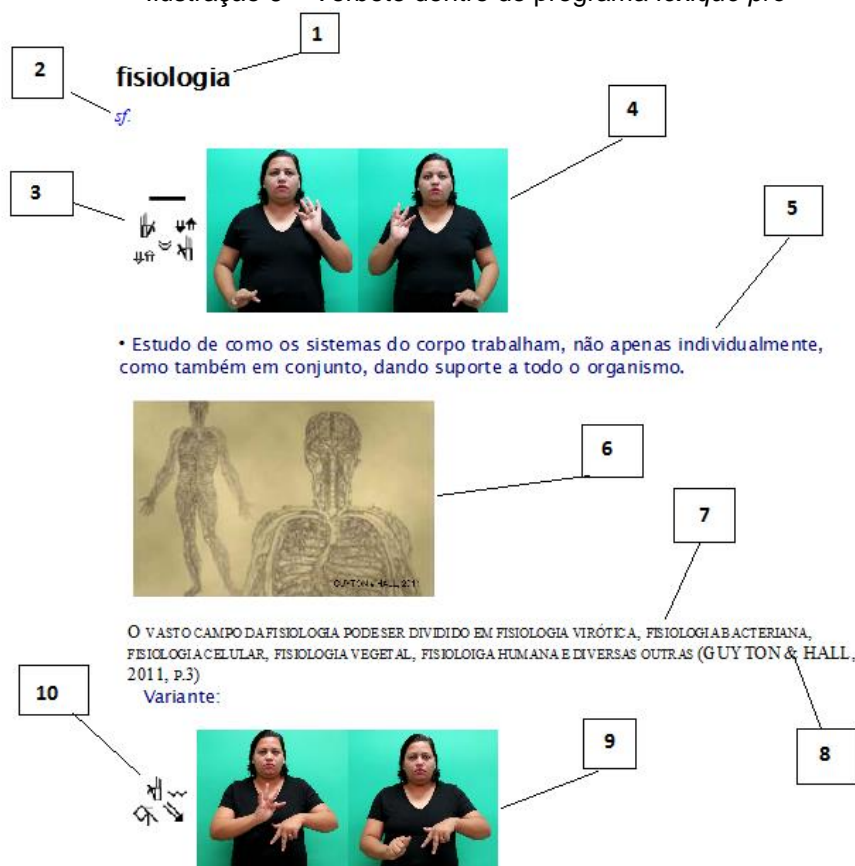
Inicialmente, utilizamos o *software lexique pro* para registrar os termos e compor os verbetes. O *lexique pro* é um programa gratuito, criado para auxiliar na criação de dicionários e glossários. Esse *software*, desenvolvido pela SIL (*Summer Institute of Linguistics*), “permite editar, exibir e distribuir dados lexicais de línguas naturais. É usado para criar bases de dados, gerenciar arquivos e gerar documentos em formato de dicionário [...]” (LIMA e MARTINS, 2014, p. 259).

Imagem 11 – Registro dos termos e sinais-termo no *lexique pro*



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Esses registros serviram de modelo para a organização do verbete no glossário impresso, assim como mostra a visualização de um verbete dentro do próprio programa na Ilustração a seguir:

Ilustração 6 – Verbetes dentro do programa *lexique pro*

Legenda: 1- termo entrada; 2- informação gramatical; 3- sinal-termo em SW; 4- imagem do sinal-termo; 5- definição; 6- imagem/figura/ilustração do termo; 7- contexto; 8- fonte do contexto; 9- variante em SW do sinal-termo; 10- imagem da variante do sinal-termo.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Além desses programas, foi usado, para a formatação final do glossário impresso, o editor de texto *word*, da *Microsoft*. Nele foi possível editar imagens, criar tabelas para melhor organização das imagens que compõem os verbetes, ajustar as fontes, corrigir aspectos ortográficos e gramaticais, padronizar o texto.

3.6.3 Criação de *qr-codes*

A ideia de adicionar esse recurso surgiu a partir das experiências da autora na Coordenadoria de Acessibilidade da UFPA. Essa coordenadoria desenvolveu um projeto de acessibilidade nos espaços da UFPA, em que as placas nas portas dos departamentos da Superintendência de Assistência Estudantil seriam identificadas, além do recurso da Língua Portuguesa escrita, recursos de acessibilidade, como a escrita em braile e a identificação em Libras, teriam que existir.

O recurso do *qr-code*, quando capturado por meio de um *smartphone*, por estudantes, profissionais e visitantes, surdos ou ouvintes, além de promover a acessibilidade, teria o objetivo de difundir a Libras dentro da UFPA.

Nesse sentido, pensamos em adaptar esse recurso e inseri-lo no Glossário da Odontologia. Por meio dos *qr-codes* é possível que os consulentes do glossário acessem os vídeos dos sinais-termo.

Para a criação desses códigos, utilizamos um gerador de *qr-codes* gratuito disponível na internet. O *site*¹⁹ oferece diversas opções de geração e formatação de códigos *qr*. Optamos por utilizar a formatação mais simples.

3.7 TESTE DE FIABILIDADE

Após a criação e organização final do glossário, elaboramos um questionário²⁰ *on-line*, em Língua Portuguesa e em Libras, com perguntas abertas e de múltipla escolha para que alguns especialistas da área e usuários do produto final analisassem de forma qualitativa a relevância do produto terminográfico, bem como a correção dos termos em LP e dos sinais-termo.

As perguntas do questionário foram baseadas em Barros (2004, p. 197). Na parte inicial, solicitamos que algumas informações pessoais fossem preenchidas, a título de registro. E, somente em seguida, apresentamos as perguntas. Observe as perguntas aplicadas:

Quadro 7 – Questionário *on-line*

<p>1. Os termos em Língua Portuguesa utilizado neste glossário são: (Questão a ser respondida pelo especialista da odontologia e/ou da área especializada).</p> <p><input type="radio"/> Corretos</p> <p><input type="radio"/> Não-oficiais</p> <p><input type="radio"/> Evitáveis</p> <p><input type="radio"/> Pouco precisos</p> <p><input type="radio"/> Uso incorreto</p>
<p>2. Caso você tenha escolhido as opções "não-confiáveis", "evitáveis", "pouco precisos" e/ou "uso incorreto", poderia dizer quais foram esses termos e pontuar cada um deles? (Questão a ser respondida pelo especialista da odontologia e/ou da área especializada)</p>
<p>3. Os sinais-termo do glossário proposto nesta pesquisa são: (pergunta a ser respondida pelos usuários da Libras).</p> <p><input type="radio"/> Duvidosos</p> <p><input type="radio"/> Evitáveis</p> <p><input type="radio"/> Adequados</p>
<p>4. Se você respondeu "duvidosos" e/ou "evitáveis", poderia explicar por que responde assim?</p>

¹⁹ Site acessado para criação dos *qr-codes*: <https://www.qrcodefacil.com/>. Acesso em: set. 2020.

²⁰ Os questionários encontram-se em anexo.

(pergunta a ser respondida pelos usuários da Libras).

5. Em uma escala de 1 a 5, onde 1 - inútil, 2- pouco útil, 3- útil, 4- muito útil e 5- extremamente útil, como você considera esse glossário para os usuários surdos(as) e ouvintes usuários e não-usuários de Libras? (A ser respondido por todos os participantes dessa pesquisa)

1 2 3 4 5

Fonte: Adaptado de Barros (2004, p. 197).

As perguntas 1 e 2, foram direcionadas para os especialistas da odontologia e/ou áreas relacionadas, surdos(as) ou ouvintes, pois somente eles poderiam avaliar com precisão as definições dos termos em Língua Portuguesa.

As perguntas 3 e 4, foram direcionadas para os especialistas da odontologia e/ou áreas relacionadas ou da linguística, surdos(as) ou ouvintes, usuários da Libras. Para avaliar os sinais-termo teria que ser alguém que conhece a Libras.

A pergunta 5, direcionava-se para qualquer um dos dois grupos citados acima, usuários ou não da Libras.

Nas orientações iniciais do questionário, disponibilizamos uma amostra do glossário por meio de um *link* que levava o participante do teste de fiabilidade ao glossário em formato digital, salvo em uma plataforma de dados, assim, as questões poderiam ser respondidas com base na análise do glossário.

3.8 SUPERESTRUTURA DO GLOSSÁRIO

Apresentamos a seguir as orientações de uso do glossário. Antes, explicaremos o significado da logomarca criada pela autora.

A logomarca, como pode-se observar na imagem 12, é construída com dois símbolos, o primeiro, do fundo, em tamanho maior, na cor laranja, representa a Língua Brasileira de Sinais; o segundo, em tamanho menor, sobreposto às mãos, representa o símbolo da odontologia com uma cobra amarela que envolve um bastão cor de vinho e é envolto por um círculo cor de vinho.

O símbolo que representa a Libras, está no tamanho maior, para destacar a conquista dos sujeitos surdos(as), usuários da Libras, ao participarem dessa área do conhecimento que antes não se imaginava que eles poderiam alcançar. E, que a Libras é uma língua pela qual é possível adquirir conhecimento de qualquer natureza.

Imagem 12 – Logomarca do glossário



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Dessa forma, produzimos uma capa personalizada (Imagem 13) contendo logomarca, título em Língua Portuguesa e título em escrita de sinais (glosa: GLOSSÁRIO BILÍNGUE PORTUGUÊS LIBRAS TERMINOLÓGICO ODONTOLOGIA).

No sumário, apresentamos a estrutura do conteúdo do glossário, números das páginas e os termos em LP. Inicialmente com a parte introdutória, contendo: 1) Objetivos; 2) Público alvo; 3) O projeto de pesquisa; e, 4) o glossário.

No tópico 1, nos objetivos, é exposta a tipologia do glossário e esclarece que ele servirá tanto para o Curso de Odontologia da UFPA, quanto para as outras universidade e faculdades. No tópico 2, o público alvo do produto final é definido. Principalmente, para tradutores e intérpretes de Libras e surdos, e por extensão a quem se interessar pelo assunto.

No tópico 3, a pesquisadora esclarece que o glossário é resultado de uma pesquisa de Pós-graduação em linguística, aspecto importante para a produção de um produto terminológico. O tópico 4, esclarece aspectos de ordem estrutural do glossário, como a macroestrutura e microestrutura.

Em seguida, os termos são apresentados em ordem alfabética, como mostra a imagem 14, seguindo a estrutura próxima à estrutura do *software lexique pro*. Observe nas imagens a seguir:

Ilustração 7 – Informações dos verbetes do glossário



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

O verbete em Libras, ao lado esquerdo, possui quatro principais informações: as informações fonológicas (Configurações de Mão), a representação do sinal-termo por meio do vídeo, a forma escrita do sinal-termo por meio da escrita de sinais *SignWriting* e a imagem/foto do sinal-termo. É importante notar que outra informação fonológica existente está representada na foto, que são as setas e os símbolos de movimento.

O verbete em LP, ao lado direito, possui sete principais informações: o termo entrada, as informações gramaticais, a definição do termo, o contexto de uso, o código da fonte do contexto, a imagem representativa do termo, e, na parte inferior direita da imagem, um código da fonte da imagem.

Alguns autores chamam de glossário semibílingue, quando um glossário não apresenta a definição nas duas línguas, mas apenas em uma das línguas. No entanto, existem autores que acreditam, que independentemente desse aspecto, o glossário é do tipo bilíngue. Portanto, o Glossário da Odontologia, mesmo que não tenha a definição em Libras, chamaremos ele de glossário bilíngue.

Além da ordenação alfabética, há também, ao final do glossário, um índice que organiza os termos por disciplina e áreas de concentração, para facilitar ao usuário uma busca mais específica dos sinais-termo. A seguir a Imagem 15 ilustra essa organização.

Imagem 15 – Índice por categoria

ÍNDICE POR CATEGORIA

I. Anatomia	
amídalas	154
anatomia	154
articulação temporomandibular	156
ATM	156
coroa do dente	164
cúspide	165
dentes caninos	166
dentes deciduos	166
dentes incisivos	167
dentes molares	168
dentes permanentes	168
dentina	169
erupção dental	173
esmalte	174
gengiva	181
língua	186
mandíbula	186
maxilar	188
mucosa	190
nervo trigêmeo	191
organismo	195
orofacial	195
pólpa	199
raiz do dente	204
sistema nervoso	207
terceiro molar	210

Fonte: Arquivo pessoal.

Uma parte muito importante da estrutura global do glossário é a referência, isto é, o *corpus* de referência que serviu de base para a pesquisa terminológica e terminográfica. O *corpus* de referência do presente trabalho, devidamente catalogado no final do glossário, reúne 50 obras de referência e 41 *sites*, totalizando 91 fontes que foram utilizadas para compor as definições e os exemplos.

As fontes dos contextos/exemplos são indicados por uma referência numérica que corresponde ao número da obra de referência presente no fim do glossário. Essas referências se encontram no tópico “Referências dos Exemplos”. As imagens/ilustrações/figuras dos termos, foram usadas em todos eles, e numeradas

no canto inferior direito indicando a fonte delas. As fontes das imagens dos termos também encontram-se no glossário, no tópico “Referências das Imagens”.

Os *qr-codes* encontrados no verbete em Libras, levam a uma plataforma *on-line* de vídeos, onde estão salvos os vídeos dos sinais-termo. Caso o consulente do glossário não compreenda como sinalizar aquele sinal-termo, ele tem a opção de capturar o *qr-code* por meio de um aplicativo instalado no seu *smartphone*, isto é, se ele(a) estiver manuseando a forma impressa do glossário. Caso ele(a) esteja consultando a forma digital do glossário, em formato *pdf*, é possível acessar os vídeos dos sinais-termo apenas com um toque ou clique em cima do *qr-code*, pois os *links* dos vídeos estão ancorados a ele.

Apesar de essa opção estar disponível, acrescentamos no final do glossário um tópico com a compilação de todos os *links* dos vídeos dos sinais-termo no tópico “*Links dos vídeos em Libras dos sinais-termo*”.

As abreviaturas para representar as categorias gramaticais de gêneros masculino, feminino e os tipos de unidades terminológicas nas entradas em Língua Portuguesa foram:

- *S.m.* para substantivo masculino, por exemplo: fármaco, neurotransmissor, axônio;
- *S.f.* para substantivo feminino, por exemplo: farmacologia, adrenalina, bactéria;
- *S.n.* para Sintagma nominal, por exemplo: alta rotação, baixa rotação, cirurgia e traumatologia bucomaxilofacial;
- *Sigla* para siglas, por exemplo: ATM (articulação temporomandibular), CTBMF (cirurgia e traumatologia bucomaxilofacial);

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, analisaremos o resultado dos dados coletados, o processo de criação dos sinais-termo, as variantes dos sinais-termo, o processo de criação e validação dos sinais com a equipe especializada, o resultado do teste de fiabilidade e o registro quantitativo dos sinais-termo que compõe o glossário do Curso de Odontologia.

4.1 PROCESSO DE CRIAÇÃO DOS SINAIS

4.1.1 Processo de derivação

Observamos que alguns termos usados no Curso de Odontologia da UFPa, já tinham equivalentes em especializados em Libras criados e registrados em glossários on-line e/ou impressos²¹, principalmente nas disciplinas que tinham como base o vocabulário da biologia, química e anatomia, no entanto, outros sinais precisaram ser criados.

Nas reuniões de criação e validação dos sinais-termo, apresentamos alguns sinais-termo que já existiam e os seus respectivos conceitos. Com base nisso, mostramos os termos e conceitos em LP que não tinham equivalentes em Libras. Esses últimos tinham conceitos próximo àquele do sinal-termo apresentado inicialmente.

Para ficar mais claro, mostramos a seguir o exemplo dos termos “hormônio”, “adrenalina” e “noradrenalina”.

Quadro 8 – Termos e sinais-termo para “hormônio”, “adrenalina” e “noradrenalina”

Termo em LP	Sinal-termo
hormônio	

²¹ Como, por exemplo, <https://sites.google.com/site/odontologiaemlibras/aluno-surdo/areas-odontologicas?authuser=0>.



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Para a criação dos sinais-termo “adrenalina” e “noradrenalina”, nos valem da regra gramatical de derivação de sinais. Nos baseamos na CM do sinal-termo “hormônio²²” para elaborar os parâmetros dos outros dois sinais, uma vez que “adrenalina” e “noradrenalina” são substâncias hormonais, como podemos ver nas definições elaboradas pela autora²³ a seguir:

adrenalina S.f.

Hormônio produzido e secretado pelas glândulas suprarrenais em momentos de estresse, prazer, atividade física ou perigo. Estimula o coração, eleva a tensão arterial, relaxa certos músculos e contrai outros.

noradrenalina S.f.

Hormônio produzido nas glândulas suprarrenais, liberada diretamente na corrente sanguínea. Conhecida como uma substância de “luta e fuga” é liberada em momentos de sustos, surpresas ou fortes emoções.

Outro exemplo de sinal-termo criado pelo processo de derivação é o sinal equivalente para “fármaco”. Antes da presente pesquisa, usávamos o sinal do léxico comum, “remédio”, como equivalente do termo “fármaco”. No entanto, a definição do léxico comum “remédio” e do léxico especializado “fármaco” não é a mesma.

²² O sinal-termo HORMÔNIO foi retirado do dicionário de sinais-termo da Biologia do Grupo de Estudos de Pequenas Empresas e Empreendedorismo – EPEEM, disponível no endereço: https://www.youtube.com/channel/UCP_FCqS6iCIFaHbGaSZ9cKQ/about. Este Dicionário foi um dos mais consultados no processo de interpretação simultânea nas aulas das disciplinas de Ciências Fisiológicas e Ciências Patológicas do Curso de Odontologia da UFPA.

²³ Essas definições compõem o Glossário terminológico Português-Libras da Odontologia.


Segundo o dicionário *on-line*²⁴ de Português, “remédio” significa: “Substância ou recurso de que se usa para combater uma doença, dor, patologia”. O mesmo dicionário de Português define “fármaco” como: “Medicamento; qualquer remédio, substância ou produto desenvolvido e preparado para fins farmacêuticos”.

Destacamos ainda, Rang *et al.* (2016, n.p), que diferenciam os conceitos de medicamento e fármaco:

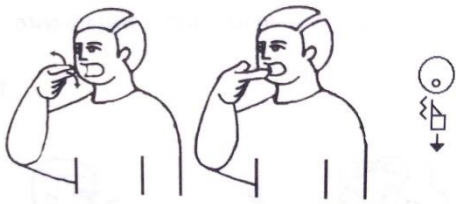
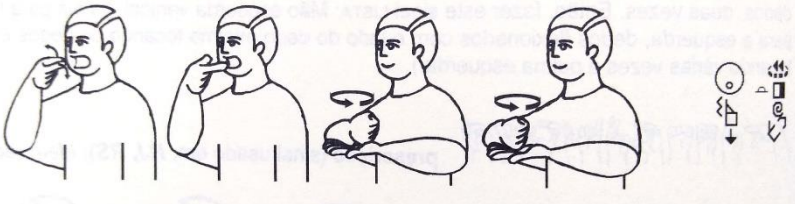


Fármacos podem ser substâncias químicas sintéticas, substâncias químicas obtidas a partir de plantas ou animais ou produtos de engenharia genética. Um *medicamento* é uma preparação química que, em geral – mas não necessariamente –, contém um ou mais fármacos, administrado com a intenção de produzir determinado efeito terapêutico. Os medicamentos, em geral, contêm outras substâncias (excipientes, conservantes, solventes etc.) ao lado do fármaco ativo, a fim de tornar seu uso mais conveniente. Para que a substância seja considerada um fármaco, ela substância deve ser administrada como tal, em vez de ser liberada por mecanismos fisiológicos. Várias substâncias, como insulina ou tiroxina, são hormônios endógenos, mas são também fármacos quando intencionalmente administradas. Muitos fármacos não são usados em medicamentos, mas se revelam úteis ferramentas de pesquisa. [...] os venenos se encaixem perfeitamente na definição de fármacos [...].

Portanto, um remédio pode ser um fármaco, mas nem todo fármaco é um remédio. Assim como nem todo medicamento é composto de um fármaco. Mas todo medicamento pode ser um remédio. Com essas definições em mente, percebemos que o sinal comum para “remédio” não poderia ser terminologizado, mas precisaria que um sinal-termo com características de língua especializada fosse criado, e que conteúdo e forma fossem equivalentes ao conceito. A seguir apresentamos as variantes do léxico comum da Libras para “remédio” e “medicamento”:

Quadro 9 – Sinais de “remédio” e “medicamento”

Unidades lexicais	Sinais
remédio/ medicamento	<p style="text-align: center;">Variante 1</p>  <p style="text-align: center;">Variante 2</p>

²⁴ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>.

	
remédio	<p style="text-align: center;">Variante 3</p> 
	<p style="text-align: center;">Variante 4</p>  <p style="text-align: center;">Variante 5</p> 

Fonte: Capovilla e Raphael (2018).

No quadro 9, apenas a variante 2, não utiliza as mesmas CMs da variante 1 (Quadro 10). O mesmo sinal das variantes 1, 3, 4 e 5 é amplamente conhecido e utilizado pelos falantes da Libras, desse modo, optamos por criar o sinal-termo “fármaco” a partir do sinal “remédio”.

Quadro 10 – Configurações de mão utilizadas no sinal “remédio”



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 24 – Sinal-termo “fármaco”



Fonte: Arquivo pessoal.

O sinal-termo “fármaco” não é uma nova criação, mas é um sinal composto por dois léxicos da Libras, REMÉDIO + ESPECIALIZADO, e tem relação com conteúdo e forma. Apesar de a raiz do sinal derivar do sinal “remédio”, este morfema tem relação com os materiais usados pelo profissional da farmacologia para produzir os fármacos. O segundo sinal “especializado” significa que estas substâncias são desenvolvidas e/ou manipuladas em contextos e para fins especializados.

Portanto, com esses exemplos, demonstramos que muitos sinais-termo, criados para compor o glossário do Curso de Odontologia, foram criados pensando na forma e no conteúdo com base em léxicos especializados ou léxicos comuns já existentes na Libras.

4.1.2 Processo de composição

Muitos sinais-termo que compõem o Glossário Terminológico do Curso de Odontologia são sinais compostos. Destacamos alguns sinais-termo no Quadro 11.

Quadro 11 – Processo de formação por composição dos sinais-termo

Sinal-termo	Sinais utilizados para composição
ANESTESIA	INJEÇÃO-NA-BOCA + DOR-NÃO
AUTOCLAVE	ABRIR-PORTA + VAPOR-SUBIR
BIOQUÍMICA	MUNDO + QUÍMICA
DENTES DECÍDUOS	DENTES + CRIANÇAS
ESTERILIZAÇÃO	MATERIAS + LIMPO + 100%
ESTUFA	ABRIR-PORTA + QUENTE + SECO
FARMACOLOGIA	REMÉDIO + PESQUISA
FARMACOCINÉTICA	REMÉDIO + COLOCAR-BOCA + ESPALHAR-CORPO + TIRAR-CORPO
FARMACODINÂMICA	REMÉDIO + COLOCAR-BOCA + TRABALHAR-AO-REDOR-DO-CORPO
FÁRMACO	REMÉDIO + ESPECIAL
HOMEOSTASIA (variante 1)	CÉLULA + QUÍMICA + EQUILÍBRIO
VIA INTRAMUSCULAR	MÚSCULO + INJEÇÃO-BRAÇO
VIA INTRAVENOSA	VEIA + INJEÇÃO-ANTEBRAÇO
VIA SUBCUTÂNEA	PELE + INJEÇÃO-ANTEBRAÇO

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

No sinal-termo composto “anestesia”, é possível observar, no âmbito morfológico, que o sinal DOR (verbo) sofreu um apagamento de um dos movimentos. A regra da sequência única, conforme Quadros e Karnopp (2004), é um fenômeno decorrente no processo de composição de sinais, o movimento interno ou a repetição do movimento é eliminada. Já no âmbito sintático, o mesmo sinal [DOR] sofre a incorporação de negação.

O sinal-termo “autoclave” é composto de sinais classificadores. Na Libras existem vários equivalentes para a palavra “abrir” em LP, por exemplo, ABRIR-PORTA, ABRIR-LATA, ABRIR-BAÚ etc. O sinal “vapor”, foi realizador por meio de um classificador na Libras, pois ele representa e demonstra a forma do estado físico gasoso do vapor.

A variante 1 do sinal-termo “homeostasia”, refere-se à primeira criação em sala de aula. A segunda criação aconteceu durante uma das reuniões de validação, este último já não sofre o mesmo processo de composição.

Os outros sinais-termo com composição podem ser observados no glossário presente no capítulo 5.

4.1.3 Empréstimos

O processo de empréstimo linguístico é observamos em alguns sinais-termo do presente trabalho. Destacamos a seguir uma lista dos sinais-termo com empréstimo por transliteração:

Tabela 4 – Lista de sinais-termo com empréstimo por transliteração

ATM
bactéria
biossegurança
bomba de sódio-potássio
carboidrato
CTBMF
dentes permanentes
diabetes
DTM
epinefrina
fisiologia
fotopolimerizador
gengiva
gengivite

glicose
homeostasia
maxilar
metabolismo
mucosa
norepinefrina
organismo
periodontite
potássio
saúde coletiva e da família
sinapse
sistema nervoso
sódio
<i>streptococcus mutans</i>
via intramuscular

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

O processo de empréstimo por transliteração ocorre quando as letras do alfabeto da LP são utilizadas por meio das CMs, isto é, por meio da datilologia ou o uso das letras iniciais dos termos em LP. Os sinais-termo listados podem ser observados no glossário presente no capítulo 5.

4.2 REGISTRO DAS VARIANTES TERMINOLÓGICAS DOS SINAIS-TERMO

Escolhemos registrar apenas as variantes utilizadas em sala de aula no Curso de Odontologia e/ou as variantes criadas com o grupo de especialistas surdos que participaram dessa pesquisa.




Acreditamos que o registro de todas as variantes teria que ser um trabalho exaustivo, no entanto, devido o cronograma e o prazo para o desenvolvimento do presente trabalho, não teríamos tempo para tal realização. Sinais-termo como anatomia, bactéria, cárie, biossegurança, dentes caninos, dentes molares, neurônio só para citar alguns.

Durante as reuniões presenciais e *on-line*, apresentávamos os sinais que criávamos em sala de aula. De acordo com as sugestões da maioria, novos sinais-termos eram criados e assim validados. Todavia, decidimos não descartar aqueles sinais que estavam sendo utilizados diariamente durante as interpretações e interações com a discente surda em sala de aula.

Destacamos o sinal-termo “neurotransmissor”. Apresentamos à equipe de surdos(as) especialistas e estudantes o sinal-termo já existente para o termo

“neurônio”, em seguida explicamos o conceito e com isso criamos o sinal-termo para “neurotransmissor”. Veja no quadro a seguir:

Quadro 12 – Termos e sinais-termo “neurônio” e “neurotransmissor”

Termo em LP	Sinal-termo
neurônio	
neurotransmissor	<p data-bbox="837 763 959 790">Variante 1</p> 
	<p data-bbox="837 1099 959 1126">Variante 2</p> 

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

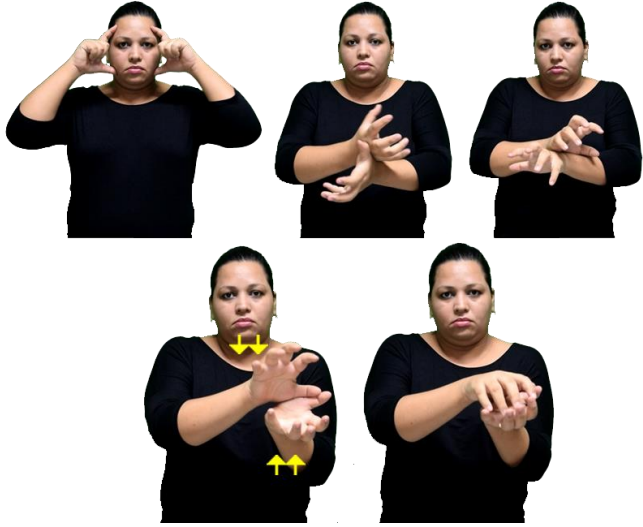

No Quadro 12, é possível observar que as variantes 1 e 2 de “neurotransmissor” são derivadas do sinal-termo “neurônio”, pois possuem a mesma CM como morfema base.

A variante 1, criada durante as aulas do Curso de Odontologia, foi apresentada à equipe de profissionais da Libras, no entanto, a maioria deles não concordaram que este poderia ser um sinal-termo adequado, pois o conteúdo do sinal não estava adequado ao seu significado. O argumento foi: o neurônio não está fora do corpo, mas sim dentro, ele é um tipo de célula que faz parte de uma estrutura anatômica do corpo, portanto, teria que ser realizado com ponto de articulação próximo ao corpo, e não afastado, como na variante 1.

Assim, eles discutiram sobre o conteúdo e o significado do termo, e decidiram utilizar os morfemas, além da CM, o MOV e o PA do sinal-termo “neurônio” para formar o sinal-termo “neurotransmissor”. Registramos esta nova criação como variante 2. O uso de uma dessas formas vai ser definida com o tempo.

Outra forma de registro de mais de uma variante, ocorreu quando eles [os especialistas em Libras], durante as discussões, não chegavam a um consenso. Assim metade concordava escolher um sinal-termo criado e a outra metade concordava com a segunda opção do sinal-termo criado. Segue um exemplo:

Quadro 13 – Variantes do sinal-termo “orofacial”

Termo em LP orofacial	Sinal-termo Variante 1
	
	Variante 2
	

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Dessa forma, preferimos respeitar a sugestão de todos e acatamos as duas opções. Acreditamos que as duas variantes poderão ser utilizadas, não apenas no Curso de Odontologia, mas em outros cursos da área da medicina.



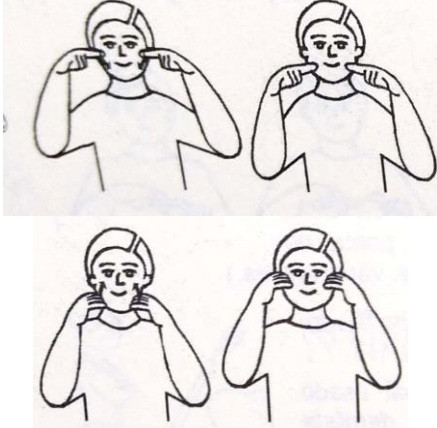

Alguns comentários foram feitos pelos participantes da etapa de validação dos sinais-termo durante as interações virtuais, quando discutiam sobre a escolha do equivalente em Libras mais adequado para o termo em LP. Um dos participantes

surdos, que nomearei de “Pessoa surda 1”, especialista em Libras, comentou sobre a possibilidade de criar mais de um sinal-termo. Destacamos um trecho de sua fala:

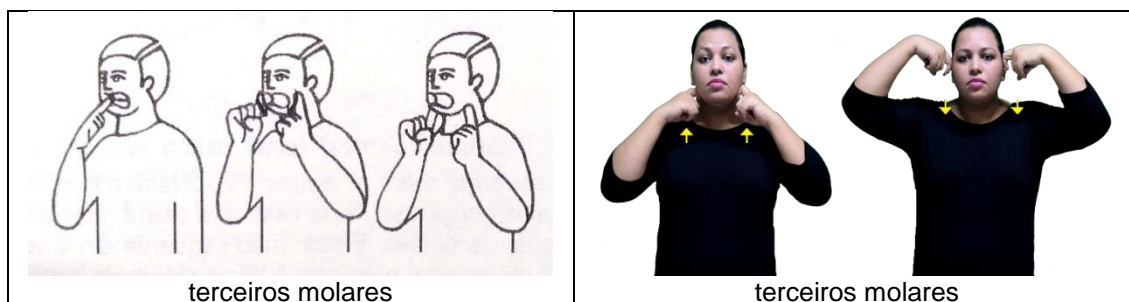
Eu estou observando que algumas pessoas aqui estão discutindo e criando. Mas eu fico observando cada sinal criado [pensativo], então, se eu gostar de um sinal, e gostar do outro sinal também, que equivalem à mesma palavra, eu posso usar os dois sinais. Usar somente um sinal é impossível. Por exemplo, se alguém disser: ‘eu não uso esse sinal, eu uso o outro’; tudo bem é uma escolha dele [...].²⁵ (Pessoa surda 1)

Esse comentário revela que o que vai determinar se aqueles sinais-termos serão usados por uma determinada comunidade linguística é o próprio usuário da terminologia. Isso evidencia o caráter social do termo. Apesar disso, é importante que estejamos atentos à forma e o conteúdo dos sinais, pois eles podem comprometer o significado. Podemos citar, como exemplo, os sinais-termo de *dentes caninos*, *dentes incisivos* e *dentes molares*, registrados no dicionário enciclopédico de Capovilla e Raphael (2018).

Quadro 14 – Variação terminológica dos sinais-termo da Odontologia

Variante (CAPOVILLA e RAPHAEL, 2018)	Variante (a autora)
 <p data-bbox="405 1402 587 1424">dentes caninos</p>	 <p data-bbox="975 1402 1157 1424">dentes caninos</p>
 <p data-bbox="405 1886 587 1908">dentes incisivos</p>	 <p data-bbox="975 1693 1157 1715">dentes incisivos</p>

²⁵ Tradução feita pela autora.



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

No Quadro 14, fazemos uma comparação com as variantes registradas por Capovilla e Raphael (2018) e as variantes propostas pela autora no glossário do presente trabalho. É possível observar que as CMs utilizadas nos sinais da coluna esquerda são diferentes das CMs utilizadas nos sinais da coluna direita.

Quando o sinal para “dentes caninos” do dicionário Capovilla e Raphael (2018) foi apresentado aos participantes durante as reuniões de criação e validação de sinais-termo, uma das participantes surdas, especialista em Libras, sugeriu a criação de um novo sinal, pois a forma da CM passava a ideia de que aquele sinal significava os dentes caninos de um felino e não de um humano. Todos os presentes na reunião concordaram em criar um novo sinal-termo. Dessa vez com uma nova CM mais adequada à forma dos dentes caninos humanos. O que vai determinar o uso dessas novas variantes que surgiram a partir de análise dos sinais já existentes é a comunidade surda participante do meio científico da odontologia.

O sinal-termo para “dentes incisivos” não apresentava adequação ao conteúdo, uma vez que a localização do sinal-termo, registrado por Capovilla e Raphael (2018), encontra-se nas laterais da face. De acordo com as imagens da arcada dentária presentes no dicionário enciclopédico Capovilla e Raphael (2018), esses tipos de dentes encontram-se na parte frontal da arcada dentária próximo aos lábios. Dessa forma, foi proposto um novo sinal-termo, que tivesse relação com o conteúdo, como pode se conferir na terceira linha da coluna direita do Quadro 14. As duas mãos uma em cima da outra representando uma arcada dentária e apenas os quatro dedos esticados, levemente curvados, representando os oito dentes incisivos.

O sinal-termo para “terceiros molares” registrado por Capovilla e Raphael (2018), também, segundo os especialistas participantes dessa pesquisa, não está adequado com relação a forma. Pois, esses tipos de dentes têm morfologia diferenciada dos dentes caninos e dos dentes incisivos. Portanto, a CM deveria ser

realizada com os dedos encolhidos e não esticados. Os sinal-termo proposto pode ser conferido na quarta linha da coluna direito do Quadro 14.

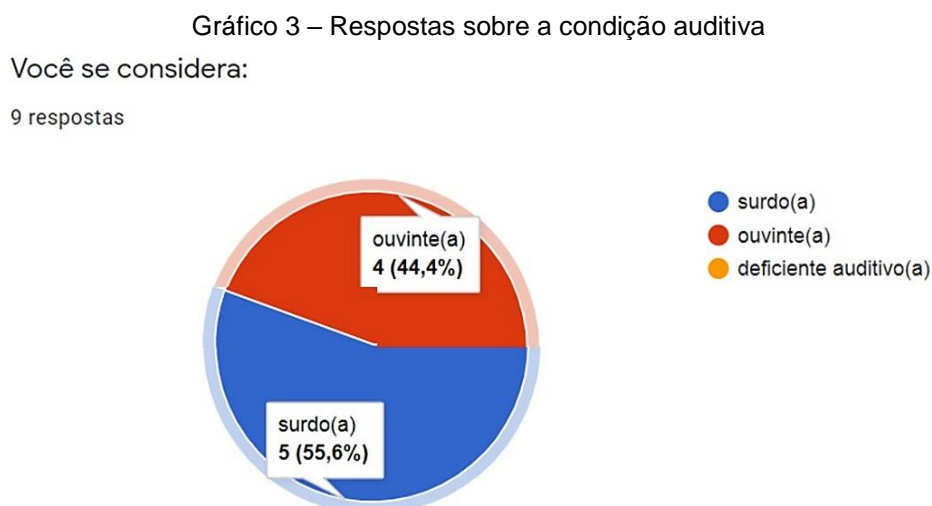
Nesse sentido, alguns dos trabalhos do socioterminólogo consistem em coletar e registrar as variantes terminológicas, aprovadas e utilizadas pelo grupo social envolvido com uma determinada área do conhecimento.

4.3 ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO TESTE DE FIABILIDADE

Nesse subtópico, apresentamos os dados coletados do questionário *on-line* do teste de fiabilidade, aplicado a, e respondido por nove participantes da área especializada da Odontologia e áreas relacionadas, especialistas da linguística e da Libras, Tradutores Intérpretes de Libras e discente do Curso de Odontologia. O questionário foi elaborado com o auxílio do *google* formulários. Salientamos que, uma cópia em formato digital do glossário foi disponibilizada aos participantes para análise, para que posteriormente, com base nessa análise, eles pudessem responder as perguntas.

Inicialmente, fizemos algumas perguntas de cunho pessoal e profissional. A primeira pergunta, após as informações de identificação pessoal, foi: “Você se considera:” (pergunta relacionada à condição auditiva do participante). As opções de resposta forma: a) Surdo (a); b) Ouvinte; e, c) Deficiente auditivo.

De nove repostas, quatro pessoas responderam que são ouvintes (44,4%) e cinco pessoas responderam que são surdas (55,6%), nenhuma pessoa considerou-se como pessoa deficiente auditiva. Como demonstra o gráfico a seguir:



Fonte: Google formulários (2020).

A segunda pergunta do teste foi: “Profissão/função”: (Pergunta relacionada com a profissão exercida pelo participante). As opções de resposta foram: a) Especialista da área da odontologia; b) Discente do curso de odontologia; c) Tradutor e intérprete de Libras/LP; d) Especialista em linguística e Libras; e, e) Discente do curso de Letras Libras.

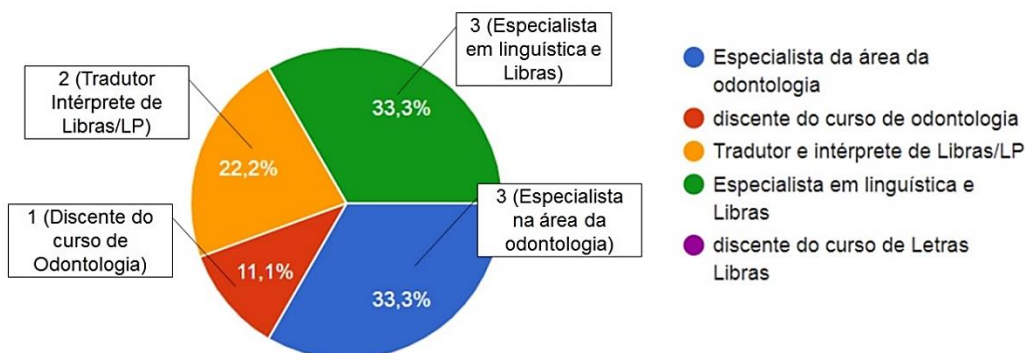
Das nove respostas, três especialistas são da área da odontologia (33,3%), três especialistas são da área da linguística e Libras (33,3%), dois são Tradutores Intérpretes de Libras (22,2%) e uma é discente do Curso de Odontologia (11,1%). Nenhum discente do curso de Letras Libras respondeu ao questionário. A seguir, é possível visualizar os resultados no gráfico.

Apesar de não especificar no formulário, dos especialistas na área da odontologia, um é professor doutor na área da biomedicina no curso de Odontologia da UFPA e duas são odontólogas uma delas é mestranda em estudos da tradução. As três especialistas linguistas, são formadas em Letras Libras, sendo uma delas mestre em educação.

Gráfico 4 – Respostas sobre a profissão/função

Profissão/função:

9 respostas

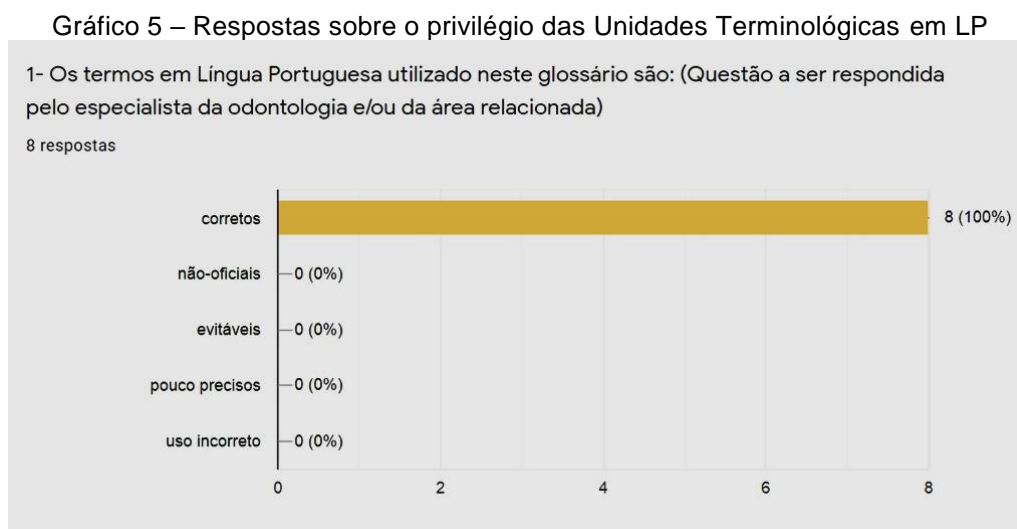


Fonte: Google formulários (2020).

A partir da pergunta seguinte, iniciam de fato as investigações com relação ao teste de fiabilidade dos termos da Língua Portuguesa e dos sinais-termo que compõe o glossário. Nesse ponto do questionário, inicia-se as perguntas enumeradas. A pergunta nº 1, estava relacionada ao privilégio das Unidades Terminológicas do glossário. A pergunta foi: 1) Os termos em Língua Portuguesa utilizados neste glossário são: (Questão a ser respondida pelo especialista da

odontologia e/ou da área relacionada). As opções de resposta foram: a) Corretos; b) Não-oficiais; c) Evitáveis; d) Pouco precisos; e, e) Incorretos.

Dos nove participantes, oito responderam que os termos em Língua Portuguesa estavam “corretos”. O gráfico, a seguir, mostra o índice das respostas:



Fonte: Google formulários (2020).

Analisamos as respostas individualmente, e observamos que alguns participantes, que não eram da área especializada da Odontologia, responderam a pergunta nº 1. Vejamos na tabela a seguir:

Tabela 5 – Lista de participantes e suas respostas à pergunta nº 1 do teste de fiabilidade

Participante	Profissão/função	Condição auditiva	Respondeu à pergunta nº1?
Participante 1	Especialista da Odontologia	Ouvinte	Sim
Participante 2	Especialista da Libras	Surdo (a)	Sim
Participante 3	Discente do Curso de Odontologia	Surdo (a)	Sim
Participante 4	Especialista da Libras	Surdo (a)	Sim
Participante 5	Especialista da Libras	Surdo (a)	Sim
Participante 6	Especialista da Odontologia	Surdo (a)	Sim
Participante 7	Tradutor Intérprete de Libras	Ouvinte	Sim
Participante 8	Especialista da Odontologia	Ouvinte	Sim
Participante 9	Tradutor Intérprete de Libras	Ouvinte	Não

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

A resposta à pergunta nº 1 do questionário, se destinava aos especialistas da Odontologia ou áreas relacionadas, mas alguns participantes que não eram dessa área responderam. Ainda assim, todos os três participantes especialistas da Odontologia (marcados na Tabela 5 com a cor rosa) responderam que os termos em

LP estavam corretos, isso significa que o nível de aceitação é proporcional ao número total de especialistas da Odontologia que responderam a esta pergunta.

A pergunta nº 2 foi a seguinte: 2) “Caso você tenha escolhido as opções "não-confiáveis", "evitáveis", "pouco precisos" e/ou "uso incorreto", poderia dizer quais foram esses termos e pontuar cada um deles? (Questão a ser respondida pelo especialista da odontologia e/ou da área especializada)”.

Esta pergunta está relacionada com a pergunta nº 1 do questionário. Mas não houve respostas. Como pode ser conferido no quadro a seguir:

Quadro 15 – Pergunta nº 2 do teste de fiabilidade

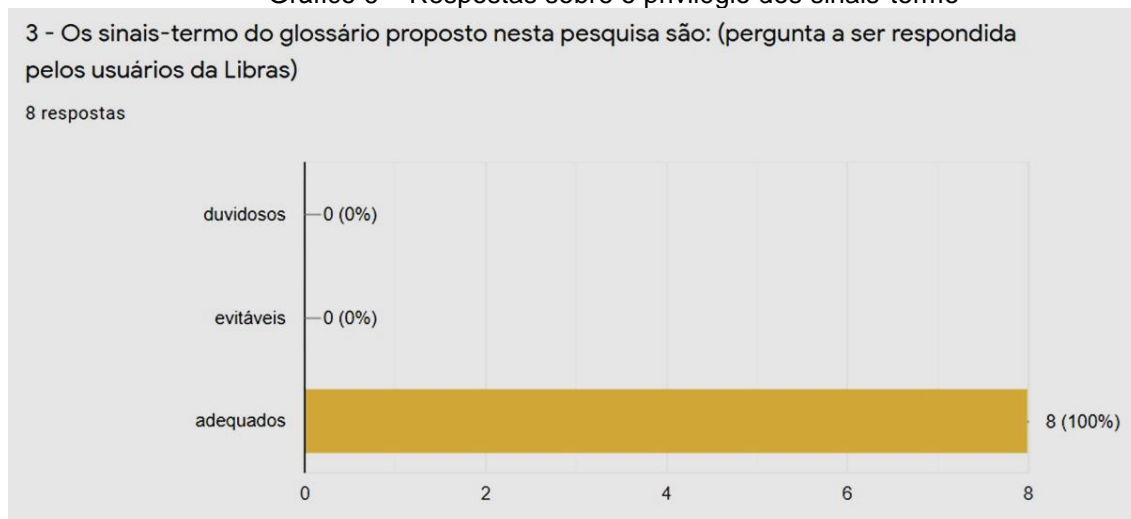
<p>2 - Caso você tenha escolhido as opções "não-confiáveis", "evitáveis", "pouco precisos" e/ou "uso incorreto", poderia dizer quais foram esses termos e pontuar cada um deles? (Questão a ser respondida pelo especialista da odontologia e/ou da área relacionada)</p> <p>0 resposta</p> <p>Ainda não há respostas para esta pergunta.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

A pergunta seguinte [nº 3], foi destinada aos falantes da Libras. Eles deveriam responder a seguinte pergunta: 3) “Os sinais-termo do glossário proposto nesta pesquisa são: (pergunta a ser respondida pelos usuários da Libras)”. As opções de resposta eram: a) Duvidosos; b) evitáveis; e, c) adequados.

De nove participantes, oito deles responderam que os sinais-termo, do glossário proposto, são adequados. Como ilustra o gráfico a seguir:

Gráfico 6 – Respostas sobre o privilégio dos sinais-termo



Fonte: Google formulários (2020).

Vejamos agora as informações das respostas de cada participante, detalhadas individualmente discriminadas na Tabela 6:

Tabela 6 – Lista de participantes e suas respostas à pergunta nº 3 do teste de fiabilidade

Participante	Profissão/função	Condição auditiva	Respondeu à pergunta nº 3?
Participante 1	Especialista da Odontologia	Ouvinte	Sim
Participante 2	Especialista da Libras	Surdo (a)	Sim
Participante 3	Discente do Curso de Odontologia	Surdo (a)	Sim
Participante 4	Especialista da Libras	Surdo (a)	Sim
Participante 5	Especialista da Libras	Surdo (a)	Sim
Participante 6	Especialista da Odontologia	Surdo (a)	Sim
Participante 7	Tradutor Intérprete de Libras	Ouvinte	Não
Participante 8	Especialista da Odontologia	Ouvinte	Sim
Participante 9	Tradutor Intérprete de Libras	Ouvinte	Sim

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Apenas o participante 7 não respondeu à pergunta nº 3. Não sabemos porque esse participante não respondeu a esta pergunta, haja vista que ele é Tradutor Intérprete de Libras, logo, subentende-se que ele seja falante de Libras.

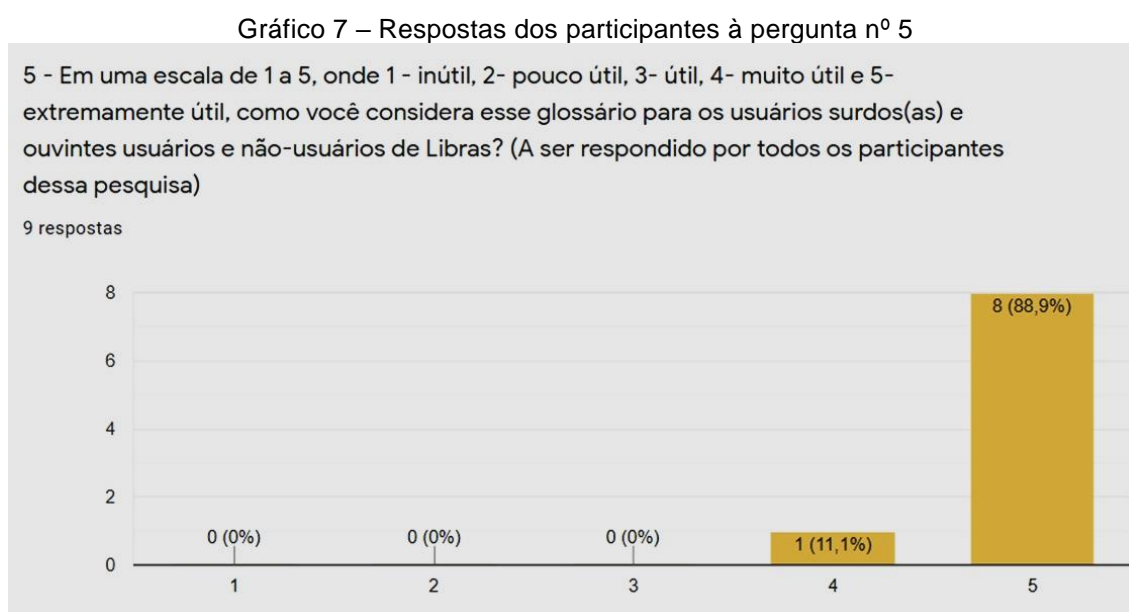
A quarta pergunta é a continuação da pergunta de nº 3. Ela diz: 4) “Se você respondeu "duvidosos" e/ou "evitáveis", poderia explicar por que responde assim? (Pergunta a ser respondida pelos usuários da Libras)”. Pensando nos participantes surdos, disponibilizamos a opção de responder a pergunta em Libras por meio de arquivo de vídeo. Não foram registradas nenhuma resposta em LP e apenas uma resposta em Libras. A seguir, a transcrição em LP e a tradução da resposta em Libras que o participante 5 registrou no questionário.

Transcrição da resposta da Participante 5	Tradução ²⁶
TODO TRABALHO MARAVILHOSO LAYOUT, IMAGENS, DETALHES, EXPLICAÇÕES, VISUAL, SW, QR-CODE. TUDO PERFEITO! SINAL PARABÉNS.	Todo o trabalho está maravilhoso, o layout, as imagens, os detalhes, as definições, os recursos visuais, o <i>SignWriting</i> , os <i>qr-codes</i> . Está tudo perfeito! Meus Parabéns.

Apesar da resposta do Participante 5 não corresponder ao que foi questionado, mostra que ele, sendo falante da Libras, aprovou e ficou satisfeito com o produto terminográfico proposto na presente pesquisa. Essa opinião é importante para o teste de fiabilidade do glossário, pois o público alvo de usuários do repertório que organizamos, incluem especialmente as pessoas surdas.

²⁶ Traduzido pela própria pesquisadora.

E, por fim, a pergunta nº 5, é com relação a opinião dos participantes sobre a utilidade do glossário proposto. A pergunta foi: 5) “Em uma escala de 1 a 5, onde 1- inútil, 2- pouco útil, 3- útil, 4- muito útil e 5- extremamente útil, como você considera esse glossário para usuários surdos(as) e ouvintes usuários e não-usuários de Libras? (A ser respondido por todos os participantes dessa pesquisa)”. Os nove participantes responderam a pergunta. Um participante (11,1%) escolheu a opção 4, o glossário é muito útil; e oito participantes (88,9%) escolheram a opção 5, o glossário é extremamente útil. A seguir, o gráfico contendo as respostas:



Fonte: Google formulários (2020).

Dos três especialistas da Odontologia, dois responderam que o glossário é extremamente útil, e um respondeu que o glossário é muito útil. Todos os três especialistas em linguística e Libras responderam que o glossário é extremamente útil. Os dois participantes Tradutores Intérpretes de Libras escolheram a opção 5 da escala, considerando o glossário extremamente útil, e, por fim, a participante discente do Curso de Odontologia respondeu que o glossário é extremamente útil. A seguir, destaco as respostas individuais para a pergunta nº 5.

Tabela 7 – Respostas dos participantes a pergunta nº 5

Participante	Profissão/função	Condição auditiva	Escala de 1 a 5
Participante 1	Especialista da Odontologia	Ouvinte	5
Participante 2	Especialista da Libras	Surdo (a)	5
Participante 3	Discente do Curso de Odontologia	Surdo (a)	5
Participante 4	Especialista da Libras	Surdo (a)	5

Participante 5	Especialista da Libras	Surdo (a)	5
Participante 6	Especialista da Odontologia	Surdo (a)	5
Participante 7	Tradutor Intérprete de Libras	Ouvinte	5
Participante 8	Especialista da Odontologia	Ouvinte	4
Participante 9	Tradutor Intérprete de Libras	Ouvinte	5

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Com os resultados obtidos pela aplicação do questionário para o teste de fiabilidade, podemos concluir que o produto terminográfico final desta pesquisa foi aceito pela comunidade da área especializada da Odontologia, pelos especialistas em Libras e pela discente surda do Curso de Odontologia, participante dessa pesquisa e usuária da terminologia da Odontologia, tanto na Libras quanto na Língua Portuguesa.

4.4 REGISTRO QUANTITATIVO DOS SINAIS-TERMO

O *Glossário Terminológico da Odontologia Português-Libras*, produto da presente pesquisa, contém 116 termos em LP e 131 sinais-termo. Alguns sinais-termo provenientes de outros repertórios, foram incluídos, afim de compor o vocabulário utilizado no Curso de Odontologia da UFPA.

Os sinais-termo, já criados no projeto do grupo de pesquisa “Teleducação e Telessaúde” da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), não apresentam em seu glossário *on-line*, as definições em Língua portuguesa e nem em Libras dos sinais-termo das especialidades odontológicas, desse modo, achamos importante que eles fossem incluídos em nosso repertório, afim de auxiliar, não apenas na aquisição de sinais-termo, mas principalmente na compreensão dos conceitos.

Abaixo um resumo das principais informações dos termos que compõem o glossário.

Tabela 8 – Informações sobre os termos e sobre os sinais-termo

Termo	Informação gramatical	Origem do sinal-termo	Variante em Língua portuguesa	Variantes em Libras
adrenalina	Substantivo feminino	Sinal proposto	sim	não
agonista	Substantivo masculino	Sinal proposto	não	não
alta rotação	Sintagma nominal	Sinal proposto	não	não
amálgama	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não

amídalas	Substantivo feminino	Sinal proposto	sim	não
anatomia	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
anestesia local	Substantivo feminino	Capovilla e Raphael ²⁷	não	não
antagonista	Substantivo masculino	Sinal proposto	Não	não
articulação temporomandibular	Sintagma nominal	Sinal proposto	sim	não
ATM	Sigla	Sinal proposto	não	não
autoclave	Substantivo masculino	Sinal proposto	não	não
axônio	Substantivo masculino	Sinal proposto	não	Não
Bactéria	Substantivo feminino	Variante regional [Belém]	não	não
Baixa rotação	Sintagma nominal	Sinal proposto	não	não
Biofilme dentário	Substantivo masculino	Sinal proposto	sim	não
bioquímica	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
biossegurança	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
bomba de sódio-potássio	Sintagma nominal	Sinal proposto	sim	não
cadeira odontológica	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
carboidrato	Substantivo masculino	CAS/MS ²⁸	não	não
cárie	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
Cirurgia e traumatologia bucomaxilofacial	Sintagma nominal	Odontologia em Libras ²⁹	sim	Não
CTBMF	Sigla	Sinal proposto	não	não
comando de pé	Substantivo masculino	Sinal proposto	não	não
coroa do dente	Substantivo feminino	Sinal proposto	sim	não
cúspide	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
cuspeira	Substantivo feminino	Sinal proposto	sim	não
dentes caninos	Substantivo masculino	Sinal proposto	não	não
dentes decíduos	Substantivo masculino	Sinal proposto	sim	não

²⁷ CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: o mundo do surdo em Libras**. v. 5. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

²⁸ Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com surdez (CAS/MS). Disponível em: <https://www.youtube.com/c/N%C3%BAcleodeTecnologiasCASMS/about>.

²⁹ ODONTOLOGIA em Libras. Disponível em: <https://sites.google.com/site/odontologiaemlibras/sinalizacoes-por-video>.

dentes incisivos	Substantivo masculino	Sinal proposto	não	não
dentes molares	Substantivo masculino	Sinal proposto	não	não
dentes permanentes	Substantivo masculino	Sinal proposto	sim	não
dentina	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
Dentística	Substantivo feminino	Odontologia em Libras ³⁰	não	não
diabetes	Substantivo feminino	Capovilla e Raphael ³¹	não	não
diagnóstico	Substantivo masculino	Variante regional [Belém]	não	não
Disfunção temporomandibular	Substantivo feminino	Odontologia em Libras ³²	sim	Não
DTM	Sigla	Sinal proposto	sim	não
Endodontia	Substantivo feminino	Odontologia em Libras ³³	Não	Não
epinefrina	Substantivo feminino	Sinal proposto	sim	não
equipo	Substantivo masculino	Sinal proposto	não	não
erupção dental	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
esmalte	Substantivo masculino	Sinal proposto	não	não
esterilização	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
estomatologia	Substantivo feminino	Odontologia em Libras ³⁴	sim	Não
estufa	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
fármaco	Substantivo masculino	Sinal proposto	não	não
farmacocinética	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
farmacodinâmica	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
farmacologia	Substantivo feminino	Sinais propostos	não	sim
fisiologia	Substantivo feminino	Variantes regionais [Belém]	não	sim
fotopolimerizador	Substantivo masculino	Sinal proposto	não	não
frutose	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não

³⁰ ODONTOLOGIA em Libras. Disponível em:

<https://sites.google.com/site/odontologiaemlibras/sinalizacoes-por-video>.

³¹ CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira**: o mundo do surdo em Libras. v. 5. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

³² Id.

³³ Id.

³⁴ Id.

gengiva	Substantivo feminino	Variantes regionais [Belém]	não	sim
gengivite	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
glândulas suprarrenais	Substantivo feminino	Sinal proposto	sim	não
glicose	Substantivo feminino	Variantes regionais [Belém]	não	sim
homeostasia	Substantivo feminino	Sinais propostos	sim	sim
hormônio	Substantivo masculino	GEPEEM ³⁵	não	não
implantodontia	Substantivo feminino	Odontologia em Libras ³⁶	não	não
insulina	Substantivo feminino	GLOSSNUTRI ³⁷	não	não
ligante	Substantivo masculino	Sinal proposto	não	não
língua	Substantivo feminino	Capovilla e Raphael ³⁸	não	não
mandíbula	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
materiais restauradores	Substantivo masculino	Sinal proposto	não	não
maxilar	Substantivo masculino	Sinal proposto	não	não
metabolismo	Substantivo masculino	Variante regional [Belém]	não	não
microbiota	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
mocho	Substantivo masculino	Sinal proposto	não	não
molécula	Substantivo feminino	Variante regional [Belém]	não	não
mucosa	Substantivo feminino	Variante regional [Belém]	não	não
nervo trigêmeo	Substantivo masculino	– Variante 1 – variante regional [Belém] – Variante 2 – Sinal proposto	sim	sim

³⁵ Grupo de Estudos de Pequenas Empresas e Empreendedorismo (GEPEEM). Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCP_FCqS6iCIfaHbGaSZ9cKQ/about.

³⁶ Odontologia em Libras. Disponível em: <https://sites.google.com/site/odontologiaemlibras/sinalizacoes-por-video>.

³⁷ GLOSSNUTRI – Letras Tradução Libras UFG. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCPYAlv7TWADmtlQFHUoltUQ/featured>.

³⁸ CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: o mundo do surdo em Libras**. v. 5. Medicina e Saúde. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

neurônio	Substantivo masculino	GEPEEM ³⁹	não	não
neurotransmissor	Substantivo masculino	– Variante 1 – variante regional [Belém] – Variante 2 – Sinal proposto	Não	sim
noradrenalina	Substantivo feminino	Sinal proposto	sim	não
norepinefrina	Substantivo feminino	Sinal proposto	sim	não
Odontogeriatrics	Substantivo feminino	Odontologia em Libras ⁴⁰	não	não
Odontologia para pacientes com necessidades especiais	Sintagma nominal	Odontologia em Libras ⁴¹	não	não
Odontopediatria	Substantivo feminino	Odontologia em Libras ⁴²	não	não
organismo	Substantivo masculino	Sinal proposto	não	não
orofacial	Substantivo feminino	Sinais propostos	não	sim
Ortodontia	Substantivo feminino	– Variante 1 – Variante regional [Goiás] – Variante 2 – Odontologia em Libras ⁴³	não	sim
Patologia bucal	Substantivo feminino	Odontologia em Libras ⁴⁴	não	não
Periodontia	Substantivo feminino	Odontologia em Libras ⁴⁵	não	não
periodontite	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
polpa	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
potássio	Substantivo masculino	Santos ⁴⁶	sim	não
potencial de ação	Sintagma nominal	Sinal proposto	não	não
profilaxia	Substantivo feminino	Sinais propostos	sim	sim
Prótese dentária	Substantivo feminino	Odontologia em Libras ⁴⁷	não	não

³⁹ Grupo de Estudos de Pequenas Empresas e Empreendedorismo (GEPEEM). Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCP_FCqS6iCIfaHbGaSZ9cKQ/about.

⁴⁰ ODONTOLOGIA em Libras. Disponível em: <https://sites.google.com/site/odontologiaemlibras/sinalizacoes-por-video>.

⁴¹ Id.

⁴² Id.

⁴³ Id.

⁴⁴ Id.

⁴⁵ Id.

⁴⁶ SANTOS, Alda Ernestina dos. **Tabela periódica inclusiva**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Minas Gerais. Campus Bambuí. 2020.

⁴⁷ Op. cit.

Radiologia odontológica e imagiologia	Substantivo feminino	Odontologia em Libras ⁴⁸	não	sim
radiolúcida	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
radiopaca	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
raiz do dente	Substantivo feminino	– Variante 1 – Sinal proposto – Variante 2 – variante regional [Belém]	não	sim
receptor	Substantivo masculino	Sinal proposto	não	não
restauração	Substantivo feminino	– Variante 1 – Sinal proposto – Variante 2 – variante regional [Belém]	não	sim
Saúde Coletiva e da Família	Substantivo feminino	Odontologia em Libras ⁴⁹	não	não
sinapse	Substantivo feminino	- Variante 1 - Sinal proposto - Variante 2 – variante regional [Belém]	Não	sim
sistema nervoso	Substantivo masculino	Variante regional [Belém]	sim	não
sistemas vivos	Substantivo masculino	Sinal proposto	não	não
Sódio	Substantivo masculino	Santos ⁵⁰	sim	não
<i>Streptococcus mutans</i>	Substantivo masculino	Sinal proposto	sim	não
substância	Substantivo feminino	IFSC ⁵¹	não	não
sutura	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
terceiro molar	Substantivo masculino	Sinal proposto	sim	não
via bucal	Substantivo feminino	Sinal proposto	sim	não
via inalatória	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
via intramuscular	Substantivo feminino	Sinal proposto	sim	não

⁴⁸ ODONTOLOGIA em Libras. Disponível em: <https://sites.google.com/site/odontologiaemlibras/sinalizacoes-por-video>.

⁴⁹ Id.

⁵⁰ SANTOS, Alda Ernestina dos. **Tabela periódica inclusiva**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Minas Gerais. Campus Bambuí. 2020.

⁵¹ GLOSSÁRIO de Química. IFSC Palhoça Bilíngue. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/ifscpalhocabilingue/search?query=gloss%C3%A1rio>.

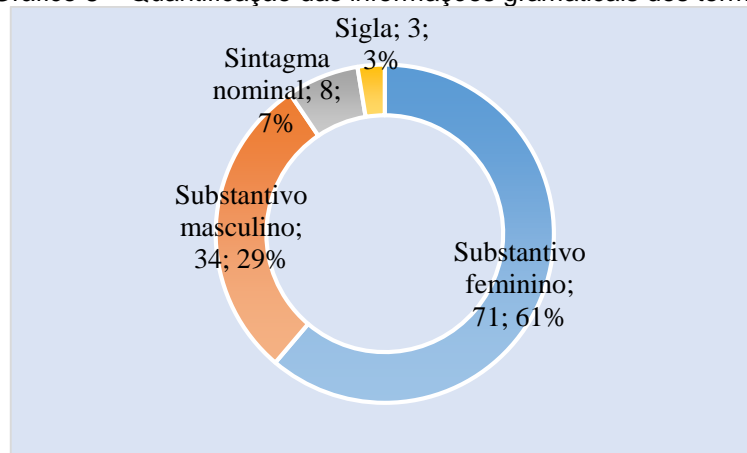
via intravenosa	Sintagma nominal	Sinal proposto	sim	não
via nasal	Substantivo feminino	Sinais propostos	não	sim
via oral	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
via parenteral	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
via retal	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
via subcutânea	Substantivo feminino	Sinal proposto	sim	não
via tópica	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não
vias de administração	Substantivo feminino	Sinal proposto	não	não

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

A Tabela 8 contém todos os termos que compõe o glossário, as informações gramaticais, os sinais-termo que foram propostos, os que foram tirados de repertórios já existentes⁵², *on-line* e/ou impressos, e os sinais-termos que já eram usados e convencionados em sala de aula do Curso de Odontologia, esses últimos são identificados na tabela como variantes regionais. Também apresentamos as informações das variantes na LP e na Libras, se existem variantes ou não de cada termo e sinal-termo.

A seguir, é possível visualizar o gráfico com a quantidade de termos para cada classe gramatical, substantivos femininos, substantivos masculinos, sintagmas nominais e siglas.

Gráfico 8 – Quantificação das informações gramaticais dos termos



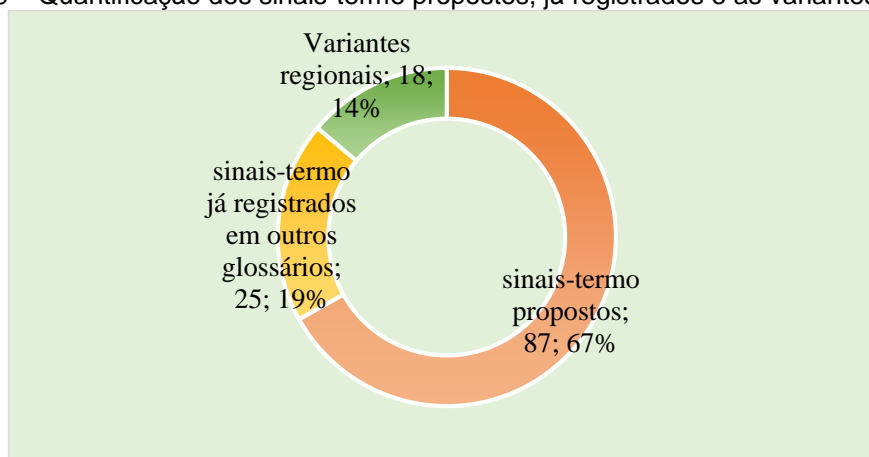
Fonte: Elaborado pela autora (2020).

⁵² As referências desses repertórios encontram-se nas notas de rodapé deste capítulo, caso os leitores dessa dissertação queiram pesquisar a origem dos sinais-termo adicionados ao *Glossário da Odontologia Português-Libras*.

Foram quantificados 71 (61%) termos substantivos femininos, 34 (29%) termos que são substantivos masculinos, 8 (7%) termos que pertencem à classe dos sintagmas nominais e 3 (3%) termos que são siglas. Com base nos números, observamos que a maioria dos termos pertencem à classe gramatical substantivo feminino.

Em seguida, vejamos por meio de um gráfico a quantificação de sinais-termo propostos, sinais-termo que já são registrados em outros repertórios e os sinais que já estavam em uso durante as aulas do Curso de Odontologia, ou seja, as variantes regionais.

Gráfico 9 – Quantificação dos sinais-termo propostos, já registrados e as variantes regionais



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

As variantes regionais são aquelas que já estavam em uso durante as interpretações simultâneas em sala de aula. Alguns desses sinais, geralmente, eram usados em outros cursos da própria UFPA e de outras universidades. Citamos, como exemplo, os sinais-termo de *anatomia*, *bactéria*, *fisiologia* (uma das variantes), *glicose* e *sinapse* (uma das variantes).

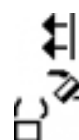
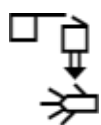
Os demais sinais-termo identificados como “sinal(is) proposto(s)”, são aqueles que foram criados a partir das discussões entre os participantes especialistas e alunos nas reuniões de validação e criação de sinais.

Achamos importante adicionar alguns sinais de outros repertórios, pois eles fazem parte da terminologia utilizada no Curso de Odontologia. Seria impossível adicionar todos eles, pois são inúmeros. No entanto, é possível que em futuras pesquisas haja ampliação deste repertório.

5 GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO PORTUGUÊS-LIBRAS DO CURSO DE ODONTOLOGIA DA UFPA



**GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO BILÍNGUE DA
ODONTOLOGIA PORTUGUÊS-LIBRAS**





SUMÁRIO

	Pág.		
INTRODUÇÃO	149	esterilização	170
1 Objetivo	149	estomatologia	175
2 Público alvo	149	estufa	175
3 O projeto de pesquisa	149	LETRA – F	
4 O glossário	149	Fármaco	176
5 Como usar o glossário	150	farmacocinética	177
LETRA – A		farmacodinâmica	177
Adrenalina	153	farmacologia	178
Agonista	153	Fisiologia	179
alta rotação	153	fotopolimerizador	180
Amálgama	154	frutose	180
Amídalas	154	LETRA – G	
Anatomia	154	gengiva	181
anestesia local	155	gengivite	181
antagonista	155	glândulas suprarrenais	182
articulação temporomandibular	156	glicose	182
ATM	156	LETRA – H	
Autoclave	157	homeostasia	183
Axônio	157	Hormônio	184
LETRA – B		LETRA – I	
Bactéria	158	implantodontia	184
baixa rotação	159	insulina	185
biofilme dentário	159	LETRA – L	
bioquímica	160	ligante	185
biossegurança	160	língua	186
bomba de sódio-potássio	161	LETRA – M	
LETRA – C		mandíbula	186
cadeira odontológica	162	materiais restauradores	187
carboidrato	162	maxilar	188
cárie	162	metabolismo	188
cirurgia e traumatologia bucomaxilofacial	163	microbiota	189
CTBMF	163	mocho	189
comando de pé	164	molécula	190
coroa do dente	164	mucosa	190
Cúspide	165	LETRA – N	
cuspeadeira	165	nervo trigêmeo	191
LETRA – D		neurônio	192
dentes caninos	166	neurotransmissor	192
dentes decíduos	166	noradrenalina	193
dentes incisivos	167	norepinefrina	193
dentes molares	168	LETRA – O	
dentes permanentes	168	odontogeriatrics	193
Dentina	169	odontologia para pacientes com necessidades especiais	194
dentística	169	odontopediatria	194
diabetes	170	organismo	195
diagnóstico	170	orofacial	195
disfunção temporomandibular	171	ortodontia	196
DTM	171	LETRA – P	
LETRA – E		patologia bucal	197
endodontia	172	periodontia	197
epinefrina	172	periodontite	198
Equipo	173	polpa	199
erupção dental	173	potássio	199
Esmalte	174	potencial de ação	200
		profilaxia	200



prótese dentária	201
LETRA – R	
radiologia odontológica e imaginologia	202
radiolúcida	203
radiopaca	203
raiz do dente	204
receptor	204
restauração	205
LETRA – S	
saúde coletiva e da família	206
sinapse	206
sistema nervoso	207
sistemas vivos	208
sódio	209
<i>Streptococcus mutans</i>	209
substância	210
sutura	210
LETRA – T	
terceiro molar	210

LETRA – V	
via bucal	211
via inalatória	211
via intramuscular	212
via intravenosa	212
via nasal	213
via oral	214
via parenteral	214
via retal	215
via subcutânea	215
via tópica	216
vias de administração	216
ÍNDICE POR CATEGORIA	209
REFERÊNCIAS DOS EXEMPLOS	212
REFERÊNCIAS DAS IMAGENS	219
LINKS DOS VÍDEOS EM LIBRAS DOS SINAIS-TERMO	225



INTRODUÇÃO

1 OBJETIVO

O Glossário terminológico bilíngue da odontologia português-Libras reúne denominações em Libras de termos utilizados nas disciplinas da grade curricular do curso de odontologia, como o intuito de contribuir para a compreensão dos conteúdos estudados, não apenas na UFPA, mas também em outras universidades e faculdades que possuam o curso de odontologia no seu plano institucional.

2 PÚBLICO ALVO

O glossário tem a perspectiva de auxiliar a prática profissional de Tradutores e Intérpretes da Libras/Língua Portuguesa e contribuir no ensino/aprendizagem da Língua portuguesa como L2 de alunos surdos que fazem o curso de bacharelado em odontologia. Esse glossário também é direcionado profissionais e pesquisadores que se interessam pela área da Libras na odontologia, podendo ser ampliado para usuários de outras áreas da saúde.

3 O PROJETO DE PESQUISA

Os sinais-termo foram criados em conjunto com a comunidade surda interna e externa da UFPA, dentre estes, professores surdos linguistas, discentes surdos(as) estudantes do curso de Letras Libras e profissionais especialistas da área da odontologia. O projeto de pesquisa foi submetido ao Programa de Pós-Graduação em Letras, na área de concentração, estudos linguísticos; na linha de pesquisa, Análise, Descrição e Documentação das línguas naturais. A pesquisa também foi desenvolvida dentro do grupo de pesquisa Geossociolinguística e Socioterminologia – GEOLINTERM.

4 O GLOSSÁRIO

O glossário de sinais-termo da odontologia em Libras segue a estrutura por ordem alfabética. No final do glossário, organizamos os sinais-termo por campo semântico. Os verbetes foram organizados em duas partes, os verbetes em Libras, que estão localizados ao



lado esquerdo da página e os verbetes em Língua Portuguesa (LP), que estão localizados ao lado direito da página.

As definições dos termos em LP foram concebidas por meio da consulta à bibliografia específica de cada contexto e por meio de consulta a profissionais da área da Odontologia. Os exemplos de uso do termo em LP foram retirados de livros e sites específicos. Abaixo, é possível visualizar a estrutura de cada um:

Verbete em Libras:

VERBETE = configuração de mão + *qr-code* do vídeo do sinal-termo + sinal-termo em *SignWriting* + imagem da forma do sinal-termo + imagem da forma da(s) variante(s) do sinal-termo.

Verbete em LP:

VERBETE = termo entrada + informação gramatical + definição + contexto + fonte do contexto + variante(s) + imagem/figura/ilustração do termo + fonte da imagem.

5 COMO USAR O GLOSSÁRIO

Além das imagens dos sinais-termo, suas variantes e suas formas escritas por meio do *SignWriting*, foram acrescentados nas estruturas dos verbetes códigos *qr* (*Qr-codes*). Quando capturados com um aplicativo de um *smartphone*, o leitor é direcionado ao vídeo do sinal-termo. Esta opção é de grande ajuda na compreensão das configurações de mão, dos movimentos, do ponto de articulação e das expressões não-manuais, visto que a Libras é uma língua tridimensional, o leitor do glossário pode não compreender completamente como se dá a realização do sinal-termo apenas fazendo a leitura por meio das ilustrações. Observe na imagem a seguir:

- **Conhecendo as partes dos verbetes**



Imagem 1 – Verbete em Libras e em Língua Portuguesa

Configuração(ões) da(s) mão(s)		Vídeo do sinal-termo	
1	Mão direita Mão esquerda 	2	5 amálgama <i>S.f.</i> 6
			7 Material metálico usado para realizar restaurações, é uma mistura de mercúrio, prata, estanho e cobre.
			8 Ex: "Uma das soluções para minimizar a quantidade de mercúrio nos resíduos de <amálgama> seria utilizar ligas esféricas com alto teor de cobre, que requerem menor quantidade de mercúrio para a confecção de um amálgama dentário de qualidade ^{85"} 9
3		4	10
			11

Legenda da imagem 1:

Verbete em Libras: 1- Configuração de mão do sinal-termo; 2- *Qr-code:* vídeo do sinal-termo; 3- Escrita do sinal-termo em *SW;* 4- Imagem do sinal-termo;
Verbete em Língua Portuguesa: 5- Termo entrada em LP; 6- Informação gramatical do termo em LP; 7- Definição do termo em LP; 8- Exemplo do contexto de uso do termo em LP; 9- Fonte do exemplo; 10- Ilustração do termo; 11- Fonte da Ilustração.

- **Acessando o vídeo do sinal-termo**

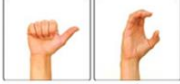



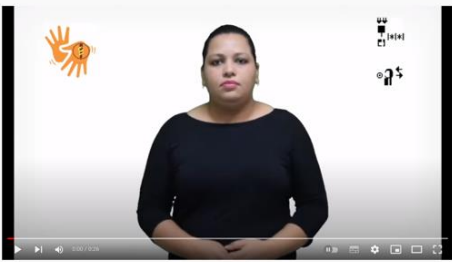
Existem duas formas de acessar os vídeos dos sinais-termo, capturando o código com um leitor de *qr-code* por meio de um *smartphone* ou clicando em cima do código na versão digital do glossário. Veja nas imagens:

Imagem 2 – Acesso ao vídeo do sinal-termo pela captura do *qr-code* com um *smartphone*

Configuração(ões) da(s) mão(s)	Vídeo do sinal-termo
Mão direita Mão esquerda 	





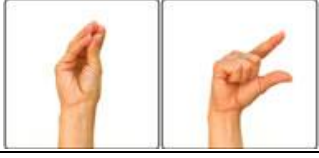

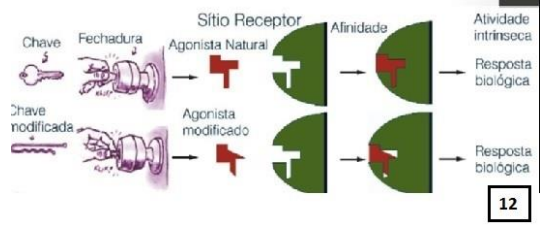
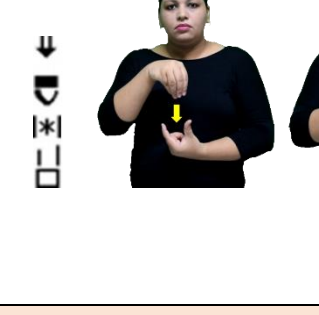





Imagem 3 – Acesso ao vídeo do sinal-termo com apenas um clique







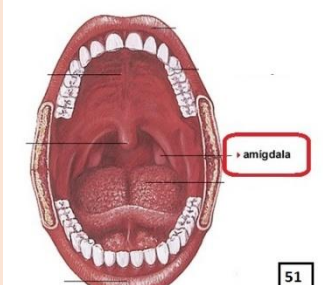
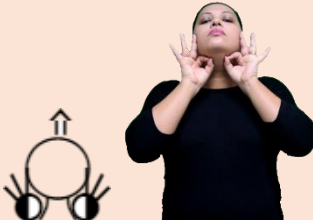





Configuração(ões) da(s) mão(s)	Vídeo do sinal-termo
<p>Mão direita</p>  <p>mão esquerda</p> 	
	

Ambas as formas de acesso levam o leitor do glossário ao vídeo do sinal-termo que está salvo na plataforma do *youtube*.











Configuração(ões) da(s) mão(s)	Vídeo do sinal-termo	
<p>Mão direita/mão esquerda</p> 		<p>adrenalina <i>S.f.</i> Hormônio produzido e secretado pelas glândulas suprarrenais em momentos de estresse, prazer, atividade física ou perigo. Estimula o coração, eleva a tensão arterial, relaxa certos músculos e contrai outros.</p> <p>Ex: "Antes de suturar pequenos cortes, utiliza-se algumas vezes uma mistura de tetracaína, <adrenalina> (epinefrina) e cocaína, conhecida como tac¹⁵".</p> <p>Variantes: epinefrina, EPI.</p>
		<p>agonista <i>S.m.</i> Molécula pequena de ocorrência natural ou de um fármaco que se fixa a um local em uma proteína receptora, ativando-a.</p> <p>Ex: "Os receptores transduzem o reconhecimento de um <agonista> ligado iniciando uma série de reações que resultam em uma resposta intracelular específica⁹¹".</p>
<p>Mão direita e mão esquerda</p> 		
<p>Mão direita e mão esquerda</p> 		<p>alta rotação <i>S.n.</i> Potência máxima da velocidade que uma ferramenta odontológica de rotação pode alcançar. Diz-se, caneta de alta rotação.</p> <p>Ex: "Como o próprio nome diz, a partir de uma <alta rotação> da turbina, feita por ar comprimido e irrigada com água abundante, possibilita que a broca perfure ou corte o esmalte do dente⁵⁶".</p>
		

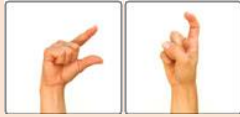



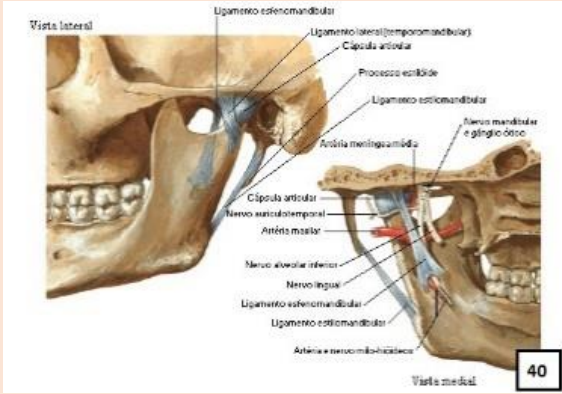


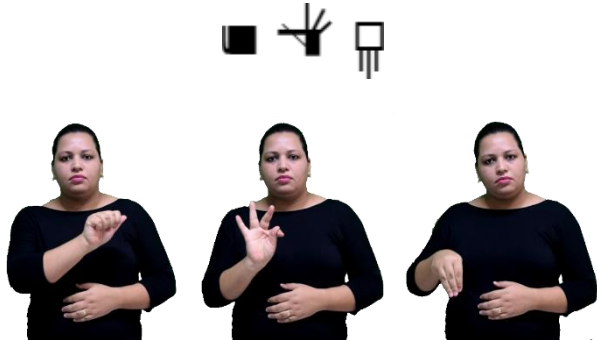



<p>Mão direita</p>  <p>Mão esquerda</p> 		<p>amálgama <i>S.f.</i> Material metálico usado para realizar restaurações, é uma mistura de mercúrio, prata, estanho e cobre.</p> <p>Ex: "Uma das soluções para minimizar a quantidade de mercúrio nos resíduos de <amálgama> seria utilizar ligas esféricas com alto teor de cobre, que requerem menor quantidade de mercúrio para a confecção de um amálgama dentário de qualidade⁸⁵".</p> 
		
<p>Mão direita e mão esquerda</p> 		<p>amígdalas <i>S.f.</i> Órgão do sistema linfático situado na cavidade bucal próximo à faringe.</p> <p>Ex: "A mucosa da base da língua está quase completamente ocupada por tecido linfático, que constitui as <amígdalas> ou tonsilas linguais, e por glândulas mucosas⁶³".</p> <p>Variantes: amígdalas, Tonsilas palatinas, tonsilas linguais.</p> 
		
<p>Mão direita</p>  <p>Mão esquerda</p> 		<p>anatomia <i>S.f.</i> Ciência que estuda, macro e microscopicamente, a constituição e o desenvolvimento dos seres organizados.</p> <p>Ex: "A <anatomia> não é apenas uma matéria fundamental para a formação médica, mas também a base de uma prática médica competente⁹".</p> 
		



<p>Mão direita</p> 		<p>anestesia local <i>S.f.</i> Bloqueio local dos impulsos sensoriais e/ou motores do sistema nervoso periférico, resultado da administração de fármacos anestésicos.</p> <p>Ex: "A epinefrina aumenta significativamente a duração da <anestesia local>, produzindo vasoconstrição no local da injeção⁹¹".</p> 
		
<p>Mão direita e mão esquerda</p> 		<p>antagonista <i>S.m.</i> Composto que se liga a um receptor, mas não causa efeitos.</p> <p>Ex: "Quando o receptor é exposto ao <agonista> parcial e ao total simultaneamente, o agonista parcial pode atuar como antagonista do agonista total⁹¹".</p> 
		



<p>Mão direita e mão esquerda</p> 		<p>articulação temporomandibular <i>S.n.</i> Juntura em cada lado da cabeça que permite que a mandíbula se movimente durante a mastigação, fala e respiração.</p> <p>Ex: "É requerida, entretanto, uma boa noção dos movimentos básicos da <articulação temporomandibular>, de rotação e de translação, bem como os movimentos de abaixamento, elevação, protrusão, retrusão e lateralidade da mandíbula⁶⁷".</p> <p>Variante: ATM.</p>
 	 <p>40</p>	
<p>Mão direita</p> 		<p>ATM <i>sigla</i> Articulação Temporomandibular. <i>Ver:</i> articulação temporomandibular.</p>
 		



Mão direita e mão esquerda

autoclave *S.m.*

Aparelho utilizado para esterilizar materiais hospitalares por meio do vapor de água quente.

Ex: "Usar exposição por 04 (quatro) minutos a uma temperatura de 132°C, em <autoclave> de alto vácuo⁸⁹".

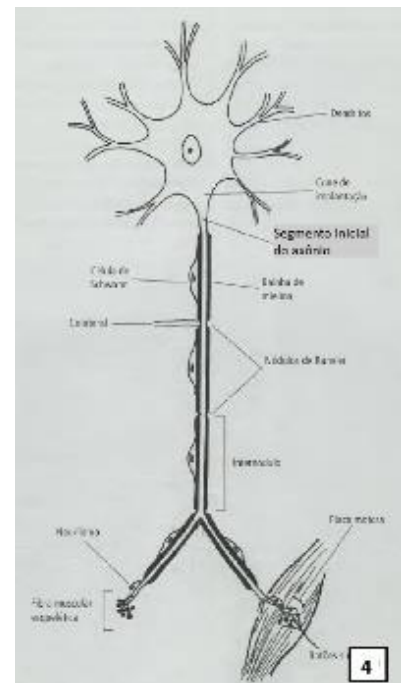


Mão direita e mão esquerda

axônio *S.m.*

Prolongamento longo e fino de uma célula nervosa (neurônio), por onde se transmite os sinais nervosos.

Ex: "Uma vez disparado o potencial de ação, ele se propaga na direção periférica ao longo do <axônio> e normalmente também de modo retrógrado em direção ao corpo celular¹⁸".





Mão direita e mão esquerda

**bactéria** S.f.

Forma de vida muito pequena para ver a olho nu. Micro-organismo importante no funcionamento da maior parte da vida terrestre. Algumas espécies de bactérias causam doenças em humanos, animais, plantas ou qualquer outro organismo.

Ex: "Uma <bactéria> que deve sua virulência à presença de uma cápsula polissacarídica é o *Streptococcus pneumoniae*, o agente causador da pneumonia estreptocócica⁸⁸".



Mão direita e mão esquerda

**baixa rotação** S.n.

Menor velocidade na rotação que uma ferramenta de mão odontológica pode alcançar.

Ex: "Enquanto o motor de alta rotação apresenta mais torque e velocidade de rotação, necessitando de refrigeração quando em contato com a estrutura dentária, o de <baixa rotação>, apresenta menor velocidade e rotação, por vezes dispensando a refrigeração³³".





Mão direita

Mão esquerda

biofilme dentário S.m.

Acúmulo de micro-organismos na superfície dos dentes. Estão presentes no biofilme dentário: açúcares, células epiteliais descamadas, leucócitos, enzimas, sais minerais, glicoproteínas salivares, proteínas, pigmentos e restos alimentares.

Ex: "O componente bacteriano do <biofilme dentário> tem sido considerado como um ecossistema de mudanças contínuas, variando em composição nos diferentes locais da boca⁶¹".

Variante: biofilme dental.



Mão direita

Mão esquerda

bioquímica S.f.

Estudo profundo das biomoléculas e dos acontecimentos químicos e físico-químicos dos seres vivos.

Ex: "Embora a <bioquímica> proporcione importantes esclarecimentos e aplicações práticas na medicina, na agricultura, na nutrição e na indústria, sua preocupação primordial é com o milagre da vida em si⁷⁴".





Mão direita e mão esquerda

biossegurança *S.f.*
 Modo de segurança alcançada por um conjunto de ações com o objetivo de prevenir, controlar e diminuir ou eliminar riscos ligados às atividades que possam pôr em perigo a saúde humana, animal e vegetal e o meio ambiente.

Ex: "Colocar as barreiras descartáveis para <biossegurança>: na seringa tríplice, no cabo do refletor e na mangueira do sugador⁸⁹".

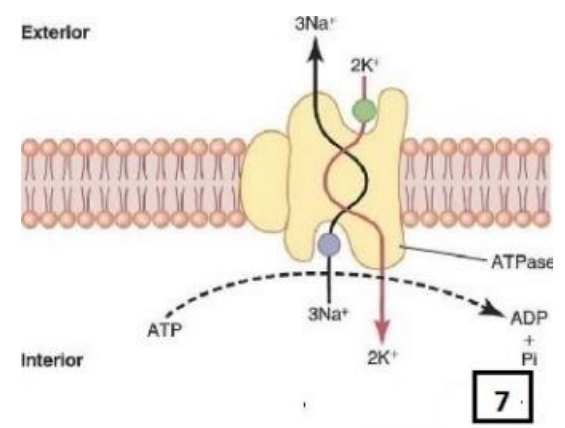


Mão direita

Mão esquerda

bomba de sódio-potássio *S.n.*
 Processo de transporte que bombeia íons sódio de dentro para fora das células através da membrana celular e, ao mesmo tempo, bombeia íons potássio de fora para dentro.









Ex: "O mecanismo de transporte ativo mais estudado em seus detalhes é a <bomba de sódio-potássio>¹⁸".
Variante: $\text{Na}^+ / \text{K}^+ \text{ATPase}$






<p>Mão direita</p>  <p>Mão esquerda</p> 		<p>cadeira odontológica <i>S.f.</i> Equipamento odontológico que serve para posicionar o paciente durante o tratamento. Contém, cadeira, equipo, unidade de água, cuspidreira e refletor.</p> <p>Ex: "Na <cadeira odontológica>, ao esperar por tratamento com uso de motor de rotação, 61,6% dos pacientes se sentiram tensos ou ansiosos, e 15% ficaram tão ansiosos que se sentiram mal^{8"}.</p>  <p>31</p>
	<p>carboidrato <i>S.m.</i> Biomolécula presente na natureza usado como fonte de energia para as células, composto por carbono, hidrogênio e oxigênio. Alguns tipos de carboidrato como o açúcar e amido são os principais elementos da dieta em muitas partes do mundo. As três principais classes de carboidratos são: monossacarídeos, dissacarídeos e polissacarídeos.</p> <p>Ex: "O <carboidrato> pode constituir de 1 a 70% ou mais da massa da glicoproteína^{74"}.</p>  <p>69</p>	
<p>Mão direita e mão esquerda</p> 		<p>cárie <i>S.f.</i> Lesão dentária causada por bactérias presentes na boca, que produzem ácidos e destroem o esmalte do dente e a dentina.</p> <p>Ex: "Sendo a doença <cárie> uma patologia localizada, a restauração realmente promove o tratamento nesses casos^{87"}.</p>  <p>66</p>
		
<p>Mão direita e Mão esquerda</p> 		
		



<p>Mão direita</p>  <p>Mão esquerda</p> 		<p>cirurgia e traumatologia bucomaxilofacial <i>S.n.</i> Correção das deformidades dentofaciais, tratamento de fraturas dos ossos da face, implantes, reconstrução maxilomandibular, tratamento das infecções odontogênicas e cirurgias da ATM (articulação temporomandibular).</p> <p>Ex: "O Conselho Federal de Odontologia publicou normas específicas para a atuação do especialista em <Cirurgia e Traumatologia Bucomaxilofacial>, sendo certo que o Código de Ética Odontológica disciplina e norteia a atuação profissional, sendo de observância obrigatória, especialmente em razão de ser o caminho legítimo para a valorização da Odontologia e da especialidade²⁷".</p> <p>Variante: CTBMF.</p> 
		
<p>Mão direita</p> 		<p>CTBMF <i>sigla</i> Cirurgia e Traumatologia bucomaxilofacial.</p> <p><i>Ver:</i> cirurgia e traumatologia bucomaxilofacial</p>
		




<p>Mão direita e mão esquerda</p> 		<p>comando de pé S.m. Instrumento que pode ser manipulado com o pé, aciona os movimentos de sobe-desce da cadeira odontológica e de dispositivos do equipo.</p> <p>Ex: "Seu <comando de pé> para acionamento dos dispositivos do equipo, seus comandos eletrônicos manuais para acionamento dos dispositivos da cadeira, do equipo, da unidade hídrica e do refletor, tudo isso foi projetado e desenvolvido para dar segurança absoluta ao profissional e paciente⁶⁰".</p>
		
<p>Mão direita</p>  <p>Mão esquerda</p> 		<p>coroa do dente S.f. Parte do dente exposto na cavidade da boca. Refere-se à coroa clínica e/ou à coroa anatômica.</p> <p>Ex: "Nesta etapa obtém-se a medida da altura da <coroa do dente> que está servindo como modelo ou a medida padrão que o professor fornece⁶⁶".</p> <p>Variante: coroa dental.</p>
		



Mão direita


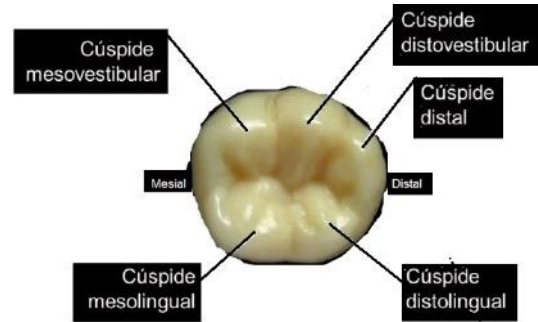
Mão esquerda



cúspide *S.f.*

Elevação em formato de pirâmide quadrangular comumente encontrada na superfície mastigatória nos dentes caninos, molares e pré-molares.


Ex: "Os limites (bordas) da <cúspide>, vistos por vestibular, correspondem à aresta longitudinal, cujos segmentos mesial e distal não são iguais⁶⁶".

67

Mão direita

Mão esquerda




cuspeira *S.f.*

Recipiente com água corrente acoplado à cadeira odontológica utilizado pelo paciente para cuspir saliva, sangue e outros localizados e/ou despejados na boca durante o tratamento odontológico.



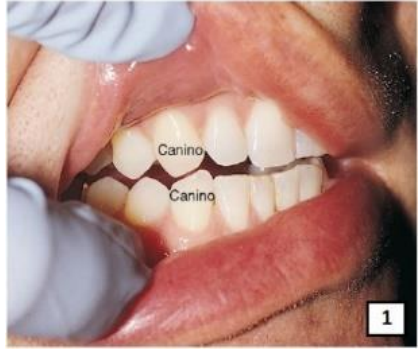


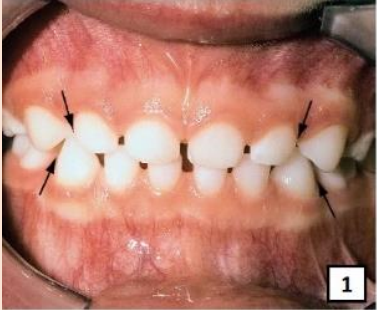


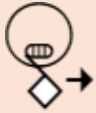




Ex: "É comum os dentistas esquecerem a <cuspeira> ligada de um dia para o outro¹⁹".

Variante: Unidade hídrica, cuba.



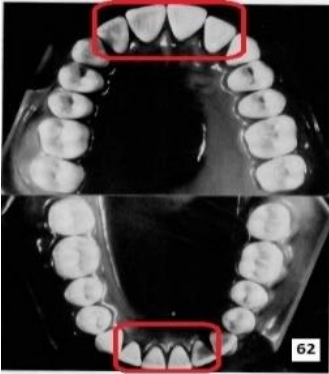


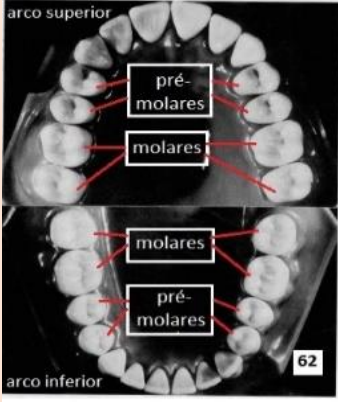



11



<p>Mão direita e mão esquerda</p> 		<p>dentes caninos S.m. Tipos de dentes que compõe a arcada dentária de todos os humanos e da maioria dos animais. Existem dois dentes caninos na arcada superior e dois na arcada inferior. Tanto os caninos superiores, quanto os caninos inferiores possuem forma pontiaguda.</p> <p>Ex: "De acordo com a Associação Americana de Odontologia, o primeiro dente canino normalmente erupciona no maxilar superior depois que o bebê atinge cerca de 16 meses de idade – aos 23 meses, a maioria dos bebês já tem todos os seus <dentes caninos>⁴³".</p> 
 		<p>dentes decíduos S.m. Primeiros dentes que surgem comumente em bebês com idade de aproximadamente 6 meses. Aos sete anos de idade, os dentes decíduos são naturalmente trocados por dentes permanentes. A cor dos dentes decíduos é mais clara do que a cor dos dentes permanentes por possuírem menor opacidade do esmalte.</p> <p>Ex: "O esmalte dos <dentes decíduos> possui uma formação cristalina mais opaca e, portanto, parecem mais brancos quando comparados aos dentes permanentes²". Variante: dentes de leite.</p> 
<p>Mão direita</p> 		
    		




<p>Mão direita e mão esquerda</p> 		<p>dentes incisivos S.m. Tipos de dentes que compõe a arcada dentária, eles têm formato de talhadeira ou chave de fenda, importante para cortar alimentos. Dente absolutamente indispensável na estética facial e o mais importante na articulação das palavras para a emissão de sons. Existem oito deles, incisivos centrais superiores e inferiores e incisivos laterais superiores e inferiores.</p> <p>Ex: "O corte superior deve ser de pelo menos 5 mm, e preferivelmente de 10 mm, a partir do ápice dos <dentes incisivos> para impedir a sua dessensibilização³".</p> 
<p>Mão direita e mão esquerda</p> 		<p>dentes molares S.m. Tipos de dentes que têm a função de triturar e moer os alimentos. Na arcada dentária, existem dezesseis dentes molares divididos em quatro pré-molares superiores e inferiores e quatro molares superiores e inferiores.</p> <p>Ex: "Em geral, a erupção dos primeiros e segundos <dentes molares> passa despercebida, por acontecer muito cedo⁴¹".</p> 



Mão direita

Mão esquerda

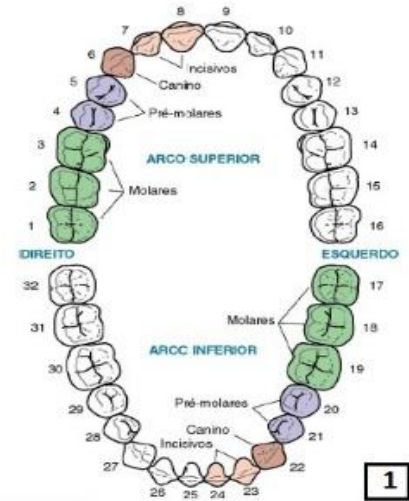


dentes permanentes *S.m.*

Segunda dentição a se desenvolver na boca humana, também conhecida como dentição secundária ou dentição permanente.

Ex: "Os incisivos de ambos os tipos são os únicos <dentes permanentes> com uma crista incisal quase reta, uma elevação linear da superfície mastigatória ou incisal quando recém-irrompidos – daí o nome incisivos²".

Variantes: dentição secundária, dentição permanente.



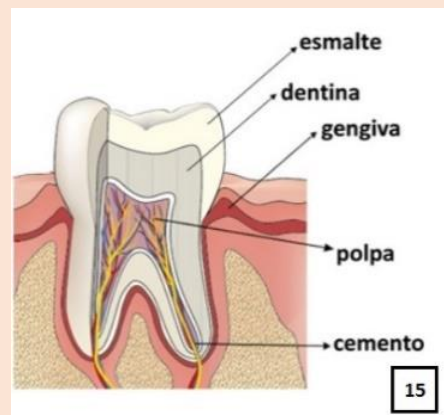
dentina *S.f.*

Tecido calcificado, rígido, que envolve a polpa. É recoberto pelo esmalte na coroa e pelo cimento na raiz. Forma o esqueleto do dente e protege a polpa.

Ex: "Na <dentina>, também são encontradas pequenas concentrações de outros minerais, como carbono e flúor²".


Mão direita

Mão esquerda








Mão direita



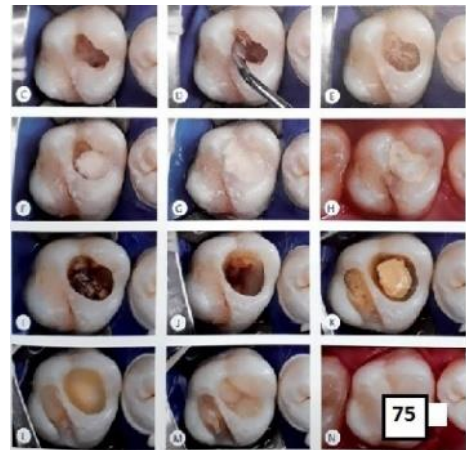

Mão esquerda

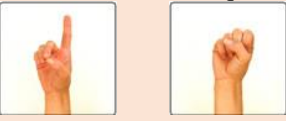

dentística S.f.

Especialidade da odontologia que estuda e aplica de forma integrada o conjunto de procedimentos semiológicos, operatórios, preventivos, terapêuticos e educativos com o objetivo de preservar e devolver ao dente sua integridade estrutural, funcional e estética.

Ex: "A primeira relação entre biologia molecular e a especialidade <dentística> se estabelece, naturalmente, como de causa-efeito, em que o produto revelado por um (conhecimento gerado – Biologia Molecular) determina o sucesso da aplicação do outro (manutenção da saúde oral – Dentística)⁸²".


Mão direita e Mão esquerda

diabetes S. f.

Doença crônica causada quando o corpo não produz insulina ou não consegue absorver corretamente a insulina que produz. Existem dois tipos de diabetes, a diabetes tipo 1 e tipo 2.

Ex: "Em indivíduos com <diabetes> melito não tratado, a falta de insulina, ou a insensibilidade à insulina (dependendo do tipo de diabetes), interrompe a captação de glicose do sangue para dentro dos tecidos e força os tecidos a armazenar ácidos graxos como combustível principal⁷⁴".



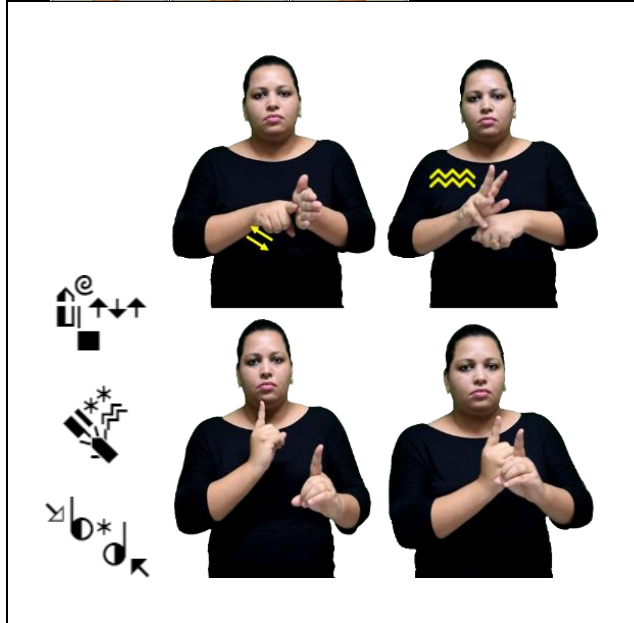
diagnóstico S.m.

Identificação da doença que o paciente possui. O diagnóstico final é dado pelo profissional da saúde com base em exames laboratoriais complementares ou apenas com base em exames semiotécnicos.

Ex: "O paciente que nos procura pra <diagnóstico> é um indivíduo, o que significa ser uma unidade indivisível⁶⁹".



13

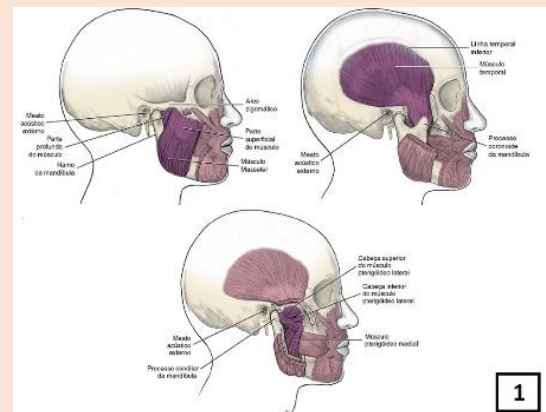
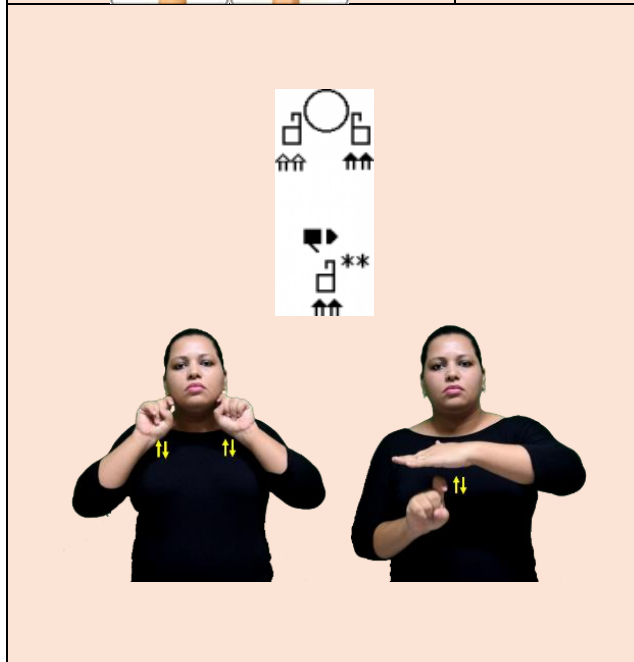


disfunção temporomandibular S.f.

Problemas clínicos articulares e musculares na área orofacial, caracterizados por dor, ruídos articulares, e funções irregulares ou limitadas da mandíbula.

Ex: "As pesquisas referentes à prevalência de <disfunção temporomandibular> (DTM) em idosos são poucas e controversas, não oferecendo subsídios para uma conclusão consistente e confiável⁸⁰".

Variante: DTM.



1



<p>Mão direita</p>		<p>DTM <i>sigla</i> <i>Ver:</i> disfunção temporomandibular.</p> <p>Ex: “Os sinais e sintomas associados com <DTM> são queixas de dor crônica na cabeça e estruturas orofaciais¹⁶”.</p> <p>Variante: disfunção temporomandibular.</p>
<p>Mão direita</p> <p>Mão esquerda</p>		<p>endodontia <i>S.f.</i> Especialidade da odontologia que trata da prevenção, diagnóstico e tratamento das alterações do esmalte, da dentina e da polpa. Compreende o tratamento dos canais radiculares e das patologias periapicais.</p> <p>Ex: “Cabe ressaltar a importância do papel do profissional da saúde em melhorar as condições atuais referentes ao uso abusivo de antibióticos, sendo a <Endodontia> uma especialidade odontológica que se insere nesse contexto de conscientização quanto ao emprego de antibioticoterapia sistêmica⁸⁶”.</p>



<p>Mão direita</p>		<p>epinefrina <i>S.f.</i> <i>Ver:</i> adrenalina.</p> <p>Ex: "A <epinefrina> é um agonista nos adrenoceptores β_2 na musculatura lisa bronquial, que causa o relaxamento do músculo⁹¹".</p> <p>Variantes: adrenalina, EPI.</p>
<p>Mão direita e Mão esquerda</p>		<p>equipo <i>S.m.</i> Suporte para apoiar os equipamentos odontológicos como, seringas, mangueiras e a bandeja de ferramentas utilizadas no tratamento. Pode estar acoplado à cadeira odontológica ou não.</p> <p>Ex: "O compressor de ar do <equipo> odontológico não deve ser instalado no banheiro; deve estar localizado em lugar arejado, de preferência fora do consultório⁶".</p>
<p>Mão direita e mão esquerda</p>		<p>erupção dental <i>S.f.</i> Movimento vertical do dente de dentro do osso para fora que irrompe aos poucos na cavidade bucal, isto é, erupção ativa. Existem dois tipos de erupção dental, a erupção ativa e a erupção passiva.</p> <p>Ex: "Se o paciente infantil estiver com a <erupção dental> atrasada ou adiantada, é importante pesquisar seu histórico familiar em relação a esse aspecto²".</p>



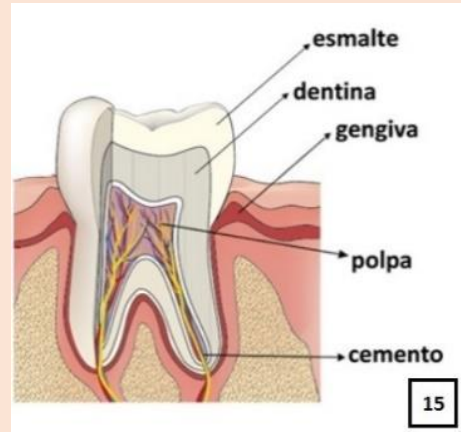
Mão direita

Mão esquerda

esmalte *S.m.*

Tecido altamente calcificado, formado por ameloblastos, que cobre a dentina da coroa do dente. Material cristalino e representa o tecido mineralizado mais rígido do corpo humano.

Ex: "O <esmalte> é avascular, não apresenta inervação e, embora seja o tecido mais mineralizado do corpo, se perdido, não se forma novamente, pois não é constituído por tecido vivo?"



Mão direita

Mão esquerda

esterilização *S.f.*

Processo para destruir ou eliminar todas as formas de vida microbiana presentes em materiais e objetos, como vírus, bactérias, fungos e outros, por meio de processos físicos ou químicos.

Ex: "Os artigos utilizados na cavidade bucal exigem o máximo rigor no processamento, recomendando-se a sua <esterilização> por autoclave?"





Mão direita




Mão esquerda




estomatologia *S.f.*

Especialidade odontológica que estuda as lesões próprias da mucosa bucal, do complexo maxilomandibular e órgãos anexos.

Ex: "O conselho federal de odontologia reconhece a <estomatologia> como especialidade odontológica, conforme resolução 181/92⁶⁹".


Mão direita



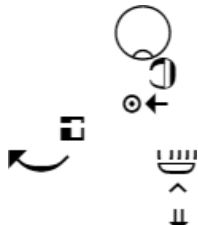

Mão esquerda




estufa *S.f.*

Equipamento utilizado para esterilização de instrumentos e materiais médicos por meio de calor seco.

Ex: "A <estufa> é recomendada somente para esterilização de óleos, pós e caixas de instrumental³²".




Mão direita

Mão esquerda



fármaco *S.m.*

Substância química de estrutura conhecida, que não seja um nutriente ou um ingrediente essencial da dieta, o qual, quando administrado a um organismo vivo, produz um efeito biológico.

Ex: "Se um <fármaco> se liga a um receptor e produz a resposta biológica máxima que mimetiza a resposta do ligante endógeno, ele é um agonista total⁹¹".



Mão direita

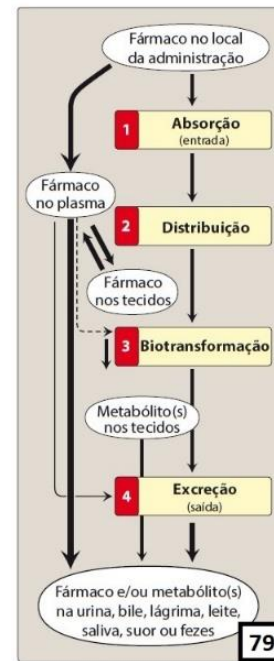
Mão esquerda



farmacocinética *S.f.*

Reação ou resposta do organismo de acordo com as concentrações de um fármaco em uma ou mais regiões do corpo em relação à dose administrada, ou seja, o que o organismo faz com o fármaco quando ele é introduzido no corpo.

Ex: "O conhecimento dos antiepiléticos disponíveis e seus mecanismos de ação, <farmacocinética>, potencial de interação com outros fármacos e efeitos adversos é essencial para o tratamento bem-sucedido do paciente⁹¹".





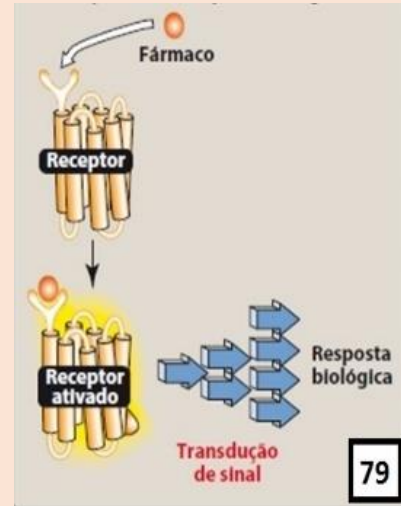
Mão direita

Mão esquerda

farmacodinâmica S.f.

Ação dos fármacos no organismo e as influências das suas concentrações na intensidade das respostas, exercendo efeitos desejados ou indesejados. É o que o fármaco faz com o organismo.

Ex: "Os estudos envolvendo indivíduos humanos variam desde investigações experimentais de <farmacodinâmica> ou farmacocinética até ensaios clínicos formais⁸³".



Mão direita e Mão esquerda

farmacologia S.f.

Estudo dos efeitos dos fármacos no funcionamento de sistemas vivos.

Ex: "Assim como outras disciplinas biomédicas, as fronteiras da <farmacologia> não estão claramente definidas nem são constantes⁸³".



Sinal 1:




<p>Mão direita e Mão esquerda</p>			
<p>Sinal 2:</p>			
<p>Mão direita e Mão esquerda</p>		<p>fisiologia <i>S.f.</i> Estudo de como os sistemas do corpo trabalham, não apenas individualmente, como também em conjunto, dando suporte a todo o organismo.</p> <p>Ex: "O vasto campo da <fisiologia> pode ser dividido em <i>fisiologia virótica, fisiologia bacteriana, fisiologia celular, fisiologia vegetal, fisiologia humana</i> e diversas outras subdivisões¹⁸".</p>	
<p>Sinal 1:</p>			
<p>Mão direita e mão esquerda</p>			
<p>Sinal 2:</p>			



Mão direita

Mão esquerda



fotopolimerizador S.m.

Ferramenta odontológica utilizada durante o tratamento de restauração, ortodôntico ou clareamento dental. A luz azul emitida ativa a substância canforoquinona presente nos compostos de resina e em outros produtos odontológicos fazendo endurecer o tecido.

Ex: "Quanto maior a distância da ponta do <fotopolimerizador> do objeto menor o efeito da intensidade da luz emitida⁵⁹".



Mão direita

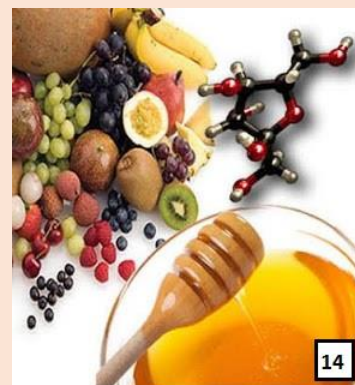
Mão esquerda

















frutose S.f.

Tipo de açúcar encontrado nas frutas, elas são uma das fontes desse açúcar. É um carboidrato monossacarídeo.

Ex: "O xarope de milho com alto conteúdo de <frutose> (produto comercial no qual muito da glicose do xarope de milho é convertido em frutose) é utilizado para adoçar bebidas frias, mas não quentes⁷⁴".





<p>Mão direita</p> 		<p>gengiva <i>S.f.</i> Conjunto de tecidos presentes na região orofacial de coloração rósea que recobre os processos alveolares da maxila e da mandíbula e envolve os dentes superiores e inferiores em seus alvéolos.</p>
<p>Sinal 1:</p>  		<p>Ex: "A porção da <gengiva> voltada para o dente constitui os tecidos da junção dentogengival²".</p> 
<p>Mão direita e Mão esquerda</p> 		
<p>Sinal 2:</p>  		
<p>Mão direita</p> 		<p>gengivite <i>S.f.</i> Inflamação limitada aos tecidos moles que circundam os dentes. Causada pela falta de higiene oral, que leva ao acúmulo de biofilme e cálculo com infecção pela microbiota local.</p>
<p>Sinal 3:</p>  		<p>Ex: "Os pacientes respiradores bucais ou que demonstram fechamento labial incompleto podem exibir um padrão único de <gengivite> no qual a gengiva facial anterior é macia, intumescida e vermelha⁷⁵".</p> 



Mão direita

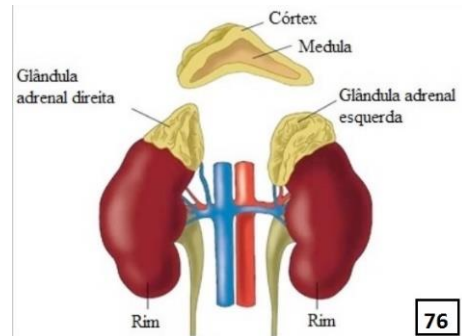
Mão esquerda

glândulas suprarrenais S.f.

Glândulas endócrinas localizadas na parte superior dos rins. Elas são divididas em medula, que corresponde a porção central, e córtex, que corresponde a porção periférica. O córtex secreta hormônios esteroides e a medula, em momentos de pressão e estresse, secreta adrenalina e noradrenalina na corrente sanguínea.

Ex: "A descoberta da ação farmacológica da ACh surgiu, paradoxalmente, de um trabalho com as <glândulas suprarrenais>, cujos extratos eram conhecidos por produzir uma elevação da pressão arterial graças à presença da epinefrina (adrenalina)⁸³".

Variante: glândulas adrenais.



Mão direita

glicose S.f.

Tipo de açúcar (carboidrato) usado como fonte de energia primária pela maior parte dos organismos, desde as bactérias até o ser humano, além de fazer parte de importantes vias metabólicas.

Ex: "Alguns tecidos e células de animais superiores, entretanto, utilizam exclusivamente <glicose> como fonte de energia⁷⁰".



Sinal 1:

Mão direita / Mão esquerda

Sinal 2:



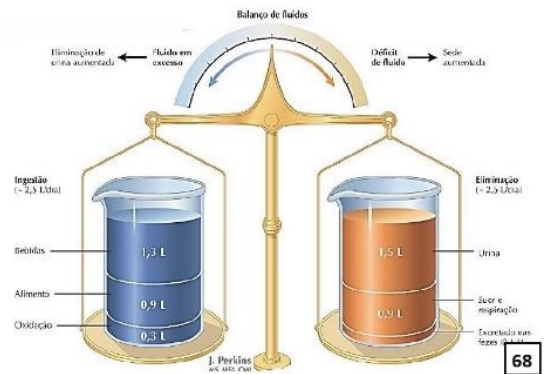
Mão direita

Mão esquerda

homeostasia S.f.
 Equilíbrio de organismos multicelulares entre ambiente interno e externo, habilidade de manter uma função interna constante durante mudanças no ambiente externo.

Ex: "Cada célula se beneficia da <homeostasia> e contribui com sua parcela para a sua manutenção¹⁸⁷".
Variante: homeostase.

Sinal 1:




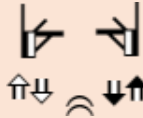
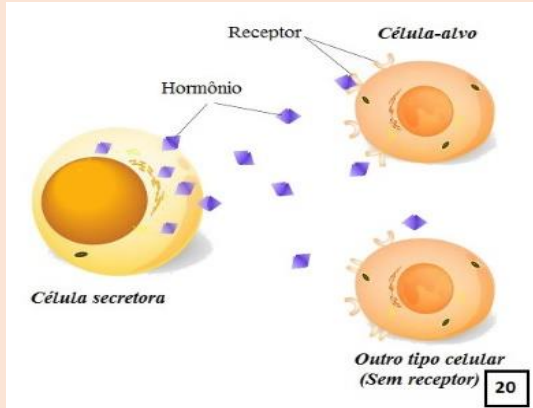







Mão direita

Mão esquerda

Sinal 2:



<p>Mão direita e esquerda</p> 		<p>hormônio <i>S.m.</i> Pequena molécula ou proteína produzida por glândulas endócrinas que é liberada na circulação sanguínea e transportada a outros tecido, nos quais agem por meio de receptores para produzir mudanças nas atividades celulares. Serve para coordenar as atividades metabólicas de vários tecidos ou órgãos.</p>
 	<p>Ex: "Uma vez conhecida a estrutura, esse <hormônio> pode ser sintetizado quimicamente em grandes quantidades para uso nos estudos fisiológicos e bioquímicos⁷⁴".</p>  <p>20</p>	
<p>Mão direita</p> 		<p>implantodontia <i>S.f.</i> Especialidade odontológica que tem como objetivo a implantação na mandíbula e na maxila materiais aloplásticos destinados a suportar próteses unitárias, parciais ou removíveis e próteses totais.</p>
 	<p>Ex: "A equipe de <implantodontia> deve planejar o tratamento do paciente antes da terapia propriamente dita³".</p>  <p>2</p>	



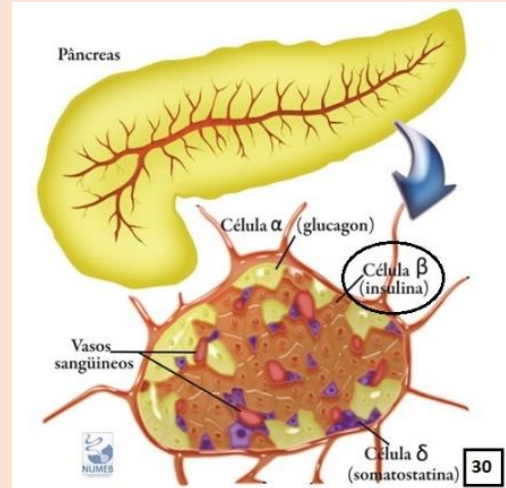
Mão direita

Mão esquerda

insulina *S.f.*

Hormônio produzido pelo pâncreas, seu principal efeito é diminuir a glicose no sangue. A secreção de insulina reduzida ou a falta dela, provoca diabetes melito.

Ex: "O efeito da glicose na secreção de <insulina> depende de se a carga de glicose é administrada por via intravenosa ou por via oral⁸³".

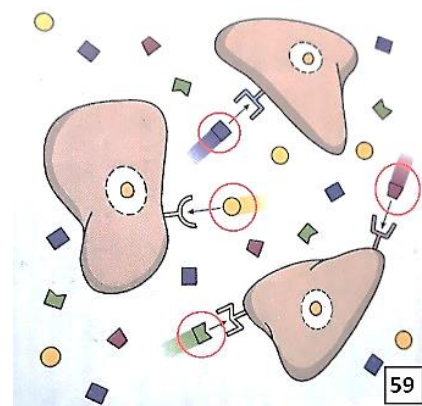


Mão direita e Mão esquerda



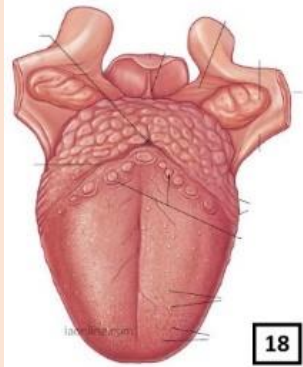



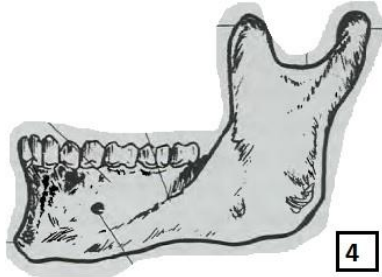
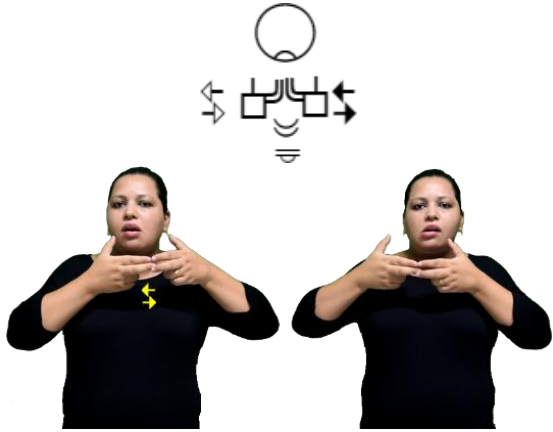
ligante *S.m.*

Substância produzida por células sinalizadoras e interage com receptores no interior ou na superfície das células alvo, existe uma grande variedade de ligantes. Alguns são proteínas, outros são moléculas hidrofóbicas como esteroides e outros ainda são gases como óxido nítrico.

Ex: "A quarta família de receptores difere consideravelmente das outras três, pois o receptor é inteiramente intracelular, e, portanto, o <ligante> precisa difundir-se para dentro da célula para interagir com ele⁹¹".





<p>Mão direita</p> 		<p>língua S.f. Órgão muscular revestido por mucosa localizado na cavidade bucal. Exerce importantes funções na mastigação, na deglutição, como órgão gustativo e na articulação das palavras.</p> <p>Ex: "À medida que a <língua> se desenvolve, a cópula da raiz da língua, depois de sobrepor-se ao segundo arco branquial, funde-se com as saliências anteriores do primeiro arco branquial do corpo da língua, durante a 8ª semana de desenvolvimento pré-natal²".</p> 
		
<p>Mão direita e mão esquerda</p> 		<p>mandíbula S.f. Osso craniano em formato de ferradura, articula-se através dos dentes com a maxila, no viscerocrânio, quando a boca se encontra fechada. Articula-se também com o neurocrânio através do osso temporal, formando a articulação temporomandibular (ATM).</p> <p>Ex: "Os músculos da mastigação atuam na <mandíbula> para produzir dois movimentos básicos na ATM: deslizamento e rotação²".</p> 
		



Mão direita

Mão esquerda



materiais restauradores S.m.

Conjunto de materiais utilizados em diversos tratamentos dentários como, na restauração e na recuperação de um dente quebrado. Esses materiais podem ser amálgama, resina, ouro ou porcelana.

Ex: "Se a lesão cariosa ocorrer, <materiais restauradores> estéticos podem ser utilizados para obter uma aparência estética mais favorável e, assim, a presença da fosseta vestibular pode não ser mais detectada clinicamente²⁹".



Mão direita

Mão esquerda



maxilar S.m.

Ossos cranianos compostos por duas maxilas (direita e esquerda) responsáveis pelo alongamento vertical da face. É no processo alveolar do maxilar que se implantam os dentes superiores.

Ex: "Durante uma exodontia, um dente contaminado ou fragmentos de raiz podem também ser deslocados acidentalmente para o interior do seio <maxilar>²⁹".



VISTA FRONTAL



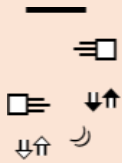



VISTA LATERAL (CORTE)

39

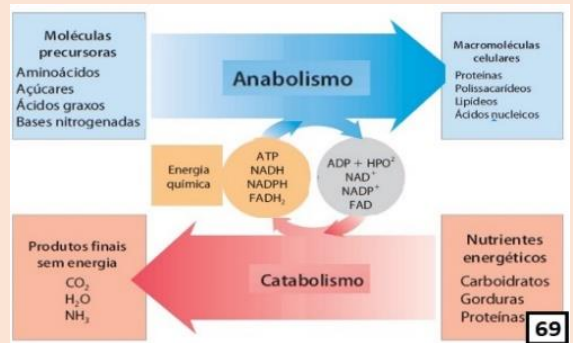


Mão direita e esquerda







metabolismo *S.m.*
 Atividade celular altamente coordenada, a soma de todas as transformações químicas que ocorrem em uma célula ou em um organismo. Existem duas vias metabólicas, o catabolismo e o anabolismo.



Ex: "Estudando com essa perspectiva, o <metabolismo> proporciona dados fascinantes e reveladores sobre a vida, com aplicações incontáveis na medicina, agricultura e biotecnologia⁷⁴".



Mão direita




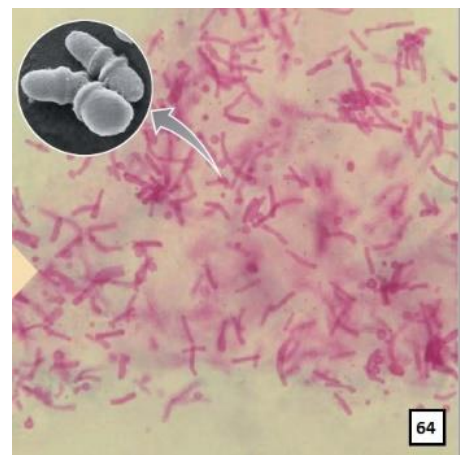


Mão esquerda

microbiota *S.f.*
 Conjunto de microrganismos que vivem sobre ou no interior do corpo humano. Contribui para a saúde e o bem-estar do hospedeiro por meio da geração de produtos microbianos e inibe o crescimento de microrganismos perigosos.

Ex: "Análises metagenômicas da <microbiota> oral humana mostram uma comunidade microbiana complexa⁶⁸".



Mão direita

Mão esquerda




mocho *S.m.*

Tipo de assento ergométrico utilizado principalmente por dentistas.

Ex: "Os profissionais da saúde recomendam que o dentista sempre deixe os pés apoiados no chão e mantenha ao máximo a coluna apoiada ao <mocho> odontológico⁴⁰".



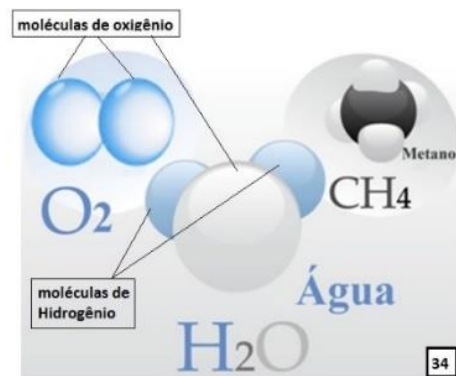
Mão direita e mão esquerda



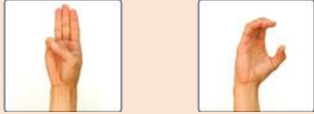






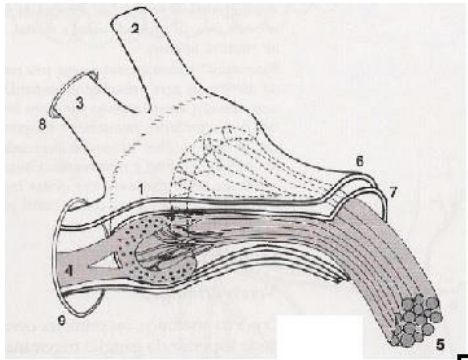


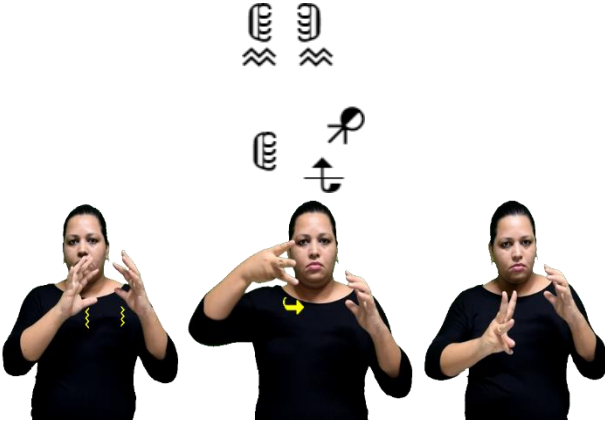

molécula *S.f.*

Estrutura que possui uma massa molar determinada e um número relativamente pequeno e exato de átomos ligados entre si covalentemente, ou seja, por meio do compartilhamento de elétrons.



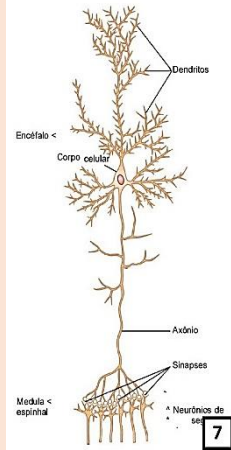
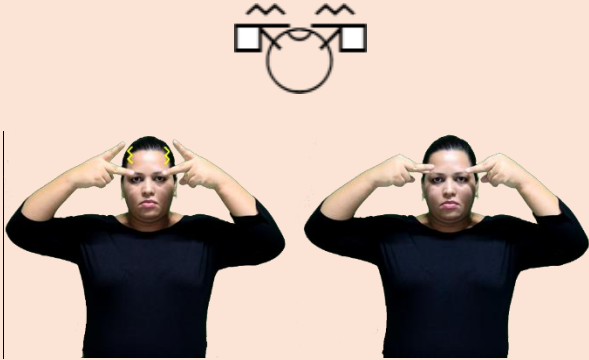


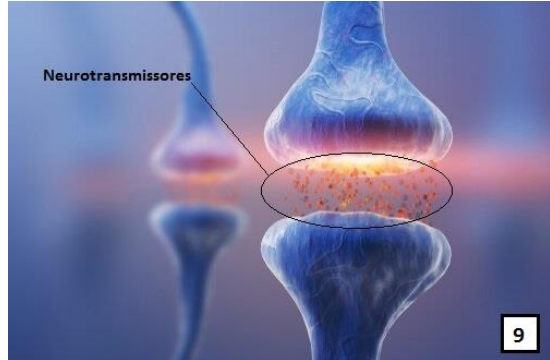
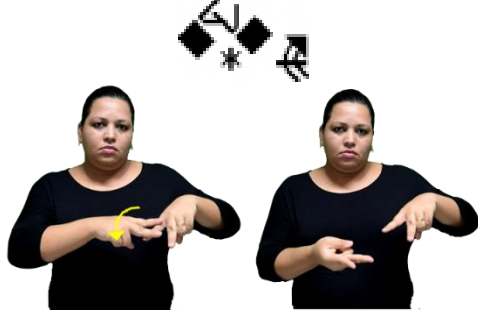



Ex: "Nos fotoautotróficos, a ruptura da <molécula> da água promovida pela luz durante a fotossíntese libera seus elétrons para a redução do CO₂ e a liberação de oxigênio na atmosfera⁷⁴".





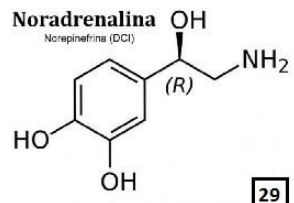





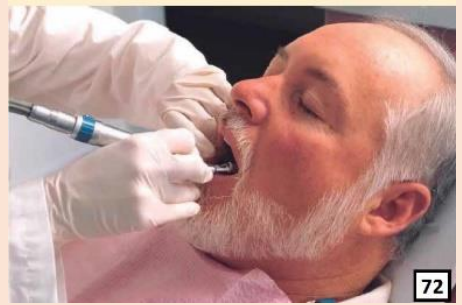





<p>Mão direita e Mão esquerda</p> 		<p>mucosa <i>S.f.</i> Revestimento interno das cavidades úmidas do corpo que mantêm contato com o meio externo como por exemplo a boca, intestino, bexiga, trato respiratório e trato urogenital.</p> <p>Ex: "A <mucosa> oral continua-se com a pele dos lábios e com a mucosa da faringe para o restante do tubo digestivo⁶³".</p> 
		
<p>Mão direita</p> 		<p>nervo trigêmeo <i>S.m.</i> Nervo craniano que possui três ramos calibrosos distribuídos por áreas extensas da face, tanto superficiais, quanto profundas. Esses três ramos formam a porção maior ou sensitiva. O primeiro ramo é o nervo oftálmico; o segundo, é o nervo maxilar; e o terceiro, é o nervo mandibular.</p> <p>Ex: "A maioria dos neurônios de origem da porção maior do <nervo trigêmeo> está agrupada no glânglio trigeminal, que é a maior massa ganglionar de nosso corpo⁶⁷".</p> <p>Variante: quinto nervo craniano.</p>
<p>Sinal 1:</p> 		
<p>Mão direita e Mão esquerda</p> 		
<p>Sinal 2:</p> 		



<p>Mão direita e mão esquerda</p> 		<p>neurônio S.m. Célula altamente excitável que se comunica com outros neurônios ou com células efetadoras (células musculares ou secretoras). Unidade morfofuncional do Sistema Nervoso.</p> <p>Ex: "A sinapse é o ponto de contato entre um <neurônio> e o neurônio seguinte¹⁸".</p> 
		
<p>Mão direita e mão esquerda</p> 		<p>neurotransmissor S.m. Molécula responsável pela comunicação das células no Sistema Nervoso normalmente encontrada nos terminais sinápticos dos neurônios.</p> <p>Ex: "Cada vez que o potencial de ação atinge o terminal pré-sináptico, poucas vesículas liberam ao mesmo tempo seu <neurotransmissor> na fenda sináptica¹⁸".</p> 
<p>Sinal 1:</p> 		
<p>Mão direita e mão esquerda</p> 		
<p>Sinal 2:</p> 		



<p>Mão direita e mão esquerda</p> 		<p>noradrenalina <i>S.f.</i> Hormônio produzido nas glândulas suprarrenais, liberada diretamente na corrente sanguínea. Conhecida como uma substância de “luta e fuga” é liberada em momentos de sustos, surpresas ou fortes emoções.</p> <p>Ex: “Muitos outros transmissores e hormônios estão implicados na ansiedade e nos distúrbios do pânico, particularmente a <noradrenalina>⁸³”.</p> <p>Variante: norepinefrina, NOR.</p> <div data-bbox="997 560 1364 795" style="text-align: center;">  <p style="text-align: right;">29</p> </div>
 		<p>norepinefrina <i>S.f.</i> <i>Ver:</i> noradrenalina.</p> <p>Ex: “No sistema simpático, a <norepinefrina> intermedeia a transmissão dos impulsos dos nervos pós-ganglionares autônomos para o órgão efetor⁹¹”.</p> <p>Variantes: noradrenalina, NOR.</p>
<p>Mão direita</p> 		<p>odontogeriatrica <i>S.f.</i> Especialidade odontológica que estuda os fenômenos decorrentes do envelhecimento que têm repercussão na boca e suas estruturas associadas, na promoção da saúde, no diagnóstico, na prevenção e no tratamento de enfermidades bucais e do sistema estomatognático de pessoas idosas.</p> <p>Ex: “A ciência e a prática da <Odontogeriatrica> apontam para um caminho multidisciplinar, mais democrático e preparado para atender às necessidades da população em toda a sua diversidade, que se torna ainda mais complexa com o avançar dos anos⁷⁸”.</p> <div data-bbox="949 1769 1412 2072" style="text-align: right;">  <p style="text-align: right;">72</p> </div>
<p>Mão direita e Mão esquerda</p> 		



Mão direita

Mão esquerda

odontologia para pacientes com necessidades especiais S.n.

Especialidade odontológica que atende as necessidades de saúde bucal de pacientes que tenham alguma alteração no seu sistema biopsicossocial. Esses pacientes são denominados de Pacientes com Necessidades Especiais (PNE).

Ex: "As áreas de competência para atuação do especialista em <Odontologia para Pacientes com Necessidades Especiais>, incluem: prestar atenção odontológica aos pacientes com distúrbios psíquicos, comportamentais e emocionais²²".



Mão direita

odontopediatria S.f.

Especialidade odontológica que tem como objetivo o diagnóstico, a prevenção, o tratamento e o controle dos problemas de saúde bucal do bebê, da criança e do adolescente.

Ex: "O conhecimento do crescimento e desenvolvimento da criança é essencial para a pediatria, mas também é importante nas outras profissões que trabalham com crianças, incluindo a <odontopediatria>⁶⁴".





Mão direita

Mão esquerda



organismo S.m.

Conjunto de órgãos de um corpo animal ou vegetal, sistema vivo.

Ex: "A interação entre os componentes químicos de um <organismo> vivo é dinâmica; mudanças em um componente causam mudanças coordenadas ou compensatórias em outro, com o todo manifestando uma característica além daquelas de suas partes individuais⁷⁴".



Mão direita

Mão esquerda

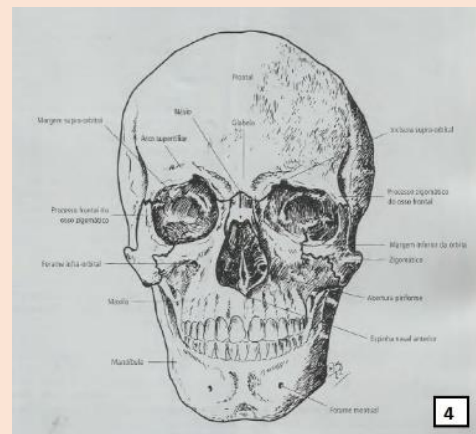


orofacial S.f.

Região da face e da boca. Inclui os ossos da face como, a mandíbula e o maxilar, a língua, glândulas salivares e a articulação temporomandibular.

Ex: "Os tecidos gengivais constituem o mais importante e interessante conjunto de tecidos da região <orofacial> para conhecimento e compreensão dos profissionais da área odontológica²".

Sinal 1:





<p>Mão direita / Mão esquerda</p>		
<p>Sinal 2:</p>		
<p>Mão direita</p>		<p>ortodontia <i>S.f.</i> Especialidade odontológica que tem por objetivo o diagnóstico, a prevenção, a interceptação e o prognóstico das maloclusões e disfunções neuro-musculares, a supervisão e a orientação do desenvolvimento do aparelho mastigatório e a correção das estruturas dento-faciais.</p> <p>Ex: "Em <ortodontia>, o registro da relação de oclusão e executado com uma mordida em cera tomada em relação central¹¹".</p>
<p>Sinal 1:</p>		
<p>Mão direita / Mão esquerda</p>		
<p>Sinal 2:</p>		





Mão direita

Mão esquerda



patologia bucal S.n.

Especialidade odontológica que tem como objetivo o estudo dos aspectos histopatológicos das alterações do complexo bucomaxilofacial e das estruturas anexas, visando o diagnóstico final e o prognóstico dessas alterações, por meio de recursos técnicos e laboratoriais.

Ex: "Algumas especialidades compartilham competências e têm grande proximidade com a <Patologia Bucal> (ex. Estomatologia, Radiologia) porém, o exame histopatológico pode se fazer necessário para o diagnóstico na área de atuação de várias especialidades e do Cirurgião-Dentista Clínico".



Mão direita / Mão esquerda



periodontia S.f.

Especialidade odontológica que trata os tecidos de revestimento e suporte: gengivas, cemento, pericemento e osso-alveolar.

Ex: "Uma terceira descoberta que transformou a prática da odontologia em geral a da <periodontia> em particular foi o descobrimento das radiografias pelo físico alemão Wilhelm Röntgen⁷⁶".





Mão direita

periodontite S.f.
Doença infecciosa que causa inflamação da estrutura de suporte dos dentes, perda progressiva de inserção e perda óssea. São três as principais características, formação de biofilme bacteriana, inflamação periodontal e perda de inserção e osso alveolar.

Ex: "Áreas localizadas de dor imprecisa, às vezes irradiado profundamente na mandíbula, têm sido associadas à <periodontite>⁷⁷".

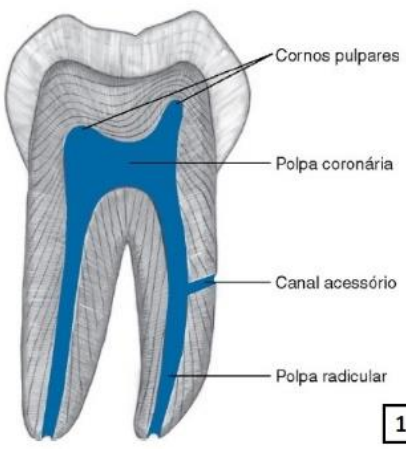


Mão direita

Mão esquerda

polpa S.f.
Tecido mais interno do dente. É formado por tecido conjuntivo gelatinoso, altamente vascularizado e innervado contido na cavidade pulpar. Ela está envolvida na sustentação, manutenção e formação contínua da dentina.

Ex: "Quando a dentina ou a <polpa> é lesionada, a única sensação percebida pelo encéfalo é a dor, sendo que as alterações térmicas, vibratórias e químicas que afetam a dentina ou a polpa também são percebidas como estímulos dolorosos²".



1



Mão direita

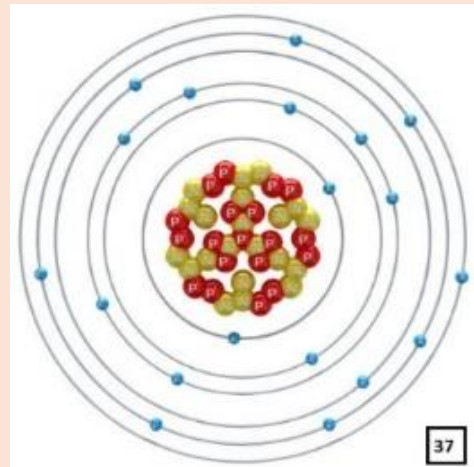


potássio S.m.

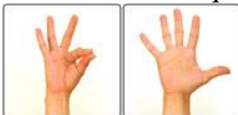
Elemento químico pertencente à família dos metais alcalinos de número atômico igual a 19. Sua sigla é identificada pela letra K, pois seu nome em latim é Kalium.

Ex: "Outro fator importante é a concentração de íons <potássio>, pois quando ela cai para menos de um terço da normal, o indivíduo provavelmente apresenta paralisia em consequência da incapacidade dos nervos de conduzir impulsos¹⁸".

Variante: K+



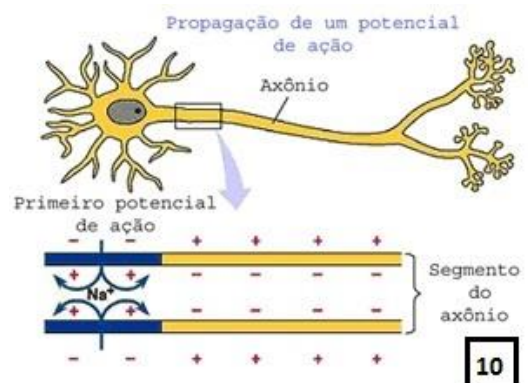
Mão direita / Mão esquerda



potencial de ação S.n.

Sinais nervosos transmitidos por rápidas alterações do potencial elétrico das membranas dos neurônios que se propagam com grande velocidade por toda a membrana de fibra nervosa.

Ex: "Cada <potencial de ação> começa por alteração súbita do potencial de membrana normal negativo para um potencial positivo, terminando então com retorno quase tão rápido para o potencial negativo¹⁸".





Mão direita



Mão esquerda



profilaxia S.f.

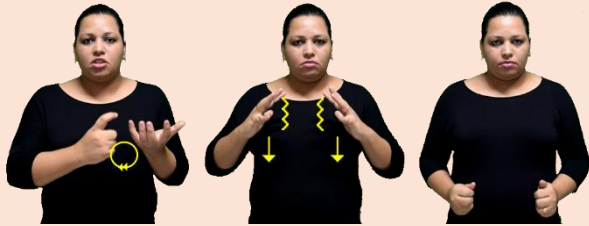

Procedimento odontológico que tem por objetivo remover placa e tártaro que podem causar gengivite, cáries, mau hálito e outros problemas. Procedimento conhecido como limpeza dos dentes.

Ex: "Se a causa for gengivite, o dentista pode fazer uma <profilaxia> completa da área afetada²⁸".

Variante: Limpeza dentária.



Sinal 1:



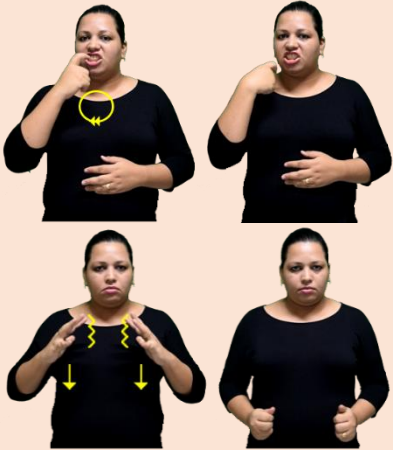

Mão direita












Mão esquerda



Sinal 2:






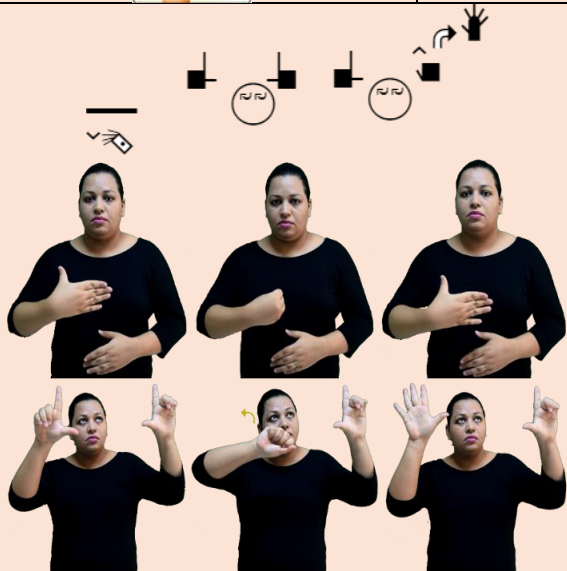




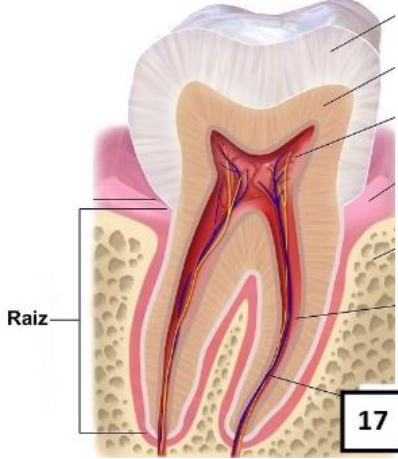





<p>Mão direita</p> 		<p>prótese dentária <i>S.f.</i> Especialidade odontológica que tem o objetivo de reconstruir os dentes parcialmente destruídos ou repor os dentes ausentes visando à manutenção das funções do sistema estomatognático, proporcionando ao paciente a função, a saúde, o conforto e a estética.</p> <p>Ex: "Para minimizar o problema é necessário muito esforço e conhecimento técnico-científico do cirurgião-dentista e do técnico de <prótese dentária> de forma a garantir uma prótese com requisitos de precisão clinicamente aceitáveis²⁴".</p> 
		<p>radiologia odontológica e imaginologia <i>S.f.</i> Especialidade que tem por objetivo a aplicação dos métodos exploratórios por imagem com a finalidade de diagnóstico, acompanhamento e documentação do complexo buco-maxilo-facial e das estruturas anexas a ele.</p> <p>Ex: "A principal atividade do especialista em <Radiologia Odontológica e Imaginologia> é a interpretação e descrição radiográfica⁵⁹".</p>
<p>Mão direita</p>  <p>Mão esquerda</p> 		
<p>Sinal 1:</p> 		



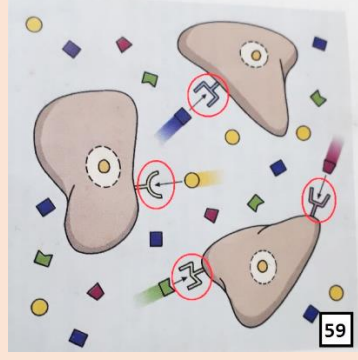
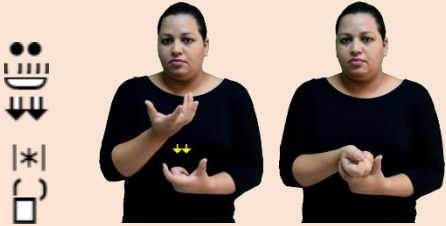


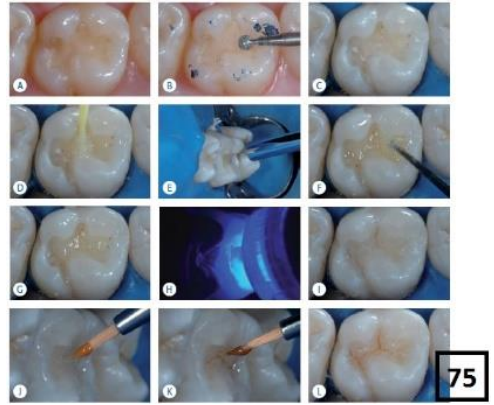
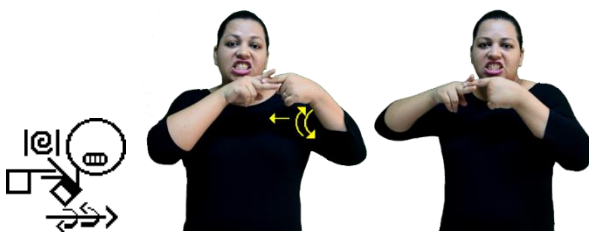


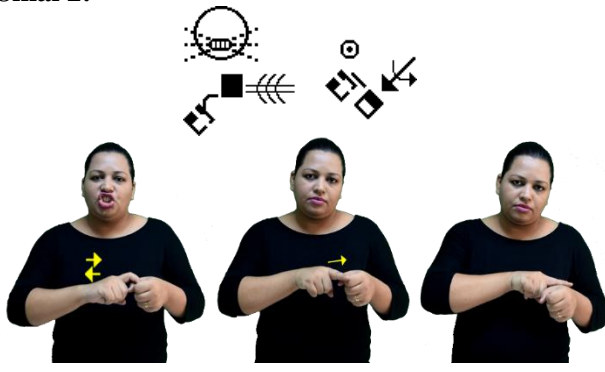


<p>Mão direita</p>		
<p>Sinal 2:</p>		
<p>Mão direita</p> <p>Mão esquerda</p>		<p>radiolúcida <i>S.f.</i> Imagem de uma estrutura que absorve pouco os raios-x. Imagem mais escura de uma estrutura.</p> <p>Ex: "As radiografias têm um papel importante na detecção da cárie, uma vez que a desmineralização do esmalte permite maior penetração dos raios X, produzindo no filme uma imagem mais escura (<radiolúcida>)¹⁰".</p>



<p>Mão direita</p>  <p>Mão esquerda</p> 		<p>radiopaca <i>S.f.</i> Imagem de uma estrutura que possui maior poder de absorção dos raios-x. Imagem mais clara de uma estrutura.</p> <p>Ex: "O assoalho da cavidade nasal aparece radiograficamente como uma linha <radiopaca> contínua e retilínea¹⁰".</p>
		
<p>Mão direita / Mão esquerda</p> 		<p>raiz do dente <i>S.f.</i> Parte do dente recoberta pela gengiva composta por dentina e revestida por cimento.</p> <p>Ex: "é importante notar que a coroa e a <raiz do dente> nunca estão estritamente em posição vertical no osso alveolar, mas com algum grau de angulação²".</p>
<p>Sinal 1:</p> 		
<p>Mão direita / Mão esquerda</p> 		
<p>Sinal 2:</p> 		



<p>Mão direita e Mão esquerda</p> 		<p>receptor <i>S.m.</i> Proteína presente na célula que ao se ligar à molécula sinalizadora é ativado e gera uma cascata de sinais intracelulares alterando o comportamento da célula.</p> <p>Ex: "O <receptor> fosforilado fosforila outros peptídeos ou proteínas, que ativam na sequência outros sinais celulares importantes⁹¹".</p> 
		
<p>Mão direita e Mão esquerda</p> 		<p>restauração <i>S.f.</i> Procedimento odontológico que tem o objetivo de devolver as funções, a forma e a característica de cor do dente. Possibilita a sua rápida recuperação em caso de quebra ou dente cariado, por meio da utilização de materiais restauradores. Também conhecida como obturação dentária.</p> <p>Ex: A biocompatibilidade é uma importante propriedade a ser considerada na seleção de um agente restaurador, especialmente quando a <restauração> é realizada em cavidades profundas⁸².</p> 
<p>Sinal 1:</p> 		
<p>Mão direita e Mão esquerda</p> 		
<p>Sinal 2:</p> 		



Mão direita

Mão esquerda



saúde coletiva e da família S.f.
Especialidade odontológica que estuda os fenômenos que interferem na Saúde Coletiva e da Família, por meio de análise, organização, planejamento, execução e avaliação de sistemas de saúde, dirigidos a grupos populacionais, com ênfase na promoção de saúde.

Ex: "A Câmara Técnica de <Saúde Coletiva e da Família> tem por objetivo primordial observar, analisar, orientar e propor soluções para aspectos sociais e coletivos do exercício profissional²⁶".



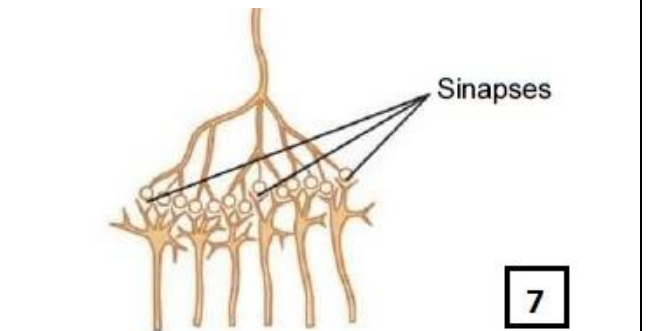
sinapse S.f.
Região de contato entre dois neurônios, onde ocorre a transmissão de impulsos nervosos de uma célula para outra.

Ex: "O terminal tem dois tipos de estruturas internas importantes para a função excitatória ou inibitória da <sinapse>: as *vesículas transmissoras* e as *mitocôndrias*¹⁸".



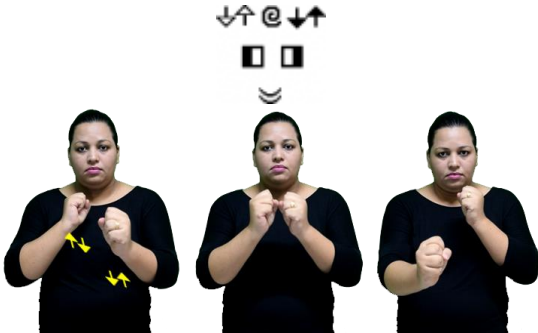



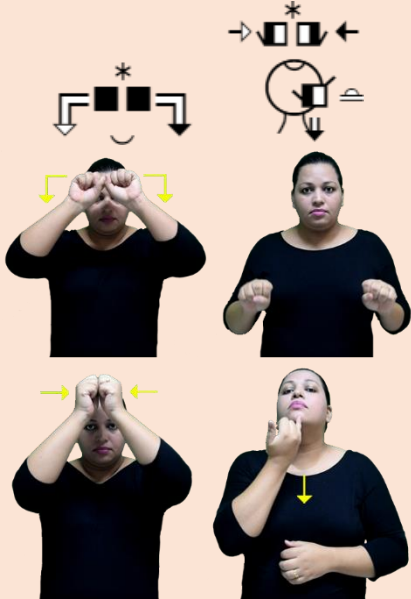

Mão direita e Mão esquerda



Sinal 1:





<p>Mão direita e mão esquerda</p> 		
<p>Sinal 2:</p> 		
<p>Mão direita</p>  <p>Mão esquerda</p> 		<p>sistema nervoso S.m. Sistema composto por tecido nervoso que controla e coordena as funções de todos os sistemas do organismo por meio das células nervosas (neurônios), capaz de interpretar estímulos e desencadear respostas adequadas a estes estímulos. Exerce funções voluntárias e involuntárias. Ele se divide em sistema nervoso central (SNC) e sistema nervoso periférico (SNP).</p> <p>Ex: "[...] em várias situações, a liberação dos hormônios é estimulada ou inibida pelo <sistema nervoso>, e alguns hormônios podem estimular ou inibir impulsos nervosos⁹¹".</p> <p>Variante: SN.</p>
		 <div style="text-align: right; border: 1px solid black; padding: 2px; width: 30px; margin: 0 auto;">21</div>



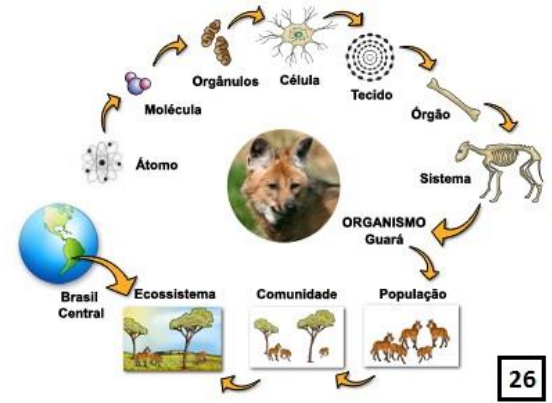
Mão direita

Mão esquerda

sistemas vivos *S.m.*

Organismos vivos de alta complexidade, formados por estruturas atômicas e moleculares e que têm relação com o ambiente em que vivem.

Ex: "A água é a substância mais abundante nos <sistemas vivos>, constituindo mais de 70% do peso da maioria dos organismos⁷⁴".



26

Mão direita

sódio *S.m.*

Elemento químico pertencente à família dos metais alcalinos de número atômico 11. A sigla *Na* derivada do nome em latim *Natrium*.

Ex: "Quando a membrana de fibra nervosa é estimulada, ocorre ligeiro vazamento de íons sódio, pelos canais de <sódio>, na membrana do nervo, para o interior da fibra¹⁸".

Variante: Na+

Na 11

Sódio

Sal

56



Mão direita

Mão esquerda

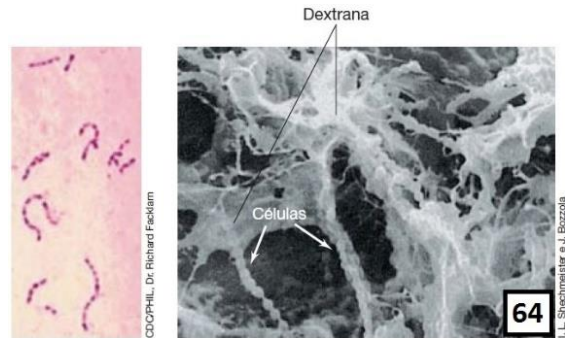


Streptococcus mutans S.m.


Espécie de bactéria do gênero Streptococcus, possui morfologia cocóide. Bactéria do ácido láctico, fermenta a glicose em ácido láctico, o agente que destrói o esmalte do dente; causador da cárie dentária.

Ex: "Sem uma fonte de sacarose, o altamente cariogênico <Streptococcus mutans> torna-se incapaz de sintetizar a camada de dextrana necessária para manter as células bacterianas aderidas aos dentes⁶⁸".

Variante: *S. mutans*



Mão direita e mão esquerda





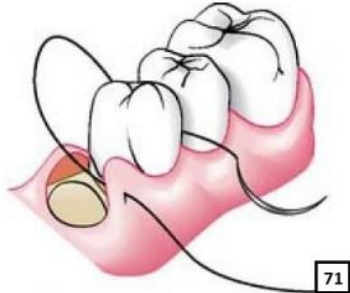
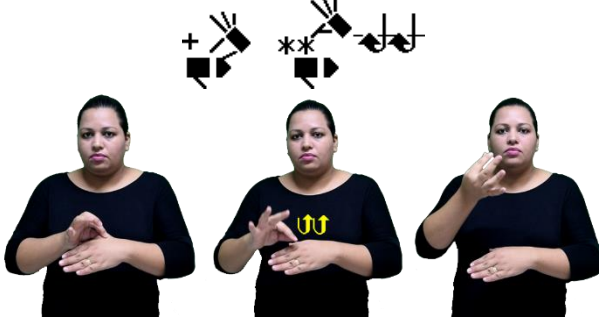
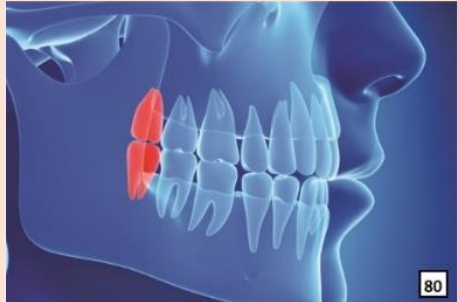


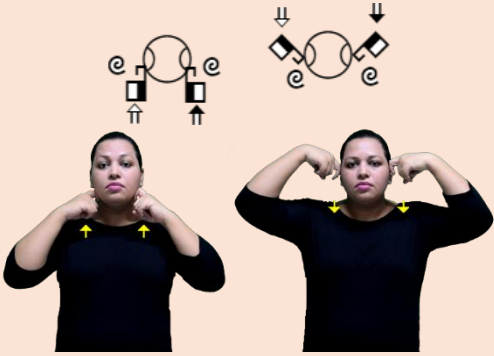



substância S.f.

Material com o qual alguma coisa é composta. Cada uma das espécies de matéria que compõe o universo, elas são formadas por átomos de elementos específicos.

Ex: "A água é a <substância> mais abundante nos sistemas vivos, constituindo mais de 70% do peso da maioria dos organismos⁷⁴".





<p>Mão direita e Mão esquerda</p> 		<p>sutura <i>S.f.</i> Procedimento cirúrgico que tem o objetivo de costurar ou suturar uma incisão, um corte, um ferimento ou uma porção de tecido orgânico.</p> <p>Ex: "A <sutura> suspensória pode ser usada para um retalho em uma superfície dentária que envolve dois espaços interdentais⁷⁷".</p> 
	<p>terceiro molar <i>S.m.</i> Um dos últimos dentes a erupcionarem na cavidade bucal. O menor dente dos molares. Existem quatro deles, dois superiores e dois inferiores. Popularmente conhecido como dente do juízo ou dente do siso.</p> <p>Ex: "As formas do <terceiro molar> superior são tão variáveis que em alguns exemplares é difícil identificar exatamente as suas cúspides⁶⁶".</p> <p>Variante: dente do siso, dente do juízo.</p> 	
<p>Mão direita e mão esquerda</p> 		<p>via bucal <i>S.f.</i> Via de administração em que o fármaco é absorvido diretamente na cavidade oral, geralmente posicionado embaixo da língua ou entre a bochecha e a gengiva.</p> <p>Ex: "A <via bucal> (entre a bochecha e a gengiva) é similar à via sublingual⁹¹".</p> 
	<p>via bucal <i>S.f.</i> Via de administração em que o fármaco é absorvido diretamente na cavidade oral, geralmente posicionado embaixo da língua ou entre a bochecha e a gengiva.</p> <p>Ex: "A <via bucal> (entre a bochecha e a gengiva) é similar à via sublingual⁹¹".</p>	
<p>Mão direita e Mão esquerda</p> 		



Mão direita



via inalatória S.f.

Via de administração utilizada para aplicar fármacos gasosos ou por dispersão em aerossol por meio oral e/ou nasal. O fármaco é absorvido pela superfície da membrana mucosa do trato respiratório e do epitélio pulmonar. Esta via é usada geralmente para administrar medicamentos a pacientes com problemas respiratórios, como asma ou doença pulmonar obstrutiva crônica.

Ex: "A <via inalatória> é usada para os anestésicos voláteis e gasosos, servindo o pulmão tanto como via de administração quanto de eliminação⁸³".



Mão direita

Mão esquerda

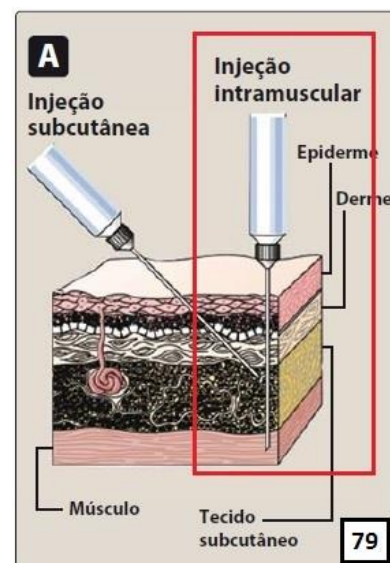


via intramuscular S.f.

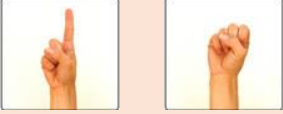






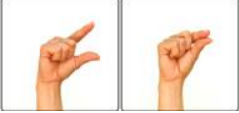


Via de administração utilizada para introduzir fármacos em forma líquida no tecido muscular.

Ex: "O glucagon pode ser administrado por <via intramuscular> ou subcutânea, bem como por via intravenosa⁸³".

Variante: Via IM.





<p>Mão direita e Mão esquerda</p> 		<p>via intravenosa S.f. Via de administração em que o fármaco é injetado na veia por meio de uma agulha que permite um efeito rápido.</p> <p>Ex: "A insulina solúvel é utilizada (por <via intravenosa>) no tratamento de emergências diabéticas hiperglicêmicas⁸³".</p> <p>Variante: Via IV</p>  <p>79</p>
<p>Mão direita</p> 		<p>via nasal S.f. Via utilizada na administração de fármacos diretamente dentro do nariz.</p> <p>Ex: "Por <via nasal>, o LTD4 aumenta o fluxo de sangue nasal e aumenta a permeabilidade vascular local⁸³".</p>  <p>42</p>
<p>Sinal 1:</p> 		
<p>Mão direita</p> 		
<p>Sinal 2:</p> 		



Mão direita

Mão esquerda

via oral S.f.

Via de administração utilizada para introduzir o fármaco no organismo. É a forma mais comum utilizada para administrar fármacos.

Ex: "A ezetimiba é administrada por <via oral> e absorvida nas células epiteliais do intestino, onde se localiza nas microvilosidades, que se presume ser seu ponto de ação⁸³".



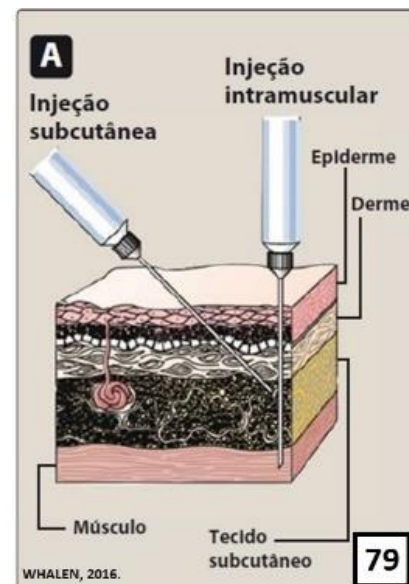
Mão direita

Mão esquerda

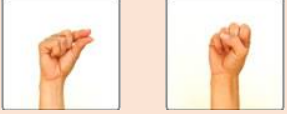

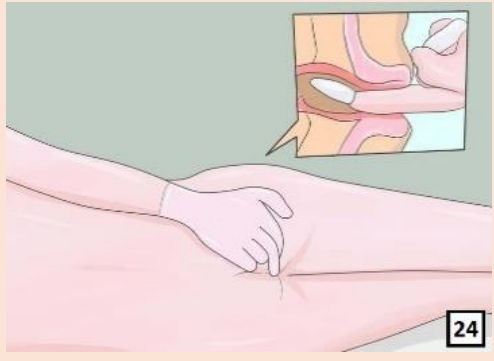
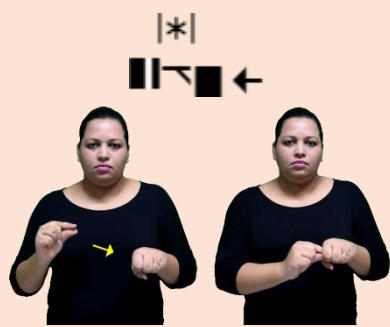
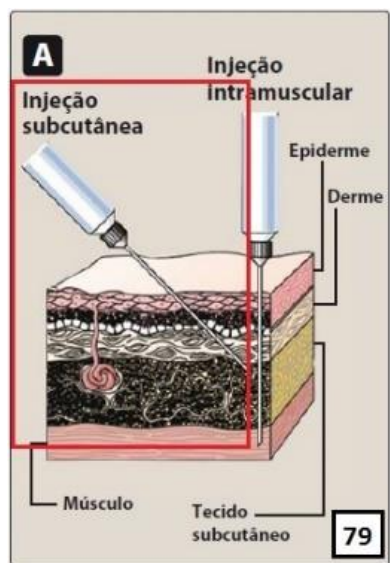


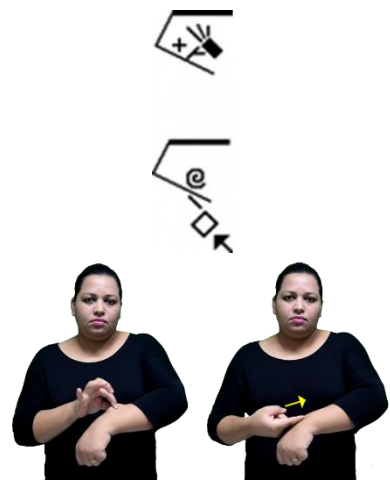
via parenteral S.f.

Via em que o fármaco é introduzido diretamente na circulação, usada no tratamento do paciente impossibilitado de tomar a medicação oral (paciente inconsciente) ou quando é necessário um início rápido de ação.








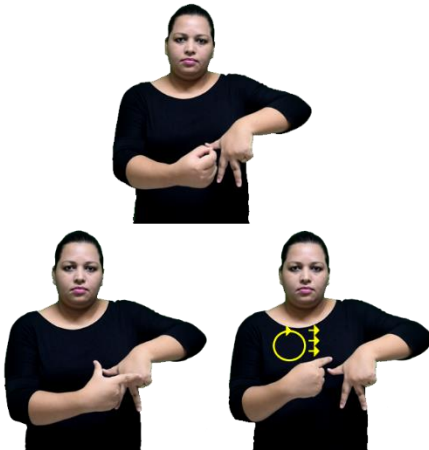
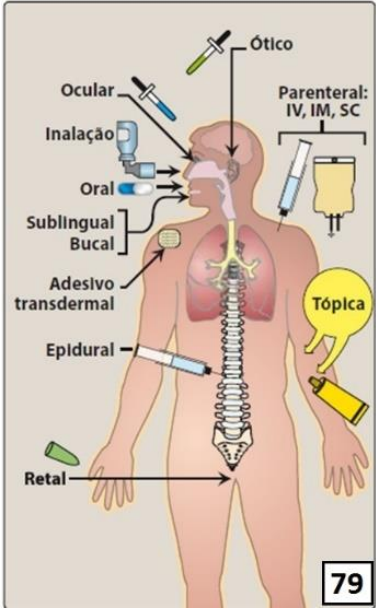
Ex: "A vitamina B12 é administrada por <via parenteral> para tratamento da anemia perniciosa⁸³".





<p>Mão direita e Mão esquerda</p> 		<p>via retal <i>S.f.</i> Via de administração de fármacos pelo reto (ânus).</p> <p>Ex: "Algumas vezes, outros sais sódicos de fosfato e citrato são dados por <via retal>, por supositório, para aliviar a constipação⁸³".</p> 
	<p>via subcutânea <i>S.f.</i> Via de administração em que o fármaco, na forma líquida, é injetado em pequenas quantidades no tecido subcutâneo abaixo da pele do paciente.</p> <p>Ex: "A injeção de fármacos por <via subcutânea> ou intramuscular geralmente produz um efeito mais rápido que a administração oral, mas a velocidade da absorção depende muito do local da injeção e do fluxo sanguíneo local⁸³".</p> 	
<p>Mão direita</p> 		
		



<p>Mão direita</p> 		<p>via tópica S.f. Via de administração usada para aplicação local de um medicamento em forma líquida, gel ou pomada direto na pele ou na mucosa.</p>
		<p>Ex: "Os corticosteroides tópicos são usados para o tratamento de psoríase, eczema, dermatite de contato e outras condições da pele manifestadas por prurido e inflamação. Eles são administrados localmente, por <via tópica> e intralesional⁹¹".</p> 
<p>Mão direita</p>  <p>Mão esquerda</p> 		<p>vias de administração S.f. Formas como o fármaco entrará em contato com o organismo para exercer sua função farmacológica.</p> <p>Ex: "As três principais <vias de administração> parenteral são a intravascular (intravenosa ou intra-arterial), a intramuscular e a subcutânea⁹¹".</p>
		



ÍNDICE POR CATEGORIA

1. Anatomia	
amídalas	154
anatomia	154
articulação temporomandibular	156
ATM	156
coroa do dente	164
cúspide	165
dentes caninos	166
dentes decíduos	166
dentes incisivos	167
dentes molares	168
dentes permanentes	168
dentina	169
erupção dental	173
esmalte	174
gengiva	181
língua	186
mandíbula	186
maxilar	188
mucosa	190
nervo trigêmeo	191
organismo	195
orofacial	195
polpa	199
raiz do dente	204
sistema nervoso	207
terceiro molar	210
2. Bacteriologia	
bactéria	158
biofilme dentário	159
microbiota	189
<i>Streptococcus mutans</i>	209
3. Bioquímica	
adrenalina	153
bioquímica	160
bomba de sódio-potássio	161
carboidrato	162
frutose	180
glicose	182
insulina	185
hormônio	184
ligante	185
metabolismo	188
molécula	190
potássio	199
receptor	204
sistemas vivos	208
sódio	209
substância	210
4. Especialidades odontológicas	
Cirurgia e Traumatologia Bucocomaxilofacial	163
CTBMF	163
Dentística	169
Endodontia	172



Estomatologia	175
Implantodontia	184
Odontogeriatrica	193
Odontologia para Pacientes com Necessidades Especiais	194
Odontopediatria	194
Ortodontia	196
Patologia Bucal	197
Periodontia	197
Prótese Dentária	201
Radiologia Odontológica e Imaginologia	202
Saúde Coletiva e da Família	206
5. Biossegurança	
biossegurança	160
esterilização	170
6. Farmacologia	
agonista	153
anestesia local	155
antagonista	155
epinefrina	172
fármaco	176
farmacocinética	177
farmacodinâmica	177
farmacologia	178
noradrenalina	193
norepinefrina	193
via bucal	211
via inalatória	211
via intramuscular	212
via intravenosa	212
via nasal	213
via oral	214
via parenteral	214
via retal	215
via subcutânea	215
via tópica	216
vias de administração	216
7. Ferramentas e instrumentalização odontológicas	
alta rotação	153
amálgama	154
autoclave	157
baixa rotação	159
cadeira odontológica	162
comando de pé	164
cuspeira	165
equipo	173
estufa	175
fotopolimerizador	180
materiais restauradores	187
mocho	189
profilaxia	200
restauração	205
sutura	210
8. Fisiologia	
axônio	157
fisiologia	179
glândulas suprarrenais	182
homeostasia	183



neurônio	192
neurotransmissor	192
potencial de ação	200
sinapse	206
9. Patologia	
cárie	162
diabetes	170
disfunção temporomandibular	171
DTM	171
gingivite	181
periodontite	198
10. Radiologia	
diagnóstico	170
radiolúcida	203
radiopaca	203

**REFERÊNCIAS DOS EXEMPLOS**

1	ANDRADE, Emanuel Savio de Souza. O cirurgião-dentista e a patologia bucal. RevOdonto , Odontologia Clínico-Científica (on-line), Recife, v. 4, out./dez. 2010. Disponível em: http://revodonto.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-38882010000400002&script=sci_arttext . Acesso em: 18 jul. 2020.
2	BATH-BALOGH, Mary; FEHRENBACH, Margaret J. Anatomia, histologia e embriologia dos dentes e das estruturas orofaciais . Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
3	BLOCK, Michael S. Atlas cirúrgico na implantodontia . Tradução de Alexei Gama de AlbuquerqueCavalcanti <i>et al.</i> Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
4	BORGES, Júlio César. Sinalização celular . Aula de Bioquímica Avançada. Depto. de Química e Física Molecular – DQFM. Instituto de Química de São Carlos – IQSC. Universidade de São Paulo – USP. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2848937/mod_resource/content/1/Aula14BioqAvan_Sinaliza%C3%A7%C3%A3oMolecular.pdf . Acesso em: 08 ago. 2020.
5	BRANDÃO, Joyce Marina Santos de Freitas. Fotopolimerizadores uma ferramenta fundamental para os cirurgiões dentistas . 6f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Odontologia) – Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, 2019. Disponível em: https://dspace.uniceplac.edu.br/handle/123456789/238 . Acesso em: 04 jul. 2020.
6	BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Serviços Odontológicos: Prevenção e Controle de Riscos . Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
7	BRASIL. Ministério da Saúde. Manual técnico de confecção de próteses totais pela técnica de polimerização em microondas . Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_tecnico_confeccao_proteses_totais.pdf . Acesso em: set. 2020.
8	CHAVES, Alejandro Muñoz; LOFFREDO, Leonor de Castro Monteiro; VALSECKI JÚNIOR, Aylton; CHAVEZ, Oscar Muñoz; CAMPOS, Juliana Álvares Duarte Bonini. Estudo epidemiológico da ansiedade dos pacientes ao tratamento odontológico . Revista de Odontologia da UNESP, 2006.
9	DANGELO, José Geraldo; FANTTINI, Carlos Américo. Anatomia humana sistêmica e segmentar . 3. ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2007.
10	FENYO-PEREIRA, Maclene (Org.). Radiologia odontológica e imaginologia . São Paulo: Santos, 2013.
11	FERREIRA, Flavio Vellini. Ortodontia: diagnóstico e planejamento clínico . São Paulo: Artes Médicas, 2008.



12	FILGUEIRAS, Jayme. Dicionário de termos técnicos de odontologia . Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Ensino Médio. Academia Brasileira de Odontologia, 1971.
13	FOGAÇA, Jennifer Rocha Vargas. Moléculas e macromoléculas. Brasil Escola . Disponível em: https://brasilecola.uol.com.br/quimica/moleculas-macromoleculas.htm . Acesso em: 13 jul. 2020.
14	FREITAS, Ronaldo de. Tratado de cirurgia bucomaxilofacial . 1. ed. 1. reimpressão. Editora Santos Ltda, 2008.
15	GOLAN, David E. <i>et al.</i> Princípios de farmacologia: a base fisiopatológica da farmacoterapia . 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.
16	GONÇALVES, Patrícia Valente Araújo Jacques. Disfunções temporomandibulares: até onde o cirurgião dentista pode atuar . 62f. Monografia (Especialização em Odontologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-A84LY7/1/monografia_especializacao_protese_patricia_valente.pdf . Acesso em: 12 jul. 2020.
17	HADDAD, Aina Sabbagh <i>et al.</i> Odontologia para pacientes com necessidades especiais . São Paulo: Editora Santos, 2007.
18	HALL, John Edward. Tratado de Fisiologia Médica [recurso eletrônico]. Tradução de Alcides Marinho Junior <i>et al.</i> Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
19	LEITE, Isabela. Sensores em cadeira poupam até 95% de água em rede de consultório de dentistas. Globo.com , 2015. Disponível em: http://g1.globo.com/sao-paulo/blog/como-economizar-agua/post/sensores-em-cadeira-poupam-ate-95-de-agua-em-rede-de-consultorio-de-dentistas.html . Acesso em: set. 2020.
20	APCD. Implantodontia: a especialidade que veio para ficar . Disponível em: http://www.apcd.org.br/index.php/noticias/1256/por-dentro-das-especialidades/18-06-2018/-implantodontia-a-especialidade-que-veio-para-ficar . Acesso em: set. 2020.
21	CONSELHO Regional de Odontologia de São Paulo. Odontogeriatría . Disponível em: site.crosp.org.br/camara_tecnica/apresentacao/12.html#:~:text=Odontogeriatría%20%20C3%A9%20a%20especialidade%20que,do%20sistema%20estomatogn%20C3%A1tico%20do%20idoso . Acesso em: set. 2020.
22	CONSELHO Regional de Odontologia de São Paulo. Odontologia para pacientes com necessidades especiais . Disponível em: site.crosp.org.br/camara_tecnica/apresentacao/15.html . Acesso em: set. 2020.
23	CONSELHO Regional de Odontologia de São Paulo. Odontopediatria . Disponível em: site.crosp.org.br/camara_tecnica/apresentacao/16.html . Acesso em: set. 2020.
24	CONSELHO Regional de Odontologia de São Paulo. Prótese dentária . Disponível



	em: site.crosp.org.br/camara_tecnica/apresentacao/21.html . Acesso em: set. 2020.
25	CONSELHO Regional de Odontologia de São Paulo. Radiologia odontológica e imaginiologia . Disponível em: site.crosp.org.br/camara_tecnica/apresentacao/22.html . Acesso em: set. 2020.
26	CONSELHO Regional de Odontologia de São Paulo. Saúde Coletiva . Disponível em: site.crosp.org.br/camara_tecnica/apresentacao/23.html . Acesso em: set. 2020.
27	CONSELHO Regional de Odontologia de São Paulo. Cirurgia e traumatologia Bucomaxilofacial . Disponível em: site.crosp.org.br/camara_tecnica/apresentacao/3.html . Acesso em: set. 2020.
28	CONSELHO Regional de Odontologia de São Paulo. A importância da profilaxia na busca de um sorriso perfeito . Disponível em: site.crosp.org.br/noticia/ver/818-a-importancia-da-profilaxia-na-busca-de-um-sorriso-perfeito.html . Acesso em: set. 2020.
29	CONSELHO Regional de Odontologia de São Paulo. A competência do especialista em ortodontia . Disponível em: site.crosp.org.br/uploads/paginas/9471490dc533852d2103e9c5e34dc9f5.pdf . Acesso em: set. 2020.
30	NOVAK, Franz Reis. Autoclavagem . Disponível em: http://www.fiocruz.br/biossegurancahospitalar/dados/material13.htm . Acesso em: set. 2020.
31	JORNAL Biosferas. O que é vida . Disponível em: http://www.rc.unesp.br/biosferas/Art0031.html . Acesso em: set. 2020.
32	SPLABOR: Equipamentos para laboratórios. Autoclave e estufa: qual a diferença entre esses dois equipamentos? Disponível em: http://www.splabor.com.br/blog/autoclaves/aprendendo-mais-esterilizacao-por-autoclave-e-estufa-qual-a-diferenca/ . Acesso em: set. 2020.
33	DENTAL Cremer. Disponível em: https://blog.dentalcremer.com.br/como-escolher-o-kit-academico/ . Acesso em: set. 2020.
34	ENDODONTIA UFSC. Sobre a Endodontia . Disponível em: https://endodontia.ufsc.br/home/ . Acesso em: set. 2020.
35	CARDOZO, Ana Paula Monteiro de Lima. Os símbolos dos elementos químicos . Disponível em: https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/quimica/os-simbolos-dos-elementos-quimicos.htm . Acesso em: set. 2020.
36	MICHAELIS. Sutura . Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sutura . Acesso em: set. 2020.
37	KHAN Academy. Ligantes e receptores . Disponível em: https://pt.khanacademy.org/science/biology/cell-signaling/mechanisms-of-cell-signaling/a/signal-perception . Acesso em: set. 2020.



38	QUE Conceito. Conceito de Organismo . Disponível em: https://queconceito.com.br/organismo . Acesso em: set. 2020.
39	SIMPATIO. Principais materiais restauradores utilizados na odontologia . Disponível em: https://simpatio.com.br/materiais-restauradores/ . Acesso em: set. 2020.
40	SIMPATIO. Mocho odontológico melhora a postura dos dentistas . Disponível em: https://simpatio.com.br/mocho-odontologico/ . Acesso em: set. 2020.
41	SIMPATIO. Funções dos molares na anatomia da boca . Disponível em: https://simpatio.com.br/molares/ . Acesso em: set. 2020.
42	BIOLOGIA Net. Adrenalina . Disponível em: https://www.biologianet.com/anatomia-fisiologia-animal/adrenalina.htm . Acesso em: set. 2020.
43	COLGATE. O que é um dente canino? Disponível em: https://www.colgate.com.br/oral-health/basics/mouth-and-teeth-anatomy/what-is-a-canine-tooth- . Acesso em: set. 2020.
44	COLGATE. O que é cárie? Disponível em: https://www.colgate.com.br/oral-health/conditions/cavities/what-are-cavities . Acesso em: set. 2020.
45	DENTAL Office. 8 equipamentos odontológicos indispensáveis . Disponível em: https://www.dentaloffice.com.br/8-equipamentos-odontologicos-indispensaveis/ . Acesso em: set. 2020.
46	SOCIEDADE Brasileira de Diabetes. Diabetes . Disponível em: https://www.diabetes.org.br/publico/diabetes/oque-e-diabetes . Acesso em: set. 2020.
47	DICIO. Carboidrato . Disponível em: https://www.dicio.com.br/carboidrato/ . Acesso em: set. 2020.
48	INFOESCOLA. Glicose . Disponível em: https://www.infoescola.com/bioquimica/glicose/ . Acesso em: set. 2020.
49	INFOESCOLA. Sódio . Disponível em: https://www.infoescola.com/elementos-quimicos/sodio/ . Acesso em: set. 2020.
50	INFOESCOLA. Mucosa . Disponível em: https://www.infoescola.com/histologia/mucosa/ . Acesso em: set. 2020.
51	KENHUB. Mandíbula . https://www.kenhub.com/pt/library/anatomia/a-mandíbula . Acesso em: set. 2020.
52	MANUAL da química. Potássio . Disponível em: https://www.manualdaquimica.com/quimica-geral/potassio.htm . Acesso em: set. 2020.



53	NEWS Medical Life Sciencies. Funções das amígdalas . Disponível em: https://www.news-medical.net/health/Functions-of-Tonsils-(Portuguese).aspx www.manualdaquimica.com/quimica-geral/potassio.htm . Acesso em: set. 2020.
54	ODONTO Equipamentos. Cadeira odontológica . Disponível em: https://www.odontoequipamentos.com.br/odontologia/cadeira-odontologica#:~:text=Cadeira%20Odontol%C3%B3gica%20serve%20para%20acomodar,assento%20e%20encosto%20da%20cadeira . Acesso em: set. 2020.
55	SORRISOLOGIA. Fotopolimerizador : o que é e como ele pode ajudar o seu sorriso. Disponível em: https://www.sorrisologia.com.br/noticia/fotopolimerizador-o-que-e-e-como-ele-pode-ajudar-o-seu-sorriso_a9632/1 . Acesso em: set. 2020.
56	SORRISOLOGIA. Medo do motorzinho . Por que tanta gente teme esse aparelho? Disponível em: https://www.sorrisologia.com.br/noticia/medo-do-motorzinho-por-que-tanta-gente-teme-esse-aparelho_a2872/1 . Acesso em: set. 2020.
57	MAGALHÃES, Lana. Noradrenalina . Disponível em: https://www.todamateria.com.br/noradrenalina/ . Acesso em: set. 2020.
58	TUA Saúde. Como aplicar injeção intramuscular (em 9 passos) . Disponível em: https://www.tuasaude.com/como-aplicar-injecao-intramuscular/ . Acesso em: set. 2020.
59	UNIVERSIDADE Tuiuti do Paraná. Radiologia odontológica e imaginologia : um campo promissor. Disponível em: https://www.tuiuti.edu.br/blog-tuiuti/radiologia-odontologica-e-imaginologia-um-campo-promissor/ . Acesso em: set. 2020.
60	WOSON Latam. Cadeira odontológica Wovo . Disponível em: https://www.wosonlatam.com.br/conjunto-odontologico-wovo . Acesso em: set. 2020.
61	JORGE, Antonio Olavo Cardoso. Microbiologia e imunologia oral . Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
62	JUNQUEIRA, Luiz Carlos Uchoa. Histologia básica . 11 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
63	BURIAN, Eduardo; ARANA, Victor. Histologia e embriologia oral : texto, atlas, correlações clínicas. 3. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.
64	KOCH, Göran <i>et al.</i> Odontopediatria : uma abordagem clínica. 2. ed. São Paulo: Santos, 1995.
65	LOTTI AMARAL, Mateus; GALAFASSI, Daniel; BUTZE, Juliane Pereira. Avaliação de dois diferentes agentes dessensibilizantes no tratamento da hipersensibilidade dentinária: Relato de caso. Journal of Oral Investigations , Passo Fundo, v. 8, n. 2, p. 84-100, jul. 2019. Disponível em: https://seer.imed.edu.br/index.php/JOI/article/view/3092 . Acesso em: 29 jul. 2020.



66	MADEIRA, Miguel Carlos. Anatomia do Dente . São Paulo. Sarvier, 2007.
67	MADEIRA, Miguel Carlos. Anatomia da face : bases anatomofuncionais para a prática odontológica. São Paulo: Sarvier, 2008.
68	MADIGAN, Michael T. <i>et al.</i> Microbiologia de Brock [recurso eletrônico]. Tradução de Alice Freitas Versiani <i>et al.</i> 14. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.
69	MARCUCCI, Gilberto. Estomatologia . São Paulo: Guanabara Koogan, 2018.
70	MARZZOCO, Anita; TORRES, Bayardo Baptista. Bioquímica Básica . 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.
71	MONDELLI, José. Dentística : procedimentos pré-clínicos. São Paulo: Santos, 2002.
72	MORENO, Freddy; MORENO, Sandra. Patrón cuspídeo de molares inferiores. Revisión de la literatura. Rev. Estomatol. , v. 24, n. 1, p. 33-39, 2016. Disponível em: http://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/01/878642/5-moreno-patron-cuspideo-molares.pdf . Acesso em: 30 jun. 2020.
73	MULRONEY, Susan; MYERS, Adam K. Netter, Bases da Fisiologia . Tradução de Marcelo Cairrão Araújo Rodrigues <i>et al.</i> Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
74	NELSON, David L.; COX, Michael M. Princípios de Bioquímica de Lehninger . Porto Alegre: Artmed, 2014.
75	NEVILLE, Brad <i>et al.</i> Patologia oral & maxilofacial . Tradução de Renata Tucci e Mônica Israel. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016.
76	NEWMAN, Michael G. <i>et al.</i> Carranza, periodontia clínica . 12. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016.
77	NEWMAN, Michael G. <i>et al.</i> Carranza, periodontia clínica . 11. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
78	ODONTOGERIATRIA. O Paciente geriátrico e suas condições. Revista da Associação Brasileira de Odontologia Nacional , v. XIX, n. 3, jun./jul, 2011. Disponível em: https://www.abo.org.br/links/revista/noticias . Acesso em: 18 jul. 2020.
79	OLIVEIRA, Ana Emília F. <i>et al.</i> (Orgs.) Radiologia Odontológica : Princípios de interpretação. São Luís: Universidade Federal do Maranhão/UNA-SUS/UFMA, 2014.
80	OLIVEIRA, Wagner. Disfunções temporomandibulares . São Paulo: Artes Médicas, 2002.
81	OPPERMANN, Rui Vicente; RÖSING, Cassiano Kuchenbecker. Periodontia : ciência e clínica. São Paulo: Artes Médicas, 2001.
82	PEREIRA, José Carlos; ANAUATE-NETTO, Camillo; GONÇALVES, Silvia



	Alencar (Orgs.). Dentística : uma abordagem multidisciplinar. São Paulo: Artes Médicas, 2014.
83	RANG, H. P. <i>et al.</i> Rang & Dale : farmacologia. Tradução Gea Consultoria Editorial. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016.
84	REIS, Ana Amélia do Nascimento. Distúrbios das glândulas suprarrenais . Dissertação (Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas) – Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2016. Disponível em: https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/5802/1/PPG_23511.pdf . Acesso em: 07 jul. 2020.
85	SANTOS, Danielle Tiburcio; DIAS, Katia Regina Hostilio Cervantes; SANTOS, Márcia P. Alves dos. Amálgama dental e seu papel na odontologia atual. Revista Brasileira de Odontologia , Rio de Janeiro, v. 73, n. 1, p. 64-8, jan./mar. 2016. Disponível em: http://revodonto.bvsalud.org/pdf/rbo/v73n1/a13v73n1.pdf . Acesso em: 23 jun. 2020.
86	SOUSA, Ezilmara Leonor Rolim de; TORINO, Gabriela Garcia; MARTINS, Gabriela Bülow. Antibióticos na endodontia : por que, como e quando usá-los. São Paulo: Santos, 2014.
87	SOUSA, Frederico Barbosa de. Cariologia : bases histopatológicas para decisões clínicas. João Pessoa: UFPB, 2000.
88	TORTORA, Gerard J.; FUNKE, Berdell R.; CASE, Christine L. Microbiologia [recurso eletrônico] 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.
89	SILVA JÚNIOR, Newton Guerreiro da <i>et al.</i> Manual de biossegurança para controle de infecção nas clínicas odontológicas . Belém: Universidade Federal do Pará, 2009.
90	VOET, Donald; VOET, Judith G.; PRATT, Charlotte W. Fundamentos de bioquímica : a vida em nível molecular. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
91	WHALEN, Karen. Farmacologia ilustrada [recurso eletrônico]. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

**REFERÊNCIAS DAS IMAGENS**

1	BATH-BALOGH, Mary; FEHRENBACH, Margaret J. Anatomia, histologia e embriologia dos dentes e das estruturas orofaciais . Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
2	BLOCK, Michael S. Atlas cirúrgico na implantodontia . Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
3	BRASIL. Ministério da Saúde. Manual técnico de confecção de próteses totais pela técnica de polimerização em microondas . Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_tecnico_confeccao_proteses_totais.pdf . Acesso em: set. 2020.
4	DANGELO, José Geraldo; FANTTINI, Carlos Américo. Anatomia humana sistêmica e segmentar . 3. ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2007.
5	FENYO-PEREIRA, Maclene (Org.). Radiologia odontológica e imaginologia . São Paulo: Santos, 2013.
6	FREITAS, Ronaldo de. Tratado de cirurgia bucomaxilofacial . Editora Santos Ltda, 2008.
7	HALL, John Edward. Tratado de Fisiologia Médica [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
8	DENTAL Cremer. Catálogos . Disponível em: http://arquivos.dentalcremer.com.br/catalogos/catalogo_cirurgia_kavo.pdf . Acesso em: set. 2020.
9	CENTROCLAP. Neurotransmissores . Disponível em: http://centroclap.com.br/wp-content/uploads/2019/10/neurotransmissores.png . Acesso em: set. 2020. (Adaptada)
10	CIÊNCIAS e Cognição. Imagem . Disponível em: http://cienciasecognicao.org/neuroemdebate/wp-content/uploads/2016/11/PA.gif . Acesso em: set. 2020.
11	LEITE, Isabela. Sensores em cadeira poupam até 95% de água em rede de consultório de dentistas. Globo.com , 2015. Disponível em: http://g1.globo.com/sao-paulo/blog/como-economizar-agua/post/sensores-em-cadeira-poupam-ate-95-de-agua-em-rede-de-consultorio-de-dentistas.html . Acesso em: set. 2020.
12	QUÍMICA Nova Interativa. Disponível em: http://qnint.s bq.org.br/novo/index.php?hash=tema.15 . Acesso em: set. 2020.
13	ENDOPERIO. 7 razões para cobrar consulta inicial em odontologia . Disponível em: http://sorrisosdesucesso.com/cobrar-consulta-inicial-em-odontologia/ . Acesso em: set. 2020.



14	LOBO, Frederico. Intolerância à frutose . Disponível em: http://www.ecologiamedica.net/2016/11/intolerancia-frutose.html . Acesso em: set. 2020.
15	FACULDADE de Odontologia. FOUSP na mídia : Pesquisa aponta eficácia de novo material para tratamento da hipersensibilidade dentinária. Disponível em: http://www.fo.usp.br/?p=19352 . Acesso em: set. 2020.
16	FACULDADE de Odontologia. FOUSP na mídia : Compósitos com fosfato de cálcio e de prata podem proporcionar restaurações dentárias mais duráveis. Disponível em: http://www.fo.usp.br/?p=28007 . Acesso em: set. 2020.
17	NUEPE. Anatomia dos dentes . Disponível em: http://www.nuepe.ufpr.br/blog/?page_id=4524 . Acesso em: set. 2020.
18	ANATOMIA Online. Língua . Disponível em: https://anatomiaonline.com/wp-content/uploads/2016/02/lingua.jpg . Acesso em: set. 2020.
19	FARMA Delivery. Inalador . Disponível em: https://blog.farmadelivery.com.br/wp-content/uploads/2011/07/inalador-2.jpg . Acesso em: set. 2020.
20	BRASIL Escola. Hormônios . Disponível em: https://brasilecola.uol.com.br/biologia/hormonios.htm . Acesso em: set. 2020.
21	BRASIL Escola. Sistema nervoso . Disponível em: https://brasilecola.uol.com.br/biologia/sistema-nervoso.htm . Acesso em: set. 2020.
22	BRASIL Escola. O que é uma substância . Disponível em: https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/quimica/o-que-e-uma-substancia.htm . Acesso em: set. 2020.
23	ÚNICA: Cursos Avançados. Imersão em anestesiologia . Disponível em: https://cursosunica.com.br/event/imersao-em-anestesiologia/ . Acesso em: set. 2020.
24	DICAS sobre saúde. Imagem . Disponível em: https://dicassobresaude.com/wp-content/uploads/2017/08/como-usar-supositorio-da-maneira-correta-em-adultos-e-bebes-3.jpg . Acesso em: set. 2020.
25	DRAUZIO. Diabetes . Disponível em: https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/diabetes/ . Acesso em: set. 2020.
26	USP – E-Disciplinas. Ecologia . Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/mod/book/view.php?id=2438629&chapterid=20707 . Acesso em: set. 2020.
27	ENFERMAGEM. Medicação sublingual . Disponível em: https://enfermagemnovidade.files.wordpress.com/2017/03/medicacao-sublingual.jpg?w=359 . Acesso em: set. 2020.



28	INSTITUTO PENSI. Cronologia de irrupção dos dentes decíduos . Disponível em: https://institutopensi.org.br/blog-saude-infantil/cronologia-de-irrupcao-dos-dentes-decuiduos/ . Acesso em: set. 2020.
29	4 MEDIC. Noradrenalina . Disponível em: https://noticias.4medic.com.br/wp-content/uploads/2019/03/noradrenalina-neurotransmissor-definicin-y-funciones-1024x537.jpg . Acesso em: set. 2020.
30	UNIVERSIDADE Federal do Rio Grande do Norte. Insulina e Glucagon como modelos de estrutura protéica . Disponível em: https://numeb.furg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=41&Itemid=39 . Acesso em: set. 2020.
31	ODONTOBUSCA. Cadeira Galla . Disponível em: https://odontobusca.wordpress.com/2010/11/03/galla-techno-200-up/ . Acesso em: set. 2020.
32	REVISTA Digital AD Normas. Padrões de materiais restauradores odontológicos . Disponível em: https://revistaadnormas.com.br/2018/05/23/padros-de-materiais-restauradores-odontologicos . Acesso em: set. 2020.
33	BRASIL Escola. Imagem . Disponível em: https://s1.static.brasilecola.uol.com.br/be/conteudo/images/a1920503b0aed5104c1b0c72d79dcf1b.jpg . Acesso em: set. 2020.
34	BRASIL Escola. Moléculas . Disponível em: https://s1.static.brasilecola.uol.com.br/img/2013/01/moleculas.jpg . Acesso em: set. 2020. (Adaptada)
35	IMAGEM. Disponível em: https://images-americanas.b2w.io/produtos/01/00/img/1572248/5/1572248520_1GG.jpg . Acesso em: set. 2020.
36	BIOLOGIA Net. Imagem . Disponível em: https://static.biologianet.com/conteudo/images/alguns-exemplos-seres-vivos-5810add26b132.jpg . Acesso em: set. 2020.
37	MANUAL da Química. Imagem . Disponível em: https://static.manualdaquimica.com/conteudo/images/representacao-um-atomo-potassio-5642416ecb375.jpg . Acesso em: set. 2020.
38	Disponível em: https://ww2.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=6099 . Acesso em: set. 2020.
39	ANATOMIA em Foco. Maxilar – Anatomia, ossos e função da mandíbula superior. Disponível em: https://www.anatomiaemfoco.com.br/esqueleto-humano-ossos-do-corpo-humano/cranio-ossos-da-face/maxilar/ . Acesso em: set. 2020.
40	AULA de Anatomia. Diartroses . Disponível em: https://www.auladeanatomia.com/novosite/pt/sistemas/sistema-



	articular/diartroses/articulacao-temporo-mandibular/. Acesso em: set. 2020.
41	CLINRIO. Estufa para esterilização e secagem analógica 30 litros – Sterilifer. Disponível em: https://www.clinrio.com.br/p/estufa-30-litros-sterilifer?classicTemplate=True . Acesso em: set. 2020.
42	CONSELHO Regional de Farmácia do Estado do Paraná. Descongestionantes nasais . Disponível em: https://www.crf-pr.org.br/pagina/visualizar/295 . Acesso em: set. 2020.
43	EDUCA mais Brasil. Adrenalina . Disponível em: https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/biologia/adrenalina . Acesso em: set. 2020.
44	IEAPOM – Pós-Graduação em Odontologia. Imagem . Disponível em: https://www.ieapom.com.br/images/2018/06/20/Imagem-087.jpg . Acesso em: set. 2020.
45	REVISTA mais saúde. Ortodontia . Disponível em: https://www.maissauderevista.com.br/wp-content/uploads/2011/12/ortodontia.jpg . Acesso em: set. 2020.
46	MEDICAL EXPO. Equipo para cadeira odontológica acoplado à cadeira Panda double tray . Disponível em: https://www.medicalexpo.com/pt/prod/eti-dental-industries/product-72128-485610.html . Acesso em: set. 2020.
47	UFMG. FAO032 – Tópicos IV em Odontologia – Reabilitação Bucal em Odontopediatria. Disponível em: https://www.odonto.ufmg.br/sca/disciplinas/2023/ . Acesso em: set. 2020.
48	ODONTO UP. Restauração em amálgama . Disponível em: https://www.odontoup.com.br/restauracao-em-amalgama/ . Acesso em: set. 2020.
49	IMAGEM. Disponível em: https://manipulae-prod.s3.us-west-2.amazonaws.com/artigos/DK1qzgDIrD03Yq4prHRElkZxfEBq42YyX8tA2X7.jpeg . Acesso em: set. 2020.
50	CAPES. Disponível em: https://www.periodicos.capes.gov.br/?option=com_pnews&component=NewsShow&view=pnewsnewsshow&cid=631&mn=0 . Acesso em: set. 2020.
51	PORTAL Saúde. Úvula inchada / inflamada – Tratamentos e causas. Disponível em: https://www.portalsaude.net/uvula-inchada-inflamada-tratamentos-e-causas . Acesso em: set. 2020.
52	DICAS de saúde. Os 20 alimentos que reduzem o nível de açúcar no sangue . Disponível em: https://www.saudedica.com.br/os-20-alimentos-que-reduzem-o-nivel-de-acucar-no-sangue/ . Acesso em: set. 2020.
53	INSTITUTO Brasileiro para Segurança do Paciente. Central de material e esterilização – O coração do hospital. Disponível em:



	<p>https://www.segurancadopaciente.com.br/protocolo-diretrizes/central-de-material-e-esterilizacao-o-coracao-do-hospital/. Acesso em: set. 2020.</p>
54	<p>SOLUÇÕES Industriais. Manutenção de autoclave. Disponível em: https://www.solucoesindustriais.com.br/empresa/instrumentacao/sensus-medical/produtos/maquinas-ferramenta/manutencao-de-autoclave. Acesso em: set. 2020.</p>
55	<p>SURYA Dental. Disponível em: https://www.suryadental.com.br/media/catalogos/Schuster.pdf. Acesso em: set. 2020.</p>
56	<p>TABELA Periódica.org. Qual é a utilidade do elemento sódio? Onde ele é encontrado? Disponível em: https://www.tabelaperiodica.org/qual-e-a-utilidade-do-elemento-sodio-onde-ele-e-encontrado/. Acesso em: set. 2020.</p>
57	<p>TNH1. Disponível em: https://www.tnh1.com.br/fileadmin/_processed_/0/f/csm_remedios-materia_c9861a0c7a.jpg. Acesso em: set. 2020.</p>
58	<p>Universidade Federal de Alfenas – MG. Disponível em: https://www.unifal-mg.edu.br/extensao/endodontia_unifal. Acesso em: set. 2020.</p>
59	<p>JUNQUEIRA, Luiz Carlos Uchoa. Histologia básica. 11 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.</p>
60	<p>KATCHBURIAN, Eduardo; ARANA, Victor. Histologia e embriologia oral: texto, atlas, correlações clínicas. 3. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.</p>
61	<p>LOTTI AMARAL, Mateus; GALAFASSI, Daniel; BUTZE, Juliane Pereira. Avaliação de dois diferentes agentes dessensibilizantes no tratamento da hipersensibilidade dentinária: Relato de caso. Journal of Oral Investigations, Passo Fundo, v. 8, n. 2, p. 84-100, jul. 2019. Disponível em: https://seer.imed.edu.br/index.php/JOI/article/view/3092. Acesso em: 29 jul. 2020.</p>
62	<p>MADEIRA, Miguel Carlos. Anatomia do Dente. São Paulo: Sarvier, 2007.</p>
63	<p>MADEIRA, Miguel Carlos. Anatomia da face: bases anatomofuncionais para a prática odontológica. São Paulo: SARVIER, 2008.</p>
64	<p>MADIGAN, Michael T. <i>et al.</i> Microbiologia de Brock [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Artmed, 2016.</p>
65	<p>MARCUCCI, Gilberto. Estomatologia. São Paulo: Guanabara Koogan, 2018.</p>
66	<p>MONDELLI, José. Dentística: procedimentos pré-clínicos. São Paulo: Santos, 2002.</p>
67	<p>MORENO, Freddy; MORENO, Sandra. Patrón cuspidéo de molares inferiores. Revisión de la literatura. Revista Estomatologia, v. 24, n. 2, p. 33-39, 2016. Disponível em: http://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/01/878642/5-moreno-patron-cuspidéo-molares.pdf. Acesso em: 30 jun. 2020.</p>



68	MULRONEY, Susan; MYERS, Adam K. Netter. Bases da Fisiologia . Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
69	NELSON, David L; COX, Michael M. Princípios de Bioquímica de Lehninger . Porto Alegre: Artmed, 2014.
70	NEVILLE, Brad. Patologia oral & maxilofacial . Rio de Janeiro: Elsevier, 2016.
71	NEWMAN, Michael G. <i>et al.</i> Carranza, periodontia clínica . Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
72	ODONTOGERIATRIA. O Paciente geriátrico e suas condições. Rev. ABO Nac. , v. XIX, n. 3, jun./jul. 2011.
73	OLIVEIRA, Ana Emília Figueiredo de <i>et al.</i> (Orgs.) Radiologia Odontológica: Princípios de interpretação . São Luís: Universidade Federal do Maranhão/UNASUS/UFMA, 2014.
74	OPPERMANN, Rui Vicente; RÖSING, Cassiano Kuchenbecker. Periodontia: ciência e clínica . São Paulo: Artes Médicas, 2001.
75	PEREIRA, José Carlos; ANAUATE-NETTO, Camillo; GONÇALVES, Silvia Alencar (Orgs.). Dentística: uma abordagem multidisciplinar . São Paulo: Artes Médicas, 2014.
76	REIS, Ana Amélia do Nascimento. Distúrbios das glândulas suprarrenais . Dissertação (Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas) – Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2016. Disponível em: https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/5802/1/PPG_23511.pdf . Acesso em: 07 jul. 2020.
77	TORTORA, Gerard J.; FUNKE, Berdell R.; CASE, Christine L. Microbiologia [recurso eletrônico] 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.
78	UFPA. Manual de biossegurança . Belém: Universidade Federal do Pará, 2009.
79	WHALEN, Karen. Farmacologia ilustrada [recurso eletrônico]. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.
80	CDE Odontologia. Imagem . Disponível em: http://www.cdeodontologia.com.br/imagens/arquivos/5969d83f.jpg . Acesso em: set. 2020.



LINKS DOS VÍDEOS EM LIBRAS DOS SINAIS-TERMO

1. Adrenalina - <https://youtu.be/IK4uyY3Bz70>
2. Agonista - https://youtu.be/48kDq_1KggY
3. Alta rotação - <https://youtu.be/Yoz-DcrE5mM>
4. Amálgama - <https://youtu.be/GN8-os0GRyI>
5. Amígdalas - <https://youtu.be/jd2jzriI7pM>
6. Anatomia - <https://youtu.be/emwWbL1CQj0>
7. Anestesia bucal - <https://youtu.be/Lzv4FqMGSSE>
8. Antagonista - <https://youtu.be/-EMyXh-BB74>
9. Articulação temporomandibular - <https://youtu.be/yg1KLCuFnQI>
10. ATM - <https://youtu.be/8z67OVGGbwQ>
11. Autoclave - <https://youtu.be/vsutK1LL7RY>
12. Axônio - https://youtu.be/JmcFV05_xPM
13. Bactéria - <https://youtu.be/Mg1FSKUUnQA>
14. Baixa rotação - <https://youtu.be/X005ITY1U8A>
15. Biofilme dental - <https://youtu.be/CWGjBWzoMAA>
16. Bioquímica - <https://youtu.be/wGSn8nGTxIQ>
17. Biossegurança - <https://youtu.be/NmsWQ4goC4o>
18. Bomba de sódio-potássio - <https://youtu.be/KNXLBd4h95U>
19. Cadeira odontológica - <https://youtu.be/DE1FmNaWB4k>
20. Carboidrato - <https://youtu.be/-lnPIJisWlc>
21. Cárie - <https://youtu.be/JYRXrRGBJfQ>
22. Cirurgia e Traumatologia Bucomaxilofacial - <https://youtu.be/Xnm8bmrGaVo>
23. Comando de pé - <https://youtu.be/55nsdRC987Y>
24. Coroa do dente - <https://youtu.be/NGXSKPw-cvk>
25. CTBMF - <https://youtu.be/mTaKtBFRNkM>
26. Cúspide - <https://youtu.be/A6U69cCOEfw>
27. Cuspideira - https://youtu.be/g62820W8_iM
28. Dentes caninos - <https://youtu.be/V-Pe2fEQdEw>
29. Dentes decíduos - <https://youtu.be/kiHS1W-oAsA>
30. Dentes incisivos - <https://youtu.be/nGT9-y1mByQ>
31. Dentes molares - https://youtu.be/WaX7_WTjAeo
32. Dentes permanentes - <https://youtu.be/B6qnl7KdluA>
33. Dentina - https://youtu.be/fkv7_odV0Xs
34. Dentística - <https://youtu.be/t-sIVgFOAs>
35. Diabetes - <https://youtu.be/dzwoTBp7gcU>
36. Diagnóstico - <https://youtu.be/GubYABII9YI>
37. Disfunção Temporomandibular - https://youtu.be/gJ2_hS52y_s
38. DTM - https://youtu.be/zMF_oeqQd4
39. Endodontia - <https://youtu.be/yerLSpp9Ugc>
40. Epinefrina - https://youtu.be/S_5ioChBB00
41. Equipo - <https://youtu.be/VRNnTJMI-5E>
42. Erupção dental - <https://youtu.be/ewUhYAB0Dw4>
43. Esmalte - <https://youtu.be/q6bgCjCHvEE>
44. Esterilização - <https://youtu.be/s15b6koW39s>
45. Estomatologia - <https://youtu.be/DV-KTj0cAxk>
46. Estufa - <https://youtu.be/veeMh5I9N18>
47. Fármaco - https://youtu.be/q0t_bBiG0BQ
48. Farmacocinética - <https://youtu.be/m803DEf6818>
49. Farmacodinâmica - <https://youtu.be/o0TYBjr7WPE>
50. Farmacologia - <https://youtu.be/5TVoZWxlctU>
51. Fisiologia - <https://youtu.be/NBZeRXjuf0E>
52. Fotopolimerizador - <https://youtu.be/j1BR-3pZtCU>
53. Frutose - <https://youtu.be/SEYcl-HL1Eo>
54. Gengiva - <https://youtu.be/DYe3uS9lmFk>
55. Gengivite - <https://youtu.be/usAyTNW8koU>
56. Glândulas suprarrenais - <https://youtu.be/FW0ljwpNF7A>
57. Glicose - <https://youtu.be/ribnjJRzuHU>
58. Homeostase - <https://youtu.be/80FQesvs97I>
59. Hormônio - <https://youtu.be/dCjAWqmbT1A>
60. Implantodontia - https://youtu.be/IplIH_Siz9c
61. Insulina - <https://youtu.be/ljwVqgKtWrk>
62. Ligante - <https://youtu.be/HAU7IP2YUto>
63. Língua - <https://youtu.be/u-N2tw1PnoM>
64. Mandíbula - <https://youtu.be/TP7jaYGnyZ0>
65. Materiais restauradores - <https://youtu.be/0-6O0j9sOJ8>
66. Maxilar - https://youtu.be/x_n6f87JdEk
67. Metabolismo - <https://youtu.be/aXaYrUqXsg8>



68. Microbiota - <https://youtu.be/yUIsUr8zrhE>
69. Mocho - <https://youtu.be/HkqvBeT8kQE>
70. Molécula - https://youtu.be/2BeLCsy_N_k
71. Mucosa - <https://youtu.be/HLg5B2sCyvg>
72. Nervo trigêmeo - <https://youtu.be/mcKTAw7aoMI>
73. Neurônio - <https://youtu.be/ygAfwuM-0Uo>
74. Neurotransmissor - https://youtu.be/pF_jy9B24ys
75. Noradrenalina - <https://youtu.be/68rZr3HiKuU>
76. Norepinefrina - <https://youtu.be/qdJIp56kR0E>
77. Odontogeriatría - <https://youtu.be/cZfKujRtoCs>
78. Odontologia para pacientes com necessidades especiais - <https://youtu.be/DbrYUayduME>
79. Odontopediatria - <https://youtu.be/zFk-OFzAjKI>
80. Organismo - <https://youtu.be/GZ0n5nCh044>
81. Orofacial - <https://youtu.be/bHSfMDyLrOo>
82. Ortodontia - <https://youtu.be/7gHWe0oLYJM>
83. Patologia bucal - <https://youtu.be/QoC55OYvCFE>
84. Periodontia - https://youtu.be/jH_FimNXfgY
85. Periodontite - <https://youtu.be/uXZNG2w8Yv0>
86. Polpa - <https://youtu.be/iV47zzw-6ho>
87. Potássio - <https://youtu.be/Px4nG1LJEYs>
88. Potencial de ação - https://youtu.be/wF47PrM_r4g
89. Profilaxia - <https://youtu.be/xaG2vaQiUwc>
90. Prótese dentária - <https://youtu.be/NOzNLHr-kZM>
91. Radiologia e imaginologia odontológica - <https://youtu.be/fMAYb1x45kA>
92. Radiolúcida - <https://youtu.be/ac96aMSvtWI>
93. Radiopaca - https://youtu.be/pUXiqoF_Hyc
94. Raiz - <https://youtu.be/pr-lhHJiqTE>
95. Receptor - <https://youtu.be/wekHCqX5EwQ>
96. Restauração - <https://youtu.be/3kDRxNXtDFY>
97. Saúde coletiva e da família - <https://youtu.be/v7awZ2ymqoI>
98. Sinapse - <https://youtu.be/m2xA5OI4FWc>
99. Sistema nervoso - <https://youtu.be/DDlhLoXuGsI>
100. Sistemas vivos - <https://youtu.be/bIOJl3RDwWI>
101. Sódio - <https://youtu.be/NblN19pku0I>
102. Streptococcus mutans - <https://youtu.be/-TnbOeiCTJ8>
103. Substância - <https://youtu.be/dXwAcjK0g1o>
104. Sutura - https://youtu.be/YIKmyy_6gxE
105. Terceiro molar - <https://youtu.be/CayAE3WB2r0>
106. Via bucal - <https://youtu.be/XVD3UfSHzJI>
107. Via inalatória - <https://youtu.be/KShsUwyxwng>
108. Via intramuscular - <https://youtu.be/0tXWwB2NusQ>
109. Via intravenosa - <https://youtu.be/GerJYut7khQ>
110. Via nasal - <https://youtu.be/K5-QNzaMo3Y>
111. Via oral - <https://youtu.be/obz-rCKxFdI>
112. Via parenteral - <https://youtu.be/5zgQLaMH00o>
113. Via retal - <https://youtu.be/Vmbtg6HNPYQ>
114. Via subcutânea - https://youtu.be/jyuECZyUC_I
115. Via tópica - <https://youtu.be/s9ExzSAJB40>
116. Vias de administração - <https://youtu.be/8X9OWk7iRvU>

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação ocupou-se em propor a criação de um glossário terminológico Português-Libras do Curso de Odontologia da UFPA, tendo em vista a criação de uma terminologia em Libras para termos utilizados nas várias disciplinas desse curso.

O produto resultado da presente pesquisa, tem a finalidade de possibilitar que os profissionais Tradutores e Intérpretes de Libras tenham melhor compreensão dos termos utilizados durante as aulas e auxiliar na interpretação simultânea, consecutiva e a tradução de materiais acadêmicos.

Outro público alvo do glossário em questão, são as pessoas surdas. Ele destina-se a contribuir com o ensino aprendizagem dos sujeitos surdos (as), no que se refere à aquisição da terminologia e dos conceitos Odontológicos de cunho teórico e prático, um dos requisitos principais do especialista em Odontologia.

O glossário apresenta termos específicos das disciplinas da Anatomia, Ciências Fisiológicas (que incluem os módulos de Bioquímica, Fisiologia e Farmacologia), Ciências Patológicas (Patologia, Bacteriologia) e Radiologia. Inclui também as Especialidades Odontológicas, Instrumentos de clínica e consultório e biossegurança. O que demonstra o caráter multidisciplinar do Curso de Odontologia.

O objetivo inicial era a organização dos conceitos e dos contextos de uso tanto em Língua Portuguesa quanto em Libras. No entanto, o tempo não foi suficiente para realizar essa tarefa por conta do extenso número de sinais-termo que compuseram o *corpus* da pesquisa.

Compreendemos que o trabalho de registro de novos sinais-termo, que são criados em sala de aula, deve ser uma prática contínua. Pois, a tendência é que cada vez mais pessoas surdas ingressem no ensino superior. Caso esses novos vocabulários emergentes não sejam registrados, eles irão se perder. Entretanto, essa prática deve ser direcionada com a fundamentação teórica da Terminologia, seguindo uma metodologia socioterminológica, para que os significados dos sinais-termo se apliquem ao conteúdo e à forma de seus respectivos conceitos técnicos.

Pesquisas como essa possibilitam a criação de várias formas de lexicais. O grupo de especialistas e alunos participantes do processo de criação e validação de sinais-termo, apresentaram pelo menos duas opiniões divergentes. A primeira: é

necessária a escolha de uma variante padrão. A segunda opinião foi: Não há necessidade de escolher uma variante padrão, pois não é possível que um grupo pequeno de pessoas imponham qual terminologia os usuários devam usar. Essa divergência de opiniões dos especialistas em Libras, é muito comum em especialistas das línguas orais, não é à toa que existem instituições normatizadoras.

Outro ponto observado no presente trabalho, foi com relação às buscas de outros repertórios relacionados com a área da Odontologia na Libras. Encontramos alguns glossários *on-line* e impressos, que continham um número reduzido de sinais do léxico comum, bem como sinais-termo aplicados à área da Odontologia. Desse modo, constatamos que há urgência de desenvolvimento de mais pesquisas e estudos terminológicos nessa área.

A estrutura de glossários e dicionários de Libras e Língua Portuguesa, na sua forma impressa e/ou digital, apresenta algumas falhas concernente à leitura das imagens estáticas dos sinais. Falantes e não falantes de Libras apresentam dificuldades de compreensão no momento da leitura das configurações de mão, dos movimentos e do ponto de articulação. Por isso, achamos que é importante o acréscimo do recurso de vídeo por meio do *qr-code*, para formatos impressos em papel, e com o *link* inserido na imagem do *qr-code* para formatos digitais, como em *pdf* e *doc*. Esse formato foi aprovado pelos participantes do teste de fiabilidade, em que a maioria eram participantes surdos.

A Libras em constante mudanças, assim como qualquer outra língua. Nesse sentido, as línguas de especialidade começaram a emergir a partir da inserção das pessoas surdas em áreas de formação diversas. É importante que linguistas e tradutores da área de Libras, surdos e/ou ouvintes assumam um papel de terminólogos, a fim de catalogar novos vocabulários para que as próximas gerações tenham acesso na sua própria língua a todas as áreas técnicas de sua preferência.

Além do mais, apesar de a Língua Brasileira de Sinais ser amplamente divulgada e reconhecida por lei, uma grande parcela da sociedade ainda não a encara como um direito fundamental de comunicação e expressão. Nesse sentido, é imprescindível que mais pesquisadores da região norte se empenhem em pesquisas científicas na área da linguística e da socioterminologia, a fim de valorizar a Libras, que apesar de ser uma língua minoritária, é instrumento de empoderamento e reconhecimento cultural do povo surdo.

Por fim, concluímos que é possível a criação de glossários terminológicos levando em consideração as variações existentes nos discursos especializados. E, atestamos a relevância do registro e elaboração de repertórios em Libras. Após um levantamento metucioso das pesquisas terminológicas e lexicográficas no estado do Pará, conseguimos expor a necessidade de mais pesquisas nas Línguas de Sinais relativas ao processo de criação e formação de sinais e as variações. Ressaltando que a teoria e a prática devem sempre andar de mãos dadas, só assim teremos resultados de pesquisas de qualidades e revolucionárias nas Línguas de Sinais.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria. Neologia e Tecnoletos. *In*: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico**: Lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande, MS; Editora UFMS, 2001.
- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.
- ASSOCIAÇÃO Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. **Linguagem de sinais**. Cesário Lange: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1992.
- BARROS, Lidia Almeida. **Curso básico de Terminologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- BERNAL, Brian; WILSON, Lyn. **The VSDC Dictionary of Auslan**: English to Auslan. VSDC - Services for Deaf Children, 1998.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: set. 2020.
- BRASIL. **Decreto nº 9.311**, de 25 de outubro de 1884. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-9311-25-outubro-1884-545070-publicacaooriginal-56989-pe.html>. Acesso em: set. 2020.
- BRASIL. **Lei nº 10.098**, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm. Acesso em: set. 2020.
- BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: set. 2020.
- BRASIL. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: set. 2020.
- BRIEN, David. **Dictionary of British sign language/English**. University of Durham. Deaf Studies Research Unit. British Deaf Association. London/Boston: Faber and Faber, 1992.
- FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- BRITO, Patrick H. S.; FRANCO, Natália; CORADINE, Luis Claudius. FALIBRAS: uma ferramenta flexível para promover acessibilidade de pessoas surdas. **Nuevas Ideas en Informática Educativa**, Chile, 2012. Memorias del XVII Congreso Internacional de Informática Educativa. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/295853511_FALIBRAS_uma_ferramenta_flexivel_para_promover_acessibilidade_de_pessoas_surdas. Acesso em: fev. 2020.

CABRÉ, Maria Teresa. La neología, avui: el naixement d'una disciplina. *In*: CABRÉ, M. T.; FREIXA, J.; SOLÉ, E. **Léxic i neologia**. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada/ Universitat Pompeu Fabra, 2002.

CABRÉ, Maria Teresa. La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. **Ciência da Informação**, [S. l.], v. 24, n. 3, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/567>. Acesso em: 25 ago. 2020.

CABRÉ, Maria Teresa. **Terminology**: theory, methods, and applications. Translated by Janet Ann DeCesaris. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1999.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. Pedagogia visual/sinal na educação dos surdos. *In*: QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis (Orgs). **Estudos surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais**. Volume I: Sinais de A a L e volume II: Sinais de M a Z. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2001.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira**: o mundo do surdo em Libras. v. 5. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

CARVALHO, Danilo Couto Teixeira de. **Calculibras – construindo um glossário de matemática em libras na web**. 99f. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

COSTA, Messias Ramos. **Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil**: Enciclobras. 151f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

DICIO. Dicionário online de português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: set. 2020.

DICIONÁRIO da Língua Brasileira de Sinais V3 – 2011. Disponível em: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/. Acesso em: set. 2020.

DINIZ, Heloise Gripp. **A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais. 144f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

DURAN, Magali Sanches; XATARA, Claudia Maria. Dicionários semibilíngues: uma inovação? **Revista de estudos da linguagem**, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 45-57, jun. 2005. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2398/2352>. Acesso em: 07 set. 2020. doi: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.13.1.45-57>.

EMBAIXADA do Japão no Brasil. **Flora e Fauna**. Disponível em: <https://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/floraefauna.html>. Acesso em: set. 2020.

ESTELITA, Mariângela. ELiS: Escrita das Línguas de Sinais. *In*: QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis (Orgs.). **Estudos surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. **Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira**: uma proposta lexicográfica. 290f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

FAULSTICH, Enilde. A função social da terminologia. *In*: RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza; ALVES, Ieda Maria; GOLDSTEIN, Norma Seltzer (Orgs.). **I Seminário de Filologia e Língua portuguesa**. São Paulo: Humanitas, 1999.

FAULSTICH, Enilde. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 27-31, jun. 2006. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: set. 2020.

FAULSTICH, Enilde. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. **Tradterm**, [S. l.], v. 7, p. 11-40, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49140>. Acesso em: set. 2020.

FAULSTICH, Enilde. **Base metodológica para pesquisa em socioterminologia**: termo e variação. Universidade Federal de Brasília (UNB), Brasília, DF, 1995a.

FAULSTICH, Enilde. Modalidade oral-auditiva versus modalidade visuo-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez. *In*: SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima de A. (Org.). **Bilinguismo dos surdos**: questões linguísticas e educacionais. Goiânia: Cânone, 2007.

FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 3, 1995b. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/issue/view/51/showToc>. Acesso em: 30 dez. 2019.

FAULSTICH, Enilde. **Terminologia geral e terminologia variacionista**. Escola Internacional de Inverno de Terminologia. São Paulo: FFLCH – USP, 2000. (mimeo)

FAULSTICH, Enilde. Terminologia, socioterminologia, dialetologia: afinidades e necessidades interdisciplinares. *In*: Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística, 2, 2012, Belém. Diversidade linguística e políticas de ensino: **Anais**. São Luís: EDUFMA, 2012.

FAULSTICH, Enilde; VILARINHO, Michelle M. de Oliveira. Lexicografia bilíngue: versatilidade e complexidade. *In*: NADIN, Odair Luiz; ZAVAGLIA, Claudia. (Orgs.) **Estudos do léxico em contextos bilíngues**. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2016.

FELIPE, Tanya A. A estrutura frasal na LSCB. *In*: **Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL**, Recife, 1989.

FELTEN, Eduardo Felipe. **Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de termos da história do Brasil**. 167 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de Línguas de Sinais** [reimpr.]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FILHO, José Sinésio Tôrres Gonçalves. **Signwriting da Linguagem Matemática Para o Ensino De Geometria Plana**. Dissertação (Mestrado – Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

FREIXA, Judit. La dimensión social da neologia. *In*: CABRÉ, Maria Teresa *et al.* I Congrés Internacional de Neologia de les llengües romaniques – CINEO, 2008, Barcelona. **Actes...** Barcelona: IULA – Institut Universitari de Línquística Aplicada, 2008.

GAMA, Flausino José da. **Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos**. Disponível em: <http://dami.museuimperial.museus.gov.br/handle/acervo/7399>. Acesso em: set. 2020.

GAUDIN, François. **Pour une socioterminologie**. Des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles, Rouen: Publications de l'Université de Rouen, 1993a.

GAUDIN, François. **Socioterminologie**: Une approche sociolinguistique de la terminologie. 1993b.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?**: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GLOSSÁRIO de Química. IFSC Palhoça Bilíngue. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/ifscpalhocabilingue/search?query=gloss%C3%A1rio>. Acesso em: set. 2020.

GLOSSNUTRI – Letras Tradução Libras UFG. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCPYAlv7TWADmtlQFHUoltUQ/featured>. Acesso em: set. 2020.

GLOSSÁRIO Libras. Disponível em: <http://glossario.libras.ufsc.br/letraslibras>. Acesso em: set. 2020.

GOMES, Hagar Espanha. Estudo Científico da Terminologia: Tendências. **Tradterm**, v. 1, p. 97-106, 1994. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49953>. Acesso em: set. 2020.

GOMES, Uisis Paula da Silva. **A criação de sinais-termo do Ballet Vaganova em Libras**. 237f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2020.

GONÇALVES, Arlete Marinho. **Sinais de escolarização e as repercussões nos projetos de visa**: representações sociais de universitários surdos. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

Grupo de Estudos de Pequenas Empresas e Empreendedorismo (GEPEEM). Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCP_FCqS6iCIFaHbGaSZ9cKQ/about. Acesso em: set. 2020.

HOFFMANN, Lothar. O papel das linguagens especializadas desde meados do século XX. *In*: FINATTO, Maria José Bocorny; ZILIO, Leonardo (Orgs.). **Textos e termos por Lothar Hoffmann**. Porto Alegre: Palotti, 2015.

HONORA, Márcia. **Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais**: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda cultural, 2009.

HUMBLEY, John. La néologie en terminologie. *In*: SABLAYROLLES, J. F. (Org.). **L'innovation lexicale**. Paris: Honoré Champion, 2003.

ICÓNICO. *In*: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/ic%C3%B3nico>. Acesso em: 20 ago. 2020.

INSTITUTO VisoLibras. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/InstitutoVisoLibras/featured>. Acesso em: set. 2020.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

LIBRAS Natural. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/Paulikamariasc/featured,%20respectivamente>. Acesso em: set. 2020.

LIMA, Alcides Fernandes de. **Socioterminologia da indústria madeireira**. 387f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

LIMA, Alcides Fernandes de. Variação Terminológica: proposta teórica para descrição tipológica de variantes. *In*: RAZKY, Abdelhak; LIMA, Alcides Fernandes de; OLIVEIRA, Marilucia Barros de; OLIVERIA, Rejane Garcez de. **Estudos II**: geossociolinguística no Estado do Pará. Belém: EDUFMA, 2014.

LIMA, Alcides Fernandes de; MARTINS, Arlon F. Carvalho. Utilização do programa Lexique Pro na elaboração de glossários e dicionários terminológicos. *In*: RAZKY, Abdelhak; LIMA, Alcides Fernandes de; OLIVEIRA, Marilucia Barros de; COSTA, Eliane Oliveira da (Orgs.). **Estudos Sociodialetais do Português Brasileiro**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

MARTINS, Antonielle Cantarelli. **Lexicografia, metalexiconografia e natureza da iconicidade da língua de sinais brasileira (Libras)**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MOTA, Carina da Silva. **Glossário visual bilíngue na educação de surdos: estudo sociolinguístico na língua brasileira de sinais**. Volume I. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2017.

NASCIMENTO, Cristiane Batista do. **Terminografia em Língua de Sinais Brasileira**: proposta de glossário ilustrado semibilíngue do meio ambiente, em mídia digital. 222 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

ODONTOLOGIA em Libras. Disponível em: <https://sites.google.com/site/odontologiaemlibras/aluno-surdo/areas-odontologicas?authuser=0>. Acesso em: set. 2020.

OLIVEIRA, Rejane Umbelina Garcez Santos de. **A Terminologia do corte bovino no Pará**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

PAULA, Arlindo Gomes; FERREIRA, João Bosco. **Cartilha paraense de sinais**. Secretaria do Estado de Educação, 1997.

PAVEL, Silvia. Néologie lexicale: transfert, adaptation, innovation. **TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction**, v. 2, n. 1, p. 125-137, 1989.

PAVEL, Silvia; NOLET, Diane. **Manual de Terminologia**. Direção de terminologia e normalização. Departamento de Tradução do Governo Canadense. Traduzido por Enilde Faulstich. Ministro de Obras Públicas e Serviços Governamentais do Canadá, 2002.

PEREIRA, Wander. Uma história da odontologia no Brasil. **Revista História & Perspectivas**, [S. l.], v. 25, n. 47, 2013. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/21268>. Acesso em: fev. 2020.

QR Code Fácil. Disponível em: <https://www.qrcodefacil.com/>. Acesso em: set. 2020.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed. 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi. Letras Libras EaD. *In*: QUADROS, Ronice Müller de (Org.). **Letras Libras**: ontem, hoje e amanhã. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

QUADROS, Ronice Müller de. **Libras**. Linguística para o ensino superior. Livro 5. São Paulo: Parábola, 2019.

RABELO, Annete Scotti. **Português sinalizado**: comunicação total. Goiânia: UCG, 1992.

RANG, H. P. *et al.* **Rang & Dale**: farmacologia. Tradução Gea Consultoria Editorial. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1-Cm_Qo_iWY2auSm8yBZJsoY0wVtnLj6T/view. Acesso em: set. 2020.

RODRIGUES, ELIAS MAURÍCIO DA SILVA. **Glossário socioterminológico da cultura da farinha**. Dissertação (Mestrado em Letras e Comunicação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

SANTIAGO-VIEIRA, Silvio; SANTOS, Jacqueline Machado dos; PEREIRA, Charles Oliveira; SILVA, José Ribamar Sousa da (Orgs.) **Cidades do Pará em Libras**. Belém: IEPA, 2018.

SANTOS, Alda Ernestina dos. **Tabela periódica inclusiva**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Minas Gerais. Campus Bambuí. 2020. Disponível em: <https://www.ifmg.edu.br/portal/noticias/professora-do-campus-bambui-desenvolve-tabela-periodica-em-libras/tabela-periodica-inclusiva-profa-alda-ernestina.pdf/view>. Acesso em: set. 2020.

SANTOS, PATRICIA TUXI DOS. **A terminologia na língua de sinais brasileira**: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue. 232 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

SIGNPUDDLE online. Disponível em: <https://www.signbank.org/signpuddle2.0/signmaker.php?ui=12&sgn=46>. Acesso em: set. 2020.

SIGNPUDDLE Servers for writing Sign Languages. Disponível em: <https://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0478-SignPuddle-Servers.pdf>. Acesso em: set. 2020.

SILVA, Ricardo Henrique Alves da; SALES PERES, Arsênio. Odontologia: um breve histórico. **Odontologia Clín.-Científ.**, Recife, v. 6, n. 1, p. 7-11, jan/mar. 2007. Disponível em: <http://www.ricardohenrique.com.br/artigos/crope-historia.pdf>. Acesso em: fev. 2020.

SIQUEIRA, Jéssica Câmara. **Estudos de neologismos**. São Paulo: Editora Agbook, 2015.

SOFIATO, Cássia Geciauskas; REILY, Lucia Helena. Dicionarização da língua brasileira de sinais: estudo comparativo iconográfico e lexical. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 109-126, jan./mar. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1517-97022014000100008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 07 set. 2020.

SPREAD the sign. Disponível em: spreadthesign.com. Acesso em: set 2020.

SPREAD the sign. **Árvore**. Disponível em: <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/?q=%C3%A1rvore>. Acesso em: set. 2020.

STUMPF, M. R.; OLIVEIRA, J. S. de; MIRANDA, R. D. Glossário Letras Libras. A trajetória dos sinalários no curso: como os sinais passam a existir? *In*: QUADROS, R. M. (Org.). **Letras Libras: ontem, hoje e amanhã**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ. Disponível em: jw.org/bzs. Acesso em: set. 2020.

TORCHELSEN, Rafael Piccin; COSTA, Antônio Carlos da Rocha. **Sw-Edit**. Disponível em: <https://ul.gpii.net/content/sw-edit>. Acesso em: set. 2020.

SANTOS, Patricia Tuxi dos. **A terminologia na língua de sinais brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue**. 232 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

STOKOE, W. C. **Sign language structure**. Silver Spring: Linstock Press, 1960.

TUXI, Patrícia; FELTEN, Eduardo Felipe. Análise da macro e microestrutura de dicionários e glossários bilíngues: uma proposta terminológica. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 49, jan.-jun. 2018. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/428>. Acesso em: set. 2020.

UFPA faz triagem para pacientes interessados em implante dentário. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/10/ufpa-faz-triagem-para-pacientes-interessados-em-implante-dentario.html>. Acesso em: set. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Projeto pedagógico do curso de Odontologia**. Belém: UFPA, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Total de alunos PCD's ativos (matriculados) por tipo de deficiência na UFPA no ensino superior, ano base 2019**. (Relatório) Superintendência de Assistência Estudantil. Coordenadoria de Acessibilidade. 2019. Disponível em: <http://saest.ufpa.br/coaccess/index.php/dados-pcd-s-ufpa>. Acesso em: setembro de 2020.




VALE, Luciana Marques. **A importância da terminologia para atuação do tradutor e intérprete de Língua de Sinais Brasileira**: proposta de glossário de sinais-termo do processo judicial eletrônico. 119 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

VILLALVA, Alina; SILVESTRE, João Paulo. **Introdução ao estudo do léxico**: descrição e análise do Português. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.




Winagraski, Erika. **O ensino de ciências para surdos**: criação e divulgação de sinais em Libras. 224 f. Doutorado (Ensino em Biociências e Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Rio de Janeiro, 2017.

WÜSTER, Eugen. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica**. Girona/Espanha: Documenta Universitaria, 1998.


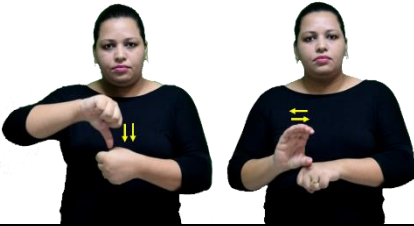

APÊNDICE
FICHAS TERMINOLÓGICAS

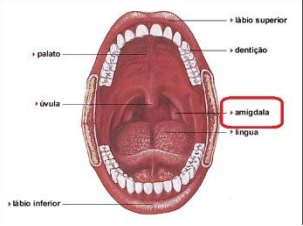

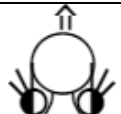
Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 001	
1. Entrada	adrenalina
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	epinefrina, EPI
5. Área	Fisiologia
6. Definição	Hormônio simpaticomimético e neurotransmissor responsável por preparar o organismo para a realização de grandes feitos. Em momentos de estresse as suprerrenais secretam quantidades de hormônio que prepara o organismo para grandes esforços físicos, estimula o coração, eleva a tensão arterial, relaxa certos músculos e contrai outros.
7. Fonte de constituição da definição	BIOLOGIA Net. Adrenalina . Disponível em: https://www.biologianet.com/anatomia-fisiologia-animal/adrenalina.htm . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	Ex: antes de suturar pequenos cortes, utiliza-se algumas vezes uma mistura de tetracaína, <adrenalina> (epinefrina) e cocaína, cohecida como tac.
9. Fonte do contexto	Golan <i>et al.</i> (2009, p. 140).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
002	
1. Entrada	agonista
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Farmacologia
6. Definição	Molécula pequena de ocorrência natural ou de um fármaco que se fixa a um local em uma proteína receptora, ativando-a.
7. Fonte de constituição da definição	Whalen (2016).
8. Contexto	Os receptores transduzem o reconhecimento de um <agonista> ligado iniciando uma série de reações que resultam em uma resposta intracelular específica.
9. Fonte do contexto	Whalen (2016).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 003	
1. Entrada	alta rotação
2. Categoria Gramatical	Sintagma nominal
3. Gênero	
4. Variante(s)	
5. Área	Ferramentas e instrumentalização odontológicas
6. Definição	Potência máxima da velocidade que uma ferramenta odontológica de rotação pode alcançar. Diz-se, caneta de alta rotação.
7. Fonte de constituição da definição	SORRISOLOGIA. Medo do motorzinho. Por que tanta gente teme esse aparelho? Disponível em: https://www.sorrisologia.com.br/noticia/medo-do-motorzinho-por-que-tanta-gente-teme-esse-aparelho_a2872/1 . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	Como o próprio nome diz, a partir de uma <alta rotação> da turbina, feita por ar comprimido e irrigada com água abundante, possibilita que a broca perfure ou corte o esmalte do dente.
9. Fonte do contexto	SORRISOLOGIA. Medo do motorzinho. Por que tanta gente teme esse aparelho? Disponível em: https://www.sorrisologia.com.br/noticia/medo-do-motorzinho-por-que-tanta-gente-teme-esse-aparelho_a2872/1 . Acesso em: set. 2020.
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.




18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
004	
1. Entrada	amálgama
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Ferramentas e instrumentalização odontológicas
6. Definição	Material metálico usado para realizar restaurações, é uma mistura de mercúrio, prata, estanho e cobre.
7. Fonte de constituição da definição	Revista Brasileira de Odontologia (2016, p. 66).
8. Contexto	Uma das soluções para minimizar a quantidade de mercúrio nos resíduos de <amálgama> seria utilizar ligas esféricas com alto teor de cobre, que requerem menor quantidade de mercúrio para a confecção de um amálgama dentário de qualidade.
9. Fonte do contexto	Revista Brasileira de Odontologia (2016, p. 66).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
005	
1. Entrada	amígdalas
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	amídalas, tonsilas palatinas, tonsilas linguais
5. Área	Fisiologia
6. Definição	Órgão do sistema linfático situado na cavidade bucal próximo à faringe.
7. Fonte de constituição da definição	NEWS Medical Life Sciencies. Funções das amígdalas. Disponível em: https://www.news-medical.net/health/Functions-of-Tonsils-(Portuguese).aspx www.manualdaquimica.com/quimica-geral/potassio.htm . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	A mucosa da base da língua está quase completamente ocupada por tecido linfático, que constitui as <amígdalas> ou tonsilas linguais, e por glândulas mucosas
9. Fonte do contexto	Katchiburian e Arana (2012, p. 75).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

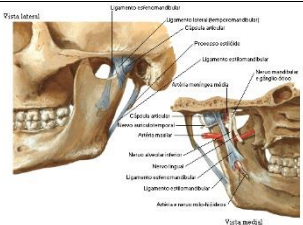

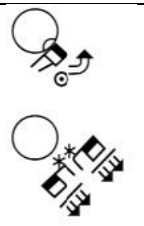
Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia
006



1. Entrada	anatomia
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Anatomia
6. Definição	Ciência que estuda, macro e microscopicamente, a constituição dos e o desenvolvimento dos seres organizados.
7. Fonte de constituição da definição	Dangelo e Fanttini (2007).
8. Contexto	A <anatomia> não é apenas uma matéria fundamental para a formação médica, mas também a base de uma prática médica competente.
9. Fonte do contexto	Dangelo e Fanttini (2007, p. 1).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.


Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 007	
1. Entrada	anestesia local
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Farmacologia
6. Definição	Bloqueio local dos impulsos sensoriais e/ou motores do Sistema nervoso periférico, resultado da administração de fármacos anestésicos.
7. Fonte de constituição da definição	Whalen (2016).
8. Contexto	A <i>epinefrina</i> aumenta significativamente a duração da <anestesia local>, produzindo vasoconstrição no local da injeção
9. Fonte do contexto	Whalen (2016, p. 84).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

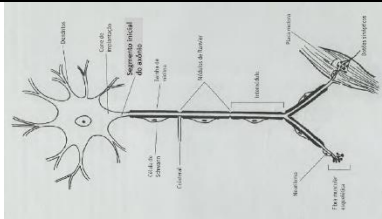


Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 008	
1. Entrada	antagonista
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Farmacologia
6. Definição	Compostos que se ligam aos receptores, mas não causam efeitos.
7. Fonte de constituição da definição	Whalen (2016).
8. Contexto	Quando o receptor é exposto ao agonista parcial e ao total simultaneamente, o agonista parcial pode atuar como <antagonista> do agonista total.
9. Fonte do contexto	Whalen (2016, p. 33).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia
009




1. Entrada	articulação temporomandibular
2. Categoria Gramatical	Sintagma nominal
3. Gênero	
4. Variante(s)	ATM
5. Área	Fisiologia
6. Definição	Juntura em cada lado da cabeça que permite que a mandíbula se movimente durante a mastigação, fala e respiração.
7. Fonte de constituição da definição	Bath-Balogh e Fehrenbach (2012).
8. Contexto	É requerida, entretanto, uma boa noção dos movimentos básicos da <articulação temporomandibular>, de rotação e de translação, bem como os movimentos de abaixamento, elevação, protrusão e retrusão e lateralidade da mandíbula.
9. Fonte do contexto	Madeira (2008).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	 <p>The diagram illustrates the temporomandibular joint (TMJ) from two perspectives: 'Vista lateral' (lateral view) and 'Vista medial' (medial view). Labels include: Ligamento esfenomandibular, Ligamento tensor do pterigocondilares, Cápulo articular, Processo coronoide, Ligamento colateral, Nervos mandibular e trigemino, Cápulo articular, Nervos mandibular e trigemino, Fíbula mandibular, Nervos esfenomandibular, Nervos trigemino, Ligamento esfenomandibular, Ligamento colateral, and Mandíbula.</p>
14. Imagem do Termo em Libras	 <p>Four photographs showing a person performing hand signs for the term 'articulação temporomandibular'. The signs involve hand movements near the face and mouth, representing the joint's location and function.</p>
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	 <p>SignWriting representation of the term 'articulação temporomandibular', showing the letters and symbols used to represent the word in the SignWriting system.</p>
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
010	
1. Entrada	ATM
2. Categoria Gramatical	Sigla
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	articulação temporomandibular
5. Área	Fisiologia
6. Definição	Articulação temporomandibular
7. Fonte de constituição da definição	
8. Contexto	
9. Fonte do contexto	
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
011	
1. Entrada	autoclave
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Ferramentas e instrumentalização odontológicas
6. Definição	Aparelho utilizado para esterilizar materiais hospitalares por meio do vapor de água quente.
7. Fonte de constituição da definição	NOVAK, Franz Reis. Autoclavagem . Disponível em: http://www.fiocruz.br/biossegurancahospitalar/dados/material13.htm . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	"Usar exposição por 04 (quatro) minutos a uma temperatura de 132°C, em <autoclave> de alto vácuo".
9. Fonte do contexto	Manual de biossegurança, UFPA (2009)
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 012	
1. Entrada	axônio
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Fisiologia
6. Definição	Prolongamento longo e fino de uma célula nervosa (neurônio), por onde se transmite os sinais nervosos.
7. Fonte de constituição da definição	Dangelo e Fantini (2007).
8. Contexto	Uma vez disparado o potencial de ação, ele se propaga na direção periférica ao longo do <axônio> e normalmente também de modo retrógrado em direção ao corpo celular.
9. Fonte do contexto	Hall (2011, p. 583).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 013	
1. Entrada	bactéria
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Bacteriologia
6. Definição	Forma de vida muito pequena para ver a olho nu. Micro-organismo importante no funcionamento da maior parte da vida terrestre. Poucas espécies de bactérias causam doenças em humanos, animais, plantas ou qualquer outro organismo.
7. Fonte de constituição da definição	Tortora, Funke e Case (2012).
8. Contexto	Uma <bactéria> que deve sua virulência à presença de uma cápsula polissacarídica é o <i>Streptococcus pneumoniae</i> , o agente causador da pneumonia estreptocócica
9. Fonte do contexto	Tortora, Funke e Case (2012, p. 432).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
014	
1. Entrada	baixa rotação
2. Categoria Gramatical	Sintagma nominal
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Ferramentas e instrumentalização odontológicas
6. Definição	Menor velocidade na rotação que uma ferramenta de mão odontológica pode alcançar.
7. Fonte de constituição da definição	DENTAL Cremer. Disponível em: https://blog.dentalcremer.com.br/como-escolher-o-kit-academico/ . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	Enquanto o motor de alta rotação apresenta mais torque e velocidade de rotação, necessitando de refrigeração quando em contato com a estrutura dentária, o de <baixa rotação>, apresenta menor velocidade e rotação, por vezes dispensando a refrigeração
9. Fonte do contexto	DENTAL Cremer. Disponível em: https://blog.dentalcremer.com.br/como-escolher-o-kit-academico/ . Acesso em: set. 2020.
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 015	
1. Entrada	biofilme dentário
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	biofilme dental, placa bacteriana
5. Área	Bacteriologia
6. Definição	Acumulo de micro-organismos na superfície dos dentes. Estão presentes no biofilme dentário: polissacarídeos, células epiteliais descamadas, leucócitos, enzimas, sais minerais, glicoproteínas salivares, proteínas, pigmentos e restos alimentares.
7. Fonte de constituição da definição	Jorge (2012).
8. Contexto	O componente bacteriano do <biofilme dentário> tem sido considerado como um ecossistema de mudanças contínuas, variando em composição nos diferentes locais da boca.
9. Fonte do contexto	Jorge (2012, p. 250).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 016	
1. Entrada	bioquímica
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Bioquímica
6. Definição	Estudo profundo das biomoléculas e dos acontecimentos químicos e físico-químicos dos seres vivos.
7. Fonte de constituição da definição	Nelson e Cox (2014).
8. Contexto	Embora a <bioquímica> proporcione importantes esclarecimentos e aplicações práticas na medicina, na agricultura, na nutrição e na indústria, sua preocupação primordial é com o milagre da vida em si.
9. Fonte do contexto	Nelson e Cox (2014, p. 2).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.


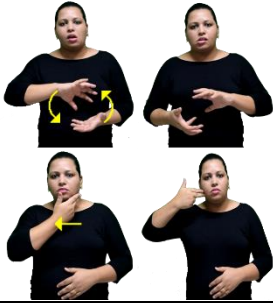

Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
017	
1. Entrada	biossegurança
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Biossegurança
6. Definição	Modo de segurança alcançada por um conjunto de ações com o objetivo de prevenir, controlar e diminuir ou eliminar riscos ligados às atividades que possam pôr em perigo a saúde humana, animal e vegetal e o meio ambiente.
7. Fonte de constituição da definição	Anvisa (2006).
8. Contexto	Colocar as barreiras descartáveis para <biossegurança>: na seringa tríplice, no cabo do refletor e na mangueira do sugador.
9. Fonte do contexto	Manual de biossegurança, UFPA (2009)
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 018	
1. Entrada	bomba de sódio-potássio
2. Categoria Gramatical	Sintagma nominal
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	Na ⁺ / K ⁺ ATPase
5. Área	Bioquímica
6. Definição	Processo de transporte que bombeia íons sódio para fora, através da membrana celular de todas as células, e ao mesmo tempo bombeia íons potássio de fora para dentro.
7. Fonte de constituição da definição	Hall (2011).
8. Contexto	O mecanismo de transporte ativo mais estudado em seus detalhes é a <bomba de sódio-potássio>.
9. Fonte do contexto	Hall (2011, p. 53).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	<p style="text-align: center;">GUYTON E HALL, 2011, p. 54</p>
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.



Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 019	
1. Entrada	cadeira odontológica
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	Feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Ferramentas e instrumentalização odontológicas
6. Definição	Equipamento odontológico que serve para posicionar o paciente durante o tratamento. Contém, cadeira, equipo, unidade de água, cuspeira e refletor.
7. Fonte de constituição da definição	ODONTO Equipamentos. Cadeira odontológica . Disponível em: https://www.odontoequipamentos.com.br/odontologia/cadeira-odontologica#:~:text=Cadeira%20Odontol%C3%B3gica%20serve%20para%20acomodar,assento%20e%20encosto%20da%20cadeira . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	Na <cadeira odontológica>, ao esperar por tratamento com uso de motor de rotação, 61,6% dos pacientes se sentiram tensos ou ansiosos, e 15% ficaram tão ansiosos que se sentiram mal.
9. Fonte do contexto	Chaves <i>et al.</i> (2006. p. 266).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.



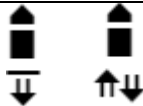
Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 020	
1. Entrada	Carboidrato
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	Masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Bioquímica
6. Definição	Biomolécula presente na natureza usado como fonte de energia para as células, composto por carbono, hidrogênio e oxigênio. Alguns tipos de carboidrato como o açúcar e amido são os principais elementos da dieta em muitas partes do mundo. As três principais classes de carboidratos são: monossacarídeos, dissacarídeos e polissacarídeos.
7. Fonte de constituição da definição	Nelson e Cox (2014).
8. Contexto	O <carboidrato> pode constituir de 1 a 70% ou mais da massa da glicoproteína.
9. Fonte do contexto	Nelson e Cox (2014, p. 266).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
021	
1. Entrada	cárie
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Patologia
6. Definição	Lesão dentária causada por bactérias presentes da boca, que produzem ácidos e destroem o esmalte do dente e a dentina.
7. Fonte de constituição da definição	Tortora (2012). COLGATE. O que é cárie? Disponível em: https://www.colgate.com.br/oral-health/conditions/cavities/what-are-cavities . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	Sendo a doença cárie uma patologia localizada, a restauração realmente promove o tratamento nesses casos.
9. Fonte do contexto	Sousa (2000, p. 55).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 022	
1. Entrada	Cirurgia e Traumatologia Bucomaxilofacial
2. Categoria Gramatical	Sintagma nominal
3. Gênero	
4. Variante(s)	CTBMF
5. Área	Especialidade Odontológica
6. Definição	Correção das deformidades dentofaciais, tratamento de fraturas dos ossos da face, implantes, reconstrução maxilomandibular, tratamento das infecções odontogênicas e cirurgias da ATM (articulação temporomandibular).
7. Fonte de constituição da definição	Freitas (2008, p. XI).
8. Contexto	O Conselho Federal de Odontologia publicou normas específicas para a atuação do especialista em <Cirurgia e Traumatologia Bucomaxilofacial>, sendo certo que o Código de Ética Odontológica disciplina e norteia a atuação profissional, sendo de observância obrigatória, especialmente em razão de ser o caminho legítimo para a valorização da Odontologia e da especialidade.
9. Fonte do contexto	CONSELHO Regional de Odontologia de São Paulo. Odontologia para pacientes com necessidades especiais . Disponível em: site.crosp.org.br/camara_tecnica/apresentacao/15.html . Acesso em: set. 2020.
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	

17. Autor	Projeto Odontologia em Libras (UFCG); Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	c. 2018; Setembro, 2020.

Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
023	
1. Entrada	CTBMF
2. Categoria Gramatical	Sigla
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	Cirurgia e Traumatologia Bucomaxilofacial
5. Área	Especialidade Odontológica
6. Definição	
7. Fonte de constituição da definição	
8. Contexto	
9. Fonte do contexto	
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
024	
1. Entrada	comando de pé
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Ferramentas e instrumentalização odontológicas
6. Definição	Instrumento que pode ser manipulado com o pé, aciona os movimentos de sobe-desce da cadeira odontológica e de dispositivos do equipo.
7. Fonte de constituição da definição	WOSON Latam. Cadeira odontológica Wovo . Disponível em: https://www.wosonlatam.com.br/conjunto-odontologico-wovo . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	Sua estabilidade, seu <comando de pé> para acionamento das posições de trabalho, seu <comando de pé> para acionamento dos dispositivos do equipo, seus comandos eletrônicos manuais para acionamento dos dispositivos da cadeira, do equipo, da unidade hídrica e do refletor, tudo isso foi projetado e desenvolvido para dar segurança absoluta ao profissional e paciente
9. Fonte do contexto	WOSON Latam. Cadeira odontológica Wovo . Disponível em: https://www.wosonlatam.com.br/conjunto-odontologico-wovo . Acesso em: set. 2020.
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	

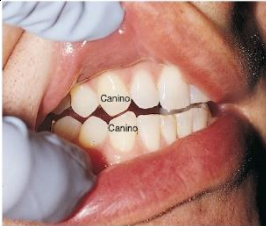


19. Data	Setembro, 2020.
-----------------	-----------------

Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia
025

1. Entrada	coroa do dente
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	coroa dental
5. Área	Anatomia
6. Definição	Parte do dente exposto na cavidade da boca. Refere-se à coroa clínica e/ou à coroa anatômica.
7. Fonte de constituição da definição	Madeira (2007).
8. Contexto	Nesta etapa obtém-se a medida da altura da <coroa do dente> que está servindo como modelo ou a medida padrão que o professor fornece.
9. Fonte do contexto	Madeira (2007, p. 114).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.



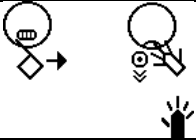
Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
026	
1. Entrada	cúspide
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Anatomia
6. Definição	Elevação em formato de pirâmide quadrangular comumente encontrada na superfície mastigatória nos dentes caninos, molares e pré-molares.
7. Fonte de constituição da definição	Madeira (2007); Bath-Balogh e Fehrenbach (2012).
8. Contexto	Os limites (bordas) da <cúspide>, vistos por vestibular, correspondem à aresta longitudinal, cujos segmentos mesial e distal não são iguais.
9. Fonte do contexto	Madeira (2007, p. 128).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.


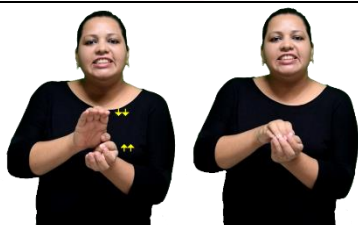
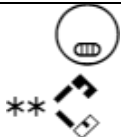
Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
027	
1. Entrada	Cuspideira
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	Feminino
4. Variante(s)	unidade hídrica, cuba
5. Área	Ferramentas e instrumentalização odontológicas
6. Definição	Recipiente com água corrente acoplado a cadeira odontológica utilizado pelo paciente para cuspir saliva, sangue e outros localizados e/ou despejados na boca durante o tratamento odontológico.
7. Fonte de constituição da definição	LEITE, Isabela. Sensores em cadeira poupam até 95% de água em rede de consultório de dentistas. Globo.com , 2015. Disponível em: http://g1.globo.com/sao-paulo/blog/como-economizar-agua/post/sensores-em-cadeira-poupam-ate-95-de-agua-em-rede-de-consultorio-de-dentistas.html . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	É comum os dentistas esquecerem a <cuspideira> ligada de um dia para o outro.
9. Fonte do contexto	LEITE, Isabela. Sensores em cadeira poupam até 95% de água em rede de consultório de dentistas. Globo.com , 2015. Disponível em: http://g1.globo.com/sao-paulo/blog/como-economizar-agua/post/sensores-em-cadeira-poupam-ate-95-de-agua-em-rede-de-consultorio-de-dentistas.html . Acesso em: set. 2020.
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

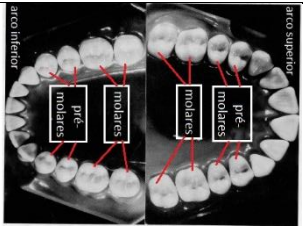

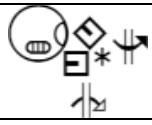
Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
028	
1. Entrada	dentes caninos
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	Masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Anatomia
6. Definição	Tipos de dentes que compõe a arcada dentária de todos os humanos e da maioria dos animais. Existem dois dentes caninos na arcada superior e dois na arcada inferior. Tanto os caninos superiores, quanto os caninos inferiores possuem forma pontiaguda.
7. Fonte de constituição da definição	Capovilla e Raphael (2018); Madeira (2007).
8. Contexto	De acordo com a Associação Americana de Odontologia, o primeiro dente canino normalmente erupciona no maxilar superior depois que o bebê atinge cerca de 16 meses de idade – aos 23 meses, a maioria dos bebês já tem todos os seus <dentes caninos>.
9. Fonte do contexto	COLGATE. O que é um dente canino? Disponível em: https://www.colgate.com.br/oral-health/basics/mouth-and-teeth-anatomy/what-is-a-canine-tooth- . Acesso em: set. 2020.
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

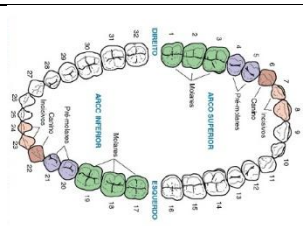
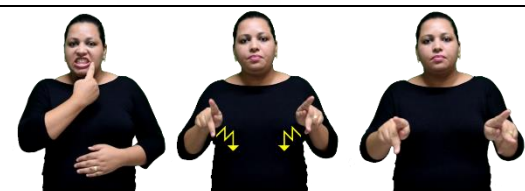
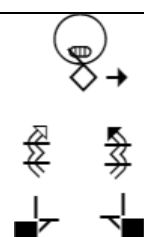
Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia

029

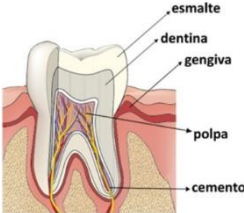

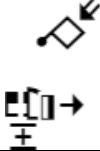
1. Entrada	dentes decíduos
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	dentes de leite
5. Área	Anatomia
6. Definição	Dentes primários que surgem comumente em bebês com idade de aproximadamente 6 meses. Aos sete anos de idade, os dentes decíduos são naturalmente trocados por dentes permanentes. A cor dos dentes decíduos é mais clara do que da cor dos dentes permanentes por possuírem menor opacidade do esmalte.
7. Fonte de constituição da definição	Bath-Balogh e Fehrenbach (2012).
8. Contexto	O esmalte dos <dentes decíduos> possui uma formação cristalina mais opaca e, portanto, parecem mais brancos quando comparados aos dentes permanentes.
9. Fonte do contexto	Bath-Balogh e Fehrenbach (2012, p. 147).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

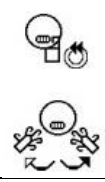
Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
030	
1. Entrada	dentes incisivos
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Anatomia
6. Definição	Tipos de dentes que compõe a arcada dentária, eles têm formato de talhadeira ou chave de fenda, importante para cortar alimentos. Dente absolutamente indispensável na estética facial e o mais importante na articulação das palavras para a emissão de sons língu e lábio-dentais. Existem oito deles, incisivos centrais superior e inferior e incisivos laterais superior e inferior.
7. Fonte de constituição da definição	Madeira (2007).
8. Contexto	O corte superior deve ser de pelo menos 5 mm, e preferivelmente de 10 mm, a partir do ápice dos <dentes incisivos> para impedir a sua dessensibilização.
9. Fonte do contexto	Block (2012, p. 404).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.



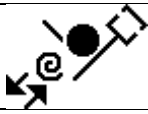
Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
031	
1. Entrada	dentes molares
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Anatomia
6. Definição	Dente que tem a função de triturar e moer os alimentos. Na arcada dentária, existem dezesseis dentes molares divididos em quatro pré-molares superiores e inferiores e quatro molares superiores e inferiores.
7. Fonte de constituição da definição	MADEIRA (2007); SIMPATIO. Funções dos molares na anatomia da boca. Disponível em: https://simpatio.com.br/molares/ . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	Em geral, a erupção dos primeiros e segundos <dentes molares> passa despercebida, por acontecer muito cedo.
9. Fonte do contexto	SIMPATIO. Funções dos molares na anatomia da boca. Disponível em: https://simpatio.com.br/molares/ . Acesso em: set. 2020.
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
032	
1. Entrada	dentres permanentes
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	Masculino
4. Variante(s)	dentição secundária, dentição permanente
5. Área	Anatomia
6. Definição	Segunda dentição a se desenvolver na boca humana, também conhecida como dentição secundária ou dentição permanente.
7. Fonte de constituição da definição	Bath-Balogh e Fehrenbach (2012).
8. Contexto	Os incisivos de ambos os tipos são os únicos <dentres permanentes> com uma crista incisal quase reta, uma elevação linear da superfície mastigatória ou incisal quando recém-irrompidos – daí o nome incisivos.
9. Fonte do contexto	Bath-Balogh e Fehrenbach (2012, p. 202).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

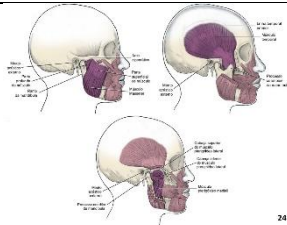


Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia
033


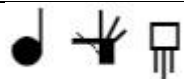
1. Entrada	dentina
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Anatomia
6. Definição	Tecido calcificado que envolve a polpa. É recoberta pelo esmalte na coroa e pelo cimento na raiz. Forma o esqueleto do dente e protege a polpa.
7. Fonte de constituição da definição	Madeira (2007).
8. Contexto	Na <dentina>, também são encontradas pequenas concentrações de outros minerais, como carbono e flúor.
9. Fonte do contexto	Bath-Balogh e Fehrenbach (2012, p. 156).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.



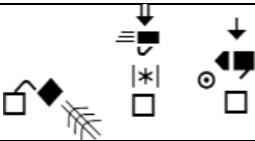
Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
034	
1. Entrada	dentística
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Especialidade Odontológica
6. Definição	Especialidade da odontologia que estuda e aplica de forma integrada o conjunto de procedimentos semiológicos, operatórios, preventivos, terapêuticos e educativos com o objetivo de preservar e devolver ao dente sua integridade estrutural, funcional e estética.
7. Fonte de constituição da definição	Mondelli (2002).
8. Contexto	A primeira relação entre biologia molecular e a especialidade <dentística> se estabelece , naturalmente, como de causa-efeito, em que o produto revelado por um (conhecimento gerado – Biologia Molecular) determina o sucesso da aplicação do outro (manutenção da saúde oral – Dentística).
9. Fonte do contexto	Pereira, Anauate-Netto e Gonçalves (2014, p. 25).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	 <p style="text-align: center; font-size: small;">Pereira, Anauate-Netto e Gonçalves, 2014, p. 63</p>
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Projeto Odontologia em Libras (UFCG); Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	c. 2018; setembro, 2020.



Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
035	
1. Entrada	diabetes
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Patologia
6. Definição	Doença crônica causada quando o corpo não produz insulina ou não consegue aplicar corretamente a insulina que produz. Existem dois tipos, diabetes tipo 1 e tipo 2.
7. Fonte de constituição da definição	SOCIEDADE Brasileira de Diabetes. Diabetes. Disponível em: https://www.diabetes.org.br/publico/diabetes/oque-e-diabetes . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	Em indivíduos com <diabetes> melito não tratado, a falta de insulina, ou a insensibilidade à insulina (dependendo do tipo de diabetes), interrompe a captação de glicose do sangue para dentro dos tecidos e força os tecidos a armazenar ácidos graxos como combustível principal.
9. Fonte do contexto	Nelson e Cox (2014, p. 67).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 036	
1. Entrada	diagnóstico
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Radiologia
6. Definição	Identificação da doença que o paciente possui. O diagnóstico final é dado pelo profissional da saúde com base em exames laboratoriais complementares ou apenas com base em exames semiotécnicos.
7. Fonte de constituição da definição	Marcucci (2018).
8. Contexto	O paciente que nos procura pra <diagnóstico> é um indivíduo, o que significa ser uma unidade indivisível.
9. Fonte do contexto	Marcucci (2018, p. 18).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
037	
1. Entrada	Disfunção Temporomandibular
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	DTM
5. Área	Patologia
6. Definição	Termo que engloba um número variado de problemas clínicos articulares e musculares na área orofacial, caracterizados por dor, ruídos articulares, e funções irregulares ou limitadas da mandíbula.
7. Fonte de constituição da definição	Gonçalves (2015).
8. Contexto	As pesquisas referentes à prevalência de <disfunção temporomandibular> (DTM) em idosos são poucas e controversas, não oferecendo subsídios para uma conclusão consistente e confiável.
9. Fonte do contexto	Oliveira (2002, p. 443).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Projeto Odontologia em Libras (UFMG); Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	c. 2018; Setembro, 2020.

Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
038	
1. Entrada	DTM
2. Categoria Gramatical	Sigla
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	Disfunção Temporomandibular
5. Área	Patologia
6. Definição	
7. Fonte de constituição da definição	
8. Contexto	Os sinais e sintomas associados com <DTM> são queixas de dor crônica na cabeça e estruturas orofaciais
9. Fonte do contexto	Gonçalves (2015, n.p).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 039	
1. Entrada	Endodontia
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Especialidade Odontológica
6. Definição	Especialidade da Odontologia que trata da prevenção, diagnóstico e tratamento das alterações do esmalte, da dentina e da polpa. Compreende o tratamento dos canais radiculares e das periapicopatias.
7. Fonte de constituição da definição	Filgueiras (1971); ENDODONTIA UFSC. Sobre a Endodontia. Disponível em: https://endodontia.ufsc.br/home/ . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	Cabe ressaltar a importância do papel do profissional da saúde em melhorar as condições atuais referentes ao uso abusivo de antibióticos, sendo a <Endodontia> uma especialidade odontológica que se insere nesse contexto de conscientização quanto ao emprego de antibioticoterapia sistêmica.
9. Fonte do contexto	Sousa, Torino e Martins (2014, p. 3).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Projeto Odontologia em Libras (UFCCG); Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	c. 2018; Setembro, 2020.

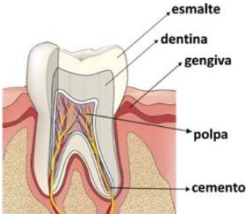


Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
040	
1. Entrada	epinefrina
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	Feminino
4. Variante(s)	adrenalina, EPI.
5. Área	Farmacologia
6. Definição	
7. Fonte de constituição da definição	
8. Contexto	A <epinefrina> é um agonista nos adrenoreceptores β_2 na musculatura lisa bronquial, que causa o relaxamento do músculo.
9. Fonte do contexto	Whalen (2016, p. 34).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
041	
1. Entrada	equipo
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Ferramentas e instrumentalização odontológicas
6. Definição	Suporte para apoiar os equipamentos odontológicos como, seringas, mangueiras e a bandeja de ferramentas utilizadas no tratamento. Pode estar acoplado à cadeira odontológica ou não.
7. Fonte de constituição da definição	DENTAL Office. 8 equipamentos odontológicos indispensáveis . Disponível em: https://www.dentaloffice.com.br/8-equipamentos-odontologicos-indispensaveis/ . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	O compressor de ar do <equipo> odontológico não deve ser instalado no banheiro; deve estar localizado em lugar arejado, de preferência fora do consultório.
9. Fonte do contexto	Anvisa (2006, p. 25).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
042	
1. Entrada	erupção dental
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Anatomia
6. Definição	Movimento vertical do dente de dentro do osso para fora que irrompe aos poucos na cavidade bucal, isto é, erupção ativa. Existem dois tipos de erupção dental, a erupção ativa e a erupção passiva.
7. Fonte de constituição da definição	Madeira (2007); Bath-Balogh e Fehrenbach (2012).
8. Contexto	Se o paciente infantil estiver com a <erupção dental> atrasada ou adiantada, é importante pesquisar seu histórico familiar em relação a esse aspecto.
9. Fonte do contexto	Bath-Balogh e Fehrenbach (2012, p. 255).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.



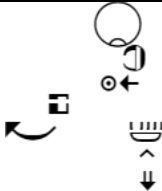
Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia

043

1. Entrada	esmalte
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Anatomia
6. Definição	Tecido altamente calcificado, formado por ameloblastos, que cobre a dentina da coroa do dente. Material cristalino e representa o tecido mineralizado mais rígido do corpo humano.
7. Fonte de constituição da definição	Madeira (2007); Bath-Balogh e Fehrenbach (2012).
8. Contexto	O <esmalte> é avascular, não apresenta inervação e, embora seja o tecido mais mineralizado do corpo, se perdido, não se forma novamente, pois não é constituído por tecido vivo.
9. Fonte do contexto	Bath-Balogh e Fehrenbach (2012, p. 145).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
044	
1. Entrada	esterilização
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Biossegurança
6. Definição	Processo para destruir ou eliminar todas as formas de vida microbiana presentes em materiais e objetos, como vírus, bactérias, fungos e outros, por meio de processos físicos ou químicos.
7. Fonte de constituição da definição	Anvisa (2006).
8. Contexto	Os artigos utilizados na cavidade bucal exigem o máximo rigor no processamento, recomendando-se a sua <esterilização> por autoclave.
9. Fonte do contexto	Anvisa (2006, p. 80).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 045	
1. Entrada	Estomatologia
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	Propedêutica clínica, semiologia, diagnóstico bucal e Medicina oral
5. Área	Especialidade Odontológica
6. Definição	Estudo das lesões próprias da mucosa bucal, do complexo maxilomandibular e órgãos anexos.
7. Fonte de constituição da definição	Marcucci (2018).
8. Contexto	O conselho federal de odontologia reconhece a <estomatologia> como especialidade odontológica, conforme resolução 181/92.
9. Fonte do contexto	Marcucci (2018, p. 1).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	 <p style="text-align: center; font-size: small;">Marcucci, 2018, p. 123,132, 142, 146</p>
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
046	
1. Entrada	estufa
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Ferramentas e instrumentalização odontológicas
6. Definição	Equipamento utilizado para esterilização de instrumentos e materiais médicos por meio de calor seco.
7. Fonte de constituição da definição	SPLABOR: Equipamentos para laboratórios. Autoclave e estufa: qual a diferença entre esses dois equipamentos? Disponível em: http://www.splabor.com.br/blog/autoclaves/a-prendendo-mais-esterilizacao-por-autoclave-e-estufa-qual-a-diferenca/ . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	A <estufa> é recomendada somente para esterilização de óleos, pós e caixas de instrumental.
9. Fonte do contexto	SPLABOR: Equipamentos para laboratórios. Autoclave e estufa: qual a diferença entre esses dois equipamentos? Disponível em: http://www.splabor.com.br/blog/autoclaves/a-prendendo-mais-esterilizacao-por-autoclave-e-estufa-qual-a-diferenca/ . Acesso em: set. 2020.
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	

17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




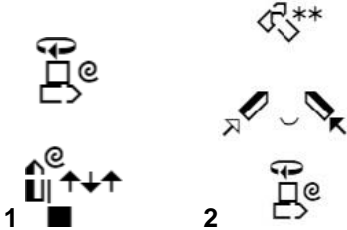
Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia




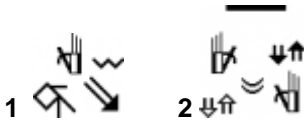
047




1. Entrada	fármaco
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Farmacologia
6. Definição	Substância química de estrutura conhecida, que não seja um nutriente ou um ingrediente essencial da dieta, o qual, quando administrado a um organismo vivo, produz um efeito biológico.
7. Fonte de constituição da definição	Rang <i>et al.</i> (2016).
8. Contexto	Se um <fármaco> se liga a um receptor e produz a resposta biológica máxima que mimetiza a resposta do ligante endógeno, ele é um agonista total.
9. Fonte do contexto	Whalen (2016, p. 33).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 048	
1. Entrada	farmacocinética
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Farmacologia
6. Definição	Reação ou resposta do organismo de acordo com as concentrações de um fármaco em uma ou mais regiões do corpo em relação à dose administrada, ou seja, o que o organismo faz com o fármaco quando ele é introduzido no corpo.
7. Fonte de constituição da definição	Rang <i>et al.</i> (2016).
8. Contexto	O conhecimento dos antiepiléticos disponíveis e seus mecanismos de ação, <farmacocinética>, potencial de interação com outros fármacos e efeitos adversos é essencial para o tratamento bem-sucedido do paciente.
9. Fonte do contexto	Whalen (2016, p. 160).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
049	
1. Entrada	farmacodinâmica
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Farmacologia
6. Definição	Ação dos fármacos no organismo e as influências das suas concentrações na intensidade das respostas, exercendo efeitos desejados ou indesejados. É o que o fármaco faz com o organismo.
7. Fonte de constituição da definição	Rang <i>et al.</i> (2016).
8. Contexto	Os estudos envolvendo indivíduos humanos variam desde investigações experimentais de <farmacodinâmica> ou farmacocinética até ensaios clínicos formais.
9. Fonte do contexto	Rang <i>et al.</i> (2016, n.p).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	<p>2 Os receptores ligados com agonista são ativados. Eles tem propriedades físicas e químicas alteradas, as quais levam as interações com moléculas celulares a produzir a resposta biológica</p> <p>Fármaco</p> <p>Receptor</p> <p>Receptor ativado</p> <p>Resposta biológica</p> <p>Transdução de sinal</p>
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




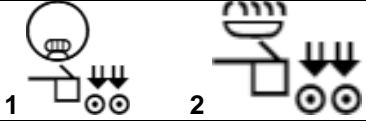
Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 050	
1. Entrada	farmacologia
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Farmacologia
6. Definição	Estudo dos efeitos dos fármacos no funcionamento de sistemas vivos.
7. Fonte de constituição da definição	Rang <i>et al.</i> (2016).
8. Contexto	Assim como outras disciplinas biomédicas, as fronteiras da <farmacologia> não estão claramente definidas nem são constantes.
9. Fonte do contexto	Rang <i>et al.</i> (2016, n.p).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do(s) termo(s) em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
051	
1. Entrada	fisiologia
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Fisiologia
6. Definição	Estudo de como os sistemas do corpo trabalham, não apenas individualmente, como também em conjunto, dando suporte a todo o organismo.
7. Fonte de constituição da definição	Mulroney e Myers (2009, p. 1).
8. Contexto	O vasto campo da <fisiologia> pode ser dividido em <i>fisiologia virótica</i> , <i>fisiologia bacteriana</i> , <i>fisiologia celular</i> , <i>fisiologia vegetal</i> , <i>fisiologia humana</i> e diversas outras subdivisões.
9. Fonte do contexto	Hall (2011, p. 3).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 052	
1. Entrada	fotopolimerizador
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Ferramentas e instrumentalização odontológicas
6. Definição	Ferramenta odontológica utilizada durante o tratamento de restauração, ortodôntico ou clareamento dental. A luz azul emitida ativa a substância canforoquinona presente nos compostos de resina e em outros produtos odontológicos fazendo endurecer o tecido.
7. Fonte de constituição da definição	SORRISOLOGIA. Fotopolimerizador : o que é e como ele pode ajudar o seu sorriso. Disponível em: https://www.sorrisologia.com.br/noticia/fotopolimerizador-o-que-e-e-como-ele-pode-ajudar-o-seu-sorriso_a9632/1 . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	Quanto maior a distância da ponta do <fotopolimerizador> do objeto menor o efeito da intensidade da luz emitida.
9. Fonte do contexto	Brandão (2019, n.p).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

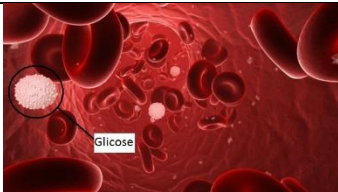


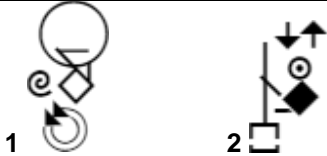
Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia
053

1. Entrada	frutose
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Bioquímica
6. Definição	Tipo de açúcar encontrado nas frutas, elas são uma das fontes desse açúcar. É um carboidrato monossacarídeo.
7. Fonte de constituição da definição	Nelson e Cox (2014).
8. Contexto	O xarope de milho com alto conteúdo de <frutose> (produto comercial no qual muito da glicose do xarope de milho é convertido em frutose) é utilizado para adoçar bebidas frias, mas não quentes.
9. Fonte do contexto	Nelson e Cox (2014, p. 278).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
054	
1. Entrada	gingiva
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Anatomia
6. Definição	Conjunto de tecidos presentes na região orofacial de coloração rósea que recobre os processos alveolares da maxila e da mandíbula e envolve os dentes superiores e inferiores em seus alvéolos.
7. Fonte de constituição da definição	Bath-Balogh e Fehrenbach (2012).
8. Contexto	A porção da <gingiva> voltada para o dente constitui os tecidos da junção dentogengival.
9. Fonte do contexto	Bath-Balogh e Fehrenbach (2012, p. 123).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do(s) termo(s) em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
055	
1. Entrada	gingivite
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Patologia
6. Definição	Inflamação limitada aos tecidos moles que circundam os dentes. Causada pela falta de higiene oral, que leva ao acúmulo de biofilme e cálculo com infecção pela microbiota local.
7. Fonte de constituição da definição	Neville <i>et al.</i> (2016).
8. Contexto	Os pacientes respiradores bucais ou que demonstram fechamento labial incompleto podem exibir um padrão único de <gingivite> no qual a gengiva facial anterior é macia, intumescida e vermelha.
9. Fonte do contexto	Neville <i>et al.</i> (2016, n.p).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
056	
1. Entrada	glândulas suprarrenais
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	Glândulas adrenais
5. Área	Anatomia
6. Definição	Glândulas endócrinas localizadas na parte superior dos rins. Elas são divididas em medula, que corresponde a porção central, e córtex, que corresponde a porção periférica. O córtex secreta hormônios esteroides e a medula, em momentos de pressão e estresse, secreta adrenalina e noradrenalina na corrente sanguínea.
7. Fonte de constituição da definição	Dangelo e Fanttini (2007).
8. Contexto	A descoberta da ação farmacológica da ACh surgiu, paradoxalmente, de um trabalho com as <glândulas suprarrenais>, cujos extratos eram conhecidos por produzir uma elevação da pressão arterial graças à presença da epinefrina (adrenalina).
9. Fonte do contexto	Rang <i>et al.</i> (2016, n.p).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 057	
1. Entrada	Glicose
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	Feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Bioquímica
6. Definição	Carboidrato (açúcar) usado como fonte de energia primária pela maior parte dos organismos, desde as bactérias até o ser humano, além de fazer parte de importantes vias metabólicas.
7. Fonte de constituição da definição	INFOESCOLA. Glicose . Disponível em: https://www.infoescola.com/bioquimica/glicos e/ . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	Alguns tecidos e células de animais superiores, entretanto, utilizam exclusivamente <glicose> como fonte de energia.
9. Fonte do contexto	Marzzoco (1999, p. 172).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

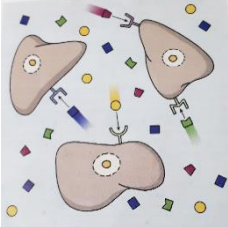

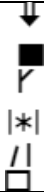
Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia
058

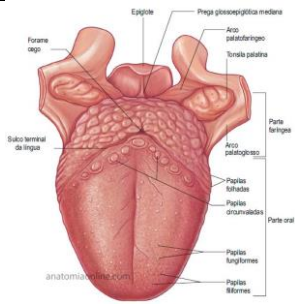


1. Entrada	homeostasia
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	homeostase
5. Área	Bioquímica
6. Definição	Equilíbrio de organismos multicelulares entre ambiente interno e externo, habilidade de manter uma função interna constante durante mudanças no ambiente externo.
7. Fonte de constituição da definição	Mulroney e Myers (2009).
8. Contexto	Cada célula se beneficia da <homeostasia> e contribui com sua parcela para a sua manutenção.
9. Fonte do contexto	Hall (2011, p. 9).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	<p>O diagrama mostra uma balança de pratos equilibrada. O prato esquerdo contém um recipiente com líquido azul, rotulado 'Núcleo' e 'Célula'. O prato direito contém um recipiente com líquido amarelo, rotulado 'Líquido' e 'Célula'. Acima da balança, há setas indicando 'Interação com o ambiente' e 'Interação com o organismo'. Abaixo da balança, há uma seta apontando para 'Equilíbrio'.</p>
14. Imagem do Termo em Libras	<p>Dois quadros mostram uma pessoa demonstrando a libras para o termo 'homeostasia'. No primeiro quadro, a pessoa faz um sinal com a mão direita e uma seta amarela indica o movimento. No segundo quadro, a pessoa faz um sinal com a mão esquerda e duas setas amarelas indicam os movimentos.</p>
15. Imagem da variante terminológica em Libras	<p>Três quadros mostram uma pessoa demonstrando variantes da libras para o termo 'homeostasia'. Cada quadro mostra um movimento diferente da mão com setas amarelas indicando a direção.</p>
16. Representação do termo em SignWriting	<p>Dois conjuntos de símbolos de SignWriting representam o termo 'homeostasia'. O primeiro conjunto, rotulado '1', mostra símbolos para as mãos e setas indicando movimentos. O segundo conjunto, rotulado '2', mostra símbolos para as mãos e setas indicando movimentos.</p>
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

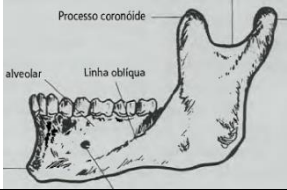
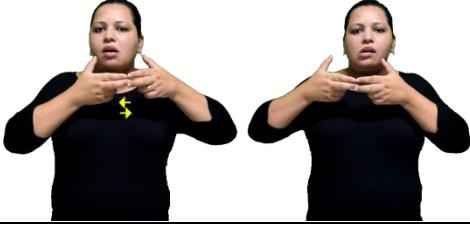
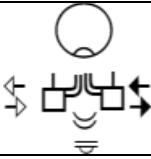
Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
059	
1. Entrada	hormônio
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Bioquímica
6. Definição	Pequena molécula ou proteína produzida por glândulas endócrinas que é liberada na circulação sanguínea e transportada a outros tecido, nos quais agem por meio de receptores para produzir mudanças nas atividades celulares. Serve para coordenar as atividades metabólicas de vários tecidos ou órgãos.
7. Fonte de constituição da definição	Nelson e Cox (2014).
8. Contexto	Uma vez conhecida a estrutura, esse <hormônio> pode ser sintetizado quimicamente em grandes quantidades para uso nos estudos fisiológicos e bioquímicos.
9. Fonte do contexto	Nelson e Cox (2014, p. 930).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	<p>Receptor Célula-alvo</p> <p>Hormônio</p> <p>Célula secretora</p> <p>Outro tipo celular (Sem receptor)</p>
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.



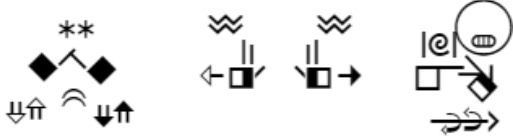
Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
060	
1. Entrada	Implantodontia
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Especialidade Odontológica
6. Definição	Especialidade que tem como objetivo a implantação na mandíbula e na maxila materiais aloplásticos destinados a suportar próteses unitárias, parciais ou removíveis e próteses totais.
7. Fonte de constituição da definição	APCD. Implantodontia : a especialidade que veio para ficar. Disponível em: http://www.apcd.org.br/index.php/noticias/1256/por-dentro-das-especialidades/18-06-2018/-implantodontia-a-especialidade-que-veio-para-ficar . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	A equipe de implantodontia deve planejar o tratamento do paciente antes da terapia propriamente dita
9. Fonte do contexto	Block (2012, p. 143).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Projeto Odontologia em Libras; Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	c. 2018; setembro, 2020.



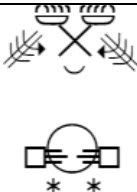
Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
061	
1. Entrada	insulina
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Bioquímica
6. Definição	Hormônio produzido pelo pâncreas, seu principal efeito é diminuir a glicose no sangue. A secreção de insulina reduzida ou a falta dela, provoca diabetes melito.
7. Fonte de constituição da definição	Rang <i>et al.</i> (2016).
8. Contexto	O efeito da glicose na secreção de <insulina> depende de se a carga de glicose é administrada por via intravenosa ou por via oral.
9. Fonte do contexto	Rang <i>et al.</i> (2016, n.p).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 062	
1. Entrada	ligante
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Bioquímica
6. Definição	Ligantes, que são produzidos por células sinalizadoras e interagem com receptores no interior ou na superfície das células alvo, são de grande variedade. Alguns são proteínas, outros são moléculas hidrofóbicas como esteróides, e outros ainda são gases como óxido nítrico.
7. Fonte de constituição da definição	KHAN Academy. Ligantes e receptores. Disponível em: https://pt.khanacademy.org/science/biology/cell-signaling/mechanisms-of-cell-signaling/a/signal-perception . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	A quarta família de receptores difere consideravelmente das outras três, pois o receptor é inteiramente intracelular, e, portanto, o <ligante> precisa difundir-se para dentro da célula para interagir com ele.
9. Fonte do contexto	Whalen (2016, p. 28).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	 <p>Diagrama que mostra três células com receptores intracelulares. Ligantes, representados por formas coloridas (quadrados, triângulos, círculos), estão se difundindo para dentro das células para interagir com os receptores.</p>
14. Imagem do Termo em Libras	 <p>Dois indivíduos demonstrando o sinal em Libras para o termo 'ligante'.</p>
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	 <p>Representação do termo 'ligante' em SignWriting, mostrando uma sequência de símbolos: uma seta para baixo, um quadrado negro, um símbolo Y invertido, um símbolo com um asterisco, e um símbolo com uma barra diagonal.</p>
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
063	
1. Entrada	língua
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	anatomia
6. Definição	Órgão muscular revestido por mucosa localizado na cavidade bucal. Exerce importantes funções na mastigação, na deglutição, como órgão gustativo e na articulação das palavras.
7. Fonte de constituição da definição	Dangelo e Fanttini (2007).
8. Contexto	À medida que a língua se desenvolve, a cópula da raiz da <língua>, depois de sobrepor-se ao segundo arco branquial, funde-se com as saliências anteriores do primeiro arco branquial do corpo da língua, durante a 8ª semana de desenvolvimento pré-natal.
9. Fonte do contexto	Bath-Balogh e Fehrenbach (2012, p. 46).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	 <p>The diagram illustrates the tongue's anatomy with labels: Epiglote, Parte glossoepiglótica mediana, Arco palatofaríngeo, Tonsila palatina, Parte faríngea, Arco palatoglosso, Papilas lobadas, Papilas circunvaladas, Parte oral, Papilas fungiformes, and Papilas filiformes. Other labels include Forame lágrio, Sulco terminal da língua, and an anatomiaonline.com watermark.</p>
14. Imagem do Termo em Libras	 <p>A photograph of a woman in a black top using sign language to represent the word 'tongue'.</p>
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	 <p>A SignWriting symbol consisting of a circle with a downward-pointing arrow and a diamond shape below it.</p>
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

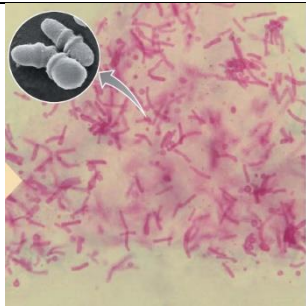


Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
064	
1. Entrada	mandíbula
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Anatomia
6. Definição	Osso craniano em formato de ferradura, articula-se através dos dentes com a maxila, no viscerocrânio, quando a boca se encontra fechada. Articula-se também com o neurocrânio através do osso temporal, formando a articulação temporomandibular (ATM).
7. Fonte de constituição da definição	KENHUB. Mandíbula. https://www.kenhub.com/pt/library/anatomia/a-mandibula . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	Os músculos da mastigação atuam na <mandíbula> para produzir dois movimentos básicos na ATM: deslizamento e rotação.
9. Fonte do contexto	Bath-Balogh e Fehrenback (2012, p. 267).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 065	
1. Entrada	materiais restauradores
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Ferramentas e instrumentalização odontológicas
6. Definição	Conjunto de materiais utilizados em diversos tratamentos dentários como na restauração e na recuperação de um dente quebrado. Esses materiais podem ser amálgama, resina, ouro ou porcelana.
7. Fonte de constituição da definição	SIMPATIO. Principais materiais restauradores utilizados na odontologia. Disponível em: https://simpatio.com.br/materiais-restauradores/ . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	Se a lesão cáriosa ocorrer, <materiais restauradores> estéticos podem ser utilizados para obter uma aparência estética mais favorável e, assim, a presença da fosseta vestibular pode não ser mais detectada clinicamente.
9. Fonte do contexto	Bath-Balogh e Fehrenbach (2012, p. 250).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
066	
1. Entrada	maxilar
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Anatomia
6. Definição	Osso craniano composto por duas maxilas (direita e esquerda) responsáveis pelo alongamento vertical da face. É no processo alveolar do maxilar que se implantam os dentes superiores.
7. Fonte de constituição da definição	Dangelo e Fanttini (2007).
8. Contexto	Durante uma exodontia, um dente contaminado ou fragmentos de raiz podem também ser deslocados acidentalmente para o interior do seio <maxilar>.
9. Fonte do contexto	Bath-Balogh e Fehrenbach (2012, p. 143).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	 <p style="text-align: center;">VISTA FRONTAL VISTA LATERAL (CORTE)</p>
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia
067

1. Entrada	metabolismo
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Bioquímica
6. Definição	Atividade celular altamente coordenada, a soma de todas as transformações químicas que ocorrem em uma célula ou em um organismo. Existe duas vias metabólicas, o catabolismo e o anabolismo.
7. Fonte de constituição da definição	Nelson e Cox (2014).
8. Contexto	Estudando com essa perspectiva, o <metabolismo> proporciona dados fascinantes e reveladores sobre a vida, com aplicações incontáveis na medicina, agricultura e biotecnologia.
9. Fonte do contexto	Nelson e Cox (2014, p. 504).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	<p>O diagrama ilustra o ciclo metabólico. No topo, uma seta azul apontando para cima representa o Anabolismo, que transforma Moléculas pequenas (glicose, aminoácidos, açúcares, ácidos graxos, bases nitrogenadas) em Macromoléculas (carboidratos, proteínas, polímeros, lipídios, ácidos nucleicos). Este processo consome energia na forma de ATP, NADH, NADPH e FADH₂. No topo, uma seta vermelha apontando para baixo representa o Catabolismo, que transforma Macromoléculas em Moléculas pequenas e Produtos finais sem energia (CO₂, H₂O, NH₃). Este processo libera energia na forma de ATP, NAD⁺, NADP⁺ e FAD.</p>
14. Imagem do Termo em Libras	<p>Imagem de uma pessoa em Libras representando o termo metabolismo.</p>
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	<p>Representação do termo metabolismo em SignWriting.</p>
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 068	
1. Entrada	microbiota
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Bacteriologia
6. Definição	Conjunto de microrganismos que vivem sobre ou no interior do corpo humano. Contribui para a saúde e o bem-estar do hospedeiro por meio da geração de produtos microbianos e inibe o crescimento de microrganismos perigosos.
7. Fonte de constituição da definição	Madigan <i>et al.</i> (2016).
8. Contexto	Análises metagenômicas da <microbiota> oral humana mostram uma comunidade microbiana complexa.
9. Fonte do contexto	Madigan <i>et al.</i> (2016, p. 709).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia

069

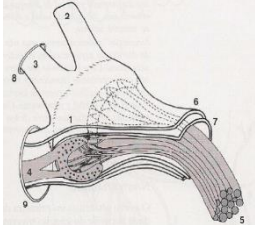


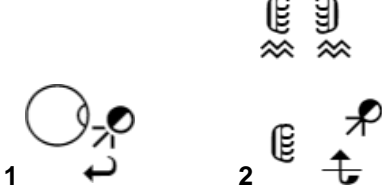
1. Entrada	mocho
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Ferramentas e instrumentalização odontológicas
6. Definição	Tipo de assento ergométrico utilizado principalmente por dentistas.
7. Fonte de constituição da definição	SIMPATIO. Mocho odontológico melhora a postura dos dentistas. Disponível em: https://simpatio.com.br/mocho-odontologico/ . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	Profissionais da saúde recomendam que o dentista sempre deixe os pés apoiados no chão e mantenha ao máximo a coluna apoiada ao <mocho> odontológico.
9. Fonte do contexto	SIMPATIO. Mocho odontológico melhora a postura dos dentistas. Disponível em: https://simpatio.com.br/mocho-odontologico/ . Acesso em: set. 2020.
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 070	
1. Entrada	molécula
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Bioquímica
6. Definição	Estrutura que possui uma massa molar determinada e um número relativamente pequeno e exato de átomos ligados entre si covalentemente, ou seja, por meio do compartilhamento de elétrons.
7. Fonte de constituição da definição	FOGAÇA, Jennifer Rocha Vargas. Moléculas e macromoléculas. Brasil Escola . Disponível em: https://brasilecola.uol.com.br/quimica/moleculas-macromoleculas.htm . Acesso em: 13 jul. 2020.
8. Contexto	Nos fotoautotróficos, a ruptura da <molécula> da água promovida pela luz durante a fotossíntese libera seus elétrons para a redução do CO ₂ e a liberação de oxigênio na atmosfera.
9. Fonte do contexto	Nelson e Cox (2014, p. 22).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
071	
1. Entrada	mucosa
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Anatomia
6. Definição	Revestimento interno das cavidades úmidas do corpo que mantêm contato com o meio externo como, por exemplo, a boca, intestino, bexiga, trato respiratório e trato urogenital.
7. Fonte de constituição da definição	INFOESCOLA. Mucosa . Disponível em: https://www.infoescola.com/histologia/mucosa/ . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	A <mucosa> oral continua-se com a pele dos lábios e com a mucosa da faringe para o restante do tubo digestivo.
9. Fonte do contexto	Katchburian e Arana (2012).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia

072





1. Entrada	nervo trigêmeo
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	Quinto nervo craniano
5. Área	Anatomia
6. Definição	Nervo craniano que possui três ramos calibrosos distribuídos por áreas extensas da face, tanto superficiais, quanto profundas. Esses três ramos formam a porção maior ou sensitiva. O primeiro ramo é o nervo oftálmico; o segundo, é o nervo maxilar; e o terceiro, é o nervo mandibular.
7. Fonte de constituição da definição	Madeira (2008, p. 181).
8. Contexto	A maioria dos neurônios de origem da porção maior do <nervo trigêmeo> está agrupada no glânglio trigeminal, que é a maior massa ganglionar de nosso corpo.
9. Fonte do contexto	Madeira (2008, p. 181).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia

073

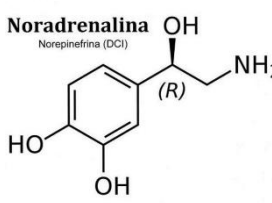

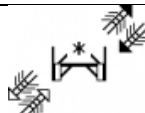
1. Entrada	neurônio
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Fisiologia
6. Definição	Célula altamente excitável que se comunica com outros neurônios ou com células efetadoras (células musculares ou secretoras). Unidade morfofuncional do Sistema Nervoso.
7. Fonte de constituição da definição	Dangelo (2007).
8. Contexto	A sinapse é o ponto de contato entre um neurônio e o <neurônio> seguinte.
9. Fonte do contexto	Hall (2011, p. 572).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.


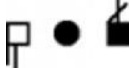
Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia
074

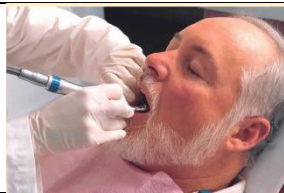


1. Entrada	neurotransmissor
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Fisiologia
6. Definição	Molécula responsável pela comunicação das células no Sistema Nervoso, normalmente encontrada nos terminais sinápticos dos neurônios.
7. Fonte de constituição da definição	Hall (2011).
8. Contexto	Cada vez que o potencial de ação atinge o terminal pré-sináptico, poucas vesículas liberam ao mesmo tempo seu <neurotransmissor> na fenda sináptica.
9. Fonte do contexto	Hall (2011, p. 579).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia



075


1. Entrada	noradrelina
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	norepinefrina, NOR
5. Área	Fisiologia
6. Definição	Hormônio produzido nas glândulas suprarrenais, liberada diretamente na corrente sanguínea. Conhecida como uma substância de “luta e fuga” é liberada em momentos de sustos, surpresas ou fortes emoções.
7. Fonte de constituição da definição	MAGALHÃES, Lana. Noradrenalina . Disponível em: https://www.todamateria.com.br/noradrenalina/ . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	Muitos outros transmissores e hormônios estão implicados na ansiedade e nos distúrbios do pânico, particularmente a <noradrenalina>.
9. Fonte do contexto	Rang <i>et al.</i> (2016, p. 1270).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	<p>Noradrenalina <small>Norepinefrina (DCI)</small></p> 
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.



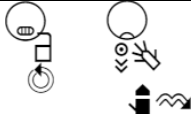
Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
076	
1. Entrada	norepinefrina
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	noradrenalina, NOR
5. Área	Farmacologia
6. Definição	
7. Fonte de constituição da definição	
8. Contexto	No sistema simpático, a <norepinefrina> intermedeia a transmissão dos impulsos dos nervos pós-ganglionares autônomos para o órgão efector.
9. Fonte do contexto	Whalen (2016).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.



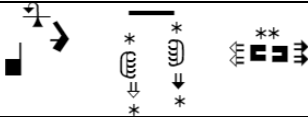
Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
077	
1. Entrada	odontopediatria
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Especialidade Odontológica
6. Definição	Especialidade da odontologia que estuda os fenômenos decorrentes do envelhecimento que têm repercussão na boca e suas estruturas associadas, na promoção da saúde, o diagnóstico, a prevenção e o tratamento de enfermidades bucais e do sistema estomatognático de pessoas idosas.
7. Fonte de constituição da definição	CONSELHO Regional de Odontologia de São Paulo. Odontogeriatría . Disponível em: site.crosp.org.br/camara_tecnica/apresentacao/12.html#:~:text=Odontogeriatría%20%C3%A9%20a%20especialidade%20que,do%20sistema%20estomatogn%C3%A1tico%20do%20idoso . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	A ciência e a prática da <Odontogeriatría> apontam para um caminho multidisciplinar, mais democrático e preparado para atender às necessidades da população em toda a sua diversidade, que se torna ainda mais complexa com o avançar dos anos.
9. Fonte do contexto	Revista ABO (2011).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Projeto Odontologia em Libras; Martinelli, D. C.
18. Redator	

19. Data	c. 2018; Setembro, 2020.
-----------------	--------------------------

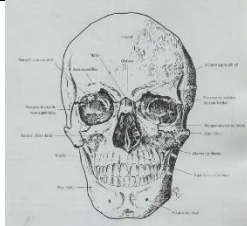


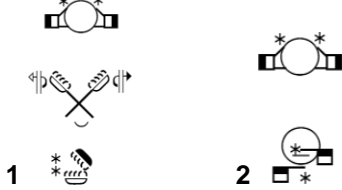
Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
078	
1. Entrada	Odontologia para pacientes com necessidades especiais
2. Categoria Gramatical	Sintagma nominal
3. Gênero	
4. Variante(s)	
5. Área	Especialidade Odontológica
6. Definição	Especialidade da odontologia que atende as necessidades de saúde bucal de pacientes que tenham alguma alteração no seu sistema biopsicossocial. Esses pacientes são denominados de Pacientes com Necessidades Especiais (PNE).
7. Fonte de constituição da definição	CONSELHO Regional de Odontologia de São Paulo. Odontologia para pacientes com necessidades especiais . Disponível em: site.crosp.org.br/camara_tecnica/apresentacao/15.html . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	As áreas de competência para atuação do especialista em <Odontologia para Pacientes com Necessidades Especiais>, incluem: prestar atenção odontológica aos pacientes com distúrbios psíquicos, comportamentais e emocionais.
9. Fonte do contexto	CONSELHO Regional de Odontologia de São Paulo. Odontologia para pacientes com necessidades especiais . Disponível em: site.crosp.org.br/camara_tecnica/apresentacao/15.html . Acesso em: set. 2020.
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	




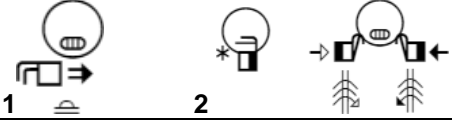
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Projeto Odontologia em Libras; Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	c. 2018; Setembro, 2020.

Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 079	
1. Entrada	Odontopediatria
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Especialidade odontológica
6. Definição	Especialidade da odontologia que tem como objetivo o diagnóstico, a prevenção, o tratamento e o controle dos problemas de saúde bucal do bebê, da criança e do adolescente.
7. Fonte de constituição da definição	CONSELHO Regional de Odontologia de São Paulo. Odontopediatria . Disponível em: site.crosp.org.br/camara_tecnica/apresentacao/16.html . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	O conhecimento do crescimento e desenvolvimento da criança é essencial para a pediatria, mas também é importante nas outras profissões que trabalham com crianças, incluindo a <odontopediatria>.
9. Fonte do contexto	Koch (1995, p. 20).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Projeto Odontologia em Libras; Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	c. 2018; Setembro, 2020.



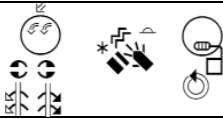
Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 080	
1. Entrada	organismo
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Anatomia
6. Definição	Conjunto de órgãos de um corpo animal ou vegetal, sistema vivo.
7. Fonte de constituição da definição	QUE Conceito. Conceito de Organismo. Disponível em: https://queconceito.com.br/organismo . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	A interação entre os componentes químicos de um <organismo> vivo é dinâmica; mudanças em um componente causam mudanças coordenadas ou compensatórias em outro, com o todo manifestando uma característica além daquelas de suas partes individuais.
9. Fonte do contexto	Nelson e Cox (2014, p. 1).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia
081



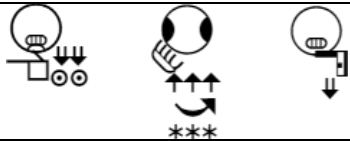
1. Entrada	orofacial
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Anatomia
6. Definição	Região da face e da boca. Inclui os ossos da face como, a mandíbula e o maxilar, a língua, glândulas salivares e a articulação temporomandibular.
7. Fonte de constituição da definição	Bath-Balogh e Fehrenbach (2012).
8. Contexto	Os tecidos gengivais constituem o mais importante e interessante conjunto de tecidos da região <orofacial> para conhecimento e compreensão dos profissionais da área odontológica.
9. Fonte do contexto	Bath-Balogh e Fehrenbach (2012, p. 122).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
082	
1. Entrada	ortodontia
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Especialidade Odontológica
6. Definição	Especialidade da odontologia que tem por objetivo o diagnóstico, prevenção, interceptação e prognóstico das maloclusões e disfunções neuro-musculares, a supervisão e a orientação do desenvolvimento do aparelho mastigatório e a correção das estruturas dento-faciais.
7. Fonte de constituição da definição	CONSELHO Regional de Odontologia de São Paulo. A competência do especialista em ortodontia. Disponível em: site.crosp.org.br/uploads/paginas/9471490dc533852d2103e9c5e34dc9f5.pdf . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	Em ortodontia, o registro da relação de oclusão e executado com uma mordida em cera tomada em relação central
9. Fonte do contexto	Ferreira (2008).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Projeto Odontologia em Libras; Martinelli, D. C.

18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

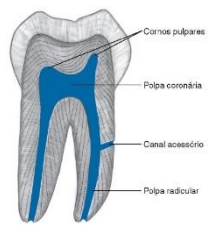


Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 083	
1. Entrada	Patologia bucal
2. Categoria Gramatical	Sintagma nominal
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Especialidade Odontológica
6. Definição	Especialidade da odontologia que tem como objetivo o estudo dos aspectos histopatológicos das alterações do complexo bucomaxilofacial e estruturas anexas, visando ao diagnóstico final e ao prognóstico dessas alterações, por meio de recursos técnicos e laboratoriais.
7. Fonte de constituição da definição	Andrade (2010).
8. Contexto	Algumas especialidades compartilham competências e têm grande proximidade com a Patologia Bucal (ex. Estomatologia, Radiologia) porém, o exame histopatológico pode se fazer necessário para o diagnóstico na área de atuação de várias especialidades e do Cirurgião-Dentista Clínico.
9. Fonte do contexto	Andrade (2010).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

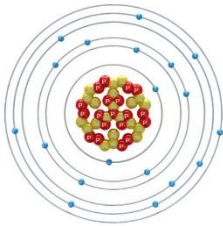


Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 084	
1. Entrada	Periodontia
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Especialidade Odontológica
6. Definição	Especialidade da odontologia que trata os tecidos de revestimento e suporte: gengivas, cimento, pericemento e osso-alveolar.
7. Fonte de constituição da definição	Filgueiras (1970).
8. Contexto	Uma terceira descoberta que transformou a prática da odontologia em geral a da <periodontia> em particular foi o descobrimento das radiografias pelo físico alemão Wilhelm Röntgen.
9. Fonte do contexto	Newman <i>et al.</i> (2016, p. 4).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Projeto Odontologia em Libras; Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	c. 2018; Setembro, 2020.

Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
085	
1. Entrada	periodontite
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Patologia
6. Definição	Doença infecciosa que causa inflamação da estrutura de suporte dos dentes perda progressiva de inserção e perda óssea. São três as principais características, formação de biofilme bacteriana, inflamação periodontal, e perda de inserção e osso alveolar.
7. Fonte de constituição da definição	Newman <i>et al.</i> (2011).
8. Contexto	Áreas localizadas de dor imprecisa, às vezes irradiado profundamente na mandíbula, têm sido associadas à <periodontite>.
9. Fonte do contexto	Newman <i>et al.</i> (2011, n.p).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.


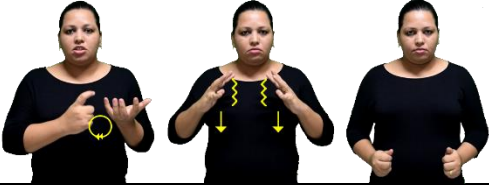


Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia

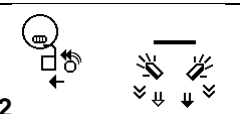
086




1. Entrada	polpa
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Anatomia
6. Definição	Tecido mais interno do dente. É formado por tecido conjuntivo gelatinoso, altamente vascularizado e inervado contido na cavidade pulpar. Ela está envolvida na sustentação, manutenção e formação contínua da dentina.
7. Fonte de constituição da definição	Madeira (2007); Bath-Balogh e Fehrenbach (2012).
8. Contexto	Quando a dentina ou a <polpa> é lesionada, a única sensação percebida pelo encéfalo é a dor, sendo que as alterações térmicas, vibratórias e químicas que afetam a dentina ou a polpa também são percebidas como estímulos dolorosos.
9. Fonte do contexto	Bath-Balogh e Fehrenbach (2012, p. 164).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
087	
1. Entrada	potássio
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	K+
5. Área	Bioquímica
6. Definição	Elemento químico pertencente a família dos metais alcalinos de número atômico igual a 19. Sua sigla é identificada pela letra K, pois seu nome em latim é Kalium.
7. Fonte de constituição da definição	MANUAL da química. Potássio . Disponível em: https://www.manualdaquimica.com/quimica-geral/potassio.htm . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	Outro fator importante é a concentração de íons <potássio>, pois quando ela cai para menos de um terço da normal, o indivíduo provavelmente apresenta paralisia em consequência da incapacidade dos nervos de conduzir impulsos.
9. Fonte do contexto	Hall (2011, p. 7).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.



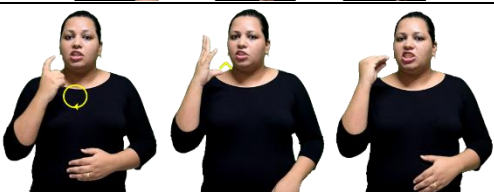
Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
088	
1. Entrada	potencial de ação
2. Categoria Gramatical	Sintagma nominal
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Fisiologia
6. Definição	Sinais nervosos transmitidos por rápidas alterações do potencial elétrico das membranas dos neurônios que se propagam com grande velocidade por toda a membrana de fibra nervosa.
7. Fonte de constituição da definição	Hall (2011).
8. Contexto	Cada <potencial de ação> começa por alteração súbita do potencial de membrana normal negativo para um potencial positivo, terminando então com retorno quase tão rápido para o potencial negativo.
9. Fonte do contexto	Hall (2011, p. 63).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	<p>Propagação de um potencial de ação</p> <p>Axonio</p> <p>Primeiro potencial de ação</p> <p>Segmento do axônio</p>
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 089	
1. Entrada	profilaxia
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	Limpeza dentária
5. Área	Ferramentas e instrumentalização odontológicas
6. Definição	Procedimento odontológico que tem por objetivo remover placa e tártaro que podem causar gengivite, cáries, mau hálito e outros problemas. Procedimento conhecido como limpeza dos dentes.
7. Fonte de constituição da definição	CONSELHO Regional de Odontologia de São Paulo. A importância da profilaxia na busca de um sorriso perfeito. Disponível em: site.crosp.org.br/noticia/ver/818-a-importancia-da-profilaxia-na-busca-de-um-sorriso-perfeito.html . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	Se a causa for gengivite, o dentista pode fazer uma <profilaxia> completa da área afetada.
9. Fonte do contexto	CONSELHO Regional de Odontologia de São Paulo. Saiba como tratar a sensibilidade dos seus dentes. Disponível em: https://site.crosp.org.br/noticia/ver/947-Saiba-como-tratar-a-sensibilidade-dos-seus-dentes.html . Acesso em: set. 2020.
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	

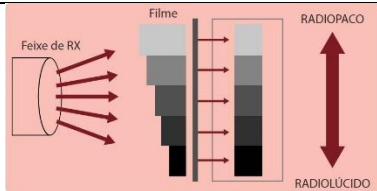

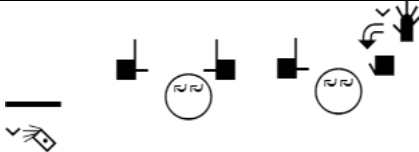
	 2
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 090	
1. Entrada	Prótese dentária
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Especialidade Odontológica
6. Definição	Especialidade da odontologia que tem o objetivo de reconstruir os dentes parcialmente destruídos ou repor os dentes ausentes visando à manutenção das funções do sistema estomatognático, proporcionando ao paciente a função, a saúde, o conforto e a estética.
7. Fonte de constituição da definição	CONSELHO Regional de Odontologia de São Paulo. Prótese dentária . Disponível em: site.crosp.org.br/camara_tecnica/apresentacao/21.html . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	Para minimizar o problema é necessário muito esforço e conhecimento técnico-científico do cirurgião-dentista e do técnico de <prótese dentária> de forma a garantir uma prótese com requisitos de precisão clinicamente aceitáveis
9. Fonte do contexto	CONSELHO Regional de Odontologia de São Paulo. Prótese dentária . Disponível em: site.crosp.org.br/camara_tecnica/apresentacao/21.html . Acesso em: set. 2020.
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Projeto Odontologia em Libras; Martinelli, D. C.



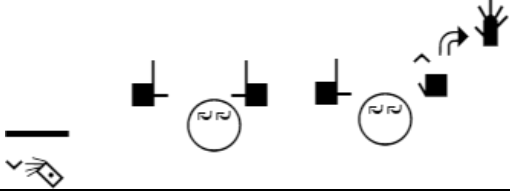
18. Redator	
19. Data	c. 2018; Setembro, 2020.

Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
091	
1. Entrada	Radiologia odontológica e imaginologia
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Especialidade Odontológica
6. Definição	Especialidade que tem por objetivo a aplicação dos métodos exploratórios por imagem com a finalidade de diagnóstico, acompanhamento e documentação do complexo buco-maxilo-facial e das estruturas anexas a ele.
7. Fonte de constituição da definição	CONSELHO Regional de Odontologia de São Paulo. Radiologia odontológica e imaginologia . Disponível em: site.crosp.org.br/camara_tecnica/apresentacao/22.html . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	A principal atividade do especialista em <Radiologia Odontológica e Imaginologia> é a interpretação e descrição radiográfica.
9. Fonte do contexto	UNIVERSIDADE Tuiuti do Paraná. Radiologia odontológica e imaginologia : um campo promissor. Disponível em: https://www.tuiuti.edu.br/blog-tuiuti/radiologia-odontologica-e-imaginologia-um-campo-promissor/ . Acesso em: set. 2020.
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	

16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Projeto Odontologia em Libras; Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	c. 2018; Setembro, 2020.

Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 092	
1. Entrada	radiolúcida
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Radiologia
6. Definição	Imagem de uma estrutura que absorve pouco os raios X. Imagem mais escura de uma estrutura.
7. Fonte de constituição da definição	Oliveira <i>et al.</i> (2014).
8. Contexto	As radiografias têm um papel importante na detecção da cárie, uma vez que a desmineralização do esmalte permite maior penetração dos raios X, produzindo no filme uma imagem mais escura (<radiolúcida>).
9. Fonte do contexto	Fenyo-Pereira (2013, p. 165).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia
093

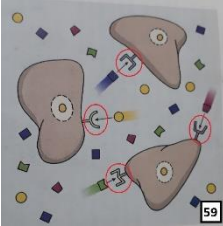
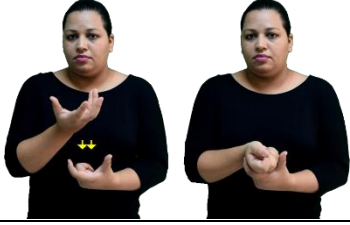

1. Entrada	radiopaca
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Radiologia
6. Definição	Imagem de uma estrutura que possui maior poder de absorção dos raios X. Imagem mais clara de uma estrutura.
7. Fonte de constituição da definição	Oliveira <i>et al.</i> (2014).
8. Contexto	O assoalho da cavidade nasal aparece radiograficamente como uma linha <radiopaca> contínua e retilínea.
9. Fonte do contexto	Fenyo-Pereira (2013, p. 112).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

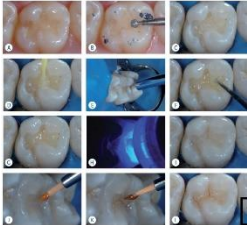
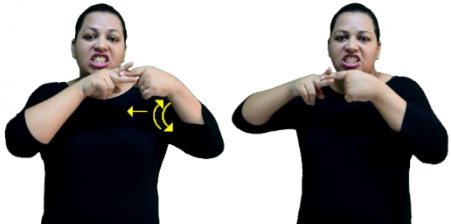


Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia
094



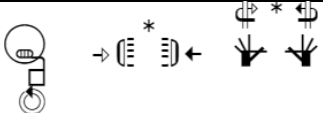
1. Entrada	raiz do dente
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Anatomia
6. Definição	Parte do dente recoberta pela gengiva composta por dentina e revestida por cimento.
7. Fonte de constituição da definição	Bath-Balogh e Fehrenbach (2012).
8. Contexto	É importante notar que a coroa e a <raiz do dente> nunca estão estritamente em posição vertical no osso alveolar, mas com algum grau de angulação.
9. Fonte do contexto	Bath-Balogh e Fehrenbach (2012, p. 195).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia

095

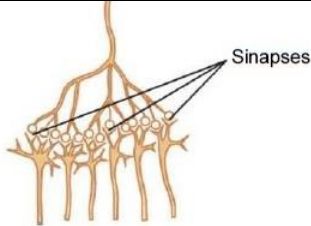
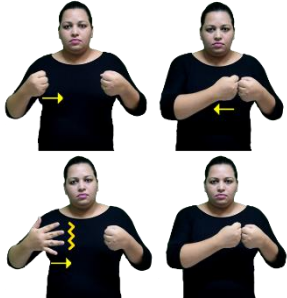


1. Entrada	receptor
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Bioquímica
6. Definição	Proteína presente na célula que ao se ligar à molécula sinalizadora é ativado e gera uma cascata de sinais intracelulares alterando o comportamento da célula.
7. Fonte de constituição da definição	Borges (c. 2018).
8. Contexto	O <receptor> fosforilado fosforila outros peptídeos ou proteínas, que ativam na sequência outros sinais celulares importantes.
9. Fonte do contexto	Whalen (2016, p. 28).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 096	
1. Entrada	restauração
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Ferramentas e instrumentalização odontológicas
6. Definição	Procedimento odontológico que tem o objetivo de devolver as funções, a forma e a característica de cor do dente. Possibilita a sua rápida recuperação em caso de quebra ou dente cariado, por meio da utilização de materiais restauradores. Também conhecida como obturação dentária.
7. Fonte de constituição da definição	Pereira, Anauate-Netto e Gonçalves (2014).
8. Contexto	A biocompatibilidade e uma importante propriedade a ser considerada na seleção de um agente restaurador, especialmente quando a <restauração> e realizada em cavidades profundas.
9. Fonte do contexto	Pereira, Anauate-Netto e Gonçalves (2014, p. 10).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia 097	
1. Entrada	Saúde coletiva e da família
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Especialidade Odontológica
6. Definição	Especialidade que estuda os fenômenos que interferem na Saúde Coletiva e da Família, por meio de análise, organização, planejamento, execução e avaliação de sistemas de saúde, dirigidos a grupos populacionais, com ênfase na promoção de saúde.
7. Fonte de constituição da definição	CONSELHO Regional de Odontologia de São Paulo. Saúde Coletiva . Disponível em: site.crosp.org.br/camara_tecnica/apresentacao/23.html . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	A Câmara Técnica de <Saúde Coletiva e da Família> tem por objetivo primordial observar, analisar, orientar e propor soluções para aspectos sociais e coletivos do exercício profissional.
9. Fonte do contexto	CONSELHO Regional de Odontologia de São Paulo. Saúde Coletiva . Disponível em: site.crosp.org.br/camara_tecnica/apresentacao/23.html . Acesso em: set. 2020.
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Projeto Odontologia em Libras; Martinelli, D. C.
18. Redator	

19. Data	c. 2018; Setembro, 2020.
-----------------	--------------------------

Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia
098

1. Entrada	sinapse
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Fisiologia
6. Definição	Local de contato entre dois neurônios, onde ocorre a transmissão de impulsos nervosos de uma célula para outra.
7. Fonte de constituição da definição	Hall (2011).
8. Contexto	“O terminal tem dois tipos de estruturas internas importantes para a função excitatória ou inibitória da <sinapse>: as <i>vesículas transmissoras</i> e as <i>mitocôndrias</i> ”.
9. Fonte do contexto	Hall (2011, p. 576).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica	
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia	
099	
1. Entrada	sistema nervoso
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	SN
5. Área	Anatomia
6. Definição	Sistema composto por tecido nervoso que controla e coordena as funções de todos os sistemas do organismo por meio das células nervosas (neurônios), capaz de interpretar estímulos e desencadear respostas adequadas a estes estímulos. Exerce funções voluntárias e involuntárias. Ele se divide em sistema nervoso central (SNC) e sistema nervoso periférico (SNP).
7. Fonte de constituição da definição	Dangelo (2007).
8. Contexto	"[...] em várias situações, a liberação dos hormônios é estimulada ou inibida pelo <sistema nervoso>, e alguns hormônios podem estimular ou inibir impulsos nervosos.
9. Fonte do contexto	Whalen (2016).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia

100

1. Entrada	sistemas vivos
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	
5. Área	Bioquímica
6. Definição	Organismos vivos de alta complexidade, formados por estruturas atômicas e moleculares e que têm relação com o ambiente em que vivem.
7. Fonte de constituição da definição	JORNAL Biosferas. O que é vida. Disponível em: http://www.rc.unesp.br/biosferas/Art0031.htm I. Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	A água é a substância mais abundante nos < sistemas vivos >, constituindo mais de 70% do peso da maioria dos organismos.
9. Fonte do contexto	Nelson e Cox (2014, p. 47).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia

101

1. Entrada	sódio
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	Na+
5. Área	Bioquímica
6. Definição	Elemento químico pertencente à família dos metais alcalinos de número atômico 11. Sigla Na derivada do nome em latim <i>Natrium</i> .
7. Fonte de constituição da definição	CARDOZO, Ana Paula Monteiro de Lima. Os símbolos dos elementos químicos . Disponível em: https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/quimica/os-simbolos-dos-elementos-quimicos.htm . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	Quando a membrana de fibra nervosa é estimulada, ocorre ligeiro vazamento de íons sódio, pelos canais de sódio, na membrana do nervo, para o interior da fibra
9. Fonte do contexto	Hall (2011, p. 9).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia

102

1. Entrada	<i>Streptococcus mutans</i>
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	<i>S. mutans</i>
5. Área	Bacteriologia
6. Definição	Espécie de bactéria gram-positiva do gênero <i>Streptococcus</i> , possui morfologia cocóide. Bactéria do ácido láctico, fermenta a glicose em ácido láctico, o agente que destrói o esmalte do dente; causador da cárie dentária.
7. Fonte de constituição da definição	Madigan <i>et al.</i> (2016).
8. Contexto	Sem uma fonte de sacarose, o altamente cariogênico < <i>Streptococcus mutans</i> > torna-se incapaz de sintetizar a camada de dextrana necessária para manter as células bacterianas aderidas aos dentes.
9. Fonte do contexto	Madigan <i>et al.</i> (2016, p. 728).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia
103

1. Entrada	substância
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Bioquímica
6. Definição	Material com o qual alguma coisa é composta. Cada uma das espécies de matéria que compõe o universo, elas são formadas por átomos de elementos específicos.
7. Fonte de constituição da definição	Filgueiras (1971).
8. Contexto	A água é a <substância> mais abundante nos sistemas vivos, constituindo mais de 70% do peso da maioria dos organismos.
9. Fonte do contexto	Nelson e Cox (2014, p. 47).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

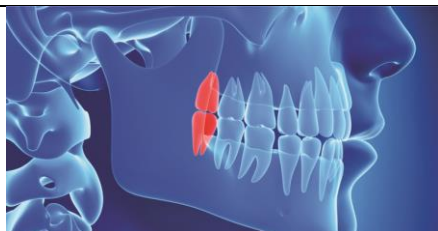

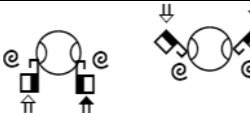
Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia

104

1. Entrada	sutura
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Ferramentas e instrumentalização odontológicas
6. Definição	Procedimento cirúrgico que tem o objetivo de costurar ou suturar uma incisão, um corte, um ferimento ou uma porção de tecido orgânico.
7. Fonte de constituição da definição	MICHAELIS. Sutura . Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sutura . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	A <sutura> suspensória pode ser usada para um retalho em uma superfície dentária que envolve dois espaços interdentais
9. Fonte do contexto	Newman <i>et al.</i> (2011, n.p).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.



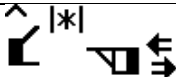
Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia

105

1. Entrada	terceiro molar
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	masculino
4. Variante(s)	dente do siso, dente do juízo
5. Área	Anatomia
6. Definição	Um dos últimos dentes a erupcionar na cavidade bucal. O menor dente dos molares. Existem quatro deles, dois superiores e dois inferiores. Popularmente conhecido como dente do juízo ou dente do siso.
7. Fonte de constituição da definição	Capovilla e Raphael (2018); Madeira (2007).
8. Contexto	As formas do <terceiro molar> superior são tão variáveis que em alguns exemplares é difícil identificar exatamente as suas cúspides.
9. Fonte do contexto	Madeira (2007, p. 53).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia

106

1. Entrada	via bucal
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Farmacologia
6. Definição	Via de administração em que o fármaco é absorvido diretamente na cavidade oral, geralmente posicionado embaixo da língua ou entre a bochecha e a gengiva.
7. Fonte de constituição da definição	Whalen (2016).
8. Contexto	A <via bucal> (entre a bochecha e a gengiva) é similar à via sublingual.
9. Fonte do contexto	Whalen (2016, n.p).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia

107

1. Entrada	via inalatória
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	Feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Farmacologia
6. Definição	Via utilizada para administrar fármacos gasosos ou por dispersão em aerossol por meio oral e/ou nasal. O fármaco é absorvido pela superfície da membrana mucosa do trato respiratório e do epitélio pulmonar. Esta via é usada geralmente para administrar medicamentos a pacientes com problemas respiratórios, como asma ou doença pulmonar obstrutiva crônica.
7. Fonte de constituição da definição	Whalen (2016).
8. Contexto	A <via inalatória> é usada para os anestésicos voláteis e gasosos, servindo o pulmão tanto como via de administração quanto de eliminação.
9. Fonte do contexto	Rang <i>et al.</i> (2016, n.p).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

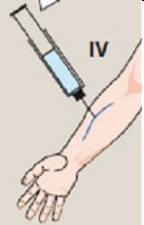
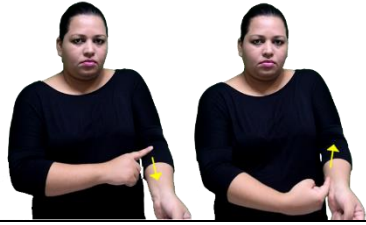
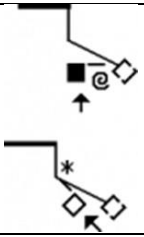
Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia

108

1. Entrada	via intramuscular
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Via IM
6. Definição	Via utilizada para introduzir fármacos em forma líquida no tecido muscular.
7. Fonte de constituição da definição	Whalen (2016).
8. Contexto	O glucagon pode ser administrado por <via intramuscular> ou subcutânea, bem como por via intravenosa.
9. Fonte do contexto	Rang <i>et al.</i> (2016, n.p).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.





Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia

109

1. Entrada	via intravenosa
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	Via IV.
5. Área	Farmacologia
6. Definição	Via em que o fármaco é injetado na veia por meio de uma agulha que permite um efeito rápido.
7. Fonte de constituição da definição	Whalen (2016); TUA Saúde. Como aplicar injeção intramuscular (em 9 passos) . Disponível em: https://www.tuasaude.com/como-aplicar-injecao-intramuscular/ . Acesso em: set. 2020.
8. Contexto	A insulina solúvel é utilizada (por <via intravenosa>) no tratamento de emergências diabéticas hiperglicêmicas.
9. Fonte do contexto	Rang <i>et al.</i> (2016, n.p).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.



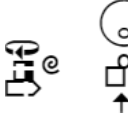
Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia

110

1. Entrada	Via nasal
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Farmacologia
6. Definição	via utilizada na administração de fármacos diretamente dentro do nariz.
7. Fonte de constituição da definição	Whalen (2016).
8. Contexto	Por <via nasal>, o LTD4 aumenta o fluxo de sangue nasal e aumenta a permeabilidade vascular local.
9. Fonte do contexto	Rang <i>et al.</i> (2016, n.p).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

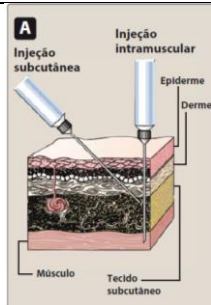


Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia

111

1. Entrada	via oral
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Farmacologia
6. Definição	Via de administração utilizada para introduzir o fármaco no organismo. É a forma mais comum utilizada para administrar fármacos.
7. Fonte de constituição da definição	Whalen (2016).
8. Contexto	A ezetimiba é administrada por <via oral> e absorvida nas células epiteliais do intestino, onde se localiza nas microvilosidades, que se presume ser seu ponto de ação.
9. Fonte do contexto	Rang <i>et al.</i> (2016, n.p).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.



Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia

112

1. Entrada	via parenteral
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Farmacologia
6. Definição	Via em que o fármaco é introduzido diretamente na circulação, usada no tratamento do paciente impossibilitado de tomar a medicação oral (paciente inconsciente) ou quando é necessário um início rápido de ação.
7. Fonte de constituição da definição	Whalen (2016).
8. Contexto	A vitamina B12 é administrada por <via parenteral> para tratamento da anemia perniciosa.
9. Fonte do contexto	Rang <i>et al.</i> (2016, n.p).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia

113

1. Entrada	via retal
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Farmacologia
6. Definição	Via de administração de fármacos pelo reto (ânus).
7. Fonte de constituição da definição	Whalen (2016).
8. Contexto	Algumas vezes, outros sais sódicos de fosfato e citrato são dados por <via retal>, por supositório, para aliviar a constipação.
9. Fonte do contexto	Rang <i>et al.</i> (2016, n.p).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.




Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia

114

1. Entrada	via subcutânea
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Farmacologia
6. Definição	Via em que o fármaco, na forma líquida, é injetado em pequenas quantidades no tecido subcutâneo abaixo da pele do paciente.
7. Fonte de constituição da definição	Whalen (2016).
8. Contexto	A injeção de fármacos por <via subcutânea> ou intramuscular geralmente produz um efeito mais rápido que a administração oral, mas a velocidade da absorção depende muito do local da injeção e do fluxo sanguíneo local.
9. Fonte do contexto	Rang <i>et al.</i> (2016, n.p).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia

115

1. Entrada	via tópica
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Farmacologia
6. Definição	Usada para aplicação local de um medicamento em forma líquida, gel ou pomada direto na pele ou na mucosa.
7. Fonte de constituição da definição	Whalen (2016); Rang <i>et al.</i> (2016).
8. Contexto	Os corticosteroides tópicos são usados para o tratamento de psoríase, eczema, dermatite de contato e outras condições da pele manifestadas por prurido e inflamação. Eles são administrados localmente, por <via tópica> e intralesional.
9. Fonte do contexto	Whalen (2016, p. 436).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

Ficha terminológica
Glossário de termos em Língua Brasileira de Sinais da Odontologia

116

1. Entrada	vias de administração
2. Categoria Gramatical	Substantivo
3. Gênero	feminino
4. Variante(s)	
5. Área	Farmacologia
6. Definição	Forma como o fármaco entrará em contato com o organismo para exercer sua função farmacológica.
7. Fonte de constituição da definição	Whalen (2016); Rang <i>et al.</i> (2016).
8. Contexto	As três principais <vias de administração> parenteral são a intravascular (intravenosa ou intra-arterial), a intramuscular e a subcutânea.
9. Fonte do contexto	Whalen (2016, p. 3).
10. Remissiva	
11. Nota	
12. Equivalente	
13. Imagem/figura/ilustração	
14. Imagem do Termo em Libras	
15. Imagem da variante terminológica em Libras	
16. Representação do termo em SignWriting	
17. Autor	Martinelli, D. C.
18. Redator	
19. Data	Setembro, 2020.

ESTRUTURA CURRICULAR DO CURSO DE ODONTOLOGIA DA UFPA

FASE I

CONDIÇÕES MORFOFUNCIONAIS E SUAS ALTERAÇÕES, COM A VARIÁVEL SOCIAL

Período	Disciplina	Conteúdo	CH
1°	CB02039 - CIÊNCIAS PATOLÓGICAS I	Módulos integrados de <u>Microbiologia</u> , <u>Imunologia</u> , <u>Patologia</u> e <u>Parasitologia</u> .	102h/semestre ou 6h/semana
	CB03022 - CIÊNCIAS MORFOLÓGICAS I	Módulos integrados de <u>Biologia Molecular</u> , <u>Embriologia</u> , <u>Citologia</u> , <u>Histologia</u> e <u>Anatomia</u> .	170h/semestre ou 10h/semana
	CB04043 - CIÊNCIAS FISIOLÓGICAS I	Módulos integrados de <u>Fisiologia</u> , <u>Biofísica</u> , <u>Farmacologia</u> e <u>Bioquímica</u> .	102h/semestre ou 6h/semana
	CB05017 - INTEGRAÇÃO MULTIDISCIPLINAR I	Módulos integrados relacionado às Ciências Básicas essenciais à formação do Cirurgião-dentista.	34h/semestre ou 2h/semana
	CS18014 - METODOLOGIA CIENTÍFICA I	Produção do conhecimento científico: métodos e objetivos, pesquisa descritiva e experimental.	34h/semestre ou 2h/semana
	CS18015 - CIÊNCIAS SOCIAIS I	Módulos integrados de <u>Introdução ao estudo da Odontologia</u> , <u>Bioética</u> , <u>Psicologia</u> e <u>Saúde e Sociedade</u> .	68h/semestre ou 4h/semana

* Carga horária total: 510 horas

Período	Disciplina	Conteúdo	CH
2°	CB03023 - CIÊNCIAS MORFOLÓGICAS II	Módulos integrados de <u>Biologia Molecular</u> , <u>Embriologia</u> , <u>Citologia</u> , <u>Histologia</u> e <u>Anatomia</u> .	170h/semestre ou 10h/semana
	CB04044 - CIÊNCIAS FISIOLÓGICAS II	Módulos integrados de <u>Fisiologia</u> , <u>Biofísica</u> , <u>Farmacologia</u> e <u>Bioquímica</u> .	102h/semestre ou 6h/semana
	CB05018 - INTEGRAÇÃO MULTIDISCIPLINAR II	Módulos integrados relacionado às Ciências Básicas essenciais à formação do Cirurgião-dentista.	34h/semestre ou 2h/semana
	CS18019 - CIÊNCIAS SOCIAIS II	Módulos integrados de <u>Introdução ao estudo da Odontologia</u> , <u>Bioética</u> , <u>Psicologia</u> e <u>Saúde e Sociedade</u> .	68h/semestre ou 4h/semana
	CS18021 - CIÊNCIAS PATOLÓGICAS II	Módulos integrados de <u>Microbiologia</u> , <u>Imunologia</u> , <u>Patologia</u> e <u>Parasitologia</u> .	102h/semestre ou 6h/semana
	CS18026 - METODOLOGIA CIENTÍFICA II	Produção do conhecimento científico: métodos e objetivos, pesquisa descritiva e experimental.	34h/semestre ou 2h/semana

* Carga horária total: 510 horas

FASE II

AÇÕES INTEGRADAS DE PROPEDEÚTICA E PROMOÇÃO DE SAÚDE

Período	Disciplina	Conteúdo	CH
3º	CB04045 - RECAPITULAÇÃO E APROFUNDAMENTO DAS CIÊNCIAS BÁSICAS I	Módulos integrados de conhecimento das Ciências Básicas, vários aspectos do corpo humano e seu funcionamento, fundamentais para a formação do profissional integrado.	34h/semestre ou 2h/semana
	CS18022 - PROPEDEÚTICA ODONTOLÓGICA I	Módulos integrados de <u>Estomatologia</u> , <u>Semiologia</u> e <u>Radiologia</u> .	204h/semestre ou 12h/semana
	CS18023 - ODONTOLOGIA EM SAÚDE COLETIVA I	Módulos integrados de <u>Ergonomia</u> e <u>Biossegurança</u> , <u>Cariologia</u> e <u>Bioética</u> .	102h/semestre ou 6h/semana
	CS18056 - INTEGRAÇÃO MULTIDISCIPLINAR III	Módulos integrados de diagnóstico de doenças estomatológicas.	34h/semestre ou 2h/semana

* Carga horária total: 374 horas

Período	Disciplina	Conteúdo	CH
4º	CB06015 - RECAPITULAÇÃO E APROFUNDAMENTO DAS CIÊNCIAS BÁSICAS II	Módulos integrados de conhecimento das Ciências Básicas, vários aspectos do corpo humano e seu funcionamento, fundamentais para a formação do profissional integrado.	34h/semestre ou 2h/semana
	CS18027 - PROPEDEÚTICA ODONTOLÓGICA II	Módulos integrados de <u>Estomatologia</u> , <u>Semiologia</u> e <u>Radiologia</u> .	204h/semestre ou 12h/semana
	CS18030 - ODONTOLOGIA EM SAÚDE COLETIVA II	Módulos integrados de <u>Ergonomia</u> e <u>Biossegurança</u> , <u>Cariologia</u> e <u>Bioética</u> .	102h/semestre ou 6h/semana
	CS18057 - INTEGRAÇÃO MULTIDISCIPLINAR IV	Módulos integrados de <u>Diagnóstico</u> de doenças estomatológicas.	34h/semestre ou 2h/semana

* Carga horária total: 374 horas

FASE III

ODONTOLOGIA RESTAURADORA PRÉ-CLÍNICA

Período	Disciplina	Conteúdo	CH
5°	X CS18031 - ODONTOLOGIA EM SAÚDE COLETIVA III	Módulos integrados de Odontologia Preventiva, Bioestatística e Informática.	102h/semestre ou 6h/semana
	X CS18037 - ODONTOLOGIA RESTAURADORA PRÉ-CLÍNICA I	Módulos integrados de <u>práticas</u> Laboratoriais de Escultura, Dentística, Oclusão, Endodontia e Prótese, com o estudo da técnica e dos materiais odontológicos utilizados.	238h/semestre ou 14h/semana
	CS18055 - PROPEDÊUTICA ODONTOLÓGICA III	Módulos integrados de Patologia, Semiologia e Radiologia.	68h/semestre ou 4 h/semana
	CS18058 - INTEGRAÇÃO MULTIDISCIPLINAR V	Módulos integrados de Odontologia Restauradora Pré-Clínica e Social.	34h/semestre ou 2h/semana
	X CS18072 - RECAPITULAÇÃO E APROFUNDAMENTO DAS CIÊNCIAS BÁSICAS III	Módulos integrados de conhecimentos das Ciências Básicas, vários aspectos do corpo humano e seu funcionamento, fundamentais para a formação do profissional integrado.	34h/semestre ou 2h/semana

* Carga horária total: 476 horas

Período	Disciplina	Conteúdo	CH
6°	X CS18038 - ODONTOLOGIA RESTAURADORA PRÉ-CLÍNICA II	Módulos integrados de práticas Laboratoriais de Escultura, Dentística, Oclusão, Endodontia e Prótese, com o estudo da técnica e dos materiais odontológicos utilizados.	238h/semestre ou 14h/semana
	X CS18059 - INTEGRAÇÃO MULTIDISCIPLINAR VI	Módulos integrados de Odontologia Restauradora Pré-Clínica e Social.	34h/semestre ou 2h/semana
	CS18073 - RECAPITULAÇÃO E APROFUNDAMENTO DAS CIÊNCIAS BÁSICAS IV	Módulos integrados de conhecimentos das Ciências Básicas, vários aspectos do corpo humano e seu funcionamento, fundamentais para a formação do profissional integrado.	34h/semestre ou 2h/semana
	X CS18074 - PROPEDÊUTICA ODONTOLÓGICA IV	Módulos integrados de Patologia, Semiologia e Radiologia.	68h/semestre ou 4 h/semana
	CS18075 - ODONTOLOGIA EM SAÚDE COLETIVA IV	Módulos integrados de Odontologia Preventiva, Bioestatística e Informática.	102h/semestre ou 6h/semana

* Carga horária total: 476 horas

FASE IV
AÇÕES DE ATENÇÃO INTEGRAL

Período	Disciplina	Conteúdo	CH
7º	CS18039 - CLÍNICA ODONTOLÓGICA I	Módulos integrados clínicos de Periodontia, Cirurgia, Dentística, Endodontia, Prótese, DCM, Terapêutica, Triagem de pacientes, Urgência e Emergência em pacientes adultos e portadores de necessidades especiais.	204h/semestre ou 12h/semana
	CS18043 - CLÍNICA ODONTOPEDIÁTRICA I	Módulos integrados de Odontopediatria, Ortodontia, Terapêutica, Triagem de pacientes, Urgência e Emergência em pacientes infantis e portadores de necessidades especiais.	102h/semestre ou 6h/semana
	CS18063 - INTEGRAÇÃO MULTIDISCIPLINAR VII	Módulos integrados teóricos de Periodontia, Cirurgia, Dentística, Endodontia, Prótese, DCM, Terapêutica, Triagem de pacientes, Urgência e Emergência em pacientes adultos e portadores de necessidades especiais.	34h/semestre ou 2h/semana
	CS18076 - ODONTOLOGIA EM SAÚDE COLETIVA V	Módulos integrados de Odontologia Social, Odontologia Legal, Planejamento e Administração de Serviço de Saúde e Orientação profissional.	68h/semestre ou 4h/semana

* Carga horária total: 408 horas

Período	Disciplina	Conteúdo	CH
8º	CS18034 - ODONTOLOGIA EM SAÚDE COLETIVA VI	Módulos integrados de Odontologia Social, Odontologia Legal, Planejamento e Administração de Serviço de Saúde e Orientação profissional.	68h/semestre ou 4h/semana
	CS18040 - CLÍNICA ODONTOLÓGICA II	Módulos integrados clínicos de Periodontia, Cirurgia, Dentística, Endodontia, Prótese, DCM, Terapêutica, Triagem de pacientes, Urgência e Emergência em pacientes adultos e portadores de necessidades especiais.	204h/semestre ou 12h/semana
	CS18044 - CLÍNICA ODONTOPEDIÁTRICA II	Módulos integrados de Odontopediatria, Ortodontia, Terapêutica, Triagem de pacientes, Urgência e Emergência em pacientes infantis e portadores de necessidades especiais.	102h/semestre ou 6h/semana
	CS18064 - INTEGRAÇÃO MULTIDISCIPLINAR VIII	Módulos integrados teóricos de Periodontia, Cirurgia, Dentística, Endodontia, Prótese, DCM, Terapêutica, Triagem de pacientes, Urgência e Emergência em pacientes adultos e portadores de necessidades especiais.	34h/semestre ou 2h/semana

* Carga horária total: 408 horas

FASE V

AÇÕES DE ATENÇÃO INTEGRAL

Período	Disciplina	Conteúdo	CH
9º	CS18041 - CLÍNICA ODONTOLÓGICA III	Módulos integrados clínicos de Periodontia, Cirurgia, Dentística, Endodontia, Prótese, DCM, Terapêutica, Triagem de pacientes, Urgência e Emergência em pacientes adultos e portadores de necessidades especiais.	204h/semestre ou 12h/semana
	CS18045 - CLÍNICA ODONTOPEDIÁTRICA III	Módulos integrados de Odontopediatria, Ortodontia, Terapêutica, Triagem de pacientes, Urgência e Emergência em pacientes infantis e portadores de necessidades especiais.	102h/semestre ou 6h/semana
	CS18047 - ESTÁGIO EXTRA-MURO I	Atendimento em Postos de saúde e Plantões hospitalares.	68h/semestre ou 4h/semana
	CS18065 - ODONTOLOGIA EM SAÚDE COLETIVA VII	Módulos integrados de Odontologia Social, Odontologia Legal, Planejamento e Administração de Serviço de Saúde e Orientação profissional.	34h/semestre ou 2h/semana
	CS18066 - INTEGRAÇÃO MULTIDISCIPLINAR IX	Módulos integrados teóricos de Periodontia, Cirurgia, Dentística, Endodontia, Prótese, DCM, Terapêutica, Triagem de pacientes, Urgência e Emergência em pacientes adultos e portadores de necessidades especiais.	68h/semestre ou 4h/semana
	CS18067 - ATIVIDADES COMPLEMENTARES I (TCC)	Elaboração e defesa de trabalho e/ou monografia para integralização da Rede de Atividades Curriculares.	34h/semestre ou 2h/semana

* Carga horária total: 510 horas

Período	Disciplina	Conteúdo	CH
10º	CS18046 - CLÍNICA ODONTOPEDIÁTRICA IV <i>2ª T</i>	Módulos integrados de Odontopediatria, Ortodontia, Terapêutica, Triagem de pacientes, Urgência e Emergência em pacientes infantis e portadores de necessidades especiais.	102h/semestre ou 6h/semana
	CS18048 - ESTÁGIO EXTRA-MURO II <i>4ª T</i>	Atendimento em postos de saúde e plantões hospitalares.	68h/semestre ou 4h/semana
	CS18068 - CLÍNICA ODONTOLÓGICA IV <i>3ª, 5ª e 6ª 14:00 às 18:00 - Clínica 18:00 às 20:00 Técnica.</i>	Módulos integrados clínicos de Periodontia, Cirurgia, Dentística, Endodontia, Prótese, DCM, Terapêutica, Triagem de pacientes, Urgência e Emergência em pacientes adultos e portadores de necessidades especiais.	204h/semestre ou 12h/semana
	CS18069 - ODONTOLOGIA EM SAÚDE COLETIVA VIII <i>5ª 12:00 às 14:00 ou 18 às 20:00 Técnica</i>	Módulos integrados de Odontologia Social, Odontologia Legal, Planejamento e Administração de Serviço de Saúde e Orientação profissional.	34h/semestre ou 2h/semana
	CS18070 - ATIVIDADES COMPLEMENTARES II (TCC)	Elaboração e defesa de trabalho e/ou monografia para integralização da Rede de atividades curriculares.	34h/semestre ou 2h/semana

* Carga horária total: 442 horas

CS18003 - CIÊNCIAS BIOLÓGICAS II	Módulos integrados de Biologia Molecular, Imunologia, Citologia, Histologia e Anatomia.	170h/semestre ou 10h/semana
CS18004 - CIÊNCIAS FÍSICAS II	Módulos integrados de Física, Química, Parasitologia e Biotecnologia.	102h/semestre ou 6h/semana
CS18005 - INTEGRAÇÃO MULTIDISCIPLINAR II	Módulos integrados relacionados às Ciências Exatas, Humanas e Artes, com ênfase no desenvolvimento de competências transversais.	34h/semestre ou 2h/semana
CS18015 - CIÊNCIAS BIOLÓGICAS II	Módulos integrados de introdução ao estudo da Anatomia, Níveis, Fisiologia e Saúde e Bem-Estar.	68h/semestre ou 4h/semana
CS18001 - CIÊNCIAS PATOLÓGICAS II	Módulos integrados de Microbiologia, Imunologia, Parasitologia e Patologia.	102h/semestre ou 6h/semana
CS18002 - METODOLOGIA CIENTÍFICA II	Produção do conhecimento científico: métodos e objetivos, pesquisa descritiva e experimental.	34h/semestre ou 2h/semana

* Carga horária total: 442 horas

Handwritten signature or mark